

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E
SUBJETIVIDADE

ZULEICA APARECIDA CABRAL

RECONFIGURAÇÕES TECNOLÓGICAS NA ESCOLA: AS PRÁTICAS DE
LETRAMENTO DIGITAL NA VISÃO DOS PROFESSORES

PONTA GROSSA
2013

ZULEICA APARECIDA CABRAL

RECONFIGURAÇÕES TECNOLÓGICAS NA ESCOLA: AS PRÁTICAS DE
LETRAMENTODIGITAL NA VISÃO DOS PROFESSORES

Dissertação apresentada junto a Universidade estadual de Ponta Grossa, junto ao programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguagem, identidade e subjetividade como requisito a obtenção do título de mestre em Linguagem, Identidade, Subjetividade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ªDjaneAntonucci Correa

PONTA GROSSA
2013

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

C117 Cabral, Zuleica Aparecida
Reconfigurações tecnológicas na escola:
as práticas de letramento digital na visão
dos professores/ Zuleica Aparecida Cabral.
Ponta Grossa, 2012.
191f.

Dissertação (Mestrado em Linguagem,
Identidade e Subjetividade - Área de
Concentração: Linguagem, Identidade e
Subjetividade), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Djane Antonucci
Correa.

1.Tecnologia e Educação. 2.Práticas de
letramentos/letramentos digital.
3.(Re)configurações identitárias.
4.Reflexão crítica. 5.Prática docente.
I.Correa, Djane Antonucci.II. Universidade
Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
Linguagem, Identidade e Subjetividade.

CDD:372.41

ZULEICA APARECIDA CABRAL

RECONFIGURAÇÕES TECNOLÓGICAS NA ESCOLA: AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO
DIGITAL NA VISÃO DOS PROFESSORES

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, pelo
Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade, Linha de pesquisa Pluralidade Linguística,
Identidade e Ensino.

Ponta Grossa, 18 de março de 2013

Prof^ª Dr^a Djane Antonucci Correa
Doutora em Letras
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^º Dr^º Marcelo El Khouri Buzato
Doutor em Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Campinas

Prof^a Dr^a Aparecida de Jesus Ferreira
Doutora em Educação de Professores e Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico este trabalho:

Ao meu grande amor **Jonathan R. Cabral**, meu amigo, meu companheiro, meu Porto Seguro em todos os momentos. Quem me incentiva incansavelmente, acredita nos meus sonhos e suporta tantas ausências. Sem você esta conquista não teria sido possível. “Eu não existo longe de você”.

Às minhas filhas, **Maria Ceccília e Maria Clara**, meus dois olhos que mostram o caminho a seguir. “Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo e, com cinco ou seis retas, é fácil fazer um castelo”. Por vocês e para vocês tudo se torna fácil.

Agradeço a **Deus**, minha fortaleza e em quem tudo posso, pois sou fortalecida nele pela Fé.

Ao meu marido, **Jonathan Rodrigo Cabral**, pelo apoio incondicional, por ter acreditado em mim em todos os momentos, por fazer parte da minha vida. Obrigada por caminhar comigo sempre de mãos dadas em busca de nossos sonhos.

As minhas maiores riquezas, **Maria Ceccília e Maria Clara**, razões do meu viver, que a cada olhar examam o mais puro amor e tornam minha vida cada dia mais iluminada e completa.

Às minhas amigas do mestrado, que me honraram com a amizade, com apoio, com tantas conversas e risos, lágrimas em momentos de crise. Vocês fazem parte da minha vida, da minha história.

Aos participantes de pesquisa que se dispuseram a enfrentar o desafio junto comigo e pela disponibilidade em discutir e refletir acerca de tantas inquietações. Reverencio também às direções das escolas por terem aberto as portas para a pesquisa e se disponibilizado a ajudar com tanta presteza.

Reverencio em especial minha orientadora, Professora Dr^a. **Djane Antonucci Correia**, por ter aceitado me orientar, por ter acreditado na minha proposta, por ter me incursionado na pesquisa e acreditado em mim. Agradeço imensamente pela paciência e por dividir comigo tanto conhecimento.

A minha banca de qualificação e defesa, Professor Dr. **Marcelo El Khouri Buzato**, agradeço por ter participado da minha formação com considerações extremamente relevantes e que me ajudaram a olhar para os dados com os pés mais no chão e a Professora Dr^a. **Aparecida de Jesus Ferreira**, a quem admiro muito pela humildade em dividir conhecimento e estender a mão para a pesquisa, pelo incentivo nessa incursão científica e demonstrar paixão pelo que faz.

A todos os professores do colegiado pelas ricas discussões e pela contribuição na formação científica.

À CAPES pelo financiamento dessa pesquisa.

E por todos aqueles, amigos e colegas, que de uma forma ou outra contribuíram para a realização deste trabalho.

“Ver é viver...E viver é ser, logo, portanto e conseqüentemente, ver também é ser...O modo como a gente vê as coisas revela muito do que a gente é...E o modo como a gente é influencia muito o modo como a gente vê as coisas”.
(O espelho dos nomes – Marcos Bagno)

RESUMO

Neste trabalho, discute-se as reconfigurações identitárias dos professores ante aos processos de inserção de tecnologias digitais na prática docente. A pesquisa tem como foco principal as práticas de letramentos digitais na escola, posto que uma das questões correlacionadas diz respeito às (re)configurações identitárias em uma sociedade com avanços tecnológicos sem precedentes em meio a uma sociedade globalizada. Esses avanços e mudanças afetam diretamente a escola e os processos de ensino/aprendizagem. Por essas razões é que a presente dissertação teve como objetivo geral investigar como as práticas de letramento digital estão sendo vistas e utilizadas, se é que estão sendo, em um grupo de escolas do interior do Paraná do ponto de vista dos professores das áreas de ciências humanas, exatas e biológicas. Os objetivos específicos visaram a: a) verificar como as práticas de letramento digital são vistas nessas escolas; b) descrever se as práticas de letramentos digitais são trabalhadas nesses ambientes pelos professores nas suas práticas de sala de aula e em que proporção isso ocorre e c) investigar configurações identitárias dos professores, participantes efetivos, no espaço cibernético por meio de *blogs*, como escrita autobiográfica visando à reflexão crítica da própria atuação. O referencial teórico utilizado para a elaboração deste trabalho foi Braga (2005); Freitas (2010); Buzato (2010); Coscarelli (2011); Moram (2007); Hall (2006); Bauman (2005); Giddens (1991; 2002) dentre outros. A pesquisa aconteceu em duas escolas, sendo uma escola pública e a outra particular, e os participantes da pesquisa são professores que atuam nessas instituições. A pesquisa é predominantemente qualitativa haja vista os instrumentos utilizados e procedimentos técnicos empregados, os quais são: questionários, *blogs* criados pelos professores participantes, nos quais são encontradas as percepções do trabalho com linguagem digital em sala de aula, discussões em grupo com os participantes para debate sobre o uso de tecnologias digitais na prática docente. Assim, a metodologia de pesquisa pode ser caracterizada como uma forma mista de investigação. É sobremodo importante assinalar que este estudo almejou contribuir para que professores atuantes, por meio das práticas de letramentos/letramentos digitais e grupos de discussão, pudessem refletir sobre a função de novas tecnologias digitais em sala de aula e também pudessem adotá-las, uma vez que esse universo virtual tem arrebanhado indivíduos em uma sociedade repleta de máquinas e equipamentos digitais. Além disso, pretendeu-se alcançar resultados que proporcionassem melhores entendimentos acerca das práticas de letramentos/letramentos digitais e a necessidade de inserção no universo digital, bem como questões relacionadas à (re)configuração da identidade dos professores neste ambiente.

Palavras-chave: Tecnologia e Educação; Práticas de letramentos/letramentos digital; (Re)configurações identitárias; Reflexão crítica, prática docente

ABSTRACT

This paper discussed the identity reconfigurations of teachers compared to the processes of integration of digital technologies into their teaching practice research focuses primarily on the practices of digital literacies in school, since one of the related issues concerning the (re) identity configurations in a society with unprecedented technological advances amid a globalized society. These advances and changes directly affect the school and the teaching / learning. For these reasons, this thesis aimed to investigate how digital literacy practices are being viewed and used at school, if they are, from the point of view of teachers in the areas of humanities, exact and biological. The specific objectives was to: a) see how the digital literacy practices are being seen in school, b) describe whether the practices of digital literacies are worked in school by teachers in their classroom practices and to what extent this occurs and c) investigate identity configurations of teachers, effective participants in cyberspace through blogs, as autobiographical writing aimed at critical reflection on own performance. The theoretical part listed for this work was Braga (2005), Freitas (2010); Buzato (2010); Coscarelli (2007), Moran (2007), Hall (2006), Bauman (2005), Giddens (1991, 2002) among others. The research took place in two schools in the interior of Paraná, being a public school and a private school, and research participants are teachers who work at the two schools. The research is predominantly qualitative in view of their instruments and technical procedures employed, and these questionnaires, blogs created by teachers participating in which are found the perceptions of working with digital language classroom, group discussions with participants to debate about the use of digital technologies in teaching practice. Therefore, the research was characterized with mixed method research. It is especially important to note that this research craved contribute to teachers working through the practices of literacies / digital literacies and discussion groups, to reflect on new digital technologies in the classroom and also could adopt them before this virtual universe that gather individuals in a society filled with machines and digital equipment. Furthermore, we sought to achieve results that provide better understandings of the practices of literacies / digital literacies and the need for inclusion in the digital world, as well as issues related to the (re) shaping the identity of teachers in this environment

Key-words: Technology and Education; Practices literacies / digital literacies, (Re) identity configurations, critical reflection, teaching practice

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - questionário realizado com professores de duas escolas interior do Paraná durante os meses de fevereiro de 2012 a abril de 2012	95
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. TECNOLOGIA.....	16
1.1 LINGUAGEM COMO TECNOLOGIA.....	19
1.2 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	22
1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE TECNOLOGIAS.....	27
2. LETRAMENTOS	34
2.1 PARTINDO DO LETRAMENTO	34
2.2 LETRAMENTOS DIGITAIS NA PRÁTICA DOCENTE.....	39
2.3 O MUNDO MODERNO GLOBALIZADO E AS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS	45
2.4 IDENTIDADE DOCENTE	50
2.5 O PROFESSOR E A REFLEXÃO CRÍTICA.....	53
3. ESCRITA	60
3.1 O PAPEL DA ESCRITA COMO TECNOLOGIA	60
3.2 UM ENTRELAÇAMENTO HISTÓRICO DA ESCRITA.....	61
3.3 ESCRITA ÍNTIMA – UMA VOZ AUTOBIOGRÁFICA	65
3.4 POR QUE BLOG?	68
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	70
4.1 PRESSUPOSTOS DE PESQUISA.....	70
4.2 ANÁLISE QUALITATIVA	71
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	72
4.3.1 Questionário	72
4.3.2 Blog 73	
4.3.3 Grupo de discussão	74
4.4 ÉTICA NA PESQUISA	75
4.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	76
4.5.1 Visita às escolas seguida de questionário com docentes, direção e coordenação,.....	76
4.5.2 Proposta de inserção de uso do digital em sala de aula	77
4.5.3 Grupos de discussão	78
4.6 PERFIL DAS ESCOLAS	79
4.6.1 Escola Privada:	79
4.6.2. Escola pública.....	81
4.7 SUJEITOS DA PESQUISA.....	82
4.7.1 Professores participantes efetivos da pesquisa	82
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	84
5.1 APRESENTAÇÃO E RECEPTIVIDADE DA PROPOSTA DE PESQUISA	87
5.1.1 Escola pública.....	87
5.1.2 Escola Particular	92
5.2 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	96
5.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE TECNOLOGIAS.....	100

5.4	LETRAMENTOS/LETRAMENTOS DIGITAIS NA PRÁTICA DOCENTE	106
5.5	CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NO MUNDO GLOBALIZADO	113
5.6	IDENTIDADES DOCENTES	118
5.7	REFLEXÃO CRÍTICA	124
5.8	ESCRITA	132
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
	REFERÊNCIAS	140
	ANEXO 1 - PARECER COEP	146
	ANEXO 2 - ENTREVISTAS	148
	ANEXO 3 - BLOGS DOS PROFESSORES	171
	ANEXO 4 - GRUPOS DE DISCUSSÃO	177
	ANEXO 5 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	189

INTRODUÇÃO

O mundo vive em acelerado desenvolvimento graças aos avanços da tecnologia dentre outros fatores, e a escola faz parte desse desafio. Assim, uma das funções da escola é contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania incorporando novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. Diante desse quadro de mudanças, faz-se necessário e urgente um aprendizado diferenciado sobre como usar e aproveitar no ambiente escolar tanta tecnologia disponível.

Discutir como a tecnologia digital é complementar e necessária à prática pedagógica e que os resultados de sua utilização podem possibilitar melhorias na qualidade do processo de ensino/aprendizagem é a base da proposta de pesquisa na qual se trabalha com a hipótese de que as práticas de letramentos/letramentos digitais podem não estar ainda presentes na sala de aula e na realidade das escolas. Nesse sentido, é por meio da linguagem que a inserção das tecnologias se dá, a qual faz parte das práticas sociais presentes no cotidiano das instituições e de cada pessoa na sociedade. Os documentos oficiais já preconizam a linguagem sob esta ótica quando coloca que:

A finalidade principal do trabalho com Língua Portuguesa na escola é a formação de usuários competentes da linguagem, o que deve estar, por sua vez, a serviço do desenvolvimento dos alunos como pessoas e como cidadãos. (BRASIL, 1997, p. 33)

A língua se realiza no uso, nas práticas sociais (BRASIL, 1997, p. 35)

A aprendizagem se dá pela ação do aprendiz sobre o que é o objeto do seu conhecimento e é potencializado por ambientes favoráveis (BRASIL, 1998, p. 7)

A escola precisa aproximar, o máximo possível, suas práticas de uso da linguagem das práticas sociais do uso da linguagem (BRASIL, 1999, p. 19)

Por tais motivos que a Instituição escola necessita rever seu olhar quanto ao paradigma do que é ensinar. É cada vez mais perceptível que jovens e crianças, na atual sociedade, têm contatos com muito mais informações que os de alguns anos atrás, os acessos foram facilitados com o advento da internet e com a popularização da *web 2.0*. Sendo assim, quando esses jovens e crianças vão à escola, estão munidos de muito mais bagagem de informação, no entanto precisam de esclarecimentos a respeito desse cabedal. Freitas (2010) já destaca que as escolas têm deixado de ser o único lugar de legitimação do saber. Os espaços de letramento circundam os indivíduos na sociedade.

Para enfrentar essas mudanças, Moran (2007) enfatiza que

A aquisição da informação dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor- o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar os dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. O papel do educador é mobilizar o desejo de aprender, para que o aluno se sinta sempre com vontade de conhecer mais. (MORAN, 2007, p. 33)

E é, por essa transformação, que interessa estudar as práticas de letramento digital na escola, do ponto de vista dos professores. Questiona-se também a respeito das identidades considerando que, ao mesmo tempo em que esses diferentes sujeitos participam da sociedade globalizada e tecnologizada, sentem-se mais à vontade diante dos novos artefatos tecnológicos; o que se trata de diferentes experiências com a língua(gem) que os jovens experienciam nesse mundo virtual, já que passam bastante tempo *on-line*. O espaço virtual é heterogêneo, diz admitir todos e quaisquer sujeitos, por essa razão acaba sendo uma mistura de diversas vozes e sujeitos, e vivem num “novo” mundo virtual, presente na vida de alguns e ausente na vida de outros.

Como trabalhar essas instabilidades identitárias, como inserir as tecnologias digitais no trabalho docente? Afinal as reconfigurações identitárias dos docentes deveriam acontecer visando que estes percebam as transformações sociais dentro e fora da escola. É importante mencionar que as práticas de letramento aconteçam como processos de aquisição de linguagem dentro desses tipos de letramentos, ou seja, como os processos de usos de uma linguagem fazem sentido para seu uso em práticas concretas e situadas sócio-historicamente. Por exemplo, buscar autonomia na construção de projetos pedagógicos, procurando conhecer maneiras outras de ensinar os alunos por meio da internet bem como saber compatibilizar materiais e recursos em sala de aula, além de se envolver efetivamente com a renovação tecnológica da escola. Nesse sentido, objetiva-se que as escolas estejam cada vez mais conectadas à internet para que, assim, os professores possam analisar e rever seus papéis por diferentes ângulos, não em uma única visão pré-estabelecida. Os papéis dos professores parecem apontar para a necessidade de multiplicar, diferenciar e complementar sua atuação docente, exigindo assim uma grande capacidade de adaptação, de criatividade, diante de novas situações, propostas e atividades. Em vista dessa necessidade, Moran (2007) expõe que:

É importante humanizar as tecnologias: são meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem. É importante também inserir as tecnologias e valores, nas comunicações afetivas, na flexibilização dos espaços e tempo. (MORAN, 2007, p. 38)

No que tange a essa transformação permanente é que se discute a questão identitária e como esse ciberespaço age sob as identidades dos usuários desse meio. Portanto, nessa pesquisa pretendeu-se investigar sobre como as práticas de letramentos digital, atrelada às tantas tecnologias digitais disponíveis, é vista na escola, verificando como se repercute a inserção de tais práticas no trabalho efetivo em sala de aula, se é que é feita e descrever como os professores sentem a inserção dela na prática diária e de que modo agem diante disso. O trabalho com professores operando no ambiente do *blog* tem como pilar de fundamentação a escrita que possibilitará investigar as reconfigurações tecnológicas na escola, Chartier (2002) explica:

Assim, quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição. A originalidade e a importância da revolução digital apoiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e está alheio à materialidade do códex. É ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita” (CHARTIER, 2002, p. 23-24)

Além disso, intervir na prática docente, sugerindo o trabalho com *blogs* poderia funcionar como um caminho de mão dupla, isto é, ao mesmo tempo em que possibilita ao professor refletir sobre seu papel como professor na sociedade tecnológica, de outro modo também o insere num ambiente virtual de trabalho diferente do que parece estarem acostumados.

O trabalho tem em vista que a escrita é um modo de analisar traços identitários, e assim, buscar compreender o que distancia e aproxima alunos e professores nos ambientes digitais, visando a contribuir para a formação continuada, aliando de forma profícua as tecnologias digitais à prática docente. As discussões giram em torno de Tecnologia e educação, buscando sempre destacar a importância dos letramentos digitais que Buzato (2006) aponta como:

Letramentos Digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente. (BUZATO, 2006, p. 16)

Em vista disso, foi possível perceber como se instaura a necessidade de o professor e alunos estarem conectados de forma que juntos construam o conhecimento. É conveniente

destacar que não é um trabalho fácil já que exige a reflexão crítica do docente que, por conseguinte, exige ações para que as transformações aconteçam de maneira eficaz e profícua.

É por essas razões que a presente pesquisa teve como objetivo geral investigar como as práticas de letramento digital têm sido vistas e utilizadas, se é que estão sendo, em um grupo de escolas no interior do Paraná a partir do ponto de vista dos professores das áreas de ciências humanas, exatas e biológicas. Os objetivos específicos são:

- ▶ Verificar como as práticas de letramento digital estão sendo vistas nessas escolas;
- ▶ Descrever se as práticas de letramentos digitais são trabalhadas, nas escolas pesquisadas, pelos professores nas suas práticas de sala de aula e em que proporção isso ocorre;
- ▶ Investigar configurações identitárias dos professores, participantes efetivos, no espaço cibernético por meio de *blogs*, como escrita autobiográfica visando à reflexão crítica da própria atuação;

Ao longo da pesquisa também são respondidos os seguintes questionamentos:

- ▶ Há práticas de letramentos digitais nesse grupo de escolas?
- ▶ De que modo as práticas de letramento digital estão sendo vistas nessas escolas?
- ▶ Como são trabalhadas as novas tecnologias digitais no processo de ensino/aprendizagem?
- ▶ Quais as (re)configurações identitárias dos professores ao utilizarem tecnologias digitais como práticas sociais em sala de aula?

Para ser apresentada os resultados encontrados durante a fase de pesquisa, divide-se esta dissertação em cinco capítulos. Os três primeiros capítulos constituem o referencial teórico que embasa a análise dos dados. O primeiro capítulo aborda acerca de tecnologia sendo subdividido em três seções, a primeira sobre linguagem e tecnologia, a segunda discute tecnologia e educação e por último a formação de professores em tecnologias. O capítulo pauta-se em vários autores que, na atualidade, discutem sobre a grande área de sociedade, tecnologia e educação.

O segundo capítulo é mais extenso, nele são abordadas questões de letramentos com base em Soares (2010); Kleimam (1995, 1998, 2000). O Capítulo é subdividido em seções acerca de letramento digital abalizado por Coscarelli (2007); Xavier (2002, 2005, 2008); Freitas (2010); Braga (2005), dentre outros. Na sequência, apresentam-se considerações sobre o mundo globalizado e as configurações identitárias com respaldo em Giddens (1991, 2002) e

para as questões de identidade Bauman (1998, 2001, 2005) além de Hall (2006). Para finalizar o capítulo, trata-se da reflexão crítica a partir da ótica de Schön (2000) e Pimenta (2006).

O terceiro capítulo discute a escrita, tendo em vista que toda a pesquisa tem o registro escrito como base de análise, apresentando uma primeira seção sobre escrita como tecnologia a partir de teorias de Lèvy (1993, 1999), Soares (2010) e Chartier (2002). A segunda seção trata da história da escrita com base em Higounet (2003). A terceira seção discute a escrita autobiográfica com base em Lejeune (2008) e finaliza falando brevemente sobre *blog* abordado por Schittine (2004).

No quarto capítulo, expõe-se a metodologia utilizada, a qual busca analisar, justificar e situar as escolhas feitas para a geração e coleta de dados. E, por fim, o quinto capítulo inicia a descrição e análise dos dados cujo foco é compreender como as práticas de letramentos digitais são vistas na escola e quais são as percepções dos professores ao inserirem tecnologias digitais na prática docente, com vistas a que esse conjunto de práticas seja incorporado à prática social. Visto dessa forma, com o intuito de colaborar com a aproximação da escola com a realidade social, histórica e cultural dos indivíduos na sociedade de tecnologias digitais.

1. TECNOLOGIA

“Vivemos num mundo turbulento, difícil e estranho. Quer queiramos ou não, todos temos de aceitar a mistura de oportunidades e riscos que esse mundo oferece”.
(Anthony Giddens)

É inegável que se vive em um mundo com avanços tecnológicos cada vez mais significativos. No entanto, o que se entende por tecnologia dada a amplitude do termo e o que realmente vem a ser tecnologia? A sociedade pós-moderna¹ apresenta como uma de suas principais características a interação dos indivíduos com os meios de produção e consumo mediados por artefatos técnicos e tecnológicos, exigindo dos indivíduos o acesso às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de forma crítica e autônoma. Manuel Castells (2001) enfatiza a importância das redes nas novas configurações sociais, culturais e econômicas em uma era caracterizada pela valorização da informação e do conhecimento para se trabalhar com ela. Moran (2007) também salienta que o mundo físico e mundo virtual se complementam e não se opõem, dessa maneira torna-se mais fácil, ante aos avanços tecnológicos a integração contínua e inseparável, afinal como o próprio autor destaca “Ter acesso contínuo ao digital é um novo direito de cidadania plena. Os não conectados perdem uma dimensão cidadã fundamental para sua inserção no mundo profissional, nos serviços, na interação com os demais”. (MORAN, 2007, p. 9)

Segundo o dicionário Aurélio (2008) a tecnologia é um conjunto de conhecimentos, princípios científicos que se aplicam a um determinado ramo de atividades. Por conseguinte é utilizada para definir os conhecimentos que permitem fabricar objetos e modificar o meio ambiente, com vista a satisfazer as necessidades humanas. Então tecnologia passa a ser entendida como ramo do saber. No entanto, pautar-se apenas na definição do dicionário torna-se raso ante as concepções de tecnologia vistas na história. Sendo assim, julga-se pertinente mostrar as diversas facetas construídas ao longo da história e que podem elucidar as mais diversas interpretações. Segundo (VALDÈS et al, 2002) as concepções divergentes do que vem a ser tecnologia podem ser resultado do desconhecimento da evolução sociocultural do homem.

Desse modo a história da tecnologia iniciou-se juntamente com a história do homem a fim de colaborar para o desenvolvimento e progresso da sociedade. Portanto, dada a

¹Baseado na concepção de Zygmunt Bauman que compreende sociedade pós-moderna como uma realidade ambígua, multifôrme, na qual tudo o que é sólido se desmancha no ar.

etimologia da palavra tecnologia, segundo (RODRIGUES, 2001) significa a razão do saber fazer. Os primeiros instrumentos para a caça no período paleolítico já demonstram o saber fazer no homem primitivo, já nessa época tem-se marcado o surgimento de técnicas por nossos antepassados. Por meio de descobertas arqueológicas e os vestígios de habitação apontam-se também a descoberta do fogo, sendo esta mais uma tecnologia, um saber fazer do homem.

Enquanto o fogo e os utensílios de caça apontavam para os caminhos das transformações materiais, a palavra lhe dava o domínio interior dos seus atos e pensamentos. Sendo assim, conforme (LÉVY, 1993) a linguagem também é vista como tecnologia, a tecnologia da inteligência. (VERASZTO, 2008, p.65) afirma: “Com estas três grandes concepções - a pedra lascada, o fogo e a linguagem – a espécie humana dava um salto muito grande rumo às grandes invenções e às colossais descobertas que acabariam fazendo parte da sociedade tal qual a conhecemos em nossos dias” além de o autor enfatizar que:

O conhecimento histórico do desenvolvimento das técnicas e das tecnologias produzidas pelo homem desde o começo dos tempos contribui de maneira significativa para que possamos entender o processo criador da humanidade e, essencialmente, compreendermos melhor a tecnologia como uma fonte de conhecimentos próprios, em contínua transmutação e com novos saberes sendo agregados a cada dia, de forma cada vez mais veloz e dinâmica. (VERASZTO, 2008, p.66)

Partindo desse conceito, pode-se depreender que a tecnologia não é algo novo, poder-se-ia dizer que é tão velha quanto à humanidade, e tecnologia é inerente ao ser humano, uma vez que o homem sem as grandes teorias da ciência também conseguiu evoluir. Como Aponta (VERASZTO, 2008):

A tecnologia exige um profundo conhecimento do por que e do como seus objetivos são alcançados, se constituindo em um conjunto de atividades humanas associados a um sistema de símbolos, instrumentos e máquinas, e assim, visa a construção de obras e a fabricação de produtos, segundo teorias, métodos e processos da ciência moderna” (VERASZTO, 2008, p 67)

Veraszto (2008) aponta algumas concepções de tecnologia:

Intellectualista: compreende tecnologia como conhecimento prático que deriva do conhecimento científico por meio de processo progressivo;

Utilitarista: considera tecnologia como sinônimo de técnica, ou seja, visando apenas o produto sem levar em consideração o processo;

Instrumentalista: que predomina a concepção do senso comum, compreendendo a tecnologia como ferramentas ou artefatos construídos para uma diversidade de tarefas;

Neutralidade: na qual não é vista como nem boa nem má, apenas que seu uso pode ser inadequado;

Determinista: compreende a tecnologia como autônoma, autoevolutiva, seguindo sua própria inércia e lógica da evolução, desprovida do controle dos seres humanos.

Universalidade: entende a tecnologia como algo universal, um mesmo produto, serviço ou artefato e pode ser útil em qualquer contexto;

Otimista e pessimista: enquanto a otimista acredita na garantia do progresso e bem estar social, a concepção pessimista entende ao contrário, tornando-se responsável pela extinção da vida na terra.

Sociosistema: vista como uma nova concepção de tecnologia passa a ser compreendida como prática social.

Desse modo entende-se tecnologia como um conjunto de saberes e para tanto se atem na mesma concepção proposta por Veraszto (2008):

[...] a ideia de que tecnologia é um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção dos instrumentos (artefatos, sistemas, processos e ambientes) criados pelo homem através da história para satisfazer suas necessidades e requerimentos pessoais e coletivos. O conhecimento tecnológico é o conhecimento de como fazer, saber fazer e improvisar soluções, e não apenas um conhecimento generalizado embasado cientificamente. Para a tecnologia é preciso conhecer aquilo que é necessário para solucionar problemas práticos (saber fazer para quê), e assim, desenvolver artefatos que serão usados, mas sem deixar de lado todo o aspecto sociocultural em que o problema está inserido (Layton, 1988). (VERASZTO, 2008, p. 78)

Na revolução tecnológica ou informacional, como destaca Castells (2005), o acesso ao conhecimento foi potencializado com a rede mundial de computadores. A internet, por exemplo, provocou mudanças em vários campos dos saberes, transformações que exigiram atitudes diferentes para incorporar o novo e acompanhar o desenvolvimento não só do ponto de vista tecnológico, mas também cultural.

A inquietação com o crescente processo de informatização pode servir como indicativo de como as tecnologias anteriores já estão ou foram naturalizadas, vinculadas ao nosso cotidiano que parecem até ter perdido a instabilidade de outrora. O que evolui são os diversos usos por meio de artefatos tecnológicos que proliferam até os dias atuais. Na verdade as tecnologias, disponíveis hoje, parecem possibilitar o aumento de saberes mental: a

capacidade de adquirir, organizar, armazenar, analisar, relacionar, integrar, aplicar e transmitir informação.

Nesse trabalho a discussão proposta são as tecnologias digitais, as quais giram em torno do computador como artefato tecnológico concreto o qual é conectado a rede mundial de computadores e tem como ferramenta a *web 2.0*² eo indivíduo (professor) se apropria da tecnologia de maneira crítica e consciente utilizando-a como linguagem para melhorar seu cotidiano e sua interação com a sociedade, expandindo-a para dentro da sala de aula. Neste contexto, a tecnologia deixa de ter apenas um caráter instrumental, assumindo um papel de linguagem na qual é possível discutir a sociedade atual por meio de uma metalinguagem.

As tecnologias que estão centradas no computador digital foram desenvolvidas em grande parte depois de 1940 – mas, de acordo com Castells (2003) só começaram a ter um grande impacto na sociedade a partir do final da década de 70, com a popularização dos microcomputadores e sua interligação em redes. O computador, além de ser uma tecnologia fundamental para o processamento das informações vem gradativamente absorvendo as tecnologias de comunicação, à medida que estas se digitalizam.

1.1 LINGUAGEM COMO TECNOLOGIA

O termo tecnologia como visto anteriormente não é abstrato e nem de difícil definição prática. Muito pelo contrário, a tecnologia está registrada na história. A escrita, a impressão de Gutemberg, o papel, o livro, o telefone, o vídeo, o computador são formas de mostrar a trajetória do termo. Nesse contexto, procura-se compreender tecnologia sob o ângulo de novas perspectivas que vêm se apresentando em forma de transformações tecnológicas que perpassam e envolvem o ser humano na sua prática social compreendendo, assim, as tecnologias digitais como linguagem, no sentido de ser um processo e produto da atividade subordinados a ação dos sujeitos por meio dela.

Nesse sentido a linguagem não é somente construída e apreendida no interior do contexto histórico e social, mas também se configura como tal. Desse modo, entende-se que trazer a tecnologia para o cotidiano de maneira criativa faz com que o indivíduo se transforme em agente gerador de novas linguagens tecnológicas produzindo resultados econômicos e sociais mais eficazes, dando também mais impulso para as atividades.

²Carvalho (2008) aponta que: *Web 2.0* é um termo usado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a *Web* e através de aplicativos baseados em redes sociais e tecnologia da informação. *Web 2.0* foi criado em 2004 pela empresa americana *O'Reilly Media*. O termo não se refere à atualização nas especificações técnicas, e sim a uma mudança na forma como ela é percebida por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens. A *Web 2.0* aumentou a velocidade e a facilidade de uso de diversos aplicativos, sendo responsáveis por um aumento significativo no conteúdo existente na Internet.

A linguagem não é usada somente para veicular informação, isto é, a função referencial e denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar o ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes, para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam atos linguísticos. (GNERRE, 2009, p. 5)

Igualmente, as tecnologias digitais parecem reconfigurar o modo de perceber a realidade, codificar e decodificar mensagens e distribuir conteúdos pela digitalização de outras linguagens como forma de facilitar a disseminação delas. Nesse vértice Silveira (2003) propõe que a tecnologia e não somente os artefatos por ela construídos (computador, celular, multimídia) podem ser considerados uma linguagem capaz de transmitir informações e criar uma nova rede de relações sociais. Por seu turno, a tecnologia não deveria ser compreendida apenas como a soma das características dos artefatos que ela produz ou reduzir tudo a um recurso técnico do processo produtivo. Ribeiro (2004) compreende que:

[...] o uso das novas tecnologias no âmbito educacional como instrumento da aprendizagem, por exemplo, se fez presente, não só em conteúdo, mas também como ferramenta de trabalho, o que facilitou as trocas, pesquisas e elaboração de textos. Indo ao encontro do pensamento de Paulo Freire, o indivíduo é construtor do conhecimento, e não um ser passivo. (RIBEIRO, 2004, p. 41)

No escopo dessa discussão, compreende-se tecnologia como um conjunto de saberes, artefatos, métodos e técnicas dada a problematização anteriormente apresentada. Muito embora haja a perspectiva de se compreender as tecnologias digitais como linguagem, assim seria dizer que os sujeitos agem por meio dela, transformando a sociedade. Quando um indivíduo utiliza computador para desenvolver um trabalho ele pode ampliar ações que facilitam o seu dia a dia, agilizam prioridades, desenvolvem trabalhos, potencializam explicações, etc. Quando esse mesmo indivíduo, por meio do computador, soluciona problemas e compreende a real importância de sua utilização fazendo sentido, passa a ter o produto que traz a função de agir sobre as mais diversas situações, modificando e transformando sua realidade. Lèvy (1993) coloca que linguagem e técnica contribuem para produzir e moldar o tempo.

Como afirma Faraco (2003) é preciso aceitar a premissa de que somos seres de linguagens quando o autor ressalta que:

A Linguagem ou as práticas de linguagem que nos precedem (o “nós” empírico) e, em certo sentido, elas nos sujeitam. Por outro lado, é nelas que nos constituímos. Nos constituímos como seres heterogêneos, seja porque a realidade da linguagem é

heterogênea, seja porque nosso psiquismo, imerso nesse caldo de heterogeneidades, tem diferentes formas de produzir sentido; seja no plano consciente, seja no plano inconsciente. E por fim, as práticas de linguagem não só nos precedem, e nós não apenas nos constituímos nelas, mas também vivemos nela. (FARACO, 2003, p. 65)

Assim, a prática de linguagem passa a ser vista como um recurso que admita não segmentar o processo do conhecimento, que integre o sujeito que se mantinha aquém de sua realidade social, tornando-o autor e ator do seu desenvolvimento social e tecnológico. A esse respeito Silveira (2003) depreende que:

Quando o professor impõe a seus alunos a utilização do computador como única opção possível e inovadora, ele está reduzindo sua proposta ao simples “adestramento” do indivíduo, objetivando a boa execução de uma determinada técnica ou programa. Esse é um exemplo de utilização do computador apenas como ferramenta. Quando o aluno compreende os fundamentos da máquina e, conseqüentemente, a sua dinâmica em relação aos processos tecnológicos, sem separação entre outras dimensões, tais como as dimensões econômicas, sociais, culturais, ambientais e éticas do nosso mundo de tecnocratismos, ajudando no desenvolvimento de uma consciência crítica e capaz de se comunicar abertamente, aluno e professor estão utilizando o computador como linguagem. Estão, na verdade, encarando a tecnologia como parte integrante do conteúdo programático desenvolvido em cada disciplina, desenvolvendo nos alunos o prazer de viver livremente num mundo povoado pela tecnologia. (SILVEIRA, 2003, p. 6)

Nesse ínterim, como seria possível pensar em uma época de mudanças culturais sem técnicas de expressão, ou uma época de avanços tecnológicos sem resultados no plano cultural? Ao perceber a tecnologia em todo seu abarcamento conceitual e cultural, o sujeito absorve as vantagens dela por meio de uma experimentação criativa, reconfigura a máquina em seu funcionamento, passando de ator para autor no ambiente tecnocêntrico e tecnodependente. Nesse norte, Xavier 2008 aponta que:

[...] toda tecnologia é um produto social, criado e desenvolvido na sociedade e só a constitui e nela se institui por uma decisão do conjunto dos agentes sociais que nela operam. São eles que deliberam se vão adotá-las ou não em suas atividades cotidianas individuais ou profissionais. Uma vez adotadas, as inovações tecnológicas se espalham e se enraízam no seio social, oferecendo novos limites e possibilidades de fazer e atuar no mundo. (XAVIER, 2008, p.4)

Para isso é preciso tornar os usuários dessas tecnologias digitais conscientes de seu papel na sociedade como atores e não como meros consumidores passivos deslumbrados com os avanços das tecnologias digitais. Mesquita (2008) confirma tal asserção quando apresenta a importância das transformações do modo de apropriação do conhecimento na era digital:

A linguagem digital rompe com a narrativa contínua e sequenciada dos textos escritos e se apresenta como um fenômeno descontínuo, revolucionário na maneira de pensar de compreender do homem. Seu tempo e espaço expressos em imagens e textos nas telas relacionam-se diretamente como o momento da sua exposição. O processo digital de apropriação do conhecimento, apesar de ser, ainda, incipiente, prolifera-se de maneira acelerada através do mundo da comunicação. [...] Esse novo cenário nos obriga a não ignorá-lo e a reconhecer sua importância no contexto educacional atual, exigindo de nós uma profunda reflexão sobre as concepções do que é conhecimento, como construí-lo estruturá-lo, como ensinar e aprender dentro de uma abordagem construcionista inovadora, pluralizada e multidisciplinar. (MESQUITA, 2008, 12)

De acordo com o autor é preciso reconhecer a importância do processo de apropriação digital, faz-se necessário tecer considerações acerca de tecnologia e educação, tendo em vista que o uso das tecnologias como apoio no ensino-aprendizagem vem evoluindo de modo muito acelerado, de maneira que pode trazer contribuições significativas para a Educação.

1.2 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Conforme já destacado na seção anterior acerca dos avanços da tecnologia, convém destacar que a escola também faz parte dessas mudanças socioculturais em relação aos avanços tecnológicos. Dessa forma, é função da escola contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania incorporando novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. Diante deste quadro de mudanças, faz-se necessário e urgente um novo aprendizado, como usar e aproveitar no ambiente escolar as tecnologias digitais que permeiam a sociedade e, por conseguinte a vida dos jovens estudantes da sociedade atual. Entretanto, para evitar o uso ingênuo dessas tecnologias, é fundamental conhecer novas formas de aprender e de ensinar e ao mesmo tempo produzir, comunicar e representar conhecimentos, facilitados por tais recursos a fim de favorecer a democracia e a integração social. Pereira (2007) assinala que:

Precisamos dominar a tecnologia da informação; estou me referindo aos computadores, softwares, internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla ou usar o mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos informação, sejamos capazes de extrair conhecimento. (PEREIRA, 2007, p. 17)

Alguns anos atrás se ouviam rumores de que o computador substituiria professor e que questões relacionadas ao ensino-aprendizagem seriam resolvidas por meio da tecnologia. Quando as primeiras salas de informática começaram a surgir nas escolas, utilizá-las só era

possível acompanhado do professor de informática. Desse modo, os conteúdos trabalhados na informática dificilmente faziam ligação com as disciplinas do currículo da escola.

No entanto, o alarme e o medo inicial cederam espaço para pesquisas no campo da tecnologia e, por conseguinte, as tecnologias digitais, mesmo que de modo tímido, vem se firmando no ambiente escolar, como por exemplo, Braga (2010), Coscarelli (2007), Freitas (2010), Xavier, (2002, 2005, 2008) entre outros. No Estado do Paraná existe o projeto “Paraná Digital³”, no qual apresenta a inclusão sociodigital nas escolas da Rede pública de Educação Básica a partir de 2003. O projeto configura uma realidade por meio da ampliação da rede de inovações tecnológicas, que se efetiva em um trabalho que segue a política Educacional do estado, objetivando a melhoria na qualidade de educação para todos. Segundo o projeto:

Teve como meta atingir mais de 2100 estabelecimentos de ensino, localizados nos 399 municípios do Paraná, atendendo um universo de 1,5 milhão de estudantes matriculados no ensino público estadual, cerca de 51 mil professores, funcionários do SEED e 32 Núcleos Regionais de Educação (NREs), visando o acesso ao Portal Educacional Dia a dia Educação e sua difusão. (Paraná Digital, 2010, p. 11)

Além da meta de conectar Escolas da Rede Estadual ao portal, o projeto investiu pesadamente na expansão da conectividade em todo o Paraná e na obtenção de inovações tecnológicas. Esperava-se que diante do investimento e da expansão tecnológica, os professores do quadro se incorporassem ao processo de produção do Paraná Digital e que os laboratórios de informática fossem incorporados no ambiente escolar como mais um espaço pedagógico. Convém ainda destacar que o projeto tinha como um dos objetivos estratégicos em relação a conteúdos e material didático, a continuidade e fortalecimento da política pública de inclusão digital, segundo a filosofia do *software livre*.

Com o projeto também foram instaladas as TVs multimídias e a distribuição de *pen drives* aos professores para que assim houvesse inovação no processo de ensino-aprendizagem a partir de tecnologia digital. Os professores receberam treinamento acerca do uso do equipamento além de ter disponível no portal uma série de aulas, conteúdos, planos e sugestões de trabalho, etc. em todas as disciplinas. O projeto também preconiza pontos fracos que ainda precisam ser superados como, por exemplo, as realidades regionais diferentes e as barreiras culturais que impedem mudanças e geram resistência no uso de tecnologias. Cabe

³ Projeto disponível no portal dia a dia educação no endereço eletrônico http://www.gestaoescolar.diadia.pr.gov/arquivos/file/pdf/parana_digital.pdf

ressaltar que não foram encontradas pesquisas que discutam possíveis caminhos para suplantar essas fragilidades.

Além do projeto Estadual ainda precisa ser relevado também o Projeto Nacional de Informática na Educação (Proinfo)⁴ de 1997, o qual compreende a crescente e irreversível presença do computador dos recursos da informática de modo geral se tornou indispensável. Sendo assim o governo tem a ação de informatizar a escola.

O Proinfo preconiza o processo de universalização do uso da tecnologia de ponta no sistema público de ensino e tem como justificativa:

A exigência de novos padrões de produtividade e competitividade em função dos avanços tecnológicos, a visão de que o conhecimento é a matéria-prima das economias modernas e que a evolução tecnológica vem afetando não apenas os processos produtivos, mas também as formas organizacionais, as relações de trabalho e a maneira como as pessoas constroem o conhecimento e requerem um novo posicionamento da educação. Ao lado da necessidade de uma sólida formação básica, é preciso, também, desenvolver novos hábitos intelectuais de simbolização e formalização do conhecimento, de manejo de signos e representação, além de preparar o indivíduo para uma nova gestão social do conhecimento, apoiada num modelo digital explorado de forma interativa. (Proinfo, 1997, p.2)

Dessa forma o projeto visa a qualidade comprometida com a equidade e com a tentativa de uma sociedade cada vez mais tecnologizada e evoluída a fim de oportunizar a igualdade de acessos a instrumentos tecnológicos disponibilizadores e gerenciadores de informação, bem como os benefícios decorrentes do uso das tecnologias para o desenvolvimento apropriado para o aperfeiçoamento do modelo de gestão escolar construído a partir do local, partindo de realidades particulares e contextuais.

Segundo Libânio (2000) a escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna. Isto mostra o papel relevante da escola frente ao compromisso de conscientizar cidadãos para o uso de novas tecnologias, a fim de que utilizem de modo crítico e criativo os aparatos tecnológicos e não apenas como meros consumidores passivos.

Discutir como a tecnologia digital é complementar à prática pedagógica e como os resultados de sua utilização poderiam, talvez, possibilitar melhorias na qualidade do processo de ensino/aprendizagem parece ser uma das bases para repensar o novo perfil do educador. Esse professor reconstruído na era tecnológica deveria estar letrado digitalmente, isto é, poderia apropriar-se de tecnologias digitais proporcionando o diálogo entre diferentes

⁴ Projeto disponível no portal Dia a dia Educação no endereço eletrônico:
<http://www.gestaoescolar.diadia.pr.gov/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=214>

linguagens para assim transformar a maneira de expressar o pensamento bem como se comunicar, dando-lhe novos significados e funções. Moran (2007) destaca que se alunos forem excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual, do acesso à informação variada e disponível *on-line* a educação não fica completa. Nas palavras do referido autor “Escolas não conectadas são escolas incompletas”. Nesse sentido, é por meio da linguagem que a inserção das tecnologias se dá, e essa linguagem é uma prática social presente no cotidiano das instituições e de cada pessoa na sociedade.

Ao trazer a realidade do aluno para sala de aula, espera-se que haja maior interesse e participação, portanto, acredita-se que tal interesse poderia ser alcançado utilizando as tecnologias digitais. Segundo Carvalho (2008, p.26) “o professor deve se aproximar das mídias para poder alcançar os seus alunos, uma vez que é no fruto dessa interação que se enriquecem os ambientes de aprendizagem, tornando-os mais atrativos e fazendo do aprender algo agradável”. Soma-se a esse fato a fartura de informações na rede contribui notadamente para que o sujeito desenvolva rapidamente essa competência de auto aprendizagem. O acesso à informação é a primeira condição para a aprendizagem, e nessa discussão pode-se perceber a internet pródiga em dados. Moran assevera que:

Pela primeira vez na história, percebemos que a educação não acontece só durante um período determinado de tempo, maior ou menor (educação básica, superior), mas ao longo da vida de todos os cidadãos e em todos os espaços. A educação não acontece só no espaço oficial, na escola e na universidade. Todas as organizações e instituições aprendem cada vez com mais intensidade e ininterruptamente. Essa percepção da urgência da aprendizagem de todos os tempos todo é nova. (MORAN, 2007, p. 15)

Os jovens na sociedade atual parecem ter muito mais habilidades com as tecnologias em relação aos professores, no entanto questiona-se se esses jovens possuem discernimento para compreender o que é bom ou ruim diante de tanta informação disponível nos meios tecnológicos. Para tanto, é emergente adotar uma nova postura diante do ato de ensinar, uma vez que é inegável que o papel do professor é trazer ao aluno informações e conhecimento construído sócio historicamente. Todavia, não basta apenas repassá-los mecanicamente aos alunos, já que o papel da escola é permitir a apropriação crítica, criativa, que tenha significado e seja duradoura fazendo sentido para o mesmo.

Nesse aspecto, cabe ressaltar a essência da atividade de ensino como um processo de mediação. O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento que estão disponíveis na sociedade. A integração entre tecnologias,

linguagem e educação tem papel preponderante na formação de indivíduos mais bem qualificados para o convívio e atuação na sociedade, conscientes de seus compromissos com as transformações de seu contexto, a valorização humana e a expressão da criatividade.

Muito embora haja percalços a serem superados, com as práticas de letramentos digitais em sala de aula o professor poderia oferecer ao aluno inúmeras outras possibilidades de discussão, análise, reflexão, interpretação, leitura, uma vez que parece haver, maior facilidade em trocar ideias, oportunizando estar imerso na cultura da aldeia global⁵ e do mundo interconectado utilizando as ferramentas da *web 2.0* como: *e-mails*, *blogs*, fórum de discussão, *googledocs* dentre tantos outros, acerca das temáticas abordadas em sala de aula em tempo real⁶.

Paulo Freire (2011) já discutia na Pedagogia da autonomia a necessidade de ser e de saber do educando. Além de enfatizar a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para escola, uma vez que é um sujeito social e histórico, e assim o sendo há a necessidade de formar cidadãos críticos e não treinar os alunos nas suas destrezas. Moran (2009) concorda com Freire ao afirmar que é importante educar para a autonomia, para que cada indivíduo encontre seu próprio ritmo de aprendizagem, de modo que se eduque para a cooperação, para aprender em grupo, intercambiar ideias, participar de projetos e realizar pesquisas em conjunto.

Nessa perspectiva, com a utilização do computador no processo de ensino/aprendizagem, a antiga máxima de que o aluno vai à escola adquirir conhecimento, sendo, portanto, um sujeito passivo, expectador apenas se torne, então, sujeito ativo, ora protagonista, ora coadjuvante do aprendizado. Muito embora estejamos na corrente pedagógica intitulada Histórico-crítica idealizada por Demerval Saviani⁷, há preceitos da

⁵O termo “aldeia global” é muito utilizado como referência à globalização, a uma nova visão de mundo e as comunidades conectadas entre si, através de avançadas tecnologias de comunicação e transporte. O termo foi criado na década de 60, pelo professor de Comunicações da Universidade de Toronto, Herbert Marshall McLuhan. Em seus estudos, McLuhan considera que a informação trocada de forma virtual e eletrônica permite superar distâncias geográficas e permitir trabalhos remotos entre pessoas, empresas e governos. A aldeia global e seu potencial comunicativo desfragmentam espacialmente as sociedades, o que permite que um acontecimento ocorrido numa região do planeta afete a opinião pública em outro continente distante. <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/VisoesdaaldeiaglobaldeMacLuhannofuturoproximo.html>

⁶ Em agosto de 2012 a revista Exame.com exibiu uma reportagem com as 10 tecnologias que revolucionarão a educação. O texto está disponível em: http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/10-tecnologias-que-revolucionarao-a-educacao?goback=.gde_2517812_member_143564224&page=1

⁷Idealizador da Pedagogia por ele denominada *Histórico-Crítica*, defende que uma das funções da escola é possibilitar o acesso aos conhecimentos previamente produzidos e sistematizados. O problema é o caráter mecânico dessa transmissão, isto é, o fato dela ser feita desligada das razões que a justificam e sem que os professores disponham de critérios para discernir entre aqueles conhecimentos que precisam ser transmitidos e aqueles que não precisam. Segundo Saviani, isso abre espaço para sobrecarregar os currículos com conteúdos irrelevantes ou cuja relevância não é alcançada pelos professores, o que os impede de motivar os alunos a se empenhar na sua aprendizagem.

<http://www.pedagogia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48> acesso dia 19/10/2012

corrente tradicional que permanecem norteando as práticas de sala de aula. Domesmo modo, o professor passa de mero transmissor do conhecimento para mediador, construtor do conhecimento juntamente com os estudantes.

Cabe ressaltar, nas palavras de Moran (2009, p. 3) que “a internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender, da roda de estudo em grupo da leitura, do estudo em campo com experiências reais”. Isso porque nada opera sozinho e a tecnologia não garante a aprendizagem e não opera mudança na Educação porque depende de um conjunto de fatores.

Não quer isso dizer, entretanto, que não haja realidades diferentes em cada contexto escolar, também há barreiras culturais que impendem mudanças, além da falta de formação para equipes pedagógicas para orientar e instigar o uso pedagógico de tecnologias. Isso sem contar ainda com as dificuldades individuais de uso de equipamentos e das TICs em relação à Educação e a falta de articulação efetiva entre os setores educacionais bem como a falta de manutenção de equipamentos e pronto atendimentos as demandas de problemas a serem resolvidos nos laboratórios.

1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE TECNOLOGIAS

Nesse trabalho tenciona-se dialogar com professores acerca de suas experiências em sala de aula e em outros espaços que integrem tecnologias e linguagens, enfocando a contribuição de seus conhecimentos que experenciam um olhar integrador entre linguagem, tecnologia, educação, propósitos, nos quais se envolvem os alunos, motivo maior para tais compreensões e usos. Busca-se assim, identificar as contribuições das práticas de letramentos digitais de acordo com suas propriedades intrínsecas a fim de redimensionar tais práticas a partir da inserção delas nas práticas sociais, inserção por sinal irreversível e, assim, dilatar o olhar para englobar diferentes sistemas de conhecimento e de significados, modos diferentes de sentir, pensar, compreender, agir, interpretar e conceber o mundo, a vida e a si mesmo.

Há que se reencontrarem outros sentidos interativos e integrador da educação, que levem a repensar a necessidade de professores tomarem consciência de que o uso de tecnologias pode permitir o redimensionamento dos espaços de ensinar e aprender, entrevendo a produção do conhecimento, as novas práticas da escola, a necessidade da formação continuada, visando atender as mudanças da sociedade atual, (re) construindo desse modo o valor do saber. Por mais que:

Vivemos o paradoxo de manter algo em que já não acreditamos completamente, mas não nos atrevemos a incorporar plenamente novas propostas pedagógicas e gerenciais, mais adequadas à sociedade da informação e do conhecimento, para onde estamos caminhando rapidamente. (MORAN, 2007, p. 16)

Embora haja fissuras para uma educação mediada pelas tecnologias, muitos são os questionamentos que surgem em relação à formação docente. Como incentivar professores a ministrar uma aula mediada pela tecnologia quando ainda permanecem os preceitos de aprendizagem centrada na figura do educador. Ribeiro (2004) aponta que muito apesar da complexidade do conceito de letramentos digitais, as pessoas são letradas digitalmente de acordo com sua realidade de vida.

Assim sendo, a tecnologia existe para ser usada. Em Coscarelli e Ribeiro (2007) são fornecidos exemplos de vários projetos que podem ser trabalhados, a servir de exemplo, *homepages*, *blogs*, revistas, *fanzines*. Sem levar em consideração as inúmeras outras interfaces como *googledocs*, redes sociais, dentre tantas outras.

Evidentemente, na formação não significa elaborar aulas de como usar esses recursos, mas utilizar como modo de fazer parte da rotina de sala de aula, servindo assim de exemplos que podem ser empregados por professores em formação para suas práticas vindouras de sala de aula. (SILVA, 2011, p. 32) chama a atenção quando salienta “que é o processo e mediação pedagógica que poderá motivar os alunos à compreensão da leitura e da produção textual como processos de (re)construção de sentidos, nos quais autores e leitores devem reinventar seus papéis constantemente”.

Lançar mão dessas tecnologias ressalta o tipo de educador que faz uso delas otimizando seu tempo em sala de aula bem como sua produção, provocando o crescimento e aprofundamento de novos saberes deste profissional. Como discutido na seção anterior, o computador sozinho não garante uma aprendizagem eficiente, ele poderia servir apenas como uma ferramenta que possa auxiliar na aprendizagem, quem sabe facilitando o trabalho do professor se houver apropriação crítica e efetiva das práticas de letramentos digitais. Haja vista que quem controla a máquina é o professor, portanto o computador está para servir ao processo de aprendizagem e não o contrário.

Como se depreende, a tecnologia presente na educação pode reforçar o que o educador elabora para suas aulas. Por meio do acesso à internet tanto professor como aluno pode ter acesso aos inúmeros tipos de linguagens e tantos outros benefícios proporcionados pelo uso

da rede mundial de computadores. Cabe ao professor selecionar⁸ o que é adequado e pode ser utilizado em sala de aula para enriquecer sua prática diária, levando em consideração a realidade da sala de aula que se apresenta. Para tanto, é de ser relevado que os profissionais da educação saibam e conheçam como utilizar o computador de modo apropriado para auxiliar na educação desta geração ligada às Tecnologias de Comunicação e Informação.

Feitas essas considerações, acredita-se que a escola tem, entre muitas, a função de educar para que os cidadãos se tornem críticos e conscientes em suas escolhas, para isso é necessário que escola e professores se conscientizem da importância de se entender a linguagem como prática social não excluindo o trabalho com tecnologias digitais de sua prática diária, pois é reconstruindo e ressignificando os saberes que educadores irão construir junto com os educandos o conhecimento necessário para suas vidas. Muito embora como Moran (2007) preleciona que estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas, uma vez que a proposta de implementar e avaliar as novas formas de organização de em todos os níveis é bastante complexa.

Sendo assim, percebe-se a necessidade de aproximação dos docentes ao mundo digital, não o afastamento, buscando então uma compreensão desse universo tecnológico e como se passa, dispondo-se a trabalhar com essas novas tecnologias na sua prática docente, para compreender os letramentos digitais como uma possibilidade de modernização o ensino. Freitas (2010) ressalta que:

a escola está deixando de ser o único lugar da legitimação do saber, o que se constitui em um enorme desafio para o sistema educativo. Diante desse desafio, muitas vezes os docentes adotam uma posição defensiva e às vezes até negativa, no que se refere às mídias e às tecnologias digitais, como se pudessem deter seu impacto e afirmar o lugar da escola e o seu como detentores do saber. (FREITAS, 2010, p. 341)

No entanto, aliar as novas tecnologias na sala de aula, parece estar distante de ser uma realidade. Dado o fato que os alunos já vão à escola, munidos de informação, devido as suas navegações na internet, esse aluno vem aberto à discussão com colegas e professores. Nesse aspecto Xavier (2008), assinala que o docente deveria utilizar o potencial pedagógico das novas tecnologias computacionais a fim de aumentar a capacidade de aprendizagem dos

⁸Segundo reportagem “ Como fazer uma boa busca na internet” da Revista Nova Escola *online*, de abril de 2005 uma das sinalizações de pesquisa é: *Assinatura Observando o endereço da página, é possível ter uma ideia da credibilidade do conteúdo. As extensões .gov (governamentais), .org (instituições sem fins lucrativos) e .edu (universidades, fora do Brasil) são mais indicadas. A extensão .com, que é a mais comum, abriga de tudo - muita bobagem, mas também sites de jornais e revistas. "É importante observar ainda quem é o responsável pela página. Para conhecê-lo, procure o link quem somos", afirma o jornalista Marcelo Soares, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.* Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-fazer-boa-busca-internet-423567.shtml>

alunos. Destaca-se então que o professor já não é visto mais como fonte principal de conhecimento, no entanto ele passa a ser um orientador nessas discussões.

Em virtude disso que se ratifica a importância do professor conhecer, saber usar e aliar as tecnologias digitais às aulas, pois além de se mostrar inteirado do universo cibernético, passa a ter um aliado rico de informações que é a internet. Por isso, esse professor deveria estar sempre aberto e atento a possíveis mudanças no paradigma educacional frente a sociedade informacional.

Nesse sentido, acredita-se que atentar para esse novo seria conhecer as tecnologias, procurar inserir-se nelas bem como em outras linguagens e, por conseguinte, rever constantemente a prática docente na tentativa de conseguir unir as novidades com a realidade da escola potencializando as aulas e vinculando as novidades às práticas sociais.

A sociedade tecnológica requer indivíduos habilitados no uso de instrumentos eletrônicos, pois a velocidade de informações e o imediatismo conferido às tecnologias digitais requerem novas formas de pensar, agir, estar e interagir com o mundo. Ferreira e Frade (2010) explicam que:

As tecnologias digitais configuram-se como produtos sociais e culturais da era da informação, que, por sua vez, acabam por interferir na “subjetividade” dos sujeitos envolvidos, visto que estes se utilizam de técnicas e esquemas imaginários para sua concretização. Essa cultura midiática acaba por propiciar uma (re)criação da realidade, demarcando sutilmente a barreira existente entre o virtual e o real, onde a imagem se torna o próprio objeto, e não uma mera forma de representação. (FERREIRA E FRADE, 2010, P.16)

Se assim o é, as mudanças rápidas na sociedade que afetam diretamente a escola tem sido responsáveis por modos de pensar o mundo e os modos que as pessoas compreendem o que está acontecendo em volta delas. E no caso do professor especificamente, como essas mudanças na sociedade estão afetando a sala de aula, principalmente com a velocidade das tecnologias digitais que corroboram com tais mudanças. Braga (2005) coaduna com essa mudança quando ressalta que:

O computador é cada vez mais uma ferramenta de acesso à informação e um mediador de práticas sociais diversas: pesquisa compra e venda, transações bancárias, declaração de impostos, entre outras. Ao contrário do que aconteceu com textos escritos, a inserção de textos digitais nas atividades cotidianas está ocorrendo de forma bastante acelerada. Esse processo tem sido interpretado muitas vezes com otimismo exagerado ou pessimismo não fundamentado. Deixando de lado as posições extremas, cabe a nós, pesquisadores, termos mais clareza sobre esse novo tipo de letramento. Tal compreensão possibilitará a oferta de subsídios para educadores preocupados com as diferentes possibilidades de trabalho. (BRAGA, 2005, p. 759)

Nessa mudança dentro da prática docente, faz-se extremamente necessário pensar na prática reflexiva para que novos letramentos/letramentos digitais sejam mais bem compreendidos, para tanto Ferreira (2008) pontua com as seguintes abordagens:

[...] torna-se necessário incluir, nas discussões acerca de formação de professores, conceitos que desafiem a forma de pensar a formação de professores de línguas. Uma das questões a serem incluídas nestas discussões é o conceito de prática reflexiva na tentativa de entender a forma como a prática reflexiva pode colaborar para que os professores pensem criticamente acerca de sua própria prática (Ferreira, 2007). O modelo reflexivo trabalha com a experiência direta dos/as professores/as e reavalia o conhecimento do/a professor/ a em sala de aula, que provém da experiência. (FERREIRA, 2008, p. 15)

Um professor que se mostra competente e humano, afetivo, compreensivo atrai os alunos. Não é a tecnologia que resolve esse distanciamento, mas pode ser um caminho para a aproximação mais rápida. Valorizar a rapidez, a facilidade com que crianças e jovens se expressam tecnologicamente pode ajudar a motivar os alunos. O que vai determinar a aprendizagem é o envolvimento do aluno, propondo desafios de acordo com suas competências. Não se está afirmando que o computador vai solucionar os desafios da sala de aula, mas ele pode funcionar com um instrumento de aproximação para esse envolvimento. É papel de o professor dar o “tom” para o uso das tecnologias e repensar criticamente sobre sua prática frente ao mundo tecnológico a que se está inserido. Silva (2011) destaca que na maioria das vezes, as escolas apenas criticam o tempo em que os alunos ficam na frente do computador, e nessa mesma direção (BUCKINGHAN, 2010, p 44) também destaca que “como usuários dessa tecnologia, tem a tendência de desenvolver um forte senso crítico e autoridade, e é exatamente isso que lhes é negado na escola” como também tecem comentários pouco favoráveis em relação ao padrão da linguagem voltado para os internetês e economias verbais. Coscarelli e Ribeiro (2007) destacam que:

Esse novo ambiente tecnológico tem importância fundamental para a educação e para a formação, embora as escolas não estejam suficientemente equipadas com computadores ligados à internet. O pessoal docente, em especial educadores e professores, precisam melhorar sua qualificação em termos de tecnologia. “Numa economia global, cada vez mais baseada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2007, p. 21)

Nesse sentido, segundo Freitas (2010), potencializar a educação a partir do conhecimento sociocultural do aluno, equalizando o tema e/ou conteúdo seria um modo positivo de promover mudanças na educação. Não é, sem dúvida, um processo fácil, afinal apresenta obstáculos culturais que não fáceis de vencer. Ademais as novas tecnologias são

mais bem utilizadas e dominadas pelos alunos que por professores. Dessa forma exige-se mais esforço na tarefa de apropriar dessas tecnologias a fim de que sejam elas consideradas aliadas e não inimigas, com vistas a abrir um amplo debate acessível a todos, situando o cidadão (aluno) ao funcionamento do mercado conforme enfatiza Buckingham (2010). Para tanto, vale lembrar que:

O modelo de educação com ênfase no processo surge de um enfoque aberto às indagações, à curiosidade, às perguntas dos educandos. É crítico e reflexivo, e sua tarefa é ensinar, não transferir conhecimentos. Esse modelo teve seu principal inspirador Paulo Freire, e é conhecido como “educação liberadora” ou “transformadora”. Não se trata de educação para informar, e sim para formar o educando, a fim de que transforme sua realidade. Assim, este não é mais paciente, mais coparticipante, crítico epistemologicamente curioso, participante da construção do conhecimento por meio de processos cognitivos complexos. (GONÇALVES, 2010, p.36)

A educação “transformadora” necessita e/ou pode utilizar as novas tecnologias em seus contextos para problematizar e estimular a discussão, o diálogo, a reflexão e a participação. Coscarelli (2007) destaca nesse sentido que:

A escola precisa encarar seu papel não mais apenas como transmissora do saber, mas de ambiente de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes. Para isso é preciso que a escola abra mão de um conteúdo ou uma “matéria” rigidamente predeterminada, e seja capaz de administrar a flexibilidade exigida daqueles que querem adotar uma postura de construção do conhecimento. Assim conseguiremos partir do que os alunos já sabem (e não do que deveriam saber ou do que a escola acredita de antemão que eles não saibam) e ajudá-los a conquistar novos espaços. (COSCARELLI, 2007, p. 32)

Não se pode deixar de entrever que a mídia, em destaque a digital, parece mais representar o mundo que refleti-la de fato como se verifica nas discussões de Buckingham (2010). Nesse sentido, os letramentos digitais tomam uma dimensão muito maior uma vez que “deve, portanto, envolver uma consciência sistemática de como são construídos os meios digitais e da retórica única da comunicação interativa” (IBIDEM, p.50). Além, evidentemente da consciência do papel global da publicação, promoção e patrocínio e como essas mídias digitais, talvez, mais escravizem seus usuários com a retórica da informação. No entanto, como transformar tanta informação em conhecimento.

Há de se destacar que as políticas públicas operam papéis diferentes nos diversos níveis da educação e também no setor privado. Enquanto de um lado, na escala particular, os acessos são facilitados pela transferência dos débitos para as mensalidades de seus

“contribuintes”, tecnologizando mais rapidamente o sistema educacional, inovando nas interfaces e modernizações técnicas e tecnológicas. De outro lado, na esfera pública, todas essas inovações tecnológicas ganham a morosidade de um sistema que caminha de acordo com o orçamento geral de um ente estatal de forma pontual ou setorial de acordo com as demandas sociais ou pressão dos grupos interessados. Desse modo como explica Buckingham (2010, p. 40) “nem sempre os investimentos resultam em formas novas e criativas de aprendizagem, nem mesmo nos resultados das provas”.

Além disso, as responsabilidades da educação pública e privada se mostram diferentes. Enquanto essa visa modernizar com vistas aos lucros que poderá obter, aquela objetiva melhor índices de aprovação, qualidade de ensino, pesquisa. Isso tudo regado à responsabilidade de todo esse sistema muitas vezes depositado nas mãos do professor.

2. LETRAMENTOS

“O que importa é manter para as novas gerações o uso de uma escrita corrente de boa qualidade e de grande rapidez e fazer aumentar sempre o número de indivíduos que sabem escrever”
(Higounet2003)

2.1 PARTINDO DO LETRAMENTO

Chama-se de letramento, de modo tradicional, “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). Já (SOARES, 2004, p.18), significa “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Letramento deriva da palavra *Literacy* e, para tanto, o termo, de acordo com Barton (2007, p. 5) “*has become a codeword for more complex views of what is involved in Reading and writing*”. Segundo o referido autor o termo letramento é uma definição dominante na sociedade na base escolar. Muito embora o termo *literacy* tenha inúmeras contribuições de diversas áreas da ciência que contribuem para a discussão na contemporaneidade. Barton (2007), ao discutir o conceito de letramento, propõe dois componentes do fenômeno, os eventos e as práticas de letramento. Isso ancorado em estudos de outros autores como Brian Street (1988). O autor supracitado entende que os eventos de letramento seriam as atividades humanas em que a escrita está presente, enquanto as práticas de letramento seriam as maneiras pelas quais cada cultura utiliza o letramento, práticas nas quais os indivíduos se baseiam quando participam de um evento de letramento.

Para Barton (2007), a escrita exerce funções distintas na vida diária dos indivíduos, constituindo eventos de letramento de todo tipo, fenômeno caracterizado pelas ações em que a leitura e a escrita fazem parte. Determinados eventos de letramento abrangem atividades diárias que abarcam a escrita como, por exemplo, contar histórias para uma criança, fazendo remissão à obra escrita. As práticas de letramento, por sua vez, correspondem à maneira pela qual as culturas realizam o contar histórias, sempre amarradas em obras escritas. De acordo com Barton (2007), o estudo de diferentes práticas manifestadas pelos grupos sociais favorece a compreensão das várias formas de letramento. Um letramento, assim, é uma configuração de práticas estável, coerente e identificável, tais como letramento legal ou o letramento específico de lugares de trabalho.

Sendo assim, letrar é muito mais complexo que alfabetizar, haja vista a necessidade da contextualização das tecnologias de leitura e escrita, valorizando o contato que os alunos já possuem com o universo letrado, como o livro, o texto. Tornar-se letrado significa dialogar com a realidade social que cerca os indivíduos, esse contato com a realidade não acontece somente na escola e sim nos vários contextos além-sala de aula. Buzatto (2006) assinala que:

O letramento, ou mas precisamente, os letramentos são práticas sociais e culturais que têm sentidos específicos dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e da escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos socioculturais. Obviamente, todo letramento é funcional em algum sentido específico, mas não se restringe ao cumprimento de uma demanda social externa: um letramento é uma forma de agir, afirmar-se, construir e sustentar uma visão de mundo partilhada por um grupo e, portanto, carrega traços identitários e significados compartilhados por esse grupo. BUZATO, 2006, p.5)

Sendo assim, a partir do momento que se aprende a ler e a escrever, o sujeito passa a ter condições de agir num grupo social, ou seja, linguagem como ação na prática social. Ser letrado é ter condições de agir em grupo ou individualmente de modo consciente e crítico ante as intensas demandas sociais de quem está letrado. Cabe ressaltar que leitura e escrita são vistas como tecnologias conforme corrobora Soares (2010).

O termo letramento surge no Brasil no século XX. A mudança de se considerar o que significa saber ler e escrever bem como a inserção nas práticas sociais leva ao surgimento do termo letramento que subjaz a apropriação plena das práticas sociais e culturais de leitura e escrita. Soares (2010) tece uma inferência bastante elucidativa acerca de ser letrado e analfabeto que esclarece bem o termo em discussão:

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a esse adjetivo sentido vinculado ao letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada. Esses exemplos evidenciam a existência desse fenômeno a que chamamos letramento e sua diferença deste outro fenômeno a que chamamos alfabetização, e apontam importância da necessidade de se partir, nos processos educativos de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita

voltados seja para as crianças, seja para os adultos, de uma clara concepção desses fenômenos e de suas diferenças e relações. (SOARES, 2010, pp. 24-25)

No entanto, letramento, segundo Soares (2010) pode ser algo bem mais complexo que cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, valores, usos e funções sociais. Discutir letramento na cultura do papel ainda é um terreno bastante movediço e juntamente com ele surge a cultura digital o que acaba, por assim dizer, repletas de sutilezas as quais um único conceito deixa de contemplar. Afinal, o letramento envolve a dimensão individual na qual apenas são vistas as habilidades de ler e escrever, e a dimensão cultural que subjaz um fenômeno cultural no qual a escrita é vista como prática social.

Visto pelo viés cultural, o letramento passa a ser aquilo que o sujeito faz com as habilidades tecnológicas de leitura e escrita em contextos específicos, estabelecendo relações de sentidos muito mais amplas que apenas decodificar palavras. Faz-se necessário sempre o envolvimento com o contexto social. Kirsh e Jungerbult (1990, p. 1-8 citados por SOARES 2010, p.74) afirmam:

Letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades de leitura e escrita, mas, muito mais que isso, é o uso dessas habilidades para atender às exigências sociais. Acreditando no poder do letramento para conduzir ao progresso social e individual, os autores definem-no como “o uso de informação impressa e manuscrita para funcionar na sociedade, para atingir seus próprios objetivos e desenvolver seus conhecimentos e potencialidades” (SOARES, 2010, p. 74)

Mas o que se percebe como afirmou Scribner e Cole (1984) é que o letramento não tem uma essência estática, muito menos Universal. E de fato, considera-se importante assumir essa condição não estática, haja vista os avanços tecnológicos serem galopantes, e disso advém a necessidade de o sujeito (re) contextualizar-se e se (re) significar às tecnologias de escrita e leitura em virtude do momento histórico e seu estágio de desenvolvimento. Sendo assim, letramento é um processo que considera as necessidades sociais sejam elas individuais ou coletivas.

Uma vez que não é possível definir de modo abrangente o que é letramento convém utilizar a expressão no plural “letramentos”, ratificado por Street (1984) e Lankshear (1987). Soares (2002) postula que:

[...] propõe-se o uso do plural letramentos para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso

dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos. (SOARES, 2002, p. 156)

Ademais a definição do que é letramento, convém destacar que é para a instituição escolar a qual a sociedade incumbe a função de prover o conhecimento e habilidades fundamentais para a formação do cidadão. Segundo Soares (2010):

[...] o sistema escolar estratifica e codifica o conhecimento, selecionando e dividindo em “partes” o que deve ser aprendido, planejado, em quantos períodos (bimestres, semestres, séries, graus) e em que sequência deve se dar esse aprendizado, avaliando, periodicamente, em momentos pré-determinados, se cada parte foi suficientemente aprendida. Desse modo, as escolas fragmentam e reduzem o múltiplo significado de letramento: algumas habilidades e práticas de leitura e escrita são selecionadas e avaliadas periodicamente, através de um processo de testes e provas tanto padronizadas quanto informais. (SOARES, 2010, pp. 84-85)

Segundo a autora, a escola reduz às habilidades e práticas adquiridas em uma agência burocrática que avalia em testes, leitura e a escrita, distanciando então as práticas de letramento do contexto social. Como afirma Moran (2007, p. 11) “A educação é um todo complexo e abrangente, que não se resolve só dentro de sala de aula”. Desse modo é necessário compreender a escola como um lugar de convivência democrática, isto é, um espaço de debate amplo e público, e, portanto acessível a todos.

Assim brevemente apresentando explicou-se sobre o que é letramento para o ensino/aprendizagem, o que se busca nesse percurso é trazer à tona o letramento do professor, dado o fato de que o foco da pesquisa é a visão dos professores. Haja vista que para chegar aos letramentos digitais, a dimensão cultural abarca então o letramento docente.

Traz-se à baila que a maioria dos alunos vive e/ou nasceram imersos nessas práticas de letramento digitais em sentido amplo e, se assim o é de fato, o desenvolvimento das habilidades tecnológicas de leitura e escrita “dos mesmos” se deu permeada pelas tecnologias de informação e conhecimento (TIC). Entende-se então que o desenvolvimento deles ocorreu de fato nas práticas sociais. Posto isso, como as questões acerca do letramento é vista pelo professor. Nas palavras de Soares (2010) justifica-se essa inquietação já que:

[...] uma suposição de que o letramento é aquilo que as escolas ensinam e medem e, portanto, é basicamente adquirido por meio da escolarização. Além do fato de que essa suposição ignora a aprendizagem por meios informais ao longo da vida, em

situações externas à escola, há outras importantes evidências de que se trata de uma suposição discutível. (SOARES, 2010, p.99)

Por outro lado, a escola, também mudou muito nos últimos cinquenta anos, muito embora não exatamente na mesma direção que a discussão acerca de letramento. A partir dos anos 90 houve uma busca pela universalização à educação, naquele momento no ensino fundamental. Hoje se busca essa ampliação para o ensino médio e quem sabe ao superior para a melhora também da qualificação de mão de obra. Essa ampliação de acessos teve impactos visíveis dentro da escola, uma vez que o ingresso das classes populares trouxe para dentro da escola letramentos locais, os quais geram um conflito conforme se percebe em Kleiman (1995, 1998) entre as práticas letradas valorizadas e não valorizadas, observa-se que muitos letramentos são desvalorizados pela escola mesmo sendo esses influentes e valorizados na vida cotidiana. Rojo (2009) salienta que:

Um exemplo é o internetês⁹, usado intensamente pelos jovens fora da escola e, nela, ignorado ou execrado como degradação da língua. Da mesma maneira, as redes sociais e informais que sustentam essas práticas letradas (por exemplo, as redes e comunidades virtuais de que jovens de todas as classes sociais participam) permanecem desconhecidas e apagadas nas escolas, quando não têm seu acesso proibido, como é o caso da proibição de acesso ao Orkut e ao MSN em muitas escolas e universidades conectadas. (ROJO, 2009, p. 106)

Tais mudanças fazem ver a escola contemporânea como um local de letramentos múltiplos e bastante diferenciados sejam eles globais, locais e/ou autônomos, em contato e também em conflito, por ora rejeitados, por outra enfatizada. Por tudo isso, o que significa de fato saber ler e escrever no mundo atual? Rojo (2009) destaca que um dos objetivos da escola é possibilitar aos alunos participar de várias práticas sociais que se utilizem de letramentos, de maneira ética, crítica e democrática.

Para tanto se destacam então os letramentos múltiplos que de acordo com Rojo (2009) não deixam de ignorar o contexto do aluno e sim a partir dele colocá-lo em contato com letramentos valorizados. A autora também lança os letramentos multissemióticos nos quais, hoje, devido aos textos contemporâneos dado o avanço tecnológico é repleto de cores, imagens, sons, designs diferenciados, os quais exigem a ampliação dos letramentos para o campo das imagens.

A multiplicidade de práticas de letramentos nos quais os sujeitos estão envolvidos rotineiramente tende a um repensar na abordagem que a escola faz. Desse modo, há diversas esferas, textos, mídias e culturas que precisam ser levados em conta. Afinal, vive-

⁹Forma de escrita dos ambientes de comunicação virtual

se em mundo globalizado, atravessado por diversas representações culturais e fronteiras rompidas. Rojo (2009) explica que:

Por isso se tornam tão importantes hoje as maneiras de incrementar, na escola e fora dela, os letramentos críticos, capazes de lidar com os textos e discursos naturalizados, neutralizados de maneira a perceber seus valores, suas intenções, suas estratégias, seus efeitos de sentido. Assim, o texto já não pode mais ser visto fora da abrangência dos discursos, das ideologias e das significações, como tanto a escola quanto as teorias se habituaram a fazer. (ROJO, 2009, p. 112)

Trata-se assim de garantir que o ensino desenvolva diferentes formas e usos das linguagens bem como o aluno desenvolva competências básicas para o trato com as linguagens, mídias e diversas práticas de letramentos. Faz-se necessário abordar as inúmeras mídias e suporte em que os textos circulam uma vez o papel impresso deixou de ser única fonte de informação e conhecimento, especialmente a linguagem digital que ao que tudo indica, é o futuro da informação e da comunicação.

É de ser relevado os letramentos críticos para a abordagem de diversos textos, mídias e culturas de modo crítico e capaz de desvelar finalidades, intenções e ideologias. Para tanto, a tarefa seria a de fazer escolhas e encaminhamentos conscientes diante da vastidão de informações disponíveis na rede.

2.2 LETRAMENTOS DIGITAIS NA PRÁTICA DOCENTE

Partindo do pressuposto que a inserção no processo de tecnologias digitais é imutável ante um mundo globalizado em expansão, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso e, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua, sustenta Freitas (2010).

Haja vista a complexidade do termo letramentos digitais que conforme Buzato (2006) coloca se apoiam, entrelaçam e se apropria por meio de dispositivos digitais, o mais recente desafio pedagógico que se instaura entre os educadores é se apropriar das práticas de letramentos/letramentos digitais e usar o universo digital com uma nova geração de estudantes que estão crescendo e vivenciando as novas tecnologias de informação e comunicação. Xavier (2002, p. 1) assevera que “Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos tais formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital”. E segue afirmando que:

[...] um conjunto de informações e habilidades mentais devem ser trabalhados com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais. (XAVIER, 2002, p.1)

Em vista disso, compreendem-se letramentos/letramentos digitais neste trabalho como apropriação das tecnologias digitais, de modo crítico e consciente para utilização em sala de aula a fim de que tais tecnologias estejam presentes na escola propiciando aos alunos outras fontes de informações diversas, e de acordo com cada realidade sociocultural, talvez reconfigurando o trabalho cotidiano do professor, inovando na apresentação dos conteúdos de forma mais dinâmica, interativa e próxima das diversas práticas sociais.

Acredita-se na necessidade dessa apropriação de tecnologias digitais para assim explorar juntamente com seus alunos as várias possibilidades para um novo ambiente de aprendizagem. Não é mais possível ficar fora desse contexto, deste mundo virtual que os alunos dominam. Mas cabe ao professor direcionar as aulas, aproveitando o que a internet pode oferecer de melhor.

Diante da nossa sociedade digital, o professor necessitaria em sala de aula muito mais que dispor de um laboratório de informática, computadores ligados à internet e cursos básicos de informática educativa. Faz-se necessário conforme Buzato (2006, p. 4, *grifos da autora*) “*focalizarmos* todas as nossas forças em capacitar professores e alunos *a priori* para usos da tecnologia estabelecidos de fora para dentro, *possibilitando* uma apropriação crítica e transformadora dessas tecnologias que possa vir a mudar a própria escola naquilo que ela tem de inadequado” Freitas (2010) ainda assevera que:

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental. (FREITAS, 2010, P. 340)

Nesse sentido, compreende-se que no mundo globalizado e tecnológico é papel da escola desenvolver novas formas de ensinar e de aprender, aliando práticas há muito sedimentadas às novas tecnologias. Pode-se perceber que hoje se está diante de novos saberes,

que o sujeito hoje fragmentado e disperso circula por inúmeros lugares e, por conseguinte, em lugares que também dispõem de um saber.

De acordo com Ferreira & Frade (2010) a chegada dos computadores ao sistema educacional desafia a educação a repensar no processo de construção do conhecimento, tendo em vista a necessidade de se criar uma nova metodologia. Afinal, o uso por parte dos alunos deve se dar de forma crítica e criativa, e para isso o docente deve se integrar dessas tecnologias e considerá-la não como um fim, mas como um importante meio de construção do conhecimento.

A utilização de computadores ligados à internet em sala de aula precisa ter uma representação maior que apenas distribuir pesquisas *on-line*, passar trabalhos ou notas. Fazem-se necessárias ações mais educativas que delineiem novas formas de expressão e ressignificação do processo de conhecimento. O espaço digital e cibernético pode possibilitar diversidade, mudanças nas formas culturais de vida, além de abrir espaços para diferentes construções sociais.

As novas tecnologias abrem oportunidades, sejam elas positivas, no sentido de dinamizar as informações, como também negativas, isto é, consumir tanta informação passivamente sem refletir criticamente sobre seus usos. É o que aparenta então serem desafios para a educação. Por mais insegurança e desconforto que as tecnologias proporcionem estas não devem servir como entrave para o processo educacional e sim como alicerce para buscar novas avaliações, perspectivas e ressignificações no ensino como Ferreira e Frade (2010) apontam:

As tecnologias digitais impõem ao sistema educacional e ao profissional docente a tarefa de incutir integração, articulação e continuidade na práxis educativa, pressupondo uma reformulação teórica quanto aos procedimentos de avaliação e metodologia do saber aí constituído, proporcionando assim um novo espaço para a construção de uma aprendizagem significativa. O papel primordial do educador frente às novas tecnologias vai estar ligado à preparação e capacitação diante das mesmas, pois há necessidade, na prática, de que os mesmos saibam operar com diferentes signos linguísticos, propiciados pelo universo midiático, e assim garantir uma verdadeira práxis pedagógica frente à incorporação das práticas tecnodigitais. (FERREIRA & FRADE, 2010, p. 25)

Dado o exposto, aponta-se que os letramentos digitais não só habilitariam o professor a inserir novas tecnologias em sala de aula, como também ainda há limitações por parte deles, ou seja, não conseguir operar em sistemas operacionais diferentes, tendo de converter extensões, não dispor de tempo de pesquisar fontes seguras e/ou mesmo não saber como procurar, sem contar que há professores que não dispõem de computador em casa, nem

mesmo o acesso à rede. No entanto, esse trabalho apresenta a necessidade urgente de o professor estar em constante aprendizado e atualização ante as novas tecnologias a fim de que possa utilizá-lo de forma crítica e criativa as mídias digitais para assim enriquecer e atualizar a sala de aula.

O avanço tecnológico é irreversível, mas isso não significa que o acesso à informação pressupõe o aprendizado. Estar exposto aos meios eletrônicos e digitais não proporciona a aprendizagem, e não necessariamente instrua. Para isso que a atuação do professor se torna relevante. Para mediar o que é e o que não é útil nessa sociedade tecnológica, apontando para reflexão crítica diante de tanta informação, de modo a retirar a passividade ante a esse despejo de comunicação. Constata-se então que o processo de aprendizagem é muito mais complexo e implica considerações bem mais abrangentes. Diante desse quadro discute-se acerca de letramentos digitais com vistas à apropriação tecnológica e transformações sociais. Ou seja, uma experimentação que vá de encontro à normatização e ao policiamento do conhecimento e objetive a difusão de conteúdos de forma criativa e híbrida. Buzato (2010) evidencia:

De fato, os novos letramentos são produtos e produtores de hibridizações, de justaposições de vozes/consciências num ato enunciativo, e essas hibridizações têm um potencial centrípeto, renovador. Entre elas, podemos citar as que se dão entre (i) espaços-tempo, (ii) mídias (a imprensa, o vídeo, a fotografia, o rádio, o cinema etc.), (iii) sistemas de representação (a escrita alfanumérica, as diversas linguagens imagéticas, os diversos tipos de cartografia e infografia, a música, a matemática etc.), (iv) gêneros vinculados a diferentes esferas da atividade social e diferentes tradições culturais e lugares geográficos e que podem ser atravessados por um mesmo percurso interpretativo, (v) atitudes ou disposições frente ao conteúdo codificado – procurar informação, criticar, se divertir, pedir ajuda, etc. (BUZATO, 2010, p. 54)

Os novos letramentos são simultaneamente produtores e resultados de apropriações culturais, institucionais, sociais e pessoais de tecnologias digitais. Isso tudo aponta para processos e conflitos socioculturais que sempre existiram, o que não significa que deixe de existir, mas por outro lado abrem novas perspectivas de inovação que na educação necessitaria ser aproveitadas ou no mínimo, não ignoradas.

Quando se utiliza o termo apropriar, adota-se o que Buzato (2010) chama de *torna-se*. Em relação aos letramentos digitais isso significa tornar-se usuário e pesquisador do universo digital, visando assim utilizar outro método com as tecnologias digitais disponíveis atualmente. O uso de computadores e das tecnologias digitais na educação representa uma

realidade e isto vem exigir do professor a apropriação e desenvolvimento de novas habilidades tanto para o desempenho pessoal como profissional.

Nesse contexto, “identificam-se a necessidade de entender novas formas de explorar as novas tecnologias em práticas educativas” (BRAGA, 2010, p. 10) em face da crescente complexidade do mundo tecnológico informacional. Diante disso, percebem-se impactos no domínio das linguagens. Pinheiro e Lobo-Sousa (2010) assinalam que:

O letramento veio como consequência da compreensão de que é preciso não apenas saber e ler e escrever, as fazer uso efetivo da escrita respondendo às demandas sociais. Essa definição abre caminho para que pensemos no uso da escrita independentemente da escola, ela não é a única agência de letramento. Há, portanto, em sociedades letradas, pessoas não alfabetizadas e letradas. Seguindo o percurso das transformações sociais, esse termo passou a apresentar vários significados, dependendo das mudanças pelas quais as sociedades vão passando. Assim, as sociedades mais tecnologizadas exigem de alguns grupos sociais ou indivíduos um certo nível de letramento digital, ou seja, o uso da escrita para além do impresso. (PINHEIRO e LOBO-SOUSA, 2010, p. 128)

Devido a isso, o uso das tecnologias digitais, demanda dos usuários certo nível de letramentos digitais como abrir e salvar documentos, digitar, anexar arquivos, mandar *e-mail*, pesquisar na internet. O não domínio das tecnologias dificulta o trabalho com tecnologias digital e, por conseguinte, pode afastá-la da sala de aula. Diante desse quadro antecipo a questão da identidade docente a ser discutida na seção 2.5 para fazer um entrelaçamento do que vem sendo exposto. Paiva e Soares (2010) enfatizam:

Nesse contexto, surge a apropriação da identidade pelo indivíduo, situada em um espaço simbólico-temporal (Hall, 2006) ao qual deve estar inserido. Contudo, não basta estar situado em um espaço e tempo determinados para ter uma identidade; é preciso que o indivíduo pertença a um determinado grupo social, assuma as características que são próprias desse grupo, para então atuar como membro. (PAIVA e SOARES, 2010, p. 137)

E vista disso, na sociedade atual contemporânea, faz-se necessário ter conhecimentos mínimos de determinados recursos para interagir com as novas ferramentas disponibilizadas para facilitar a vida social. Vive-se hoje uma cibercultura – que segundo (LÈVY, 1999, p. 17) especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas e atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Nesse sentido, basta ter um olhar atento à realidade que nos cerca e observar as novas ferramentas digitais disponíveis para agilizar a vida social. Nesse contexto, pode-se citar a urna eletrônica para eleições no Brasil. Para exercer seu direito político de cidadão, qualquer

indivíduo necessita ter um conhecimento mínimo de como operar essa urna. Sem contar com as facilidades do cartão de crédito tão disseminadas atualmente, o banco *on-line*, imposto de renda, IPVA dentre tantos outros que corroboram com a assertiva de que vivemos a cibercultura.

Essas implicações e demandas da sociedade de informação atingem também o processo educativo. Para tanto, o professor precisa estar inserido, a verdade está, mas não percebe e precisa ensinar para que os alunos adquiram o conhecimento necessário para sua ação na sociedade de forma crítica e reflexiva. Maciel e Lima (2010) explicam que:

Na vivência de uma era do conhecimento, os educadores se preocupam em preparar pessoas capazes de lidar com os desafios que se impõem à vida na sociedade contemporânea, e com as mudanças geradas no processo decorrente de novas práticas sociais que acompanham o avanço tecnológico, *por conseguinte ao uso mais eficiente pelos cidadãos das tecnologias disponíveis*. (MACIEL e LIMA, 2010, p. 150 *grifos meus*)

Nesse viés os letramentos digitais no ensino poderiam ser uma das alavancas para a educação. Vale destacar que a tecnologia em hipótese alguma irá substituir a figura do professor ou ser a solução para os problemas em relação à educação. A tecnologia vem ampliar o leque de possibilidades de inovações, potencializar a função do professor. Ribeiro (2010) destaca que:

A máquina precisa do pensamento humano para se tornar ferramenta e auxiliar no processo de aprendizado. É necessário integrá-lo às mais diversas atividades, pois ela pode ser entendida enquanto instrumento em expansão do pensamento. Que sirva para envolver os estudantes em projetos práticos, desafiadores e que estimulem o raciocínio humano. Hoje, o papel da escola é ensinar a pensar, preparando o aluno para lidar com situações novas, problematizando, discutindo e tomando decisões. Sobretudo cabe à educação resgatar o homem de sua pequenez, ampliando os horizontes, buscando outras opções, tornando as pessoas mais sensíveis e comunicativas. Ao se pensar o processo pedagógico mediado pela tecnologia, não se pode esquecer que a centralidade da ação deve estar nos sujeitos, e não na técnica. Esse é um fato de ordem primitiva; a máquina é apenas um instrumento. Deve-se preocupar com a emancipação do sujeito, favorecendo o desabrochar do seu potencial. A tecnologia só tem validade se for subordinada ao homem. (RIBEIRO, 2010, p 94)

As possibilidades de ensino seriam multiplicadas haja vista o acesso a qualquer informação poderia ser bem mais fácil. Os letramentos digitais serviriam como degraus para um novo sentido ao estudo. É oportuno dizer que nesse universo tecnologizado, no qual estamos imersos, é impossível pensar em letramentos digitais sem profissionais qualificados, o que sabemos que na sua grande maioria não está. (Maciel e Lima, 2010, p. 153)

compreendem que “embora não estejam ainda aptos a preparar e ministrar aulas nesse novo contexto conhecido como mundo midiático, isso não significa que não consigam ler, escrever e compreender textos digitais”.

Se a escola adotasse as tecnologias de fato, possibilitaria uma aprendizagem mais efetiva, uma vez que os alunos não estariam presos à realização de tarefas mecânicas já efetivadas, já que podem ter acesso a um livro digital que é o computador.

2.3 O MUNDO MODERNO GLOBALIZADO E AS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS

Sabe-se hoje que as identidades não são tão rígidas como se acreditava que fossem a tempos passados, e também não são imutáveis. São resultados transitórios e fugazes de processos das práticas sociais nas quais o sujeito está imerso. Mesmo identidades tidas como as mais sólidas, como por exemplo, ser homem, mulher, saber o que é fronteira, Estado ou Nação, nas múltiplas discussões atuais acerca de modernidade ou pós-modernidade perderam sua solidez. Nelas se escondem as negociações de sentido, os choques das transformações ante as configurações hermenêuticas, que com o passar do tempo demarcam uma corporalidade e um “porto seguro”. Sendo assim, as identidades estão em um constante processo de construção, em um curso contínuo e mutável de acordo com as necessidades que perpassam as mais variadas práticas sociais.

Vive-se um mundo moderno e globalizado, caracterizado pela ansiedade da falta de “respostas”, por não viver mais com referências hegemônicas, e assim se coloca sempre na posição do outro, numa situação de carência e por isso de subordinação. Desse modo, as discussões sobre identidades não apontam para um fim, mas cada vez mais para várias perspectivas de como as identidades irão se desenhar, mutar, retornar, na tentativa de encontrar respostas para a ansiedade no mundo atual.

Giddens (2002) afirma que a modernidade é uma cultura de risco e que ela altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta aspectos mais íntimo da própria existência. Por um lado, têm-se as múltiplas influências do mundo globalizado e por outro nos deparamos com as disposições pessoais do sujeito/usuário que faz parte de um mundo sem fronteiras devido à globalização. Afinal, quando tratamos de sujeito, não podemos entendê-lo como um ser passivo, mas ativo/participante em meio às influências sociais que são globais em suas consequências e implicações.

[...] a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganizações do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de

desencaixe – mecanismos que deslocam as relações sociais de uns lugares específicos, recombina-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. A reorganização do tempo e do espaço somada aos mecanismos de desencaixe radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza social cotidiana. (GIDDENS 2002, p. 10)

Em tempos de informação globalizada, as preocupações que movem a sociedade tendem também a se tornar causas mundiais. A velocidade de informações e a criação de novas tecnologias afastaram quase tudo para além do olho ou do braço humano, mudaram o espaço para algo artificial, sem integração. A internet eliminou as distâncias promovendo a comunicação instantânea.

Uma das características distintivas da modernidade, de fato é, a crescente interconexão entre dois extremos da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro.[...] O eu não é um entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto identidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em consequências e implicações. (GIDDENS, 2002, p. 9)

Nesse contexto é que se percebe que a vida social moderna é caracterizada por processos de reorganização de tempo e espaços associados à expansão de mecanismos de desencaixe os quais deslocam as relações sociais de seus lugares, e combina-os de outras maneiras por meio de grandes distâncias no tempo e no espaço. As influências globalizantes projetam um lugar onde a angústia, a dor e a insegurança da vida moderna exigem uma reflexão sobre a realidade e o modo como os indivíduos estão inseridos nela.

A globalização segundo Giddens (1991) significa que ninguém pode eximir-se das transformações provocadas pela modernidade. Nesse ínterim, pensar na construção das identidades pela interação, muito embora haja conflitos mascarados pelas fragmentações do mundo moderno, é fundamental para se pensar na sociedade, sua construção e reconstrução. Isso pode ter ligação com a grande quantidade de informação que o mundo globalizado tem disponibilizado.

Nesses locais o sentimento de grupo é procurado na ilusão da igualdade, gerando assim a sensação constante de ansiedade, da busca pela segurança, a qual parece ser a ausência da diferença, uma uniformidade que gera certo desequilíbrio. Conforme Bauman (1998, p.58), “os espaços públicos estão desaparecendo e com ele, o homem público, sendo o uso das desordens”.

Por essa razão, acredita-se que as chamadas crises de identidade, num mundo globalizado, estão imbricadas à sociedade capitalista, imediatista que se constrói e reconstrói

intermitentemente, frente à velocidade de informações que o capitalismo promulga. De acordo com Bauman (1998, p. 85) “O espaço deixou de ser obstáculo, não há mais fronteiras naturais nem lugares óbvios a ocupar”. O movimento rápido é a essência da globalização.

Em vista disso, verifica-se ser na produção do efêmero e daquilo que é precário que se faz a busca pela atenção pública, procurando acordar o desejo dos possíveis consumidores e afastar seus competidores, colocando-se assim numa situação de instabilidade. Vivem-se tempos em que consumir é palavra de lei. Isso não significa que antes ele não existia, mas agora há uma necessidade de consumir para satisfazer uma ânsia, “precisa engajar seus membros pela condição de consumidores” (BAUMAN, 1998, p. 88). Estes são seduzidos com atrativos que prometam a satisfação, devido as variadas opções, passando a ideia, de acordo com Bauman (1998) que estão de posse do direito de escolha, muito embora a opção proibida é não escolher.

Para os globais o espaço não existe, eles podem vencê-lo em um instante, mas para os locais, os que estão presos, de acordo com (BAUMAN, 1998 p. 96) “o espaço real está se fechando rapidamente”. O mundo dos globalizado é extraterritorial e cosmopolita, mas para os locais a lei e os muros são cada vez mais difíceis de transpor. Como aponta Bauman (1998), os globais são os turistas, aqueles que estão em casa ou em qualquer parte do mundo, tendo o direito da escolha, os outros são os vagabundos que não têm escolha, e para eles, “essa angustiante situação é tudo menos liberdade” (BAUMAN, 1998, p.110).

Woodward (2009) coaduna com os argumentos de Bauman (1998) quando assinala:

A globalização envolve a interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças de padrões de produções consumo, as quais por sua vez, produzem identidades novas e globalizantes. Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas, às vezes, pelos jovens que comem hambúrgueres do McDonald's e que andam pela rua de *i-podes*, formam um grupo de “consumidores globais” que podem ser encontrados em qualquer parte do mundo e que mal se distinguem entre si. O desenvolvimento global do capitalismo não é, obviamente, novo, mas o que caracteriza sua fase mais recente é a convergência de culturas e estilos de vida as sociedades que, ao redor do mundo, são expostas ao seu impacto (Robins, 1991) (WOODWARD, 2009, p.20, grifos da autora)

Desse modo, na singularidade e na pluralidade do indivíduo, nos ambientes sociais, e também nos ambientes virtuais em contato presente ou não com outros indivíduos que as construções e configurações identitárias acontecem. Do mesmo modo, essa relação com os outros não pode ser vista como algo modesto. As práticas sociais nas quais o indivíduo está imerso são múltiplas e, por conseguinte, ele constantemente constrói, desconstrói e reconstrói

suas características identitárias em uma espécie de modelagem e remodelagem para adaptação aos diversos meios e práticas sociais.

É pela linguagem, uma das maneiras, que o indivíduo define e estabelece sua identidade. A partir dessa perspectiva, compreende-se que ela acontece nas relações sociais, na integração entre os indivíduos que podem também estabelecer uma relação para a construção identitária. As sociedades das práticas sociais as quais, de acordo com Hall (2006) são sociedades de mudança efêmera, bastante veloz e inalterável. Em meio à globalização a questão da identidade não é algo estático, imutável. Os indivíduos, imersos nos inúmeros contextos, passam a ser abordados sobre o descentramento do euno qual ele não é mais visto como uno, completo e coerente, e sim clivado, com várias identidades muitas vezes contraditórias e não resolvidas. Sendo assim, o indivíduo pós-moderno:

[...] assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p.13)

Esse mundo estimula a repetição e o consumo, uma máquina que sustenta as ações preponderantes que alimentam um sistema dominante, por muitas vezes excluindo os diferentes. Porém, esse mundo globalizado parece facilitar a vida das pessoas pelos avanços da tecnologia e das pesquisas, bem como acesso à informação que anteriormente poucos detinham, ou ao menos não se tornavam conhecidas devido à lentidão das informações, e hoje já não é somente de uma classe minoritária.

O que se discute em relação à globalização, as tecnologias de informação é que as identidades modernas estão descentradas, deslocadas e fragmentadas. “O indivíduo está perdido, não tem certeza de um pertencimento, pela velocidade do mundo em decorrência de competitividade, capitalismo, crise de valores e éticos. O próprio conceito de identidade”, conforme (HALL, 2006, p.8), é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e compreendido nas ciências sociais contemporâneas.

Hoje, no século XXI, a mudança das sociedades modernas está fragmentando as paisagens culturais, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos ofereciam sólidas localizações como indivíduos sociais e, por consequência, estas modificações estão também modificando nossas identidades pessoais, deixando-nos confusos com o novo (HALL, 2006, p.9)

Nessa mesma direção, “O sujeito pós-moderno forma e transforma continuamente a identidade, conforme as suas experiências com o mundo e com o que lhe interpela, definindo-se historicamente e não biologicamente, apenas”. (HALL, 2006, p13). Nesse sentido, as múltiplas influências devem ser muito bem analisadas para saber até que ponto uma escolha será ou não “adequada”.

Não há identidade estável na informática porque os computadores, longe de serem os exemplares materiais de uma imutável ideia platônica, são redes de interfaces abertas às novas conexões, imprevisíveis que podem transformar radicalmente seu significado e seu uso. (LÉVY 1999, p. 102)

As mensagens se alteram e seus significados também na passagem de um sujeito a outro no processo de comunicação. As mudanças estão ocorrendo em toda parte, mas também no interior, na forma de representar o mundo e a cibernética precisa ser vista sob o ponto de vista de um terreno político, como lugar de conflitos, de interpretações divergentes. No entanto, a diferença possibilita que se mantenham trocas nas relações circundantes, que ocorrem sempre parcialmente, não havendo um abandono total das identidades anteriores, e sim uma reconstrução. Um jogo de diálogos em proporções globais que alteram constantemente os indivíduos envoltos nesse espaço de múltiplas identidades.

É, sobretudo importante assinalar que os autores supracitados apresentam semelhanças em relação às abordagens sobre globalização e identidade, nas quais se destacam que para Giddens (2002) a identidade social é um conjunto de caracterizações vinculadas ao sistema social, portanto tratadas como situações de desencaixe. Já para Bauman (2005) as identidades são transitórias, descartáveis e dispensáveis após a satisfação uma vez que o consumo é a palavra de ordem na pós-modernidade. Na perspectiva de Hall (2006) a representação social é determinante para a constituição das identidades que são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam e, por fim Woodward (2009) apresenta a questão da diferença já que fatores econômicos e culturais causam mudança na produção e consumo, os quais por sua vez produzem novas identidades.

A globalização hoje, mesmo com seus pontos positivos de informação e alta tecnologia, busca impor o fim das culturas que não se adaptam aos novos sistemas, no entanto, temos que reconhecer que estes novos sistemas nos colocam muitas incertezas e desajustes, anteriormente mais alicerçados nas tradições que norteavam as ações.

Viver a modernidade aponta que as identidades vão se organizando de acordo com as situações que mudam rapidamente, onde tudo é transitório. Nesse sentido, é importante destacar que as identidades mesmo sendo deslocadas, não são descartadas a cada situação, e sim reconstruídas e reformuladas, moldando um indivíduo talvez mais flexível, mais dinâmico, mais seletivo, porém inacabado.

Claro que a globalização impõe uma mudança de cultura e tal mutação gera insegurança, dor e angústia porque tudo parece ilusório, no entanto, essas mudanças exigem uma reflexão contínua da realidade e de como se está inserido na sociedade, possibilitando aos sujeitos escrever a sua própria história, reinventando-se e se reconstruindo continuamente. Conclui-se, conforme sustenta Giddens (2002) que as condições sociais da modernidade impõem a todos um processo de encontrar a si mesmo.

2.4 IDENTIDADE DOCENTE

Ante a sociedade atual, é mister que o professor reveja sua prática constantemente, refletindo como as mudanças ocorridas na chamada pós-modernidade¹⁰ afetam a sala de aula e sua prática docente. Isso devido às tecnologias digitais estarem tão expostas e ao que parece, consumidas pela sociedade, sendo assim bastante utilizadas, no entanto distanciadas no processo ensino/aprendizagem. Seria necessário fazer um exame da prática e do desempenho profissional enquanto professor, a luz das inovações tecnológicas para que assim houvesse um crescimento do professor enquanto educador, atrelando as inovações tecnológicas à prática de sala de aula, possibilitando, assim, aos educandos uma orientação profícua nesse momento em que os letramentos digitais são tão debatidos.

Atualmente estudiosos como Hall (2006) e Bauman (2005) têm discutido acerca da pós-modernidade e/ou modernidade tardia devido ao processo de globalização conforme discutido na seção 2.3. Nessa concepção de modernidade o sujeito é caracterizado como pós-moderno e, por conseguinte descentrado, pois está em constante transformação, rápida e permanente devido às mudanças globais que se assiste na atualidade.

No entanto, isso não significa que tudo o que somos e/ou sabemos seria excluído e deveríamos começar do zero. A perspectiva é que, devido às rápidas mudanças que acontecem, o sujeito está num constante desconstruir e reconstruir, refazendo seu percurso e revisitando seus saberes constantemente. Hall (1994) assevera que:

¹⁰ Termo baseado em Baumann (1998)

A identidade não é tão transparente ou tão sem problemas como pensamos. Ao invés de tomar identidade por um fato que, uma vez consumado, passa em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la talvez como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. (HALL, 1994, p. 222, tradução da autora)

Desse modo, percebe-se que o professor, um profissional que trabalha com linguagem, encontra-se também imerso nas várias práticas culturais, construindo-se diariamente no contato com seus alunos, com a sua prática, com sua teoria, sua formação. Sendo assim, “na prática de sala de aula há uma confluência de identidades aflorando no contexto dialógico na qual professor e aluno interagem”. (TÁPIAS-OLIVEIRA, 2006, p.41)

No processo de construção da identidade que acontece no discurso por meio da interação, faz com que o professor reconheça o que ele não é, estabelecendo assim o que eu sou, ou seja, o discurso do professor deixa exposto o que ele acredita, o que ele aceita ou não. Nesse processo, também “é possível rever o que eu acredito” e o que “eu sou” por meio do discurso do outro, numa técnica autorreflexiva. Convém ressaltar que essa reflexividade só acontece se o professor estiver atento à sua prática, caso contrário, seria necessária uma interpelação externa direta chamando a atenção para sua ação.

Ao se definir quem se é, delimita-se o que não se é; o processo de identificação inclui a diferenciação e, assim, a relação com o outro. Os sujeitos envolvidos, no caso os professores, projetam significações e imagens de si que se configuram por meio do diálogo com os outros e da compreensão ativa destes. (GRANDE, 2010, p.30)

Nesse sentido, o professor necessitaria do outro, que na escola passa ser o aluno, e a identidade do professor passa a existir quando esse outro cria tais identidades. Ou seja, a partir da visão do aluno que o professor é configurado e apontado, prevalece a visão do aluno de quem é esse professor.

Estar atento retoma a velocidade de informações desse mundo globalizado e perpassa por discussão acerca de identidades. Dentro do ambiente escolar, que é um ambiente social, há uma constante construção de identidades. E nesse mundo em que a globalização rompeu com fronteiras de tempo e espaço, as mudanças rápidas que a sociedade tem enfrentado, não passariam longe da escola. Moita Lopes (2002) sustenta que:

No processo de construção de nossas identidades sociais por outro lado, a vida institucional também tem sido fruto de muita atenção: “a identidade é, de algum modo, um efeito de socialização institucional” (sarup 1996, p. 48). A escola certamente representa papel central nessa construção de quem somos. Isso quer dizer

queos significados construídos na escola sobre a vida social, paralelamente a outros significados a que somos expostos em outras práticas discursivas das quais participamos, desempenham papel central na legitimação de identidades sociais. (MOITA LOPES, 2002, p.59)

Se o sujeito se constitui nas inúmeras relações que tem com o meio social, desse modo o professor tem sua identidade constantemente reconstruída a cada novo olhar dos alunos. Na prática social do meio escolar, far-se-ia necessário um repensar sobre que professor “eu sou”. Por mais que muitos dos professores atuantes tenham tido, em sua grande maioria, uma formação estruturalista, nesse dado momento histórico, essa estruturação não pode continuar a mesma. Há temáticas latentes precisando ser discutidas em sala sob orientação e que fogem a ideia estruturalista. A sala de aula possui um turbilhão de identidades sociais que necessitam ser trabalhadas, respeitadas, orientadas. Como leciona (REICHMANN, 2010 p. 47) “[...] é necessário que o próprio profissional docente se engaje nesse processo de construção social, resignificando-se, para assim poder atuar como agente de transformação e forjar novas posturas e identidades sociais”.

O mundo está globalizado e tecnologicamente evoluindo a passos cada vez mais largos. Os alunos não parecem ser mais aqueles que vêm incólumes para a sala de aula, para a escola esperando receber conhecimento e a partir deste se identificar como sujeito (fixo). Hoje, os alunos vêm letrados por inúmeros outros meios. Na escola, o professor funcionará como uma bússola, ou seja, a metáfora explicaria que ele seria um norte, na verdade uma orientação de como usar todo esse conhecimento adquirido além-escola.

Diante das mudanças socioculturais, necessita-se que professores compreendam a linguagem como um construto social num eterno processo e não como produto pronto, acabado e disponível nas definições mais claras.

Ao falar, tais sujeitos dão forma a seus pensamentos, ou seja, ao verbalizar esses pensamentos atuam em um processo que objetiva a busca de significação em relação ao mundo em uma atividade que se define por um jogo de ação e reação diante dos fatos de acordo com seus valores e ideologia que determinam suas identidades por meio da linguagem que utilizam. (CORREA, 2000)

Seria necessário que professores estivessem dispostos para o embate diário com sua subjetividade frente a inúmeras discussões. Professores abertos para rever verdades absolutas, professores atentos em todas as direções e diferenças. Professor que se reconfigure diariamente e, principalmente, questione-se ininterruptamente sobre o que pensa e o que estuda, o que lê, o que ouve, mas que principalmente, que saiba olhar nos olhos de cada aluno,

indivíduo em construção, que O PROFESSOR tem em mãos. E o docente tem um “poder” que pode ser benéfico na caminhada de construção identitária de seus alunos ou, pode ser pernicioso a ponto do seu aluno sentir-se um sujeito fixo e incapaz.

2.5 O PROFESSOR E A REFLEXÃO CRÍTICA

Esta seção busca alicerce em Schön (2000) e Pimenta (2006) além de tecer ponderações acerca do professor crítico-reflexivo, que questiona seu próprio fazer nas ações efetivas, na prática docente, no dia a dia como educador. Salienta-se que a noção de reflexão nesse trabalho é compreendida como um conhecimento crítico que gera uma autorreflexão, evidenciando os compromissos, os saberes, os limites no agir diante dos conflitos na sala de aula e as mudanças na sociedade. O modo de revistar os objetivos, os métodos, o que deu/dá/dará certo sem esquecer jamais que na sala de aula cada aluno é um universo com seus saberes e precisam ser lapidados e compreendidos na prática social.

Compreender o fazer humano não é tarefa fácil, principalmente em uma instituição como a escola que detém o poder e tem a responsabilidade de passar conhecimento.

É neste sentido que o conhecimento nos toca no mais íntimo de nosso ser, apesar de ser algo que não depende desta intimidade pessoal, mas da relação intrínseca com as coisas. Somos modificados pelos sonhos que temos quando somos capazes de redimensioná-los diante de novas situações. As feridas se abrem na ausência dos sonhos, na ausência da utopia; as cicatrizes são as marcas desta ausência. Nada substitui o sonho senão a nossa capacidade de sonhar, e nada termina esta capacidade revolucionária, a não ser a desistência própria. Numa época de crise como a nossa, o caminho da busca de um tempo possível que não está presente é uma necessidade impulsionadora de nossa afirmação enquanto humanidade em construção. O conhecimento é real porque toca a possibilidade de uma proximidade daquilo que está distante. Os limites do conhecimento são limites de nossas habilidades criativas, não da infinidade da realidade. Por isso, ele é busca permanente que possibilita, ao longo de toda trajetória, o descortínio de nosso próprio ser no horizonte do mundo. (GHEDIN, 2006, p. 141)

Sendo assim, o ato reflexivo é uma atividade que requer mudança, uma ação efetiva no interior da sociedade, se não for desse modo pode torna-se apenas uma atividade alienante. Nesse sentido que Ghedin (2006) afirma que se a reflexão não se tornar uma ação política que transforme a própria prática, ela passa a não ter sentido no horizonte da educação. O ato de conhecer passa a ser uma habilidade que se instaura no processo dinâmico que é a prática diária, a experiência adquirida e a percepção de que as mudanças acontecem já que construir conhecimento é um processo.

Estabelecer sentido para o fazer emana “à medida que se constrói os horizontes e os objetivos de um fazer. Para isso é preciso desvendar a intimidade do eu-professor, por meio de perguntas e respostas que se faz para “nós”, sujeitos em busca de conhecimento na tentativa de compreensão do mundo, e, por conseguinte, em busca de se autoconhecer.

Nesse norte, pode-se dizer que não há conhecimento acabado, assim como não o professor absoluto, a vida completa. Tudo passa a ser um processo de (re) construção e autoconstrução. O professor reflexivo é aquele que olha o que faz, reflete sobre os sentidos e significados da sua ação, da sua prática diária valendo-se disso também como um conhecer a si mesmo, compreender seu próprio eu. Assim sendo, o professor reflexivo poderá comprometer-se com um fazer engajado, preocupado com a transformação da sociedade, imbuído em auxiliar a construção de cidadãos críticos e conscientes de quem são e para que são e assim formar mentes reflexivas que estejam abertas para inovação e não para a alienação diante do mundo.

Educar, diante deste horizonte, é ter a coragem de romper consigo mesmo para poder instaurar uma nova compreensão da ação e dela imprimir uma nova ação reflexiva, tornando possível a ampliação do poder de autodeterminação. Somente desta maneira poderemos possibilitar a construção da cidadania responsável, tornando possível a democracia participativa e a negação da democracia deliberativa. (GHEDIN, 2006, p. 148)

Professores precisam estar preparados para lidar com situações de conflito, seja em sala de aula, seja consigo mesmo, aprender a lidar com as situações de incertezas, de singularidade e caos. Afinal, a sala de aula não é o lugar onde tudo se finda, nada está pronto e os sujeitos envolvidos não são homogêneos. É também na sala de aula que acontecediálogo para a construção do conhecimento, e como conhecer não há manual pré-estabelecido com normas e regras a se seguir, faz-se necessário avançar e retroceder, distinguir os enganos, reconhecer as limitações como professor e reconhecer as limitações dos alunos. “As pessoas que têm pontos de vista conflitantes prestam atenção a fatos diferentes e têm compreensões diferentes dos fatos que observam” (SCHÖN, 2000, p. 16). Nesse sentido é com tatear no escuro o caminho a seguir, no entanto com comprometimento e cuidado para que a construção desse conhecimento esteja alicerçada em bases sólidas.

Schön (2000) destaca que o professor leve em conta o conhecimento prévio do aluno no processo da sua própria aprendizagem enquanto ela ocorre. Para tanto, o mesmo autor defende três ideias sobre a reflexão. A primeira versa sobre o “conhecimento da ação” que diz

respeito ao saber escolar que é mobilizado na prática profissional, seria então o conhecimento que permite a ação.

Num segundo momento destaca a “reflexão na ação”, na qual faz considerações sobre as reflexões do profissional, ou seja, o modo como este transita em sua prática. Um pensamento crítico que pode levar o profissional a elaborar novas estratégias de atuação. Afinal, Schön (2000) já afirmava que é impossível aprender sem ficar confuso. Nesse sentido, faz-se necessário, como professor que essa confusão para aprender também acontece com o aluno e isso se faz necessário para a apropriação do conhecimento. O professor reflexivo precisa valorizar esses conflitos tanto dos alunos como os seus próprios, levando em consideração que esses conflitos são pontos positivos para a compreensão do conhecimento.

Por último, o autor destaca a “reflexão sobre a reflexão na ação”. Olhar de modo retrospectivo e refletir na reflexão da ação e adotar novos sentidos. Enquanto profissionais da Educação, é mister refletir sobre as ações tomadas e a partir delas propor outros rumos para o trabalho. Essas reflexões somente terão validade se a mudança se efetivar no trabalho em sala de aula.

Todavia a necessidade de uma nova proposta lembra Pimenta (2006):

Fundamenta-se no fato de que um profissional assim formado não consegue dar respostas às situações que emergem no dia a dia profissional, porque estes ultrapassam os conhecimentos elaborados da ciência, e as repostas técnicas que esta poderia oferecer ainda não estão formuladas. (PIMENTA, 2006, p. 19)

Para John Dewey citado por Schön (2000), o professor ciente da sua ação prática, sem refletir sobre ela, condena os alunos a uma visão unilateral e ausente da crítica na prática social. Refletir sobre a prática docente seria abrir espaço para realidades outras, seja das mais viáveis às mais distantes.

O professor reflexivo precisa encorajar os alunos ante aos conflitos e auto encorajar também em relação aos seus, uma vez que propor novos métodos, inserir novas linguagens, demanda atenção, trabalho colaborativo, idas e voltas em relação às propostas e discussão aberta e comprometida sem verdades absolutas, sendo esta o maior problema dos conflitos instaurados. Para tanto Ghedin assinala:

O paradigma reflexivo em educação, se assim pudermos chamá-lo, propõe uma reflexão sistemática sobre o fazer educativo de modo que as práticas pedagógicas possam passar por ele como horizonte facilitador de um processo que torna possível a construção de novas realidades e métodos educativos. O caminho da reflexão é o meio pelo qual se poderia propor outra forma de cognição, quebrando-se com

determinados modelos tradicionais impostos como única alternativa de perpetuação da educação. Pensar a reflexão como caminho exige-nos um ato de vontade e um ato de coragem gerador e impulsionador de mudança. Todos os limites impostos à reflexão não são mais que portas abertas em direções que ainda não havíamos percebido. Tal apologia da reflexão tem por suporte a mais firme razão de que sem ela não podemos ter acesso ao ser da humanidade. (GHEDIN, 2006, p.148)

A prática reflexiva baseada nas considerações de Schön (2000) inicia-se no diálogo entre professor e aluno. De um lado o professor expõe não só em palavras, mas também em ações as diretrizes do trabalho. Do outro lado o aluno que busca apreender, mostrando o que compreende ou não.

Quando a primeira etapa funciona adequadamente, professor e aluno participam da “reflexão na ação”. Ambos dialogando e refletindo sobre o percurso, o trabalho proposto. Enquanto o professor pensa nas próximas diretivas do trabalho, também reflete sobre sua ação passada e futura.

Toda essa trajetória na prática reflexiva do professor requer a consciência de não conhecer respostas tidas como “verdadeiras” além de um constante revisitar de objetivos traçados e repensar no encaminhamento diário diante das situações e questionamentos inesperados por parte dos alunos. A partir desse momento, a prática reflexiva passa a acontecer, conjuntamente entre professor e aluno, e, por conseguinte, a construção do conhecimento.

Convém ressaltar que o encaminhamento de todo o processo leva em consideração o saber do aluno. Além disso, Schön (2000) destaca que:

No entanto, o trabalho comunicativo do diálogo, com seu círculo virtuoso de aprendizagem, não depende apenas da habilidade do instrutor e do estudante de cumprir seus papéis, mas também da sua vontade de fazê-lo. Aqui estão envolvidos sentimentos, bem como ideias, cada um criticamente ligado ao outro. (SCHÖN, 2000, p. 129)

No que tange a questão “sentimento”, adentra-se ao que Schön (2000) chama de “dimensão afetiva do Ensino Prático”. O processo de aprendizagem passa pelo caos do aprendiz, o momento da sensação de perda, do não saber nada, do entender tudo. Assim, é de ser relevada “a perda do controle”, competência e confiança que geram a sensação de vulnerabilidade e dependência. Situação esta que pode levar o aluno à revolta ou à defesa devido às angústias do processo de saber/fazer.

Quando instrutor e estudante se veem pegos em um impasse na aprendizagem – e isso pode acontecer independentemente das intenções do instrutor -, sua habilidade

de escapar dele depende da habilidade do instrutor refletir e encorajar a reflexão sobre o próprio diálogo instrução/aprendizagem. Diagnósticos tão comuns como “falta de talento”, inabilidade de compreender coisas implícitas, falta de habilidade visual ou mau entrosamento podem dizer menos sobre a inadequação de um estudante do que sobre o fracasso do instrutor em negociar a escala de reflexão. (SCHON, 2000, p. 131)

A escolha da prática reflexiva exige do professor um alerta constante na sua prática, já que não segue modelos pré-estabelecidos e impositivos. É um processo de construção de conhecimento que se delineia diferentemente para cada aluno, o que vai supor significados sempre novos no decorrer do desenvolvimento.

A partir das ideias propostas por Schön acerca do profissional reflexivo que deixa uma série de temas em pauta para discussão ganha força na formação continuada de professores. No entanto, Pimenta (2006) pontua que:

Portanto, a formação contínua não se reduz a treinamento ou capacitação e ultrapassa a compreensão que se tinha de educação permanente. A partir da valorização da pesquisa e da prática no processo de formação de professores, propõe-se que esta se configure como um projeto de formação inicial e contínua articulado entre as instâncias formadoras (universidade e escolas). (PIMENTA, 2006, p.22)

O Professor deveria refletir sobre o exercício profissional e nas suas condições sociais, bem como reconhecer o papel como agente de políticas. Além da reflexão como prática social, levando sempre em consideração o coletivo, não a visão unilateral de um indivíduo, a fim de que criem condições para mudanças efetiva social e institucional.

Há que se entender que a escola não é homogênea e os professores não são passivos. Por isso se faz necessário analisar como estes podem manejar processos de interação entre seus interesses e os valores e conflitos que a escola representa, para melhor entender que possibilidades a reflexão crítica pode ter no contexto escolar. Por um lado, as finalidades educativas apresentam um discurso de preparar para a vida adulta com capacidade crítica em uma sociedade plural. Por outro, o trabalho docente e a vida da escola se estruturam para negar estas finalidades. E nesse paradoxo que os professores, para resistir às pressões que o contexto social e institucional exerce sobre eles, acabam reduzindo suas preocupações e suas perspectivas de análise aos problemas internos da aula. A compreensão dos fatores sociais e institucionais que condicionam a prática educativa e a emancipação das formas de dominação que afetam nosso pensamento e nossa ação não é espontânea e nem se produzem naturalmente. São processos contínuos de descoberta, de transformação das diferenças de nossas práticas cotidianas. (PIMENTA, 2006, 27-28)

A sala de aula é um lugar de desafios, de conflitos, de dúvidas, de saberes. Nesse micro contexto, estão outros “contextos” que convivem, nem sempre de modo pacífico diariamente. Professor e alunos estão em um embate diário em prol do conhecimento. É nesse

lugar que professor e aluno se reconhecem, (re)significam-se e se reconstróem, no entanto, não nas semelhanças e sim nas diferenças.

Esse é o lugar, um campo fértil de reflexão do professor, para refletir sobre o “eu” docente e o “tu” aluno. Refletir sobre como se constrói nesse espaço o conhecimento de modo ativo e não passivamente, impondo conteúdos sem a preocupação com as práticas sociais. Nesse espaço que o docente tem a necessidade de repensar sobre o saber que o aluno traz, e, por conseguinte, o que ele busca. O que se passa no mundo, hoje globalizado, e o que o educando precisa para sua trajetória.

A educação retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que quer. Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano. Enquanto prática histórica tem o desafio de responder às demandas que os contextos lhe colocam. (PIMENTA, 2006, p. 38)

Logo, a reflexão do professor implica em uma atuação coletiva, sobre suas condições de trabalho, as perspectivas de mudança objetivando assim o comprometimento maior do professor com a escola.

A potencialidade reflexiva, nesse sentido, é considerada intrínseca ao ser humano. É a capacidade de pensarmos sobre nossos atos, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção. Supõe a necessidade de utilizar o conhecimento para mudar a realidade, mas também para mudar nossas intenções, nossas representações e o próprio processo de conhecer. Cumpre reconhecer, todavia, que algumas concepções da proposta do professor reflexivo incorporam temas e processos investigativos próximos do que vem sendo chamado de "pensamento pós-moderno". (LIBÂNIO, 2006, p. 62)

Como profissionais da Educação, faz-se necessário uma visão crítica e teórica das ações efetivas como professor, bem como por meio de reflexões que ressignifiquem métodos de trabalhos, modos de ação para a resolução de tensões em sala de aula a fim de aprimorar seu saber/fazer.

[...] os professores deveriam desenvolver simultaneamente três capacidades: a primeira, de apropriação teórico-crítica das realidades em questão considerando os contextos concretos da ação docente; a segunda, de apropriação de metodologias de ação, de formas de agir, de procedimentos facilitadores do trabalho docente e de resolução de problemas de sala de aula. O que destaco é a necessidade da reflexão sobre a prática a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorias das práticas de ensino, em que o professor é ajudado a compreender o seu próprio pensamento e a refletir de modo crítico sobre sua prática e, também, a aprimorar seu modo de agir, seu saber-fazer, internalizando também novos instrumentos de ação. A terceira, é a consideração dos contextos sociais, políticos, institucionais na configuração das práticas escolares. A apropriação teórica da realidade implica o desenvolvimento dos processos do pensar em relação aos conteúdos. Sabe-se que são consideráveis as deficiências do professorado em relação ao aprender a

pensar, de modo que eles próprios necessitam dominar estratégias de pensar e de pensar sobre o próprio pensar. (LIBÂNIO, 2006, p. 70-71)

Portanto, a reflexão reside no fato de o professor fazer o aluno aprender a construir seu conhecimento, porque é ele quem está no meio da prática docente. E se assim o é, o que ele necessita aprender precisa fazer sentido, uma linguagem na/da prática social, para oportunizar o crescimento do aluno para as relações sociais e não para conteúdo e/ou notas ao final de anos de trabalho. É o trabalho de construção no qual o professor não pode saber de fato o que vai acontecer, ele prevê, no entanto somente o fazer pode determinar a ação. Isso significa estar aberto a um universo de indagações, dúvidas, medos, anseios, a incerteza é que dita as regras para que o resultado positivo se estabeleça. Nesse ínterim, a reflexão crítica do professor passa a ser coluna dorsal da sua prática.

Para aprender é preciso entrar numa atividade intelectual: esta é a verdade do construtivismo. Bem, depois de saber disso, não me importa a moda, não me importa saber se o professor é tradicional ou inovador; o que importa saber é se o trabalho do professor ajuda o aluno a desenvolver uma atividade intelectual e, também, qual é o sentido dessa situação para o aluno. (LIBÂNIO, 2006, p. 97)

Essa reflexão crítica não acontece apenas olhando para a prática, mas também é necessário o conhecimento teórico para que o olhar se torne de fato crítico, Libânio enfatiza “o conhecimento teórico “não se adquire” 'olhando, 'contemplando, 'ficando ali diante do objeto; exigem que se instrumentalize o olhar com teorias, estudos, olhares de outros sobre o objeto; ainda mais, é preciso tomar "esse existente como referência (Pimenta, 1999: 120). Entendo que seu esforço teórico é o de conhecer o fenômeno — no caso, prática docente — para modificá-lo, tendo como base sua experiência profissional.” (*ibidem*, 2006, p. 114).

A reflexão crítica acerca da prática requer um constante ir e vir das ações do professor, mas que precisa de consciência para que se torne efetiva de fato.

3. ESCRITA

*“As coisas mudam no devagar depressa dos tempos”
(Guimarães Rosa, 1975)*

3.1 O PAPEL DA ESCRITA COMO TECNOLOGIA

Neste capítulo apresenta-se uma discussão acerca das mutações que a era digital impõe em relação à cultura escrita. Para tanto, busca-se apoio epistemológico em Chartier (2002), Higounet (2003), Lèvy (1993) de maneira mais detida além de outros autores que perpassam a escrita em suas pesquisas.

Ressalta-se que escrita é uma tecnologia na qual muitas vezes deixa-se de atentar, como afirma (SOARES, 2002, P. 147) “[...] a tecnologia da escrita está tão internalizada em nós que nos tornamos incapazes de separá-las de nós mesmos -e assim não conseguimos perceber sua presença e influência [...]”. Nesse trabalho a tecnologia é concebida, de maneira ampla, como um conjunto de saberes como qualquer artefato, método ou técnica criado pelo homem para tornar o seu trabalho mais leve, sua locomoção e sua comunicação mais fácil, sendo assim a escrita alfabética passa a ser uma tecnologia que nos permite, num primeiro momento, registrar a fala, para que outros possam receber as palavras que a distância e/ou o tempo os impede de escutar¹¹.

A escrita alfabética foi, portanto, a primeira tecnologia que permitiu que a fala fosse congelada, perpetuada, e transmitida à distância. Assim deixou de ser necessário capturar a fala naquele instante passageiro e volátil antes que se dissipasse no espaço. Ela tornou possível o registro da fala e a sua transmissão para localidades distantes no espaço e remotas no tempo. Desse modo, (LÈVY, 1993, p. 87) destaca que “o alfabeto e a impressão, aperfeiçoamentos da escrita, desempenharam papel essencial no estabelecimento da ciência como modo de conhecimento dominante”. À guisa do exemplo destaca-se que a escrita é tecnologia, no entanto em auge de tecnologias digitais, não se destaca a escrita como tal. De tão habituados à sociedade grafocêntrica, que a escrita é vista como linguagem, como ciência. Nesse sentido, a linguagem é tecnologia, a leitura é tecnologia, a oralidade também é uma tecnologia. A palavra impressa carrega seu próprio viés tecnológico.

Muito embora a escrita, antes da impressão, tivesse alcance limitado, porque era feita a mão. Copiar um livro a mão, por exemplo, era algo que levava tempo e ficava caro. Por isso, antes do surgimento da impressão, havia relativamente poucos livros, e o número de pessoas

¹¹Convém destacar que a escrita, mesmo em face de tanta tecnologia digital, não perdeu seu poder de legitimação e institucionalização do sujeito na sociedade grafocêntrica.

letradas era pequeno. Escrever era uma arte manual cujos produtos eram poucos e pouco disseminados. Quando Gutenberg inventou a impressão de tipo móvel, por volta de 1450, tudo começou a mudar. Por outro lado as críticas surgiram e com elas a resistência à cultura escrita e impressa, haja vista que a educação se dava de forma oral e os educadores itinerantes tinham que se deslocar continuamente para disseminar o conhecimento. A impressão e a escrita alfabética foram acusadas de enfraquecer a memória já que livro impresso, que rapidamente se popularizou, era uma excelente memória auxiliar que tornava desnecessário reter na memória tudo que era necessário saber. Chartier (2002) aponta que:

Insistir na importância que manteve o manuscrito após a invenção de Gutemberg é uma forma de lembrar que as novas técnicas não apagam nem brutal nem totalmente os antigos usos, e que a era do texto eletrônico será ainda e certamente por muito tempo, uma era do manuscrito e do impresso. (CHARTIER, 2002, p. 8)

Do mesmo modo, a escrita digital no mundo contemporâneo enfrenta críticas de desvalorizar a norma padrão, publicar informações sem a certeza da autoria sob a égide do plágio, romper com a distância para a disseminação de textos escritos sem uma mínima revisão ou apreciação de autoridades, dentre outros. Conforme se depreende:

[...] a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos de fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por substituição, mas antes por uma complexificação e deslocamento de centros de gravidade. O saber oral e os gêneros de conhecimento fundados sobre a escrita ainda existem, é claro, se dúvida irão continuar existindo sempre. (LÉVY, 1993, p. 10)

Assim, tanto a escrita manuscrita, impressa ou digital enfrentam seus alçozes até o momento em que se faz necessário inserir-se na cultura escrita seja ela em qualquer época, (DALEY, 2010, p. 491, ênfase acrescida) assinala que “A tecnologia *vista hoje* está simplesmente possibilitando modos alternativos de comunicação que penetram em nossas vidas mais diretamente e de formas mais poderosas”, rompendo as barreiras resistentes e compreendendo seu poder de legitimação e valorização do sujeito agir por meio dessa linguagem na sua prática social.

3.2 UM ENTRELAÇAMENTO HISTÓRICO DA ESCRITA

De acordo com Higounet (2003) a escrita pode ser dividida em pictórica, ideográfica e alfabética, porém sem estabelecer uma linha cronológica.

Na primeira fase, denominada pictórica, tem-se a escrita representada por desenhos e pictogramas. Já na segunda, chamada ideográfica havia a representação por meio de símbolos

gráficos que representavam uma ideia. Destaca-se nessa fase a escrita hieroglífica. Por último escrita alfabética que se caracteriza pelo uso de letras, embora tenha se originado nos ideogramas, os quais perderam sua relevância e tomaram uma nova função de escrita, ou seja, a representação fonográfica.

Não se sabe exatamente a causa primordial para a criação da escrita, o que pode não ter sido a mesma para todos os povos, tão pouco tenha sido somente uma, mas a confluência de várias. O que busco destacar é que a invenção da escrita foi um grande avanço para o desenvolvimento da humanidade, pois segundo Higounet (2003):

A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dele própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. [...] Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substitui a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E sobretudo não existe história que não se funde sobre textos. (HIGOUNET, 2003, p.10)

Verifica-se então que o início da escrita marca o início da história da civilização bem como ideias que ficam registradas por muitos e muitos anos. O uso da escrita desenvolveu a comunicação entre os homens permitindo-lhes remontar as barreiras do tempo na recepção das mensagens, facilitou o intercâmbio de informação, além de ajudar no desenvolvimento intelectual do homem.

[...] a escrita não é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. (HIGOUNET, 2003, p.10).

Atualmente, está-se acostumado a ler e escrever o mundo já que se vive em uma sociedade grafocêntrica centrada no poder e legitimação por meio da escrita. “a escrita é acima de tudo, um procedimento do qual atualmente nos servimos pra imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia” (HIGOUNET, 2003, p. 9).

Com o fenômeno da internet assiste-se a ratificação da sociedade grafocêntrica, uma vez que tal advento aumentou o número de escritores, talvez porque a rede incita a escrever dada a necessidade de outros artefatos tecnológicos para utilizar a fala. De acordo com o blog.planalto.gov.br/ o número de usuários da rede mundial de computadores chega a 43,2 milhões.

O total de usuários ativos de internet chegou a 43,2 milhões em março de 2011, o que significou uma evolução de 4,4% na comparação com o mês anterior, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) divulgada nesta quarta-feira (4/5). Em relação aos 37,9 milhões de usuários ativos de março de 2010, o aumento foi de 13,9%. (<http://blog.planalto.gov.br/numero-de-usuarios-de-internet-no-brasil-cresce-139-em-um-ano-e-chega-a-432-mi/>, acesso em 15 de março de 2012).

Assim, a escrita é um meio linguístico que permite o contato e a relação entre seus usuários. No mundo letrado e globalizado ela é uma ferramenta indispensável nas relações humanas tornando-se uma forma de prática social, tendo em vista que os usuários da internet utilizam os recursos da *web* por meio dela, hoje escrita digital.

Percebe-se então, na linguagem escrita da rede em meio à globalização, é muito usada para a comunicação, para a integração entre sujeitos o que resulta em uma aproximação maior com a informalidade devido à velocidade de informações, no entanto, talvez isso tenha feito com que fossem misturadas outras linguagens a escrita como imagens, hiperlinks, sinais, etc.

Essa escrita virtual acaba gerando uma série de polêmicas. Na escola, essa linguagem passa a ser demonizada e por hora excluída sob a alegação de que os alunos não sabem mais escrever, que eles transgridem a “norma padrão”. No entanto, sob esse aspecto desconsidera-se totalmente a capacidade de o aluno discernir sobre normas e padronizações, perceber o que é leitura e escrita segundo conceitos e institucionalizações, privando de utilizar a vasta gama de novidades linguísticas via internet para discutir acerca da linguagem escrita como tecnologia primeira para a evolução do ser humano. Como coloca Lèvy (1993):

É certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos em um uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da informática (como do audiovisual) supõe, portanto o abandono de um hábito antropológico mais que milenar o que não pode ser feito em alguns anos. Mas as resistências do social têm bons motivos. (LÉVY, 1993, p. 8-9)

Além da discussão acerca de globalização como representação de língua escrita, uma vez que um de seus objetivos é o de integrar todos os povos, usando modernos artefatos tecnológicos. Com o avanço das tecnologias digitais, com o tratado do livre comércio, o turismo, a globalização, a escrita é também influenciada por outras línguas, o que fortalece o pluralismo linguístico e as representações culturais.

De acordo com (CHARTIER, 2002, p. 13) “a busca por um idioma universal é um ideia inútil, já que o mundo está constituído por uma irredutível diversidade de lugares, coisas, indivíduos e línguas”. Cumpre verificar que essa diversidade de lugares e indivíduos

supracitados pelo autor, na sociedade tecnológica atual, comprova um rompimento de fronteiras e uma mescla de indivíduos e línguas que interagem por meio da escrita digital. Não sendo possível uma apologia a uma “unidade” linguística, tendo em vista que na comunicação eletrônica novas histórias são delineadas, identidades são reconstruídas, diferenças não são valorizadas e sim a integração por meio de uma escrita ampla, significativa e atuante. Conforme Chartier (2002), repleta de inovações da textualidade eletrônica.

Por outro lado a escrita eletrônica reintroduz na escrita alguma coisa das línguas formais que buscavam a linguagem simbólica capaz de representar adequadamente os procedimentos do pensamento. [...] Por outro lado, é possível dizer que o inglês da comunicação eletrônica é uma língua artificial, com vocabulário e sintaxe próprios, o que uma língua particular elevada, como foi antes o latim, à categoria de língua universal.” (CHARTIER, 2002, p.16-17)

Em vista disso, é que se percebe que no mundo da escrita digital, da comunicação eletrônica passa a ser um mundo de superabundância textual que acaba ultrapassando capacidade de apropriação dos leitores. Afinal na cultura impressa, como se conhece a ordem de apropriação se estabelece por meio dos livros, diários, revistas, etc., além de categorias de textos e formas de leituras, o que está profundamente arraigada na longa duração da cultura escrita.

Na sociedade tecnológica e digitalizada um único aparelho, o computador, faz emergir uma gama de textos infindáveis diante dos olhos do leitor, exigindo a ruptura da leitura linear para um modo fragmentado. Isso pode dificultar a percepção de obras como um todo, no entanto como diz Chartier (2002):

Num certo sentido, no mundo digital todas as entidades textuais são como bancos de dados que procuram fragmentos cuja leitura absolutamente não supõe a compreensão ou percepção das obras em sua identidade singular. Assim, quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição. (CHARTIER, 2002, 23)

Por outro lado a escrita digital permite desenvolver argumentos e demonstrações de uma forma mais aberta, clara e racional, uma vez que o leitor pode comprovar sua validade voltando pessoalmente aos textos repletos também de imagens, músicas, símbolos provando assim uma escrita que ultrapassa os padrões canônicos.

Por mais que ainda seja difícil saber como essa nova modalidade transformará as relações interpessoais, as telas do mundo contemporâneo não ignoram a cultura escrita, mas a transmitem e intensificam. E essa intensificação está norteadada por impressões pessoais,

demonstrações de subjetividades e identidades facilitadas pela comunicação eletrônica que autoriza qualquer pessoa a por em circulação na *web* suas próprias reflexões ou criações.

3.3 ESCRITA ÍNTIMA – UMA VOZ AUTOBIOGRÁFICA

Nessa seção busca-se trazer algumas considerações acerca da escrita autobiográfica, tendo em vista que todo processo metodológico de coleta de dados é visada sob uma ótica íntima, ou seja, a perspectiva particular de cada professor e suas impressões que estão em destaque. Sendo assim, o embasamento teórico é pautado em LEJEUNE (2008) e ROMERO (2010). Vale ressaltar que a escrita autobiográfica exposta nessa seção nada se aproxima da autobiografia literária, canônica e sim, entendida como uma retrospectiva de cada participante efetivo da pesquisa, objetivando assim uma reflexão crítica no que tange a prática docente, um diário reflexivo para ressignificar experiências utilizando o poder do código escrito, que por si só já constitui uma forma de identidade e colocá-los a serviço de uma narração da própria história, potencializando assim o poder identitário da linguagem.

A palavra “autobiografia” foi importante da Inglaterra no início do século um e empregada em dois sentidos próximos, mas mesmo assim diferentes. O primeiro sentido (o que escolhi) foi proposto por Larousse, em 1886: “Vida de um indivíduo escrita por ele próprio”. Larousse contrapõe a autobiografia, que é uma espécie de confissão, às Memórias, que contam fatos que podem ser alheios ao narrador. Mas, num sentido mais amplo, “autobiografia” pode designar também qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida e seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto o contrato proposto por ele. (LEJEUNE, 2008, p. 53)

Nesse viés que o presente trabalho considera os *blogs* criados pelos professores como um espaço autobiográfico a fim de que possam refletir sobre sua prática docente com a inserção de outra linguagem em sala de aula. A identidade assumida nessas autobiografias são escolhas dos professores que, espera-se então revisitar métodos, refletir sobre mudanças e as novas propostas, que seja um espaço de autoanálise. Igualmente, a escrita narrativa pode mobilizar o sujeito a uma tomada de consciência, por fazer emergir do conhecimento de si e das dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas impostas por um mergulho interior. Isso remeteria a constantes desafios às experiências e ações tomadas.

Magalhães (2004, p. 25) enfatiza que “é na e pela linguagem, que os sentidos sobre nós mesmos, nossas experiências, modos de agir e falar, enfim nossa subjetividade é construída, nos contextos sociais situados na história e na cultura”. Sendo assim, as

autobiografias podem auxiliar na identificação dos novos sentidos que os professores atribuem ao seu pensar, fazer e sentir.

Para tanto, o lugar do sujeito no social é redimensionado uma vez que, como ser dotado de razão, constitui-se como ser autônomo, desse modo sendo capaz de distanciar-se de seu lugar. Sendo assim, o homem pode ficar em posição de exterioridade em relação à sociedade, isto é, posto na perspectiva de tecer juízos, avaliar discursos, questionar situações. Por meio do descentramento do sujeito é que lhe é possibilitada a sua individualidade, permitindo-lhe uma visão crítica da sociedade e das instituições sociais. Para tanto, sua identidade é construída por si próprio, é desse modo que o homem constrói-se no social e essa experiência de si como diferente constitui o homem moderno, construído a partir das diferenças e consigo mesmo, nessa direção Woodward (2009) aponta que:

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de outra. (WOODWARD, 2009, p. 32)

Nesse espaço do sujeito frente a si mesmo que a questão autobiográfica se institui, como uma tentativa de compreender sua existência, de sua ação no mundo. É uma escrita que tem como objetivo o si próprio, a análise do próprio eu, a autoanálise. Lejeune (2008) destaca que é uma escrita que funciona a partir da leitura que se define num primeiro momento como:

Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, *de sua ação*, quando focaliza sua história individual, *ou prática individual*, em particular a história de sua personalidade. (LEJEUNE, 2008, p. 14. *Grifos da autora*)

Por isso a autobiografia situa-se no espaço da singularidade em que o sujeito se (re)constitui, implicam em uma posição de onde se escreve – “as posições de enunciação” de acordo com Hall (1994). O autor destaca que a pessoa que fala e de quem se fala jamais são idênticas, que não estão no mesmo lugar. Afinal, as identidades não são claras e sem conflitos como se possa imaginar. O mesmo autor afirma que não se podem ter as identidades como um fato e sim representadas pelas novas práticas culturais, como uma produção sempre a ser completada. Para tanto, a autobiografia aqui posta tenciona um processo de recontar um posicionamento a fim de redescobrir identidades, de modo a perceber a si próprio.

O “eu” que aqui escreve, por certo, tem também de ser pensado, ele mesmo, como “enunciado”. Todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e um tempo particulares, desde uma história e uma cultura que nos são específicas. O que dizemos está sempre “em contexto”, posicionado. (HALL, 1994, p. 68)

Segundo esse preceito é que se entende o ato de narrar a vida por meio do texto escrito, possibilita ao sujeito pôr em evidência os recursos e experiências acumulados e as transformações identitárias que se constrói ao longo da vida, permitindo organizar sua narrativa em um constante diálogo interior a partir dos momentos de formação e de conhecimento. Para tanto, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. (HALL, 2006, p. 12-13)

Feitas essas considerações, a autobiografia passa a ser compreendida como a escrita de um dado momento da prática dos participantes que mostrará perspectivas outras, submetendo a uma verificação de uma realidade. Como Lejeune (2008) coloca que objetiva não uma aproximação com o verdadeiro, e sim o verdadeiro em si. Não o efeito do real, mas a imagem do real.

O relato autobiográfico coloca-se no plano do interminável, embora a escrita em termos documentais seja espacial e finita no qual retrata um lugar, um momento de identidade no qual o sujeito tenta se definir. Dessa forma o sujeito está implicado em marcas postas no seu percurso e a própria opção de narrar sua história por meio de fatos, de eventos cronologicamente organizados em uma tentativa de aproximar os motivos que são estranhos a nós.

Se podemos dizer que a autobiografia se define por algo que é exterior ao texto, não se trata de buscar, aquém, uma inverificável semelhança com uma pessoa ou fato real, mas ir além, para verificar, no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz. (LEJEUNE, 2008, p. 47)

O professor no cenário da escrita autobiográfica é posto na posição de refletir sobre si, como profissional e como pessoa, muito embora sejam dimensões inseparáveis, para tanto se acredita que esses relatos autobiográficos possam auxiliar na identificação de novos sentidos que os professores atribuam ao seu pensar, fazer, sentir e agir, auxiliando assim na compreensão de um processo formativo e auto formativo, por meio das experiências dos

próprios atores da história. Dewey referenciado por Romero (2010) entende que é olhando para a vida que se aprende acerca da Educação e olhando para Educação se aprende sobre a vida. Dessa forma então é possível (re) visitar experiências para a construção do conhecimento em todas as suas dimensões.

No que tange o ato reflexivo ao postar autobiografias, considera-se que professor (re)visite sua prática durante o ato educativo: conteúdos, métodos e objetivos de ensino, e reflita na e sobre a sua própria experiência, para que assim possa desempenhar importantes papéis na produção de conhecimento sobre o ensino. Enfim, que o professor possa compreender que ante as mudanças inerentes da sociedade o docente, mais que urgente precisa deixar de exercer o papel de transmissor de um saber externo e passe a ser um mediador entre a pessoa, o objeto de aprendizagem e a análise de situações vividas. MELO (2010) in ROMERO (2010) destaca que é possível criar espaços em que professores exponham seus conhecimentos e explicitem suas práticas diárias para que desse modo aprendam também sobre si mesmos e sobre os contextos dos quais fazem parte.

As experiências de inserção de outra linguagem vividas pelos professores, participantes efetivos da pesquisa, são tomados como dados que falam além do convencional, o que se acredita constituir-se como um poderoso estudo para as questões indivíduo e sociedade tecnologizada.

Por tudo isso que na próxima seção será abordado acerca do *Blog*, suporte no qual os participantes, por meio da escrita autobiográfica estavam inseridos a serviço da narração da própria história, potencializando o poder identitário da linguagem e confirmando o que Lejeune (2008) afirma todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé.

3.4 POR QUE *BLOG*?

Nesta seção, traça-se um perfil do que é e como surgiu o *blog*. Nessa perspectiva aponta-se para um dos gêneros textuais que o *blog* acena na qual é vista como escrita íntima, muito embora como afirma Schittine (2004) o blog é um híbrido de vários tipos de escrita. Nesse trabalho, a hibridização da escrita do *blog* seleciona características do diário íntimo com nuances autobiográficos. No entanto, são nuances desses dois gêneros, diário e de autobiografias, porque os *blogs* que serão analisados nessa pesquisa contêm informações pessoais sobre a prática docente de cada professor “blogueiro”.

Desse modo, a tensão que se instaura entre o privado (diário) e o público (*web*) se justifica porque os *blogs* dos professores foram criados para que neles cada participante efetivo da pesquisa pudesse expor seu trabalho com a linguagem digital em sala de aula, apresentando os anseios, as vantagens, as desvantagens, os pontos positivos e negativos, etc. Sendo assim, classifiquei como privado (diário íntimo, autobiográfico). No entanto, esses *blogs* foram apresentados aos demais professores da instituição para que todos os docentes pudessem acompanhar o trabalho, refletir sobre, opinar, dar sugestões. Em vista disso, esse diário torna-se público. Schittine (2004) ensina que:

O *blog*, de acesso restrito, também é uma maneira de manter um determinado grupo virtual (*ou não*) informado sobre a vida pessoal *ou profissional* de cada participante. (SCHITTINE, 2004, p. 94, *grifos meus*)

Diante desse quadro, a escrita *noblog* pelos professores, inerentemente à escrita em si, leva à reflexão sobre a própria prática, uma vez que para pôr na tela do computador os métodos utilizados e as percepções a respeito de seu próprio trabalho, o professor reflete, analisa, autoanálise seu trabalho já que esse diário representa sua vida, seu momento de . Esse trabalho corrobora com o que Schittine (2004) assinala:

[...] o diarista pode retornar sempre que quiser se lembrar de sua situação de vida num determinado momento, do quanto amadureceu ou retrocedeu em sua maneira de ser e de como suas decisões e seu modo de pensar mudaram. (SCHITTINE, 2004, p. 115)

Por conseguinte, essa escrita íntima, autobiográfica, porém fragmentária, permite ao professor uma releitura e a autocrítica de um dizer sobre si mesmo, revisitando constantemente seus saberes e práticas e assim, reconfigurando-se identitariamente, fragmentando-se e se reconstruindo constantemente.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

*“Para ensinar há uma formalidadezinha a cumprir – saber.
(Eça de Queirós)”*

4.1 PRESSUPOSTOS DE PESQUISA

A conjectura central dessa dissertação é de que as práticas de letramentos digitais podem não estar sendo utilizadas na escola. A partir dessa hipótese, o caminho teórico escolhido busca compreender os objetivos propostos nesse trabalho. Desse modo no capítulo I, apresenta-se o conceito do que é tecnologia, enfocando a linguagem escrita como tecnologias primeiras para a evolução da humanidade a fim de compreender então a ligação de tecnologia e educação.

No Capítulo II, traçou-se um percurso acerca de letramento até os letramentos digitais e a necessidade da reflexão crítica dos professores ante o mundo tecnologizado e apresentar esse mundo globalizado que mexe com as relações identitárias dos professores. No terceiro capítulo, apresenta-se a escrita como tecnologia uma vez que toda a coleta de dados se baseia na escrita para validar as informações obtidas no processo de pesquisa.

A análise dos dados é feita com vistas à reflexão crítica do professor a respeito dos letramentos digitais. O estudo empírico apresentado foi norteado pelas seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Há práticas de letramentos digitais nesse grupo de escolas?
- b) De que modo as práticas de letramento digital são vistas nessas escolas?
- c) Como são trabalhadas as novas tecnologias digitais no processo de ensino/aprendizagem?
- d) Quais as (re)configurações identitárias dos professores ao utilizarem tecnologias digitais como práticas sociais em sala de aula?

O caráter qualitativo do estudo na caracterização dessa abordagem de pesquisa existe devido alguns pontos principais que a especificam:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. (FLICK, 2009, p.23).

Nesse sentido, apresenta-se um método misto de pesquisa, dado os instrumentos utilizados para coleta de dados. Dito isto, os instrumentos aplicados para coleta dos dados foram: A) questionário escrito com os diretores, coordenadores e professores. B) Num segundo momento, a inserção de trabalho com tecnologia digital proposta aos professores para que interviessem na prática docente. O trabalho desenvolvido com os alunos seria postado em *blogs*, criados pelos professores, participantes efetivos a pesquisa a fim de que servisse de diário autobiográfico e reflexivo do professor acerca da sua prática docente. C) Em um último momento, houve grupos de discussão com os participantes da pesquisa, a fim de que os participantes pudessem, mais detidamente, compartilhar experiências, rediscutir métodos, discutir os dados apresentados pela pesquisadora bem como verificar os processos de reconfiguração dos perfis enquanto docentes, uma vez que se faz necessário o repensar da prática atrelados às novas tecnologias, resultando em um último texto postado nos respectivos *blogs*.

A presente pesquisa foi encaminhada em novembro de 2011 à comissão de ética da Universidade Estadual de Ponta Grossa e foi aprovada em dezembro de 2011 sob parecer nº 156/2011. (Anexo 1)

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA

Ludke e André (1986) destacam algumas características básicas da pesquisa qualitativa: o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento neste ambiente; os dados coletados são predominantemente descritivos; há preocupação com o processo em detrimento do produto; e os significados que os sujeitos atribuem às coisas e à vida é o foco de atenção do pesquisador. Desse modo “o estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.18)

Dilthey e Weber (1989) foram alguns dos primeiros estudiosos a defender e buscar uma metodologia diferente para as ciências sociais, na qual, segundo André (1995), buscavam uma complexidade e dinamismo dos fenômenos humanos e sociais. Assim sendo, a pesquisa qualitativa distingue-se pela preocupação em investigar os sujeitos inseridos contextualmente nos ambientes sociais.

Atualmente a pesquisa qualitativa ocupa um lugar reconhecido entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem seres humanos e suas intrincadas

relações sociais. Segundo essa perspectiva, os fenômenos investigados são mais bem compreendidos dentro dos contextos nos quais ocorrem, para isso o pesquisador vai a campo buscar informações no ponto de vista das pessoas envolvidas e que são expectativas bastante relevantes. Sendo assim, a pesquisa qualitativa passa a ser considerada de modo a entender os significados obtidos por meio da coleta dos dados na qual a presença do pesquisador está presente.

Nesse sentido, justifica-se a abordagem qualitativa da pesquisa, pois o objetivo dessa investigação é de analisar o processo de reconfiguração tecnológica na escola, do ponto de vista dos professores não apenas o produto como resultado do processo. Além disso, serão considerados como fatores essenciais os contextos e as práticas dos professores.

Além da abordagem predominantemente qualitativa, a pesquisa possui um método misto de investigação, haja vista que se podem perceber perspectivas da pesquisa-ação, uma vez que existe a ação por meio dos participantes da pesquisa inserida com uma nova ferramenta pedagógica no fazer docente. Também há nuances da pesquisa narrativa devido o uso do *blog* para narrativas do Eu, além dos grupos de discussão.

Objetivando também uma clareza maior dos dados coletados, a análise interpretativa e subjetiva abriu espaço para dados quantitativos que são apresentados no gráfico da página 83. As características da pesquisa quantitativa se tornaram úteis já que por meio do gráfico apresentado ficou mais claro observar os dados coletados na primeira etapa dessa investigação aliado a pesquisa qualitativa que observa os pontos de vista.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nesta investigação utilizam-se três instrumentos para geração de dados com o intuito de validar as informações colhidas. Sendo eles: (i) questionário; (ii) *blog*; (iii) grupos de discussão que finalizarão a coleta dos dados. Todo o registro dos dados se deu por meio da escrita e ficaram armazenados na Internet, em um primeiro momento via *e-mail* e a partir da segunda etapa da pesquisa, nos *blogs* dos participantes da pesquisa.

4.3.1 Questionário

O questionário é uma parte bastante relevante da pesquisa uma vez que consegue apresentar dados precisos, perfil dos indivíduos que fazem parte do processo de investigação. De acordo com Lakatos e Marconi(2007, p. 203) “é um instrumento de coleta de dados,

constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”.

No presente trabalho, o questionário foi aberto, a fim de que pudesse proporcionar a reflexão acerca das respostas. Propuseram-se perguntas abertas para que os participantes sentissem mais liberdade para responder de acordo com a realidade social e educacional de cada um, com base nas informações que o participante detém.

O questionário foi apresentado aos docentes, equipe pedagógica e direção em explanação em grupo de modo a deixar claros os objetivos da pesquisa bem como as demais etapas da investigação. Juntamente com os professores, procurou-se ler as perguntas elaboradas a fim de esclarecer possíveis dúvidas quanto à redação e/ou interpretação, caso houvesse alguma.

Convém destacar que as perguntas elencadas para o questionário passou por um pré-teste a fim de que pudessem ser identificadas possíveis falhas quanto à complexidade das questões, ambiguidade, perguntas supérfluas ou que causassem embaraço aos participantes, se as questões obedeciam uma ordem ou mesmo se eram muito numerosas. O questionário foi encaminhado por *e-mail* para cinco professores de três instituições diferentes com vistas ao aprimoramento das questões e foram modificadas de acordo com as considerações recebidas.

Por essa razão esse instrumento de pesquisa se mostra relevante para a pesquisa, uma vez que consegue definir melhor os participantes, e por mais ampla que possa se apresentar ajuda a traçar uma linha de pensamentos e convicções dos professores, promovendo o encaminhamento dos demais instrumentos e coleta dos dados.

4.3.2 *Blog*

Pensando na proposta do trabalho de pesquisa-ação de inserção de tecnologias digitais em sala de aula, buscou-se também fazer com que os professores, participantes efetivos da pesquisa, se inserissem no universo digital mais detidamente. E com base na afirmação de Fragoso *et al* (2011, p. 119) “que nenhuma rede tem fronteiras “naturais”, é o pesquisador quem as impõe”, acompanhar o trabalho do professor por meio do *Blog* foi também um modo de interação dos participantes com o digital.

Nessa direção, optou-se por *blogs* abertos, uma vez que além de disponibilizados para o corpo docente das escolas, eles também estavam atrelados ao LET – Laboratório de estudos de textos da UEPG a fim de que professores, pesquisadores, equipe pedagógica, graduandos pudessem participar juntamente das reflexões dos participantes da pesquisa, comentado,

sugerindo, acompanhando o processo e, por conseguinte formando uma grande rede de reflexões acerca de práticas de letramento digital.

Ao levar em consideração que a internet constitui uma das representações de nossas práticas sociais e, isso também demanda novas formas de observação para requerer dos cientistas sociais que fabriquem suas próprias lentes, conforme assinala Fragoet al (2011), procurar então novos instrumentos e métodos que viabilizem novas formas de enxergar. Nesse norte, o *blog* constitui-se como um novo instrumento para acompanhamento de pesquisa, no caso dessa proposta, como narrativas do Eu professor e seu fazer docente em sala de aula.

Além disso, postar textos no *blog* exige dos participantes de pesquisa uma reflexão acerca do trabalho desenvolvido por eles e proposta pela presente investigação. De acordo do Halavais(2011) no prefácio de Frago et al (2011):

A sociedade em rede nos força a trabalhar novas maneiras de estudar a sociedade de modos igualmente novos. Ela nos força a pensar novamente sobre nossos instrumentos, e ter certeza que eles são apropriados para as tarefas a que os aplicamos. Ao encarar esse desafio, nós nos preparamos para nosso próprio renascimento na compreensão da sociedade. (FRAGOSO et al, 2011, p. 16)

Sendo assim, utilizou-se a proposta do *blog* como meio para acompanhar o trabalho do professor com as práticas de letramento digital tendo em vista que este poderia implementar todo o processo de inserção bem como levar o professor a uma reflexão crítica acerca do universo cibernético.

4.3.3 Grupo de discussão

Os grupos de discussão são utilizados na presente investigação como um dos instrumentos de coleta de dados que privilegia as interações e uma maior inserção do pesquisador no universo dos sujeitos, reduzindo assimos riscos das interpretações equivocadas sobre os dados coletados.

O grupo focal ou grupo de discussão, como técnica de pesquisa qualitativa, apresenta-se como uma possibilidade para compreender a construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos acerca de um tema específico. Apoiado nos questionários grupais (Bogardus, 1926; Merton, 1990), tal técnica pode ser usada em três perspectivas: i) como principal fonte de dados (self-contained), ii) como fonte suplementar de dados, tanto para subsidiar programas de intervenção, quanto elaborar instrumentos de pesquisa experimental e quantitativa e iii) como fonte complementar de dados, ao ser associado às técnicas de questionários em profundidade e de observação participante (Morgan, 1988).(VEIGA, 2001, p. 8)

O grupo de discussão insere-se numa abordagem mais ampla, buscando inserir o pesquisador no contexto social e cultural dos participantes da pesquisa visando melhor interpretar suas ações. Contudo, o objetivo central do grupo de discussão reside na capacitação de efetuar mudanças no plano social e criar condições para que os participantes da pesquisa possam exercer um papel mais ativo nos processos de produção do conhecimento e, ao mesmo tempo, complementar dos dados da pesquisa associados aos outros instrumentos de obtenção de dados, dando-lhes maior poder de transformação.

Pode-se observar que os grupos de discussão, além de cumprirem a finalidade de instrumento de pesquisa, constituem um meio de reflexão para os participantes ampliando a compreensão e avaliando inserção de digital em sala de aula, estando associada aos demais instrumentos selecionados para a coleta de dados.

4.4 ÉTICA NA PESQUISA

Com relação à ética na pesquisa, Flick (2009, p.51) relata que “a suscetibilidade, cada vez maior ao longo dos anos, às questões éticas da pesquisa conduziu a um processo de formulação de códigos de ética e de instituições de comitês de ética em diversas áreas”. Desse modo, toda pesquisa deve ser estabelecida em assonância com a Resolução 196/1996, para assim cumprir os deveres estabelecidos pela comunidade científica e assegurar aos participantes seus direitos.

Outrossim, com relação à aceitabilidade dos sujeitos em participar da pesquisa, “a preocupação do pesquisador deve ser sempre a de evitar danos e prejuízos a todos os participantes a todo custo, salvaguardando direitos, interesses e suscetibilidades.” (CELANI, 2005, p.110).

É de extrema responsabilidade de o pesquisador propiciar ao participante o conhecimento total da pesquisa de modo que a aceitação em fazer parte dela seja realizada de maneira esclarecida pelo pesquisador ao participante.

A preocupação do pesquisador deve ser a de evitar danos e prejuízos a todos os participantes a todo custo, salvaguardando direitos, interesses e suscetibilidades. Já que não poderá nunca eliminar a relação assimétrica de poder, porque, afinal de conta, quem toma decisões do ponto de vista epistemológico, e também do ponto de vista dos procedimentos a serem adotados é o pesquisador. (CELANI, 2005, p. 110)

4.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos citados anteriormente, reitero que a presente pesquisa objetiva analisar como as práticas de letramento estão sendo vistas na escola do ponto de vista dos professores de duas escolas: uma Estadual e uma privada no interior do Paraná. Convém destacar que a hipótese, de que as tais práticas podem não estar inseridas na escola, partiu de experiência de docência da pesquisadora e da não inserção de muitos professores nesse universo digital.

Sendo assim, a presente pesquisa foi delineada do seguinte maneira:

4.5.1 Visita às escolas seguida de questionário com docentes, direção e coordenação,

A primeira etapa da pesquisa foi a visita às escolas visando observar questões de infraestrutura e também a apresentação da proposta de trabalho aos professores e demais membros do corpo docente. Convém destacar que essas visitas ocorreram em épocas diferentes devido ao calendário escolar e alguns problemas de ordem técnica nas escolas.

Nesse primeiro momento, a pesquisa ocorreu com todo o corpo docente, coordenadores e direção das escolas por meio de questionário escrito (anexo 2). O trabalho foi realizado em duas escolas, uma escola pública e uma escola particular, a fim de verificar como o processo de inserção de tecnologias digitais acontece nas diferentes realidades sociais por meio de amostragem. Objetivei assim investigar a) as práticas de letramento digital e a relação dessas práticas com a sala de aula; b) como as escolas trabalham com as novas tecnologias, c) questões que podem apresentar uma triagem identitária dos participantes, de modo que sirvam de subsídios para a seleção daqueles que participarão ativamente da pesquisa.

Na escola privada as visitas aconteceram do dia 16 de janeiro a 27 de janeiro de 2012. Nesses dias aconteceram as reuniões pedagógicas e planejamento dos professores. Primeiramente exposto o projeto de pesquisa à diretora da escola, a qual prontamente atendeu a minha solicitação e abriu as portas da instituição, concedendo a declaração de ciência da pesquisa e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, aprovado pela comissão de Ética da Universidade Estadual de Ponta Grossa sob o nº de parecer 156/2011. Durante duas semanas conversei com grupos de professores, separados por áreas de atuação, conforme calendário da escola, apresentando o projeto de pesquisa e solicitando a participação por meio

do questionário. As respostas dos participantes dessa primeira etapa foram encaminhadas para o *e-mail* da pesquisadora ao longo dos meses de fevereiro e Março de 2012.

Na escola pública, a visita aconteceu no início do mês de fevereiro de 2012. E novamente, fui prontamente atendida pela diretora que aceitou a participação da escola e dos professores na pesquisa. A exposição do trabalho para o corpo docente dessa escola ocorreu em uma reunião coletiva porque o corpo docente, durante a semana pedagógica, participava de cursos de capacitação todos os dias. No entanto, já nessas duas visitas iniciais, fiquei sabendo que o laboratório de informática da escola passava por reformas por ter recebido novas máquinas do governo federal. Por essa razão o primeiro bimestre do ano uso do espaço estaria impossibilitado. Desse modo, a etapa seguinte da pesquisa não poderia ocorrer durante o primeiro bimestre nas duas escolas simultaneamente. Portanto, na escola pública durante o primeiro bimestre foram feitas apenas os questionários.

A partir dos dados coletados por meio de questionário, os professores das duas escolas foram convidados a participar efetivamente da pesquisa, tendo como pressuposto a formação de um grupo de cinco participantes em cada uma das escolas. É conveniente destacar que os participantes não seriam apenas professores de línguas, pois parto do princípio de que “linguagem” permeia todas as práticas sociais e não apenas as aulas de línguas.

Simultaneamente às primeiras visitas e os primeiros questionários, coletei dados específicos acerca do ambiente escolar, política pedagógica e infraestrutura. Essa primeira coleta teve por objetivo aprofundar e esclarecer inquietações dos dois primeiros objetivos da pesquisa, contextualizando e evidenciando as ligações das informações com o referencial teórico.

4.5.2 Proposta de inserção de uso do digital em sala de aula

Após a amostragem coletada no questionário, propus aos professores o trabalho com tecnologia digital em suas disciplinas, durante um bimestre em sala de aula de maneira mais detida. Essa etapa da pesquisa tencionou investigar configurações identitárias dos professores, participantes efetivos, no espaço cibernético por meio de *blogs*, visando à reflexão crítica da própria atuação. Os textos dos *blogs* (anexo 3) são utilizados como meio para acompanhar os professores que efetuaram a inserção das práticas de letramento digital, esperando relatos autobiográficos nos quais pudesse se observar obstáculos e facilidades, necessidade ou não de uso de tecnologias, métodos empregados, vantagens e desvantagens e toda uma gama de desafios com o trabalho proposto dentro da realidade dos participantes.

Na escola particular, três professores se propuseram a participar da segunda etapa da pesquisa, já na escola pública, a princípio quatro professores se prontificaram, no entanto um deles refletiu sobre a proposta e achou que não conseguiria desenvolver o trabalho. Então três professores participaram efetivamente da segunda etapa. Logo, fiz uma reunião com os professores participantes efetivos da pesquisa para assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e para uma breve discussão sobre as possibilidades do trabalho e esclarecimento de dúvidas. Nesse momento, disponibilizei materiais de apoio¹² para esses participantes e esclareci dúvidas de como seria o acompanhamento dessa etapa da pesquisa.

As impressões e subjetividades desse trabalho com linguagem digital me foram repassadas por meio de *blogs*, na plataforma *blogger*, criados pelos professores, os quais funcionaram como diários autobiográficos, e, por conseguinte foram analisados por mim. Além disso, expliquei aos professores que os *blogs*, criados por eles, seriam abertos aos demais professores da escola a fim de que pudessem conhecer como seria o trabalho, dar sugestões e colaborar nas possíveis dificuldades da inserção. Desse modo, busquei verificar como os professores fizeram a inserção da linguagem digital e que mudanças aconteceram com tecnologia digital presente na sala de aula.

4.5.3 Grupos de discussão

Os grupos de discussão visavam reconfigurações identitárias com vistas à reflexão crítica da própria atuação, do processo todo de trabalho com o digital, a fim de discutir as situações mais recorrentes nos *blogs* além de juntos, professores participantes e pesquisadora refletirem os conflitos e sucessos do trabalho. Após o término da segunda etapa, a qual foi exposta anteriormente, busquei topicalizar alguns pontos recorrentes nas postagens dos *blogs* e apresentei aos professores para discussão. Expliquei que a discussão objetivava uma troca de experiências entre professor e pesquisador, além de uma reflexão crítica acerca dos

¹²CARVALHO, Ana Amélia A. **Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores**. Editor Ministério da Educação, Direção geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Diretora Geral da DGIDC- Joana Brocardo, 2008. Apostila disponível *online*, sendo assim foi encaminhada em PDF para os participantes, além de uma versão impressa disponível nas escolas.

Também disponibilizei o livro de Luiz Fernando Gomes, intitulado “**Hipertexto no cotidiano escolar**” editado em 2011, tendo em vista que o livro dispunha de uma linguagem bastante didática e acessível demonstrando sugestões do trabalho com hipertexto.

letramentos digitais. Os grupos de discussão resultaram no último texto postado nos respectivos *blogs*. (anexo 4)

No mês de junho de 2012, o primeiro grupo de discussão aconteceu com os professores da escola particular porque as primeiras etapas aconteceram no primeiro bimestre do ano letivo. Apenas dois participantes compareceram, no entanto o grupo de discussão foi bastante profícuo, uma vez que os participantes estavam receptivos e abertos para a discussão. O ciclo de ação, reflexão e ação se instaurou resultando num processo de reflexão crítica sobre a prática docente.

A discussão com os professores da escola pública aconteceu em outubro de 2012, nas dependências da escola durante a hora atividades dos professores. Muito embora tivéssemos pouco tempo para discutir mais detalhadamente os tópicos por mim expostos, o encontro foi imensamente rico e inquietante, apontando para muitos outros vieses de pesquisa e de olhares outros que precisam estar atentos no universo escolar.

Finalmente em novembro de 2012 o último encontro aconteceu, reunindo os professores de ambas as escolas. Enviei *e-mail* a todos perguntado a respeito da disponibilidade de cada um e quais sugestões teriam para a discussão. Os professores solicitaram perguntas diretas para discussão, sugeriram alguns pontos a serem discutidos já que seria a primeira vez que estariam todos juntos. O encontro final durou aproximadamente três horas de discussão intensa e crítica, houve envolvimento engajado de todos os participantes que expuseram seus pontos de vista acerca das questões apresentadas. Essa discussão resulta no último texto dos *blogs*, marcando então a finalização de coleta de dados.

4.6 - PERFIL DAS ESCOLAS¹³

4.6.1 Escola Privada:

A escola é uma instituição educativa destinada à formação integral de crianças e adolescentes, ofertando a esses a Educação Infantil, Ensinos Fundamental, Médio, Médio Integrado e a Educação Profissional de Nível Técnico para jovens e adultos em conformidade com a legislação em vigor. Ela funciona em três períodos sendo Manhã: 7h – 12h20min, Tarde: 13h – 17h15min e à Noite: 17h40min – 22h50min. Possui capacidade para 420 alunos / turno e está situada em uma rodovia às margens da cidade.

¹³Buscando salvaguardar as identidades das escolas e dos participantes efetivos da pesquisa, farei uma apresentação do perfil delas sem atribuir um nome específico referenciando apenas como escola pública e escola privada.

A filosofia e princípios pedagógicos da escola tem a concepção teórica interacionista, com a crença de que com os teóricos Piaget e Vygotsky, que a embasam. Sabemos que é possível formar cidadãos críticos, capacitados o bastante para serem agentes transformadores de sua própria vida e da realidade que os cerca, num futuro não tão distante e assim organizar-se em torno dos quatro pilares da educação, segundo relatório da UNESCO:

- Aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão;
- Aprender a fazer; para poder agir sobre o meio envolvente;
- Aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.
- Aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas.

Quanto à escolaridade dos pais a maioria possui Ensino Fundamental e Médio completo. Em relação ao trabalho dos pais, a maioria é empregada, vindo também um número razoável de autônomos. A maioria também é da religião católica, vindo em segundo plano a evangélica. Verifica que a grande maioria possui casa própria e que a renda familiar varia entre 4 a 8 salários mínimos, aproximadamente.

Em relação às condições físicas da escola possui: Laboratório de Física, Química e Biologia, Biblioteca (horário de atendimento coincide com o horário de funcionamento do Colégio), Laboratório de Informática (sem computadores conectados à internet), no entanto possui a rede de wireless que funciona apenas em um dos blocos da escola, 13 Salas de Aulas, um estúdio de rádio onde os alunos desenvolvem trabalhos ligados ao ateliê de rádio. Possui cantina terceirizada, além das demais instalações exigidas por lei.

O corpo docente da escola conta com nove professores na Educação infantil, oito professores no fundamental I, 31 professores no fundamental II e Ensino médio e vinte professores na Educação profissionalizante. A equipe pedagógica conta com uma diretora e três coordenadoras. Desse total de professores, a presente pesquisa delimitou apenas os professores do Ensino fundamental II e Ensino Médio e as equipes pedagógicas da escola.¹⁴

O texto aqui apresentado foi retirado na íntegra do Plano Político Pedagógico da Escola. É importante agradecer à secretária e à direção da Escola pela receptividade e pronto atendimento em fornecer as informações solicitadas.

¹⁴Tendo em vista que a escola não dispõe de um laboratório de informática com acesso à internet, a pesquisa tornava-se de difícil execução com o fundamental I, uma vez que os alunos precisariam trazer computadores portáteis de casa, o que dependeria também da autorização e esclarecimentos com os pais. Em relação ao ensino profissionalizante, os cursos são focados para a indústria e os profissionais que atuam como professores são engenheiros e técnicos da área industrial que não possuem formação docente, sendo assim preconizei que me distanciaria do foco da pesquisa que trabalha com a visão dos professores efetivamente.

4.6.2. Escola pública

Atualmente a escola funciona no período matutino com nove turmas e no vespertino com seis turmas do Ensino Regular, duas Salas de Apoio para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem das 5ª séries e duas das 8ª séries, além de duas Salas de Recursos. A Escola ainda conta com duas atividades complementares, sendo uma de futsal e outra de dança. Possui 417 alunos, é mantida pelo Governo do Estado do Paraná e considerada escola urbana mesmo localizada a cerca de 3 km da cidade situada em uma das vilas que a cidade comporta. Conta com 39 professores, 1 diretora, 3 pedagogas e 8 funcionários (agentes educacionais I e II).

A escola possui laboratório de informática com vinte e cinco computadores conectados à internet, porém esse espaço está vinculado à sala dos professores e à biblioteca. Esse mesmo espaço funciona também como sala de recursos e acontecem as aulas de apoio. A instituição também possui rede de wireless.

Na escola busca-se uma relação entre quantidade e qualidade, pois o Estado oportuniza o acesso à escola e nos deparamos com diferentes problemas para conseguirmos uma educação de qualidade. Neste sentido a escola busca preparar o indivíduo para a autonomia pessoal, sua inserção na sociedade e emancipação social, pois cidadão é aquele que participa efetivamente do poder de decisão na sociedade.

A Escola recebe alunos de várias localidades, inclusive filhos de famílias do campo.

Os profissionais são qualificados e capacitados para as funções que exercem, oportunizando aos nossos alunos uma educação de qualidade, através de metodologias diversificadas, procurando desenvolver atividades que despertam o interesse, a criatividade, a compreensão e a interação de todos os nossos alunos.

O espaço físico da Escola se encontra num terreno de 100m² x 100m², o qual foi uma doação e o prédio escolar possui 961,50m² de área construída. A maior parte da área construída foi efetivada pela prefeitura do município, mas todos procuram trabalhar em parceria para garantir um ensino de qualidade aos alunos da Vila e demais localidades.

No período matutino são atendidos somente os alunos de 5ª a 8ª séries e no período vespertino ocorre a dualidade administrativa que atende alunos das séries finais do Ensino Fundamental juntamente com a Escola Municipal, que atende alunos da pré-escola a 4ª série.

A pesquisa elencou apenas os professores de 5ª a 8ª série e a equipe pedagógica para a participação a pesquisa, uma vez que a educação infantil requer formação específica.

4.7 SUJEITOS DA PESQUISA

4.7.1 Professores participantes efetivos da pesquisa

Participante 1 – Escola pública

É professor formado em Letras (Português/Inglês) FAFI –União da Vitória - PR2000. Possui especialização em Psicopedagogia Institucional pela mesma Instituição, concluída em 2006. Suas principais experiências como profissional na área de Educação são Professora do Ensino Fundamental (séries iniciais e finais) e Ensino Médio no Estado de São Paulo;Educadora nos Centros de Educação Infantil do Município de União da Vitória – PR;Professora contratada pelo Paraná Educação na rede estadual, município de União da Vitória –PR;Professora na rede particular do Ensino Fundamental (séries iniciais e finais) e Ensino Médio no município de São Mateus do Sul –PR;Atualmente QPM da disciplina de Português lotada na E. E. P.O.D. e da disciplina de Inglês. Atua no magistério há 12 anos.

Participante 2 – Escola pública

É professor com formação de Pedagogia - UNC – Canoinhas e Normal Superior Com Mídias Interativas – UEPG. Possui especialização em Educação Especial pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória e especialização em Neuropsicopedagogia pela Sensupeg. É concursado há 10 anos, sendo 5 anos sala de aula series iniciais e 5 anos com Educação Especial - Sala de Recursos. Também é concursado há 7anos na Disciplina Educação Especial em Sala de Recursos e Disciplina específica de Curso Normal.

Participante 3 – Escola pública

O professor não forneceu os dados solicitados.

Participante 1 – Escola Particular

Possui formação em Comunicação Social - Bacharelado em Rádio, TV e Multimídia; Artes Visuais com ênfase em computação. Também tem especialização em Cinema e vídeo com ênfase em cinema independente e produção de baixo orçamento. Atualmente é mestrando em Ensino de ciências e tecnologia. Atua como profissional a educação há cinco anos em escola de inglês e 3 anos Colégio particular, onde além desta, ministra as disciplinas de fotografia técnica e radiodifusão.

Participante 2 – Escola particular

Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Atualmente leciona as disciplinas de Geografia e História para Ensino Fundamental e Médio, Sociologia para Ensino Médio e Comunicação Linguística para Curso Técnico. Atua como profissional da Educação desde 2009 para Ensino fundamental e médio.

Participante 3 – Escola particular

Tem formação em ciências com habilitação em Biologia pela FACIPAL – Faculdades Integradas de Palmas (2002). Também tem especialização em Ciências: Matemática, física, Química e Biologia pelo Centro Universitário Campos de Andrade (2003). Atuou como professor de Ensino Fundamental e médio no Estado do Paraná pelo processo Paranáeducação de 2002 a 2003 e em Regime PSS de 2003 a 2006. A partir de 2008 até 2012 passou a atuar na esfera particular na disciplina de Biologia para Ensino médio.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

*“Vivendo , se aprende; mas o que se aprende,
mais, é só a fazer outras maiores perguntas”
(Guimarães Rosa, 2001)*

Inicia-se essa etapa importante do trabalho já sem a máscara da ingenuidade, com a qual se acreditava na existência de respostas. Por isso as palavras de Guimarães Rosa nessa epígrafe justificam um pouco do que aqui se apresenta. O exercício de distanciamento das experiências em sala de aula e a de pesquisador muito ajudaram a olhar para os dados pela ótica dos participantes, da realidade de cada um, do olhar identitário particular. Os métodos de coleta de dados propostos tinham essa finalidade, possibilitar mostrar como o professor vivencia e experiência as práticas de letramentos digitais.

Diante dessa perspectiva do olhar e das vivências do outro, do se redescobrir continuamente, apresenta-se momentos da pesquisa que são relevantes para a discussão. Primeiramente, de acordo com a metodologia apresentada foi proposto que os professores encaminhassem as respostas dos questionários via *e-mail* e, que na segunda etapa da pesquisa, os participantes efetivos criassem *blogs* a fim de servir como diários autobiográficos. Quando se elaborou tal proposta, partiu-se do pressuposto subjetivo de que todos os professores dispõem de computador e internet em casa. E esse é um detalhe pertinente para a análise, uma vez que, na primeira etapa da pesquisa, deparou-se com dois professores que disseram entregar as respostas por escrito por não ter condições financeiras de manter a internet em casa, sendo assim somente nas escolas onde trabalhavam é que tinham acesso e, devido ao grande número de aulas que lecionam não tinham tempo para mandar por *e-mail*. Além disso, a rede internet nas escolas nem sempre funciona adequadamente.

Nesse ínterim é que Giddens (2002) assinala que a vida social moderna é caracterizada por processos de reorganização de tempo e espaço associados a mecanismos de desencaixe. As influências do mundo globalizado assim projetam dor, angústia, insegurança. Essa vida moderna exige desse modo reflexões de como os indivíduos estão inseridos nela. Como essa velocidade de informações trazidas pelas tecnologias digitais influencia no trabalho do professor em sala de aula. Ao que parece, ratificam-se as inferências de Bauman (1998) de que para os globais o espaço não existe já para os locais – o que nesse caso destaco como os professores que não podem ter essa tecnologia disponível – estes estão presos e essa situação é tudo menos liberdade.

O segundo momento a ser destacado está ligado à construção dos *blogs* criados pelos professores. Quando se escolheu a criação do que aqui se chama de diários, foi dito que os professores deveriam postar suas impressões sempre que trabalhassem com os alunos em sala de aula, deixando sempre claro as vantagens, desvantagens e dificuldades, se o trabalho é pertinente ou não, etc. Sendo assim, o *blog* seria alimentado durante o bimestre de trabalho com várias postagens, era o que se esperava. No entanto, isso não aconteceu de fato. Primeiro porque dois professores não participaram dessa etapa, mesmo tendo assinado o termo de consentimento. Evidentemente é direito dos participantes desistirem da pesquisa, seja qual for o motivo.

Em seguida, os quatro professores que participaram até o final, também demonstraram dificuldades no trabalho com tecnologias. Um dos participantes, após o trabalho desenvolvido em sala de aula, desistiu do magistério por tempo não determinado. Muito embora, tenha participado comprometidamente das discussões. Não se apresentam os motivos que o professor alegou por não ser foco dessa pesquisa. Após a demissão de sala de aula, esse professor também desligou a rede de internet em casa, encaminhando os textos dos grupos de discussão salvos em *pen-drive*. Além disso, teve inúmeras dificuldades na criação do *blog* e na sua utilização.

Outro participante criou o *blog*, no entanto esqueceu a senha e não sabia como fazer para recuperá-la. Tentou-se explicar como deveria ser feito a recuperação da senha, no entanto o participante não obteve sucesso e não conseguiu efetuar postagem alguma em seu diário. As percepções do trabalho com tecnologia digital foram encaminhadas via *e-mail*, em um único texto. Pereira (2007) destaca que é necessário dominar a tecnologia de informação para de ele extrair conhecimento. Nesse sentido, acredita-se que as dificuldades apontadas já desencadeiam uma série de questionamentos e reflexões no docente de modo a observar mais detidamente os inúmeros recursos disponíveis na *web* e como podem ser utilizados. No grupo de discussão, o professor trouxe à guisa suas dificuldades e, ainda, acrescentou que a partir das suas limitações acredita que as práticas de letramentos digitais devem ser como uma via de mão dupla, ou seja, tanto professores como aluno precisam conhecer tais tecnologias e juntos tentar compreender os desdobramentos delas para a educação.

Por último, faz-se necessário deixar claro que na escola pública, o processo de inserção de meios digitais em sala de aula não pôde acontecer no primeiro bimestre do ano letivo de 2012 conforme se esperava, porque os computadores da escola deveriam ser desmontados para serem instaladas novas máquinas advindas do programa *ProInfo* do

governo Federal. No entanto, isso não aconteceu, apenas consertaram as máquinas que não funcionavam, ou pelo menos era para ter sido consertada. Portanto, a segunda etapa da pesquisa começou no segundo bimestre do ano letivo de 2012.

Em contrapartida, durante o trabalho dos professores com a intervenção do digital na prática docente, o laboratório de informática foi desmontado. O que deveria ter sido feito no início do ano letivo, acabou acontecendo na metade. Isso gerou um transtorno para os participantes da pesquisa, pois não foram avisados de que isso iria acontecer. Os professores souberam por acaso, ao chegarem à escola, durante os minutos que antecedem a entrada em sala de aula que a partir daquela data estariam sem o laboratório. Cientes do fato conseguiram salvar o trabalho que desenvolviam com os alunos em memória externa.

Em virtude do que foi descrito acima o processo interventivo com o digital teve de ser encerrado durante o processo uma vez que um técnico ainda precisaria ser nomeado, e ao que foi determinado estava em férias. Ainda aguardou-se um prazo de vinte dias na esperança de que os professores conseguissem encerrar a proposta do projeto, o que não aconteceu. Até o momento do último grupo de discussão, dia 19 de outubro de 2012, a escola permanecia com os equipamentos encaixotados.

Diante dessas preliminares, o objetivo principal dessa análise foi:

→ Investigar se as práticas de letramento digital são vistas e utilizadas nesse grupo de escolas, a partir da visão dos professores.

Na tentativa de compreender o objetivo principal buscou-se também:

→ Verificar como as práticas de letramento digital são vistas no conjunto de escolas pesquisadas;

→ Descrever se as práticas de letramentos digitais são trabalhadas nessas escolas pelos professores nas suas práticas de sala de aula e em que proporção isso ocorre;

→ Investigar configurações identitárias dos professores, participantes efetivos, no espaço cibernético por meio de *blogs*, como escrita autobiográfica visando à reflexão crítica da própria atuação.

Mesmo não sendo objetivo trabalhar com modelos pré-estabelecidos de análise, procurou-se tematizar em tópicos, de acordo com as seções da teoria que abaliza essa investigação, a fim de que os dados coletados ficassem mais claros e objetivos. Lembrando que a especificidade maior se pauta sempre em narrativas do eu conforme Hall (1994).

A partir dos objetivos e da preocupação acima destacada, procurou-se selecionar os instrumentos de coleta de dados que evidenciassem a visão dos participantes, sempre

objetivando maior liberdade de expressão para que em momento algum os participantes pudessem se sentir intimidados ou coagidos. É salutar destacar que os objetos dessa análise se baseiam em um questionário aberto feito com professores, equipes pedagógicas e direção de duas escolas, sendo uma particular e outra pública. Também são discutidos os *blogs* criados pelos professores participantes da intervenção e associados aos grupos de discussão que ocorreram após os processos interventivos. Em todas essas situações os dados foram registrados por meio da escrita, ora via *e-mail* ora nas postagens dos *blogs*.

5.1 APRESENTAÇÃO E RECEPTIVIDADE DA PROPOSTA DE PESQUISA

Nesta seção descreve-se a trajetória para a coleta de dados do primeiro instrumento de pesquisa: o questionário e como foi a receptividade das escolas e dos professores.

5.1.1 Escola pública

O primeiro contato com a escola pública foi bem recebido pela diretora da Instituição que acolheu a pesquisa prontamente, além de ela considerar muito pertinente esse trabalho para os professores. Nesse primeiro contato com a escola, a coordenação pedagógica também participou, levando em consideração que a equipe trabalha em conjunto com o corpo docente.

Após esse primeiro contato, a assinatura do termo de compromisso com a pesquisa e todos os trâmites burocráticos da pesquisa, a diretora permitiu a presença da pesquisadora a semana toda na escola durante o intervalo das aulas a fim de que pudesse apresentar a proposta aos professores. Tendo em vista que a diretora não tinha nenhuma reunião pedagógica agendada com o corpo docente, foi necessário ir à escola ao longo da semana.

No decorrer dos dias, travou-se uma conversa com os professores para que fosse apresentado a proposta, os objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada. Durante esse processo, o questionário impresso era entregue para cada professor, além de disponibilizar os *e-mails* para o encaminhamento das respostas. Reiterava-se que, caso alguém não se sentisse à vontade para responder via *e-mail*, poderia responder manuscrito e entregar à equipe pedagógica. Destacou-se o retorno para uma conversa com os docentes após o término do questionário para esclarecer dúvidas sobre a segunda etapa da pesquisa e aguardar por aqueles que estariam interessados. A pesquisadora solicitou que os questionários fossem entregues dentro de um prazo de trinta dias a fim de ter tempo hábil se preparar, haja vista todo o trabalho que o professor tem para o planejamento das aulas.

Após a semana de apresentação, solicitou-se à direção da escola os endereços eletrônicos de todos os professores para encaminhar a questionário também virtualmente.

Vencido o primeiro contato, permaneceu-se no aguardo de respostas. No entanto, passaram-se quinze dias e nenhuma resposta chegou à caixa de *e-mails*. Nesse momento, decidiu-se por encaminhar aos professores, novamente, *e-mails* e gentilmente foi solicitado aos professores a participação deles, tendo em vista que nesse primeiro momento da pesquisa, poder-se-ia conhecer a realidade da escola, dos professores e a disponibilidade deles em participar da segunda etapa, a inserção de linguagem digital em sala de aula.

Continuou-se no aguardo, e ao final de uma semana, permanecia-se sem resposta. Novo *e-mail* foi encaminhado, uma vez que já estava findando o prazo que havia sido estipulado para o envio das respostas. No dia que encerrava o prazo, recebe-se o primeiro questionário, vindo da direção da escola. Aproveitou-se para agradecer o *e-mail* e agendar uma reunião com a diretora com o objetivo de encontrar soluções para a falta de retorno dos professores.

Na reunião, explicou-se à diretora e à equipe pedagógica o que havia acontecido. Prontamente, a diretora abriu espaço em uma reunião que teria com a equipe de professores para a qual todos os docentes tinham sido convocados. Na data marcada a pesquisadora compareceu e novamente apresentou-se a proposta de pesquisa, os objetivos, a metodologia e se ressaltou que a segunda etapa deveria iniciar no primeiro bimestre do ano letivo. Entregou-se novas cópias do questionário a todos os professores e solicitou-se que respondessem em dez dias, no retorno marcado para conversar com os professores que tivessem interesse de participar da segunda etapa, visto que nesse momento foi apontado que, juntamente com as respostas, os professores já acenassem se teriam interesse em participar da inserção de tecnologia digital em sala de aula. Convém destacar que as datas estipuladas visavam ter tempo para delinear o trabalho com o digital durante o período de planejamento dos professores.

Nos dois dias seguintes, mais duas participações foram recebidas. Tornou-se a encaminhar *e-mail* com o questionário explicando todos os passos. No entanto, permanecia a ausência de respostas. Retornou-se à escola para uma nova conversa com a equipe pedagógica e recebeu-se a notícia de o laboratório de informática estar recebendo equipamento novo, e a chegada dessas máquinas levaria aproximadamente quinze dias para ficar pronto, uma vez que estavam no aguardo de um técnico a ser nomeado pelo Núcleo Regional de Educação que tem sede em União da Vitória.

Enquanto as respostas iam chegando, a escola me pediu que novamente eu voltasse a conversar com os professores durante o intervalo das aulas, já que o ano letivo estava se iniciando e precisaríamos aguardar o laboratório de informática ficar pronto para ser utilizado pelos professores. Todo o processo de conversar com os professores em grupos menores durante o intervalo das aulas foi feito. No decorrer dessa semana, recebeu-se mais dois questionários. Além disso, dois professores já sinalizavam interesse em participar da segunda etapa da pesquisa.

Durante o período de aguardo do retorno do questionário, um dos professores que participaria da segunda etapa relatou que o laboratório de informática não ficaria pronto em quinze dias, provavelmente levaria o primeiro bimestre todo. Além dessa informação, o mesmo professor relatou que a direção da escola, solicitava aos professores, durante a hora atividade de cada docente, para responder o questionário. Essa informação pode ser confirmada, porque nos dias que sucederam, as respostas de alguns professores chegavam via *e-mail* da equipe pedagógica ou da direção.

Em relação ao laboratório demorar mais que o previsto, a direção confirmou que demoraria mais dias que o previsto. Sendo assim, comunicou-se ao diretor que seria melhor iniciar a segunda etapa da pesquisa no segundo bimestre do ano letivo de 2012. Enquanto isso permaneceria o aguardo pelas respostas do questionário e, já poderia ser adiantada a conversa com os professores que demonstraram interesse em participar da pesquisa nas etapas subsequentes.

Dessa forma, manteve-se contato com os professores interessados, fornecendo subsídios para o trabalho em sala de aula, bem como discutindo as inúmeras possibilidades de se trabalhar com a *Web* no dia a dia. Durante as conversas, uma das dificuldades apresentadas pelos professores foi o fato de o Estado do Paraná trabalhar com o sistema operacional *Linux*¹⁵, enquanto os professores, em casa em sua grande maioria, usam o sistema operacional *Windows*. A diferença de sistemas operacionais gera a necessidade de conversão de extensões de um sistema para o outro, isso impossibilitaria o trabalho daqueles professores que têm pouco domínio das tecnologias.

As conversas com os professores trouxeram também dados que se ponderam como relevantes para essa investigação. Relataram que há cursos de capacitação, muito embora

¹⁵Segundo o projeto do Paraná Educação a utilização do sistema operacional do *Linux* objetivou dominar o quanto antes as ferramentas educacionais em *software livre*, além da redução de custo de um sistema operacional em relação ao outro. Cabe destacar que o *Windows* é o sistema operacional utilizado em 97% dos computadores, segundo pesquisa de 2002 feita pela Fundação Getúlio Vargas, o que reafirma a sacralização do monopólio do *Windows* como líder hegemônico no mercado de *desktops* no Brasil.

poucos e, que nesses cursos, há muitos professores que não sabem ainda ligar um computador. Outros que participam apenas para cumprir as horas de formação continuada, mas que não se interessam em aplicar o que os cursos oferecem. Cabe ressaltar que existem alguns professores que não o fazem porque demandam de uma carga horária semanal de 45 a 60 horas de trabalho. Também disseram que os computadores das escolas deixam de funcionar quando são usadas as redes sociais ou sites tidos como proibidos. Segundo os professores, os computadores disponíveis no laboratório da escola não funcionam devidamente, apenas sete das vinte e cinco máquinas estão em condições de uso. Esse quadro também foi apresentado em uma capacitação na qual o instrutor não conseguiu ministrar seu curso porque os computadores não funcionavam adequadamente. Nessa ocasião, o instrutor enviado pelo núcleo explicou aos professores que eles deveriam entrar em contato com o número da ouvidoria para relatar os percalços enfrentados com o uso das tecnologias. Os docentes ressaltaram que a maioria deles não usa tecnologia e os poucos que usam não ligam para ouvidoria para relatar os problemas.

Ao final do mês de março de 2012, o laboratório ficou pronto. Cabe aqui destacar que as máquinas novas não foram instaladas, apenas foram concertados os equipamentos que apresentavam defeito. Sendo assim, a escola possui máquinas mais novas, porém permanecem encaixotadas. Nesse momento também encerrou-se o recebimento do questionário. Nesse período haviam dezesseis questionários, sendo que desses apenas três demonstraram interesse em participar da segunda etapa. No entanto, apenas dois deles de fato participaram. Os demais alegaram falta de tempo, poucos computadores para o número maior de alunos em sala de aula, excesso de trabalho, entre outros. Os dois professores que se dispuseram a participar efetivamente, iam trabalhar em classes de apoio por ter um número reduzido de alunos e por ser um atendimento diferenciado.

Antes de iniciar o bimestre, os dois professores participantes foram convidados a ter alguns esclarecimentos, a retirada de algumas dúvidas. Assim, explicou-se o primeiro passo: o endereço do *blog* que cada um deles criaria para postar as impressões e relatos do trabalho desenvolvido nessa segunda etapa de pesquisa-ação. Nesse momento, a direção da escola pediu para conversar em particular com um professor sobre a pesquisa, porque julgava que o referido professor fosse se interessar pela proposta. Atendeu-se prontamente o pedido da direção e marcou-se um dia viável para a conversa.

Dois dias antes de iniciar o segundo bimestre, houve a conversa com professor indicado pela direção. O docente leciona na disciplina de Arte e disse acreditar que a

tecnologia ajuda muito no processo de ensino/aprendizagem, aproxima os alunos ao trabalho do professor, além de eles gostarem de ver seus trabalhos desenvolvidos nos ambientes virtuais. O professor relatou que possui *blogs* com os alunos em outras instituições em que leciona, muito embora isso demande muito trabalho, muitas horas de pesquisa. Ressaltou que na instituição em que a pesquisa foi proposta, o participante desconhece colegas que trabalhem com tecnologia nas aulas e que ele mesmo não utiliza o laboratório de informática por ter mais alunos que computadores e pela disciplina ter apenas uma aula semanal.

Convém trazer aqui as considerações de Silveira (2003) acerca do uso de tecnologias como adestramento e não como linguagem, uma vez que a criação dos *blogs* desenvolvidos pela professora é unilateral, todo o trabalho é feito pela docente, os alunos apenas recebem o resultado pronto. Sendo assim, acredita-se que o processo de construção do conhecimento não se efetiva completamente, já que os alunos não construíram o *blog* juntamente com o professor, não discutiram as imagens, o texto, o *design*, etc. Como Silveira (2003) destaca a tecnologia não faz parte do conteúdo programático, é apenas uma ferramenta que o professor utiliza para apresentar o produto aos alunos. Muito embora, precisem ser relevados os argumentos do professor sobre a falta de tempo em trabalhar junto com os alunos, uma vez que o participante dispõe apenas de uma aula semanal, mais o problema de infraestrutura de não haver computadores suficientes para cada aluno. Desse modo, o conjunto de fatores nos quais os professores estão inseridos no contexto educacional parecem ser fatores bastante contundentes para colaborar com a “*resistência*” dos professores em relação às práticas de letramentos digitais.

O participante ressalta que acredita no uso das tecnologias como ferramenta de trabalho em sala de aula, que a inserção de tecnologia digital rompe com métodos tradicionais de ensinar estimulando os alunos a aprender, mas salienta que isso ainda está longe de se tornar realidade, pois é uma atividade que demanda mais tempo de dedicação e percebe que os colegas demonstram resistência para realizar tal atividade. Além da necessidade de mudanças de paradigmas pré-estabelecidos pelo sistema de ensino. Esse professor passa a ser então o terceiro participante efetivo da pesquisa sobre reconfigurações tecnológicas na escola.

Ressalta-se que na escola pública, os questionários foram feitos no decorrer do primeiro bimestre do ano letivo. Já o processo de inserção de tecnologia digital em sala de aula iria começar apenas no segundo bimestre do ano letivo e os grupos de discussão ficarão apenas para o segundo semestre. Enquanto isso, na escola particular as três etapas da pesquisa já estavam ocorrendo. Além do mais, os limites apresentados nessa breve descrição já

demonstram algumas das dificuldades de os professores poderem trabalhar com TICs em sua prática docente. Por mais interesse que o professor demonstre em elaborar novos projetos, participar de outros trabalhos, ele necessita da demanda de outras esferas do sistema educacional que ultrapassam as possibilidades da escola. Ao contrário da escola particular que tem autonomia dentro dos ditames e regimentos do NRE.

5.1.2 Escola Particular

O primeiro contato com a direção da escola particular foi mais trabalhoso. A diretora da Instituição parecia muito resistente ao desenvolvimento de pesquisas dentro da Instituição. Apresentou-se a proposta de pesquisa, os objetivos, a metodologia. Após toda a apresentação, ela disse que parecia pertinente e, talvez, após esse trabalho ela pudesse ver tecnologia em sala de aula como algo profícuo. Abriu as portas da escola porque a investigação se propunha trabalhar somente com os professores, não com os alunos. A diretora se mostrou avessa a pesquisas que envolvessem alunos. Vale destacar que a pesquisa que envolve alunos, nas escolas de modo geral, requer além da autorização de pais, cuidados mais específicos. Em se tratando de escola particular, os melindres nesse quesito são ainda mais custosos. Assim, a preocupação da direção é bastante plausível em virtude da clientela que se apresenta.

Nesse primeiro contato, após as devidas apresentações ficou decidido o andamento da pesquisa dentro da escola, declarações, termos de consentimento, cópias do projeto para a escola. Ela permitiu a presença da pesquisadora em uma reunião com o corpo docente a fim de que pudesse ser apresentada a proposta aos professores.

No dia da reunião, A pesquisadora compareceu com um tempo de antecedência e conversou com alguns professores. Ao iniciar a reunião, a direção permitiu a apresentação da proposta de pesquisa em 10 minutos. Procurou-se fazer de modo mais claro possível e, já nesse momento, distribuiu-se os questionários aos professores, solicitou-se a eles que encaminhassem por *e-mail*, ou se preferissem, poderiam fazer manuscrito, uma vez que seriam recolhidos dentro de 15 dias. Como alguns professores estavam ausentes na reunião algumas cópias do questionário foram deixadas com a coordenação da escola.

No dia seguinte à reunião, solicitou-se à coordenação os endereços eletrônicos dos professores para encaminhamento virtual dos questionários. Nesse dia, a diretora da escola disse que talvez se conseguisse a participação dos professores mais jovens, porque os que trabalham na instituição há mais tempo estavam acostumados ao ritmo da escola e, certamente, não tivessem *e-mail* assim como ela. A coordenadora da escola ficou de

encaminhar os endereços por *e-mail* naquela semana e acrescentou que as perguntas do questionário estavam contra todo o trabalho da escola, sendo assim ficaria muito difícil de responder. Quer dizer, embora se apresente a corrente interacionista no Plano Político Pedagógico, a escola mantém fortes raízes da corrente tradicional, pautado no conteúdo e na figura do professor como detentor do saber. Diante disso, a direção da escola não via com bons olhos a possibilidade de apropriação de tecnologias digitais como uma possível modernização no processo de ensino/aprendizagem. Em vista do exposto acima, Coscarelli (2007) destaca que profissionais da educação precisam melhorar sua qualificação em relação à tecnologia, já que vivemos uma economia global que se baseia cada vez mais no conhecimento. Se esse processo não se estabelece, segundo a autora, a exclusão digital pode por em risco o futuro do país.

Em relação à lista de e-mail, nada foi passado. De volta à escola para uma conversa com a coordenação, a coordenadora disse que havia esquecido da lista solicitada dado o fluxo de trabalho e, porque a escola não tem um banco de dados com os *e-mails* e telefones dos professores. Após a cópia dos endereços de *e-mail* na escola, encaminhou-se o questionário para os professores e foi solicitado a participação deles, haja vista que essas respostas seriam relevantes para o desenvolvimento da segunda etapa da pesquisa. Também solicitou-se ajuda da coordenação da escola para lembrar os professores.

Aguardou-se mais uma semana e nenhuma resposta foi encaminhada. Novo retorno à escola para conversar com a coordenação. Eles disseram que haviam lembrado os professores e que não saberiam como ajudar de outra forma. Então, passou o cronograma de planejamento do ano letivo abrindo para a conversa direta os professores, já que estes tinham reunião marcada por disciplinas afins.

Durante duas semanas consecutivas aconteceram visitas à escola, reuniões com os professores, exposição do trabalho proposto para investigação, solicitação respostas dos questionários e, também já angariar interessados em participar da segunda etapa. Nesse período, perceberam-se como alguns professores se mostravam totalmente resistentes ao uso das tecnologias em sala de aula. Muitos comentavam que não gostavam do computador, outros que usavam por obrigação e uma parcela mínima tinha o hábito de usar, mas não conseguia vislumbrá-lo como instrumento de trabalho em sala de aula. Alguns professores assumiram que não faziam a mínima ideia do que tinha sido proposto, pois nunca tinham ouvido termos como *web 2.0*, letramentos digitais, etc. Indagou-se então se eles tinham cursos de formação continuada e, aqueles que lecionavam apenas nessa instituição disseram que há

tempo não participavam de nenhum curso já que a escola não oferecia oportunidades para capacitação e mesmo se buscassem por interesse próprio não poderiam utilizar na escola.

Ao final das duas semanas em contato com os professores, três professores se interessaram em participar da inserção de linguagem digital em sala de aula. Nesse período apenas os três participantes efetivos tinham respondido ao questionário. Tornou-se a encaminhar *e-mail* solicitando a participação dos professores no questionário e obteve-se pouco sucesso nessa investida. Como ainda haveria mais algumas visitas à escola para conversar com os professores participantes da segunda etapa a fim de fornecer subsídios para o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula, bem como esclarecer dúvidas, aproveitou-se a oportunidade e foi solicitada a participação dos demais professores.

Deu início ao ano letivo e constantemente os professores participantes da segunda etapa pediam ajuda para tentar desenvolver o trabalho. Isso porque a escola dispunha de um laboratório de informática, mas os computadores não têm acesso à internet. No entanto, como já foi dito a escola tem a rede *wireless* disponível em um dos pavilhões, todavia a rede não funcionava dentro de sala de aula. Para ter acesso à internet os professores precisavam se deslocar junto com a turma até a biblioteca. Procurou-se a direção da escola para solicitar a manutenção da rede, porém a escola afirmou que isso levaria alguns dias. Ao final dos primeiros quinze dias de aula, nenhum projeto dos professores conseguiu ser executado por problemas com a rede de internet.

Ao findar dois meses do início das aulas, havia recebimento apenas sete questionários, ainda tentou-se mais alguns *e-mails*, contudo sem êxito. Ao decidir encerrar o recebimento, dois professores entregaram o questionário manuscrito. Uma vez que não se recebia retorno por meio dos *blogs* durante o bimestre, entrou-se em contato com os professores, participantes efetivos da pesquisa, a fim de lembrá-los que era por meio dos *blogs* que se acompanhava o desenvolvimento do trabalho. Apenas um dos participantes postou três textos no *blog*, o segundo participante fez duas postagens e o terceiro não conseguiu desenvolver nada. Com este último participante, manteve-se contatos mais vezes por perceber a dificuldade, tentou-se auxiliá-lo, mas ele dizia que se sentia envergonhado por não ter feito nada. Sugeriu-se então que, mesmo não conseguindo desenvolver o trabalho em sala de aula, ele poderia construir o *blog* e postar suas dúvidas, dificuldades, percalços. Ressaltou-se a compreensão com a dificuldade enfrentada por ele, mas que por outro lado seria muito pertinente entender e refletir sobre esse ponto.

O bimestre acabou e o participante 3 não conseguiu executar seu projeto com os meios digitais. Ainda mais uma vez insistiu-se pelo relato dessa experiência, mas não houve a participação. Os demais professores, após o término do bimestre, postaram o texto final depois de duas solicitações via *e-mail*. Sendo assim, nessa instituição de ensino particular foram concluídos o questionário e a inserção de tecnologia digital em sala e aula. A terceira etapa visa a um grupo de discussão com os professores participantes, todavia a finalização dos grupos de discussão só poderiam se realizar no segundo semestre, haja vista que a segunda etapa da pesquisa na instituição pública ocorreria no segundo bimestre do ano letivo.

Ante a receptividade apresentada, apresenta-se o gráfico abaixo para expor os dados da aceitação da presente investigação.

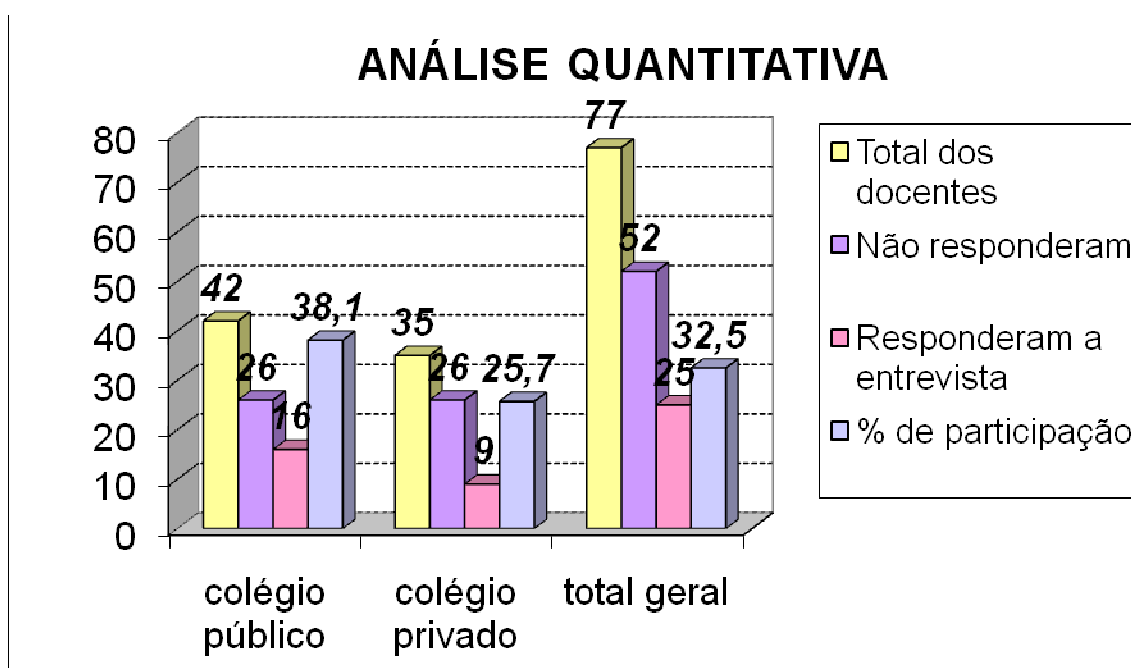


Gráfico 1 - questionário realizado com professores de duas escolas interior do Paraná durante os meses de fevereiro de 2012 a abril de 2012

Em relação aos números apresentados, pode-se supor que há um alto índice de rejeição em relação às práticas de letramentos digitais, não só pelo relato, mas talvez aconteça uma coerção para responder as perguntas do questionário. Essa não participação no processo de pesquisa já aponta para as escolhas que são feitas pelos professores, uma vez que o questionário buscava verificar se as práticas de letramentos digitais se faziam presentes na escola e em que proporção está acontecendo, bem como descrever como essas práticas são trabalhadas em sala de aula pelos professores. Diante desse quadro, apoia-se na pesquisa

bibliográfica para compreender como os letramentos digitais e também como as práticas sociais estão presentes no cotidiano das instituições e de cada pessoa na sociedade. Nesse sentido, Moran (2007) aponta que se vive o paradoxo de manter algo em que não se acredita mais, no entanto, conforme descrito, a maioria dos professores não se atrevem a incorporar plenamente novas propostas pedagógicas ou mesmo refletir sobre elas, uma vez que se caminha rapidamente para a sociedade do conhecimento e da informação.

Mesmo sem perceber, os professores estão inseridos nessa sociedade de informação e tecnologias digitais, tendo em vista o simples fato de a maioria dos professores encaminharem, via *e-mail*, as respostas do questionário; apenas dois professores entregaram por escrito.

No entanto, como se nota, possuir computador conectado à internet não é uma realidade para todos os professores, haja vista o fato de responderem ao questionário por escrito. Um dos professores afirmou não ter condições financeiras para manter um equipamento em casa e, portanto, tem acesso às tecnologias somente em outra instituição em que leciona, muito embora na outra escola nem sempre se consiga conexão. O que se nota é a urgência em perceber todo esse contexto e refletir criticamente, repensando modos de efetivar inserções em sala de aula, percebendo como práticas sociais são relevantes para o conhecimento do aluno e necessário para a ação deste na sociedade de forma consciente e crítica.

Em vista disso, pode-se acreditar que os conflitos vividos também pelos professores residem no que Giddens (2002) chama de vida social moderna que está caracterizada por profundos processos de reorganizações de tempo e espaço, que por razões perceptíveis no advento da internet deslocam as relações sociais e, por assim dizer, os espaços antes institucionalizados deixam de ter função principal, passando a ser globalizados e radicalizados atuando na transformação do conteúdo e da natureza social cotidiana.

5.2 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

No capítulo I apresentou-se uma discussão acerca dos avanços tecnológicos na sociedade atual, de modo a evidenciar a definição de tecnologia utilizada nessa discussão. Fazendo o apanhado histórico, procurou-se expor que o termo tecnologia não é algo novo sendo então inerente da humanidade. Feito esse percurso com o intuito de compreender linguagem como tecnologia e, assim adentrar a tecnologia e à educação.

Nesse sentido destacam-se os seguintes excertos oriundos do questionário e dos *blogs* dos professores feito com os profissionais das escolas.

<i>explicito a necessidade de se atualizar neste mundo digital</i>
<i>A necessidade de inserir a linguagem digital no universo do ensino e educação é eminente</i>
<i>Apesar de ser uma linguagem sem a qual não há como se trabalhar</i>
<i>os alunos estão quase todo tempo envolvidos com os recursos que o mundo tecnológico oferece</i>
<i>se essas viessem para a sala de aula</i>
<i>A linguagem digital está se instalando em nossas vidas de modo progressivo, rápido e inevitável</i>
<i>A tecnologia é um meio/fim facilitador da aprendizagem</i>
<i>usar a tecnologia como forma de linguagem proporciona maior envolvimento e entusiasmo dos alunos</i>
<i>grande maioria de professores que se recusam a aprender e também usar a tecnologia como aliada na sua prática docente</i>
<i>é fazer com que as mídias sejam aliadas dos professores e não suas inimigas</i>
<i>Apesar dos professores entenderem e reconhecerem a necessidade de sua utilização percebe-se que ainda existe a dificuldade para a implantação</i>
<i>Os professores percebem mas muitos ainda se opõem</i>
<i>medo, entre os educadores de utilizar as novas mídias para ampliar a educação</i>
<i>O professor estimula o uso destas tecnologias</i>
<i>novas tecnologias como forma de aprendizado</i>
<i>a evolução tecnológica acontece muito rapidamente</i>
<i>há os que não acreditam na importância da tecnologia</i>
<i>Acompanhar as inovações tecnológicas é um desafio diário</i>
<i>a diferença que o professor vê nas tecnologias a possibilidade de aprendizagem e os alunos as percebem mais como diversão.</i>
<i>Se o professor estiver disposição e acesso, conseguirá acompanhar o uso das novas tecnologias.</i>
<i>maioria dos professores sente-se preparado para o uso das novas tecnologias</i>
<i>as escolas não estão equipadas</i>
<i>Cabe aos professores lançar mão do uso de tecnologias de modo a instigar a curiosidade</i>
<i>falta estrutura nas escolas</i>
<i>faz-se necessário um ensino com o envolvimento de recursos tecnológicos para as aulas ficarem mais atrativas</i>
<i>ainda é um sonho que os alunos possam ter um computador e internet disponível.</i>
<i>são professores que não sabem trabalhar com as tecnologias</i>
<i>Há sim o uso de algumas tecnologias na escola atualmente</i>
<i>andamos com passos de tartaruga competindo com a lebre da revolução digital</i>
<i>como positiva a contribuição da linguagem digital</i>
<i>temos medo do novo</i>
<i>a inserção da linguagem digital na escola é fundamental e urgente</i>
<i>as escolas não consideram ainda a linguagem digital para a aprendizagem</i>
<i>estarmos antenados com o novo das tecnologias digitais implica em não perdemos o bonde do século.</i>
<i>Ainda estamos equidistantes de um excelente uso e destino das tecnologias digitais no cotidiano</i>
<i>é impossível excluir a linguagem digital da aprendizagem</i>
<i>Não há mais como desvincular o ensino do mundo tecnológico e globalizado</i>
<i>Desde que todos tenham acesso a essas tecnologias</i>
<i>Trabalhar com estas tecnologias e trabalhar com a realidade dos nossos alunos</i>

FONTE: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

<i>os alunos raramente levaram seus laptops e tablets para as aulas nesse primeiro bimestre.</i>
--

<i>os alunos não queiram associá-los ao ambiente escolar</i>
<i>máquinas que movem suas vidas</i>
<i>por que não sei lidar direito com tanta tecnologia,</i>
<i>aumentando o diálogo entre professores e alunos e a ampliando o espaço da sala de aula</i>

FONTE: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

<i>meu conhecimento sobre a linguagem digital era e ainda é mínima</i>
<i>percebi a facilidade que esta geração tem em lidar com as novas tecnologias, enquanto nós ficamos com medo de apertar um botão</i>
<i>inserir computadores portáteis às aulas ampliou o horizonte de ambos os lados</i>

FONTE: grupos de discussão

Muito embora não fosse a intenção separar dados de escola pública e privada, os dados por si sós se apresentam dessa forma. Ao observar que em alguns momentos parece haver uma contradição dos participantes, é notadamente visível que professores da esfera pública têm mais acesso às práticas de letramentos digitais, às tecnologias digitais de um modo geral que professores da esfera particular.

Grosso modo é perceptível que os professores têm ciência que a sociedade pós-moderna exige indivíduos que consigam interagir com os meios de consumo mediados por artefatos técnicos e tecnológicos. Os excertos demonstram a necessidade de atualização, apropriação, reflexões e usos das tecnologias digitais. E evidentemente, com essa percepção, a educação não pode ficar de fora desse universo digitalizado, já que como Castells (2001) coloca, a era é caracterizada pela velocidade de informação e do conhecimento.

É um desafio constante, tendo em vista a velocidade com que tais tecnologias se instauram na sociedade e nas práticas sociais. Na sala de aula, conforme se pode depreender é a realidade dos alunos. Além do mais se o professor consegue de algum modo utilizar essas práticas em sala de aula, o uso dessas tecnologias proporciona um maior envolvimento dos alunos, um diálogo maior entre professor e aluno. Uma vez que Moran (2007) salienta, essa integração dos avanços tecnológicos na sala de aula é contínua e inseparável e que os acessos ao mundo digital é um novo direito de cidadania plena. Ratifica-se essa compreensão nos fragmentos acima quando se menciona tecnologia como aliada e não inimiga da prática docente. Muito embora haja certa relutância, devido às dificuldades de utilização da máquina, mas também que o professor vislumbra a possibilidade de aprendizagem e o aluno percebe essas tecnologias como diversão.

O professor deveria estar preparado para acompanhar tais tecnologias, tais práticas, assim como Veraszto (2008) preconiza, a tecnologia pode ser vista como uma fonte de conhecimentos próprios, em contínua transmutação, associado a novos saberes sendo

agregados diariamente, de forma cada vez mais dinâmica. Porém, essa velocidade parece estar mais dinâmica que a disposição ou mesmo os acessos dos professores. Mesmo sentindo preparado para o uso das tecnologias em sala de aula, o que se apresenta é falta de escolas equipadas, sem estrutura mínima para atender a essa demanda. Como se nota, pode estar preparado, sentir-se desafiado, ter a intenção de tornar as aulas mais atrativas, todavia as realidades de cada escola, cada contexto são obstáculos que dificultam a apropriação mais detida.

Em vista dos resultados obtidos é possível depreender que os professores, muito embora tenham ciência da evolução das tecnologias nas práticas sociais, ainda não conseguem trabalhar com essas práticas em sala de aula. Percebem que existe um desafio e a dificuldade de acompanhar, além da não apropriação. Outrossim, a reação cautelosa, negativa ou positiva em vista do novo é uma ação que se efetiva por parte do professor.

Em razão disso, destaca-se que as transformações no campo dos saberes exigem atitudes diferentes para incorporar o novo e acompanhar o desenvolvimento não só do ponto de vista tecnológico, mas também cultural. Conforme Castells (2005) destaca, o acesso ao conhecimento foi potencializado e as tecnologias disponíveis hoje, aumentam os saberes mentais, a capacidade de adquirir, organizar, armazenar, relacionar, integrar, aplicar e transmitir informações.

Por outro lado, há de se destacar que isso tudo exige um processo complexo de mudanças, de como fazer para solucionar problemas práticos, como aponta Veraszto (2008), “saber fazer pra quê”. Em razão disso trago a baila que toda tecnologia é um produto social conforme sustenta Xavier (2008), e esse produto segundo Veraszto (2008) advém de saberes inerentes ao desenvolvimento e criado pelo homem para satisfazer as necessidades e requerimentos pessoais e coletivos. Portanto, são os agentes sociais que decidem se vão adotá-las ou não em suas práticas sociais. Quando adotadas, as inovações tecnológicas se expandem e se fortificam no meio social a fim de oferecer novos limites de ser e fazer no mundo. E nesse sentido, pode-se observar que as tecnologias digitais já se estabeleceram na sociedade, agora, cabe aos agentes sociais (professores) decidirem se vão ou não utilizá-las na prática docente.

Logo para evitar um mau uso dessas tecnologias, é fundamental conhecer novas formas de aprender e ensinar e ao mesmo tempo produzir, comunicar e representar conhecimentos facilitados por tais recursos a fim de favorecer a construção do conhecimento, e, por assim dizer a integração social. A esse respeito Mesquita (2008) avisa que esse novo

cenário nos obriga a reconhecer a profunda reflexão do que vem a ser conhecimento, como construí-lo, estruturá-lo, como ensinar e como aprender dentro desse universo digital.

Ao que parece, diante das tecnologias digitais, o professor compreende seu papel, seu desafio, sua necessidade de integração em sala de aula. Os documentos oficiais e projetos, seja na esfera estadual com o Paraná educação, ou na escala federal com o *ProInfo*, já preconizam e preveem a crescente e irreversível presença do computador e os recursos da informática indispensáveis para a educação. Mesmo percebendo essa revolução toda, ainda há uma não apropriação por parte dos docentes, percebe-se certa resistência, talvez, que ainda requer mais reflexões. A tecnologia vem a ser um artefato tecnológico a mais para tentar aproximar mais professor e aluno, com o intuito de se estabelecer aprendizagem. Isso porque a internet, ou mesmo o computador não operam sozinhos, ambos necessitam da ação humana.

5.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE TECNOLOGIAS

Na seção 1.3, apresenta-se uma discussão acerca da formação docente com vistas ao repensar, como incentivar professores a ministrar aulas mediado pelas tecnologias. Lançar mão das práticas de letramentos digitais ressalta o tipo de educador que faz uso das tecnologias digitais, a fim de provocar o crescimento e aprofundamento de novos saberes do professor.

Nesse vértice destaca-se as seguintes considerações dos professores.

<i>Aceitando esta tecnologia, poderemos modernizar nossa metodologia de trabalho</i>
<i>pois nosso comportamento didático e pessoal não teve oportunidades como nosso aluno tem hoje</i>
<i>O professor, como elemento de organização do conhecimento, tem papel fundamental neste contexto</i>
<i>a sala de aula já não é mais tão chamativa como imaginamos assim e</i>
<i>É nessa situação que o professor pode ser o mediador do conhecimento e tecnologia desenvolvendo a noção e o hábito de usar a tecnologia para atualizar, informar-se, ampliar, refutar, corroborar, produzir, criar.</i>
<i>o tempo do quadro negro e do giz está obsoleto e que nova sociedade pede novos paradigmas e novas formas de se ensinar e aprender</i>
<i>Acredito que as novas gerações, que já convivem com as novas tecnologias ainda em seu curso de graduação, não tem dúvida nenhuma sobre a importância de sua implantação na escola</i>
<i>ainda encontramos muitos educadores que resistem às novidades digitais</i>
<i>pois nossos alunos são da “era tecnológica</i>
<i>existe a importância deste trabalho estar elencado com os conteúdos do Currículo</i>
<i>Esbarramos na falta de estrutura e principalmente na ausência de método (não sabemos como transformar nossas aulas arcaicas e descontextualizadas) e orientação para darmos este salto do analógico para o digital.</i>
<i>aqueles conhecidos por suas aulas com fichinhas amareladas pelo tempo. Sem evolução. Sem reciclagem. Sem contato com o universo que a tecnologia proporciona.</i>
<i>O fato de que a maioria dos professores não nascer no universo digital, não implica em ficar a margem dele....cabe a ele usar da pesquisa junto com os alunos para aprender e produzir conhecimento</i>
<i>como trabalhar com algo que não fez parte de nossa geração,</i>
<i>os novos professores tem mais facilidade... os mais antigos de caminhada no magistério são mais resistentes</i>
<i>talvez também a dificuldade dos professores em encontrar tempo para preparar material</i>

<i>necessitam gastar tempo estudado para utilizá-los.</i>
<i>os educadores mais novos, recém-formados, apresentam maior interesse e nova percepção sobre o assunto</i>
<i>Há poucos anos atrás podíamos dizer que a nossa formação não foi suficiente para trabalharmos o letramento digital com nossos alunos... os educadores tiveram que alterar suas metodologias e inserir aulas direcionadas com o uso das tecnologias de informação</i>
<i>da mesma forma que a escola não existe para ensinar aos alunos o que é uma caneta e como usá-la, não haveria sentido ensiná-los como usar um computador</i>
<i>condições para que os alunos realmente construam conhecimentos significativos</i>
<i>o professor deve buscar possibilidades de trabalhado e saber explorar estes recursos dentro dos objetivos que ele propõe</i>
<i>um professor tradicional com domínio de sua turma e com conhecimento pleno do seu conteúdo consegue ministrar uma aula melhor que um professor letrado digitalmente sem conhecimento nenhum do conteúdo de sua disciplina</i>
<i>Na universidade que estudo, por outro lado, não há professor que entre em sala de aula sem seu laptop</i>
<i>Entretanto, no meu ponto de vista é o educador quem deve procurar acompanhar os novos tempos e não ficar esperando que a instituição escola se transforme. Nós somos a escola, portanto cabe a nós transformá-la.</i>
<i>é colocado à escola a necessidade de repensar sua prática diante dos recursos tecnológicos, buscando novas formas de aprender e ensinar.</i>
<i>o mais importante é saber o quanto os professores estão dispostos a adquirir esse conhecimento</i>
<i>Vivemos ainda trabalhando numa escola tradicional, em que o “novo” é visto com relutância.</i>
<i>Ainda poderiam produzir conhecimento e manifestá-lo em homepages educativas até montar redes colaborativas de aprendizagem entre os alunos da escola e outras escolas</i>
<i>Quanto aos métodos e abordagens cada professor deve descobrir o que melhor se adequa ao seu contexto</i>
<i>organizar-se e sistematizar suas atividades diante desta nova possibilidade metodológica</i>
<i>A escola como espaço de aprendizado, formação do indivíduo e de criação de valores, não pode estar descolada da realidade... Por isso perceber e aplicar a prática pedagógica em uma perspectiva digital é essencial</i>
<i>Apesar de a escola reproduzir métodos arcaicos e defasados, cabe a ela tornasse uma instituição que seja fundamental para a consolidação e democratização das tecnologias digitais na sociedade</i>
<i>o professor que não for letrado digitalmente não terá como discutir ou relatar o que se passa no mundo. A educação deixou de ser centrada nas mãos do professor, ela tem vida própria, ou seja, para aprender não é preciso ficar sentado num banco escolar, ouvindo um professor</i>
<i>Os avanços tecnológicos revolucionaram a maneira de pensar. O pensamento do aluno é digital, mas a sala de aula ainda é analógica. Existe um grande abismo entre a maneira de pensar do educando e do educador que ainda vê a linguagem digital de maneira preconceituosa e “errada”. O que precisa é acontecer maior formação dos educadores para que mudem sua maneira de encarar os avanços, porém essa não é uma tarefa fácil</i>
<i>se o professor não acompanhar essas mudanças corre o risco de ficar defasado com relação ao conteúdo e o principal, de abordar uma assunto já ultrapassado com os alunos</i>

FONTE: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

<i>Sabendo que há um link fortíssimo entre nossas vidas e a vida digital - e que não há e nem deve haver como promover uma quebra deste link - talvez a melhor atitude seja permanecer incentivando os alunos para que vinculem sua vida real ao ambiente escolar.</i>
<i>minha falta de conhecimento a respeito do tema</i>
<i>sei que somos os maiores culpados por isso, pois temos a tendência de dar tudo pronto, mastigado e resumido para que eles só tentem aprender.</i>
<i>sei que não sou a única a achar mais fácil passar o resumo e explicar o conteúdo</i>
<i>sou marinha de primeira viagem no assunto de blog e deveria ter feito isso já a muito tempo</i>
<i>estou iniciando meu letramento digital junto com os alunos.</i>
<i>Este Projeto com aulas interativas e o pouco uso de meios digitais na educação foi um dos motivos de melhora na desenvoltura de avaliações e incentivo a maior participação dos alunos nas atividades escolares proporcionando benefícios na aprendizagem</i>

FONTE: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

As dúvidas foram e ainda são muitas tanto a respeito do que é a linguagem digital, e também de como usa-la na escola e na vida, no dia a dia.

Por isso que na minha opinião os professores e a escola devem receber primeiro instruções de uso mas também ter o conhecimento ampliado a respeito do uso da linguagem digital na sala de aula, uma aula em que não se tem conhecimento do que se está fazendo é ou pode tornar-se mais prejudicial do que interessante.

deve-se conscientizar os docentes de que apesar de acharem tem conhecimento a grande maioria é leiga no assunto, pois passar imagem no multimídia é o que a maioria faz

Como é fácil nós professores ficarmos em uma atitude de comodidade achando que o que eu sei é suficiente para ensinar

FONTE: grupos de discussão

Ao se atentar para os excertos, é possível notar que uma aura de possibilidades ainda permeia as ações dentro da escola. Se há tais possibilidades, então é possível encontrar caminhos para modernizar o ensino, desde que também haja consciência de que o uso de tecnologias pode, talvez, redimensionar os espaços de ensino/aprendizagem. Para tanto a ressignificação e reavaliação de saberes nas práticas letradas poderia auxiliar no modo de perceber o valor desse saber. Afinal, não se pode pensar ou afirmar que a modernização por meio de tecnologias digitais resolva os problemas enfrentados na prática de sala de aula. Os melindres de todo um sistema deve ser levado em consideração.

Obviamente está-se imerso em uma nova cultura tecnológica e, poder-se-ia acrescentar, não faz parte da formação da grande maioria dos docentes em atuação. Esse novo nuance tecnológico causa estranheza, a sensação de não dominação, incapacidade, inabilidade. Todavia Ribeiro (2004) destaca, as pessoas são letradas digitalmente de acordo com a realidade de vida. Em vista disso, as tecnologias existem para serem usadas. E o professor é apontado como tendo papel preponderante diante desse contexto. Não lhes é permitido eximir-se dessa realidade. A escola, bem como se preconiza nos documentos oficiais, incita os docentes a se apropriarem das práticas de letramentos digitais e experienciá-las também em sala de aula.

A partir dos excertos dos professores, a sala de aula tem cada vez mais deixado de ser um lugar atraente, interessante e chamativo para o aluno. Nesse vértice, acredita-se que o papel do professor é fundamental. Se o aluno está desinteressado da aula, da escola, o que se pode fazer para atraí-lo e evitar que o distanciamento se torne irreversível. Levando em consideração a realidade das práticas sociais e das práticas letradas dos alunos, ao que parece, são as tecnologias digitais um possível caminho para tentar a aproximação. Silva (2011) já preleciona que o processo de mediação na reconstrução dos sentidos poderá levar os alunos a reinventar o gosto pela sala de aula.

Obviamente o computador não resolve todos os problemas, mas ao que os professores também apontam, parece ser o computador o novo quadro de giz da escola, uma ferramenta mais interativa que pode auxiliar no processo de ensino/aprendizagem. Evidencia-se aqui que a apropriação requer uma reflexão crítica e criativa por parte do docente. Vinculada sempre aos objetivos propostos pelo professor para o desenvolvimento das aulas, servindo como aporte para discussões bastante profícuas acerca da sociedade pós-moderna.

De fato, a resistência de muitos docentes existe e há receio de que não deixará de existir tão cedo. Afinal, Moran (2007) já enfatiza que se está diante de uma tarefa histórica, imensa e que pode levar décadas para efetivar mudanças diante das complexas formas de reorganização da sociedade e da escola. Reconstruir e ressignificar saberes, construir conhecimento junto com os alunos, mediar o fluxo de informações disponível na rede, hoje é um processo bastante intrincado para a modernização de ensino. Ao que se apresentam, os professores se mostram conscientes da necessidade de aproximação ao mundo digital, no entanto também eles, sozinhos, não conseguem tatear esse caminho.

Romper com os paradigmas arcaicos que foram impostos à escola é um processo que parece necessário, a corrente de ensino pautado nos métodos de trabalhos, modelos a serem seguidos, abordagens a ser feitas dificultam a modernização do sistema escolar. Assim, as salas de aulas continuam analógicas e os alunos digitais, a era se apresenta como da mídia, mas a idade média ainda está presente no espaço da escola. Desse modo, Freitas (2010) deixa claro que a escola tem deixado de ser o único lugar de legitimação do saber, pois os professores adotam a posição defensiva e, às vezes, até negativa em relação às mídias digitais, como se pudessem deter esse impacto dentro do ambiente escolar.

Xavier (2008) assinala que o docente deveria utilizar o potencial pedagógico das novas tecnologias para que assim possam aumentar a capacidade de ensino/aprendizagem, passando a ser orientador nas discussões acerca das tecnologias digitais. Não é função de o professor ensinar a usar o computador (máquina) e sim utilizá-lo como conjunto de saberes, artefatos, métodos e técnicas. Certamente, é um trabalho que demanda tempo, mas aqui a função do professor, ao que eles mesmos demonstram, é buscar possibilidades de como trabalhar e saber explorar estes recursos disponíveis dentro de cada contexto escolar.

Por mais “resistência” e desconhecimento que as tecnologias acomodem, não podem servir de entrave para o processo educacional e sim como alicerce para perspectivas outras. A desmotivação de professores pode não ser uníssona, os métodos precisam ser experienciados, preconizados em projetos e ações efetivas por professores. Afinal, conforme se depreende dos

excertos acima, “nós somos a escola”. Por mais que não seja dever só do professor, é mister acompanhar as evoluções, não apenas ficar esperando que a instituição se transforme. O trabalho na escola é globalizado, não pode estar distante da realidade dos alunos.

Nesse ínterim, acredita-se que são as atividades humanas que constituirão os métodos e processos para tal inserção. Mediante o paradigma de que se é detentor do saber, por certo é preciso dominar todas as técnicas e então poder repassar. Contudo, se a proposta seria mudar de perfil, o conhecimento do professor agregado ao conhecimento do aluno pode construir novos saberes e encontrar diferentes meios de trabalho em conjunto. Não quer isso dizer, entretanto, que somente cabe aos professores essa função. Na verdade, esse é um processo bastante complexo, não está diretamente ligado ao profissional da educação, ao sistema educacional, às ações políticas. É um processo globalizado e massificado que requer ações individuais e conjuntas e vice-versa para que possa acontecer. Giddens (2002) já destaca que a modernidade é uma cultura de risco e altera radicalmente a natureza social e cotidiana afetando também aspectos extremamente íntimos da própria existência.

Frente aos tantos percalços como escolas não equipadas, professores não preparados, sem disponibilização de material, equipamentos, laboratórios, as dificuldades enfrentadas pelos alunos na sociedade em que vivem dentre tantos outros problemas, repensar a prática docente faz-se extremamente necessário para buscar meios de fazer com que novos letramentos colaborem com o aluno e seu aprendizado e não seja mais um problema a ser detectado. É preciso uma maior compreensão dos docentes conforme Ferreira (2008) assegura, a necessidade de incluir discussões na formação do professor e na formação continuada conceitos que desafiem os modos de pensar e exijam a reflexão crítica da sua prática. A experiência do professor é uma forma de reavaliar o conhecimento do professor em sala de aula.

Usar as tecnologias digitais como recurso não significa que o aluno irá trabalhar o tempo todo na frente da tela do computador. Tudo vai depender de como o professor utilizará os recursos disponíveis, já que a infinidade de ambientes de pesquisas deve ser selecionada pelo professor. Buckingham (2010) também destaca que é preciso estar sempre atento para como transformar tanta informação em conhecimento, uma vez que essa mídia digital parece estar representando o mundo, não apenas refletindo-o. Os meios a serem seguidos dependem da ação do docente e conjuntamente discussões vão sendo travadas para que o conhecimento se construa. Coscarelli (2007) pontua que os professores precisam encarar esse desafio de se

preparar para a realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e assim planejar formas de utilizá-los em suas salas de aula.

Nos *blogs* dos professores, nota-se o que Braga (2005) destaca, os computadores são cada vez mais ferramentas de acesso à informação sendo um mediador de práticas sociais, e que excetuando as posições extremas, isso possibilita a oferta de subsídios para os educadores de modo a vislumbrar diferentes possibilidades de trabalho. A mudança do perfil do professor, aceitar as limitações de si mesmo, compreender que é urgente rever os próprios conceitos sobre as práticas de letramentos digitais, aventurar-se nesse universo digital se apresentam como válidos, indicam possibilidades de mudanças que começam a aparecer. A famosa luz no fim do túnel. Pequenas ações que começam a fazer diferença. Vincular a vida dos alunos ao ambiente escolar dar-lhes o que é negado, segundo Buckingham (2010), senso crítico, a participação do aprender como via de dupla.

Nos fragmentos do grupo de discussão ratificam-se essas reflexões supracitadas. Conscientização efetiva, desempenhar ações juntos com alunos, sair da acomodação por mais dúvidas, receio que se tenha diante das tecnologias digitais, alguém precisa começar a se mobilizar e dessa forma mobilizar outros mais. O grande círculo escolar tem necessitado de impulsos inovadores, e ao que parece são os professores que precisam começar. Não é um processo fácil, pois apresenta também as barreiras culturais. Contudo, Coscarelli (2007) chama a atenção que esse ambiente tecnológico tem importância fundamental para a Educação, muito embora as escolas não estejam equipadas, os docentes precisam melhorar a qualificação em termos de tecnologia porque “numa economia global, cada vez mais baseada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país”. (COSCARELLI, 2007, p. 21)

como um diretor ou diretora vai incentivar o uso de uma tecnologia nova se ele próprio não a conhece profundamente

Fonte: blog dos professores participantes da pesquisa.

Na ponta dessa pirâmide chamada Formação de professores, é de extrema relevância pensar que na formação docente, é imprescindível que formadores conheçam e utilizem as TICs como meio também para as discussões. O que, talvez, possa não estar ocorrendo. Na outra ponta dessa pirâmide encontramos os gestores nas escolas, que ao que indica o excerto acima, necessitam conhecer as tecnologias digitais para incentivar às práticas de letramentos/letramentos digitais de maneira consciente, de acordo com os contextos escolares, dentro das possibilidades que estão presentes nas escolas. Nesse ínterim, os projetos dentro da escola poderiam apontar para ações mais efetivas. E na última ponta dessa pirâmide,

poderíamos encontrar docentes mais seguros e motivados a utilizar as tecnologias para as práticas de letramentos digitais e não obrigados a fazer capacitações e utilizar tecnologias sem recursos mínimos. Ou então, ficamos na plateia observando o jogo de empurra para apontar culpados.

5.4 LETRAMENTOS/LETRAMENTOS DIGITAIS NA PRÁTICA DOCENTE

Pautando-se na discussão apresentada na seção 2.2, apresenta-se nesse momento as considerações dos professores acerca dos letramentos/letramentos digitais. Lembrando que para essa investigação, compreendem-se tais letramentos como apropriação das tecnologias digitais e das transformações, de modo crítico e consciente para a utilização em sala de aula a fim de que as tecnologias digitais estejam presentes na escola para que propiciem aos alunos outras fontes de informações diversas, respeitando a realidade sociocultural e reconfigurando o trabalho do professor.

O que se infere é que os professores compreendem que se faz necessária a mudança, mas que isso ainda está distante da realidade.

<i>para compreendermos a linguagem utilizada pelos alunos e tudo que os cerca</i>
<i>não estamos totalmente inseridos nela</i>
<i>interagir e dominar a linguagem digital são uma necessidade que implicará na melhor sobrevivência do indivíduo. Isso poderá favorecer na vida como um todo, não somente na inserção do mercado de trabalho.</i>
<i>Acredito que seja difícil ficar alheia a essa realidade</i>

FONTE: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

A inserção digital também parece estar presente no cotidiano da maioria dos indivíduos na sociedade. Basta observar, como destaca Braga (2005), que para receber seus vencimentos, o indivíduo possui um cartão de crédito, os impostos como IPVA há algum tempo são pagos diretamente nos caixas eletrônicos sem a emissão necessariamente de boletos, para acompanhar as seleções de PSS ou mesmo avanços de professores já efetivos é feito por meio do computador. Cabe ainda enfatizar que podem não ser todos, mas a maioria os professores têm computador em casa, possuem *e-mail*. Destaca-se aqui que os professores efetivos do Estado do Paraná dispõem de um endereço eletrônico fornecido pelo SEED¹⁶, além da utilização de tecnologias digitais para as necessidades básicas da sala de aula. Sendo assim, os letramentos/letramentos digitais podem ser compreendidos como práticas sociais

¹⁶ Secretária de Estado da educação

inseridas no cotidiano e, portanto, pode-se dizer que se está - de algum modo - letrado nessas tecnologias.

De acordo com Coscarelli (2007, p.39), para que as tecnologias digitais realmente venham “representar uma mudança na vida escolar, é preciso que a educação seja compreendida como um processo de construção de uma saber útil e aplicável pelos alunos e não como uma realidade a parte, sem nenhum interesse e de difícil acesso na escola”. Ou seja, a escola não pode ficar dissociada da tecnologia digital, afinal o investimento que governos fazem, mesmo que insuficientes, são a demonstração de reconhecer a importância desse projeto de letramentos digitais que é relevante para a formação do cidadão enquanto ser crítico e reflexivo. A escola como célula da sociedade precisa manter vínculos estreitos entre realidade e sociedade ante os tantos anseios e necessidades. Assim, observam-se os seguintes fragmentos:

<i>nós precisamos compreender que este é um caminho sem volta</i>
<i>Não é necessário apenas passar conhecimento, mais sim, em como repassar aos alunos novas formas de aprender.</i>
<i>seu domínio se apresenta como uma necessidade</i>
<i>este é um instrumento que na atualidade é de suma importância no processo de ensino aprendizagem, principalmente quando refletimos e identificamos</i>
<i>é imprescindível como ferramenta de auxílio na aprendizagem</i>
<i>é indispensável... além disso os objetivos devem estar claros tanto para os professores como para os alunos</i>

FONTE: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

Já se nota que há consciência de papel de ser professor nesse contexto tecnologizado, pois os professores acreditam caber ao docente criar mecanismos e caminhos para um aprendizado mais interativo ante as ferramentas do espaço virtual. Com já destacou Moran (2007), ter acesso às novas tecnologias digitais é um direito de cidadania, uma vez que os não conectados perdem essa dimensão cidadã para a inserção no mundo profissional e nas práticas sociais.

Mesquita (2008) enfatiza que mesmo incipiente, o processo digital de apropriação do conhecimento obriga a reconhecer a sua importância no contexto educacional, exigindo uma reflexão profunda acerca das concepções do que é conhecimento. E dessa maneira construir, estruturar, ensinar e aprender dentro de uma visão pluralizada, multidisciplinar de construção o conhecimento.

<i>não tenho nem uma parte de cem do conhecimento e agilidade que os meus alunos tem</i>
<i>é obrigação do professor aprender e interagir com a linguagem digital</i>

<i>a cada dia existe algo diferente para aprender</i>
<i>Atualmente ao abordarmos o conhecimento podemos afirmar que são milhões de páginas disponibilizadas nas mídias diariamente, quanto à validade de cada conhecimento requer ressalvas e critérios de escolha e validação, pois nem tudo que existe na rede é conhecimento científico válido.</i>
<i>basta não parar de estudar e buscar as novidades do tempo que se vive agora</i>
<i>o letramento digital é uma bandeira defendida pelo governo estadual</i>
<i>Letramento digital não deve se restringir ao ato de saber usar os aparelhos tecnológicos ou fazer parte tudo do mundo virtual, mas sim que a tecnologia passe a ser utilizada como ferramenta facilitadora e promotora de aprendizagem, uma vez que através dela o aluno tem oportunidade de ampliar seus conhecimentos numa escala inimaginável</i>
<i>A linguagem digital é vista como mais um recurso para auxiliar e motivar os alunos para que ocorra a aprendizagem.</i>

FONTE: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

De acordo com os excertos apresentados, pode-se inferir que os letramentos/letramentos digitais passam a ser vislumbrados, no entanto com algumas ressalvas ante a esse novo entrelaçamento. Assim como Freitas (2010) discorre, assemelha-se a aprender uma nova língua. Os docentes têm recebido capacitações, discutem o tema, mas apresentam-se cautelosos. Acredita-se que essa cautela é muito positiva, já que eles compreendem a complexidade de tratar de letramentos digitais dentro de todo seu arcabouço de complexidade. Nesse sentido que Xavier (2002) afirma que se faz necessário capacitar o mais rápido possível alunos a viverem como verdadeiros cidadãos já que cada vez mais estes estão cercados por máquinas eletrônicas e digitais.

Sendo assim, ter cautela é lançar mão de uma apropriação crítica, como ainda enfatiza Buzato (2006), para transformar a escola naquilo que ela tem de inadequada. No entanto, para que essa abordagem pluralizada e inovadora aconteça, faz-se necessário rever os paradigmas da escola. Como Ferreira e Frade (2010) pontuaram, essa mudança impõe ao sistema educacional a tarefa de incutir integração, articulação e continuidade na práxis educativa. E para tanto, pressupõe-se um novo espaço de construção do conhecimento.

<i>De maneira bem consciente podemos afirmar que o domínio digital entre os professores não está ocorrendo de forma satisfatória.</i>
<i>os professores usam o computador apenas para formalizar (digitar) as avaliações e textos de estudo, sem, contudo, ver nas novas mídias digitais a ferramenta de aprendizado</i>
<i>existe a necessidade de um planejamento para que realmente este trabalho seja realmente significativo para nossos alunos</i>
<i>Seria sim muito importante desde que com qualidade</i>
<i>Ainda falta muito para que isso aconteça</i>
<i>ainda existe a necessidade da “utilização inteligente</i>
<i>apesar de vivermos nele, ainda não o compreendemos.</i>
<i>esperamos que o professor e alunos apliquem a criticidade, o rigor e a profundidade necessária para aprender o conhecimento</i>

<i>O trabalho com linguagem digital existe em pequena escala. Nem todos os professores conseguem trabalhar de maneira eficiente com todas as tecnologias</i>
<i>Na verdade fala-se muito e concretamente se faz pouco, não se tem um resultado efetivo.</i>
<i>Quando possível ele ocorre, porém de maneira precária e insatisfatória</i>
<i>O letramento digital deve ocorrer na escola</i>

FONTE: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

Diante das colocações dos professores, mais se vê que a escola é um todo complexo, não é homogêneo e nem passivo como explica Pimenta (2006). Portanto, ter atitudes convergentes ou divergentes em relação às tecnologias dentro da escola pode tornar apenas a instituição mais (ou menos) incompleta, na qual os protestos de alunos que não se interessam, não estudam, têm problemas com disciplina só tende a aumentar. Estar aquém da realidade na qual a grande maioria está inserida, conforme ressalta Soares (2010), é uma suposição de que letramento é somente o que se ensina na escola e é medido por ela. Isso ignora a aprendizagem por meios informais e situações externas à escola, e, portanto, passa a ser uma evidência de que o conhecimento é discutível.

Rojo (2009), também enfatiza que devido a isso é tão importante os letramentos críticos, que são capazes de lidar com “textos e discursos naturalizados, neutralizados de maneira a perceber seus valores”. Sendo assim, o papel da escola hoje é ensinar a pensar, preparar os alunos para saber enfrentar os novos desafios, problematizando, discutindo e tomando decisões. À escola cabem a ampliação dos horizontes para tornar os alunos mais sensíveis, conscientes, comunicativos, desbravadores. Pensar na tecnologia de novos processos pedagógicos mediados pelas tecnologias. Não se pode deixar de destacar que a ação está no sujeito e não na técnica e conforme enfatiza Ribeiro (2010), a tecnologia precisa estar a serviço do homem e não o contrário.

Dessa forma, como os fragmentos apresentaram, muito está no discurso e pouco na ação, existe ciência da importância dessa apropriação, mas ainda há muito que se fazer. Conforme foi colocado pelo professor, as práticas de letramentos/letramentos digitais precisam acontecer na escola. Mas a infinidade de barreiras que ficam subentendidas na fala dos professores, talvez seja incomensurável. Teme-se que toda essa discussão possa ainda permanecer apenas abstrata, sem ações efetivas. Diz-se isso, não por falta de interesse dos professores e, sim, pelas políticas públicas que circundam toda essa apropriação, discussão até o seu uso de fato. Como Paiva e Soares (2010), é preciso que o indivíduo pertença a um determinado grupo social para então atuar como membro. E por mais que as práticas de letramentos digitais estejam nos atores (professores), estes parecem não fazer partedesse

grupo de fato. Os usos ainda são pequenos e pouco crítico em toda sua abrangência. Isso posto, tendo em vista que as discussões com os professores deixaram essas arestas a mostra.

<i>poderiam levar seus computadores portáteis e usá-los durante as aulas. Sem exceção, as turmas comemoraram a vitória</i>
<i>trabalhamos com até duas máquinas trazidas pelos alunos Eu trabalho com computadores portáteis com alunos desde o 6o ano até o 1o ano do Ensino Médio</i>
<i>A facilidade estaria em procurar conteúdos para seus roteiros e arquivos de músicas para os programas</i>
<i>Gostaria de ter tido mais tempo para pesquisar e aplicar essa nova forma de educação que está batendo a nossa porta apesar de estarmos fazendo de conta que não enxergamos,</i>
<i>Acho que o letramento digital deve de fato ser um caminho de mão dupla</i>
<i>porém os alunos mal sabiam digitar</i>
<i>Isso fez com que os alunos prestassem mais atenção nas aulas e saíssem do espaço imaginário, intangível, representado por um mapa de um livro, e adentrem o espaço real e visível.</i>
<i>acredito nos benefícios que esse blog trará através dos meios digitais nas escolas,</i>

FONTE: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

Interessante se faz observar esse paradoxo instaurado, de um lado o professor permite o uso de computadores e, de outro os alunos não levam. Um professor percebe os letramentos digitais como cooperativo e outro afirma que desconhece. De um lado, lê-se a novidade de aluno não saber digitar e por outro o sucesso da apropriação. Diante desse quadro, é de ser relevada a necessidade de modificação do trabalho com o aluno que vive em uma sociedade digitalizada. O diálogo entre professor e aluno parece ser um caminho pertinente, uma vez que se apresenta um modelo de educação com ênfase no processo aberto como ressalta (Gonçalves, 2010). Se assim o é, o espaço para indagações, curiosidade, perguntas dos educandos devem estar em destaque para que a criticidade e a reflexão possam atuar e não transferir conhecimento.

Ao que parece, as questões dos letramentos digitais em sala de aula apontam para uma mudança relevante para os moldes da educação. As práticas com as tecnologias digitais em sala de aula, segundo mostram os dados apresentados, aproximam os alunos da escola uma vez que a escola se aproxima das práticas sociais diversas. Não é imperativo de que funcione para todas as escolas, em todas as situações; no entanto aponta-se para outras perspectivas. Se os alunos fazem parte de um mundo bastante concreto, repleto de imagens, tutoriais, cinema, e tantos outros é urgente como coloca Xavier (2002), capacitar os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio em que os artefatos tecnológicos digitais se espalham vertiginosamente.

<i>Quanto ao trabalho em si acho muito interessante pois a possibilidade de ter acesso visual e textos referente ao assunto da aula tem uma grande valia</i>
--

<i>mas também os professores tem que buscar conhecer essa possibilidade de uso didático, fazer o caminho com mão única não vai gerar resultados bons</i>
<i>uma aula em que não se tem conhecimento do que se está fazendo é ou pode tornar-se mais prejudicial do que interessante.</i>
<i>A maioria das vezes que usamos o computador percebi a facilidade que esta geração tem em lidar com as novas tecnologias</i>
<i>devem ser analisados também os mecanismos de inserção que , a própria entidade escola, mas também o veículo de inserção que são docentes.</i>
<i>está na hora de aprender como trabalhar com essa nova geração de alunos que estamos recebendo, que tem acesso a todas as formas de tecnologia e sabe usa-la.</i>
<i>A ideia e possibilidade de inserir computadores portáteis às aulas ampliou o horizonte de ambos os lados: docentes e discentes</i>
<i>As produções de roteiro para rádio ganharam nova velocidade. Ficaram mais ágeis. A gama de assuntos foi ampliada, saindo do conhecimento pessoal e indo em direção às informações disponíveis na rede, com discussão permanente acerca de sua veracidade.</i>

FONTE: grupos de discussão

Diante das considerações dos participantes, conforme se apresenta acima, é possível notar que os professores, apesar do pouco tempo de trabalho desenvolvido durante a pesquisa, apreciaram a experiência, perceberam que houve mudança nas discussões em sala de aula e também nas produções de atividades. Nesse sentido, a perspectiva de que as tecnologias digitais, estando presente no dia a dia escolar, podem propiciar outras fontes de informações, inovando na apresentação dos conteúdos ou temáticas desenvolvidas pelos professores. Isso de maneira mais dinâmica, interativa, e assim, mais próxima da realidade sócio histórica.

Muito embora os participantes demonstrem interesse e tenham achado profícuo o uso das tecnologias, demonstram também muita clareza em relação à apropriação. Reconhecem a necessidade de conhecimento, de estudar como esses artefatos podem ser usados, atrelando sempre às necessidades em sala de aula para enriquecer a prática. Caso contrário, essa experiência pode ser pouco significativa.

Além disso, reconhecem também que é um trabalho de mão dupla, cooperativo, interativo, sempre aberto a inúmeras discussões. Como coloca Buzato (2006), a necessidade de admitir que “ambos precisam ensinar aprendendo ou aprender ensinando”. E esse quesito, parece ter sido compreendido para além do instrumental, como coloca Freitas (2010). É função da escola, como um sistema e toda sua complexidade desenvolver novas formas de aprender e ensinar. E os professores compreendem que estão diante de novos saberes e, que tais saberes, exige a não acomodação às práticas de ensino sedimentadas. Vale ressaltar que a apropriação crítica e criativa, que opere transformações poderia vir a mudar as inadequações da escola e, não excluir o todo, e implantar um novo como se fosse solução para todos os problemas.

<i>No início, houve grande expectativa, tanto por parte do professor e alunos,</i>
<i>ao decorrer do andamento do Projeto...houve interrupções.</i>
<i>laboratório de informática da escola, onde também funciona como Biblioteca, Sala dos Professores</i>

Fonte: Grupo de discussão

Muito embora a discussão gire em torno dos letramentos/letramentos digitais, os excertos apresentados chamam a atenção, para questões de políticas educacionais que têm sido recorrentes ao longo dos dados. A possibilidade de utilizar efetivamente as TICs na prática docente, de apropriar-se das tecnologias, ao que parece, cria uma atmosfera de novidades, de modernização. Porém, o projeto de inserção proposto nesta pesquisa sofreu inúmeros percalços, interrupções no decorrer do processo, tanto que não foi encerrado como se imaginava. As políticas públicas têm ação preponderante sobre a autonomia da escola e os projetos nela desenvolvidos. Ou seja, além de o laboratório não dispor de um espaço somente de informática, o que inviabiliza muitos trabalhos, devido ao fluxo de profissionais que circulam em um mesmo lugar com funções diferentes. As máquinas não funcionam adequadamente.

Outro fator bastante relevante diz respeito à inserção de tecnologias digitais que não pôde ser encerrada como se previa. O laboratório teve de ser desmontado para que novo equipamento fosse montado. Equipamentos estes que estão encaixotados há um ano. A direção da escola recebeu ordem de desmontar a sala de informática, pois um técnico seria designado para instalar o equipamento novo. Infelizmente, nada aconteceu. Somente a escola está sem laboratório até a presente data.

Toda a possibilidade de apropriar-se de um “novo” no processo de ensino/aprendizagem cai por terra diante da morosidade das políticas públicas.

<i>a maioria dos alunos não possui contato direto com o computador</i>
<i>Isso fez com que os alunos prestassem mais atenção nas aulas e saíssem do espaço imaginário, intangível, representado por um mapa de um livro, e adentrem o espaço real e visível</i>
<i>objetivo desenvolver com os alunos um blog</i>
<i>os recursos disponíveis nos computadores e na internet fazem com que os estudantes tenham mais prazer em assistir às aulas e interajam de modo mais efetivo</i>

Fonte: grupo de discussão

No contexto que se apresenta, o participante afirma que a maioria dos alunos não tem contato com o computador. Diante dessa assertiva, Ribeiro (2010) assegura que se faz necessário integrar a máquina às mais diversas atividades. Se o aluno não tem tanto contato e

se a escola dispõe de equipamentos, diante da sociedade mais digitalizada, é função da escola envolver os alunos em projetos práticos e em situações novas.

E ao que indica o segundo fragmento, esse novo meio para construção do conhecimento potencializou o espaço da sala de aula, do material didático impresso. A novidade para alunos que não possuem computadores e/ou acesso à internet, integra-os a um universo que possibilita também a expansão do raciocínio, interagindo de forma efetiva nas atividades propostas.

Expandir as discussões em sala de aula, maximizar os espaços de aprender, aproximar os alunos às práticas sociais de maneira mais dinâmica e interativa são caminhos a serem explorados para aprendizagem. E ao que se nota, nos excertos expostos acima, as TICs favorecem essas tais perspectivas. Evidentemente, isso não é uma regra, muito menos uma receita a se seguir, e sim, um nuance a ser pensado. Xavier (2002) coloca que se faz necessário que as instituições de ensino capacitem os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos nessa sociedade tecnológica, cada dia mais cercada de artefatos tecnológicos.

5.5 CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NO MUNDO GLOBALIZADO

Na seção 2.3, abordou-se as questões identitárias ante ao mundo globalizado. Conforme foi apresentado, as identidades estão em um constante processo de construção, em um curso contínuo e mutável de acordo com as necessidades que perpassam as mais variadas práticas sociais. Nesse sentido, Giddens (1991) destaca que ninguém pode eximir-se das transformações provocadas pela modernidade. Há identidades, conflitos, todo um processo complexo para se pensar na sociedade do modo como se apresenta.

A velocidade de informações é alvo frequente diante das discussões acerca da globalização, e a velocidade dessas informações causa a sensação de estar perdido, como se não pertencesse a toda essa confluência de dados nas novas paisagens culturais. A confusão com o novo, conforme destaca Hall (2006), está ligado às questões identitárias e que não é um conceito simples de ser compreendido na contemporaneidade.

Diante de tudo isso, o olhar se volta para o ambiente escolar de maneira a tentar compreender, mesmo que minimamente como essas mudanças estão sendo observadas na escola.

<i>Este novo mundo, cheio de informações traz facilidade e independência no processo de aprendizagem.</i>

<i>No momento acho que não está sendo usado ou talvez não está sendo compreendido, temos medo do novo, normalmente é mais cômodo ignorar sua existência, só assim podemos viver a margem</i>
--

<i>Para que a escola alcance seus objetivos como instituição social deve criar mecanismos para se adequar ao contexto sócio-espacial que vivemos</i>
<i>Se a linguagem digital, sua evolução e velocidade estão presentes no mundo, a escola tem um grande artifício para atrair a atenção dos alunos</i>
<i>as mudanças ocorrem muito rapidamente, então sim afeta diretamente a escola</i>
<i>A linguagem digital é muito importante para o ensino/aprendizagem, pois ela se tornou imprescindível para a vida inteira</i>

Fonte: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

De acordo com as considerações dos participantes, a rapidez de informações vem facilitando o processo de aprendizagem e, por conseguinte, também desenvolvendo uma autonomia maior em relação ao processo de construção de conhecimento. Muito embora, a sensação de estar perdido, de não compreensão é característica desse mundo moderno, conforme Giddens (2002) sustenta: “as disposições pessoais de uma lado” e as “influências globalizantes do outro” contribuem para essa instabilidade em relação ao novo. No entanto, ficar à margem não parece ser possível diante de tantas mudanças e tantas informações. Giddens (1991) assinala não ser possível eximir-se das transformações provocadas pela modernidade.

Os participantes percebem toda essa mudança também na sala de aula e, que a escola precisa trabalhar essas mudanças com a geração de alunos cada vez mais imersa nessa sociedade repleta de máquinas e artefatos digitais. Afinal, ao que mostra as novas paisagens culturais, a tecnologia digital é irreversível, a necessidade é a apropriação dessa evolução de forma consciente e crítica.

O processo de reorganização de tempo e espaço acaba deslocando as relações sociais e recombina-as de modo não planejados. O efeito globalizante causa a angústia e a insegurança. Nesse sentido, o todo complexo, que é a escola, juntamente com seus atores sociais, clama por reflexões sobre essa realidade e como os indivíduos estão nele inseridos.

<i>As mudanças são faticamente visíveis e ocorrem com enorme velocidade, gerando à vezes certa sensação de inoperância dos paradigmas por nos aplicados cotidianamente.</i>
<i>Ela (escola) necessita se transformar para acompanhar esses novos sujeitos, caso contrário, infelizmente ela perderá sua razão de ser</i>
<i>pois com a ideia de globalização, em tempo real as pessoas podem saber em tempo real o que está ocorrendo.</i>
<i>Sendo bem realista estamos muito distantes de equiparar a escola com a rapidez das novas tecnologias</i>
<i>as mudanças que atingem a sociedade como um todo, refletem diretamente nos alunos e em sala de aula deve ocorrer a integração entre propostas de ensino</i>
<i>Os avanços tecnológicos revolucionaram a maneira de pensar. O pensamento do aluno é digital</i>
<i>os alunos tem acesso as mudanças da sociedade rapidamente</i>
<i>o mercado de trabalho já não aceita alguém leigo nesta área, e a escola ainda continuam sendo o início/base de todo este trabalho.</i>

Fonte: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

As mudanças identitárias na sociedade não estão escondidas, são perceptíveis nas diversas relações sociais. Nos fragmentos acima, fica evidente que os professores têm observado e sentido essas mudanças dentro do ambiente escolar. Como coloca Bauman (1998), o mundo globalizado promove um distanciamento, assim o professor sente em sala de aula que, se a escola não mudar, rever e ressignificar dentro desse novo contexto com “esses novos sujeitos” esse distanciamento tende somente a aumentar.

A sensação de inoperância reside no fato de que as identidades fixas já não se aplicam as práticas sociais nessa grande massa em que todos estão imersos. Com o advento da internet, a fugacidade e a transitoriedade se acentuam. Não há respostas prontas, receitas a serem seguidas, modelos de aulas a serem aplicados, urge sim, a necessidade de construir o conhecimento num diálogo contínuo entre professor e aluno dentro de sala de aula, além de diálogos constantes entre os atores sociais da escola convergindo em projetos que de fato dialoguem com todas as práticas sociais.

Os processos de reorganização do tempo e do espaço associados aos mecanismos de desencaixe, os quais deslocam as relações sociais, conforme Giddens (2002) recombina essas relações, muito embora com seus conflitos, em novos cenários onde emergem discussões que estão sendo facilitadas pelos avanços tecnológicos. Então se “o pensamento do aluno é digital”, o digital clama por reflexões, e ao que parece não são estas lineares, mas sim estratificadas e ramificadas dentro desse “todo complexo” chamado modernidade globalizada.

<i>computadores para eles são preciosíssimas armas de comunicação. De diversão. De acesso a informações de seus interesses</i>
<i>imaginei que todos os alunos que pudessem levariam seus portáteis à escola</i>
<i>Gostaria de ter tido mais tempo para pesquisar e aplicar essa nova forma de educação que está batendo a nossa porta apesar de estarmos fazendo de conta que não enxergamos</i>
<i>ainda não posteí minhas experiências, acho que falta confiança</i>
<i>a maioria dos alunos não possui contato direto com o computador, necessitando então iniciar o Projeto Linguagem Digital com informações e ajuda individual para acesso a vídeos, áudios, fotografias e outros recursos para mostrar mais detalhes</i>

Fonte: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

Nas colocações dos participantes, a internet eliminou as distâncias e promoveu a comunicação instantânea. De um lado, os jovens usam o computador para a comunicação, em sua grande maioria, talvez nas redes sociais que são o “up” do momento, divertem-se em jogos interativos, em redes interconectadas, em atividades que exigem também raciocínio lógico e globalizante. Eles possuem mais acesso às informações. Desse modo, conforme

coloca Giddens (2002), os indivíduos se constroem nessas interconexões, podendo ser em contextos específicos, as influências globais demonstram suas implicações e consequências.

Ao observar que os alunos não levam os computadores portáteis para sala de aula, mas falam o tempo todo da rede, dos jogos, etc., pode-se deduzir que as práticas de letramentos digitais estão dissociadas da escola. Sabe-se e se nota que os jovens utilizam, mas não associam ao ensino/aprendizagem. As mudanças nas configurações identitárias são lúcidas, no entanto parece que na escola ainda permanece trabalhado com um sujeito fixo. É possível notar então os conflitos identitários nas diversas práticas. Pensar nessa sociedade tecnológica, globalizada é também rever a organização e os métodos na escola.

De outro lado, os professores, inseguros com a utilização das máquinas na prática docente. Isso é um quesito relevante, essa insegurança, característica do mundo globalizado, conforme sustenta Giddens (2002). No entanto, não é possível julgar que os professores têm a obrigação de saber usar e ter as respostas para o não uso das tecnologias. Os professores fazem parte de um grande processo que requer tempo para reflexão de como se apropriar devidamente das TICs. Não há liberdade para se apropriar, parece haver uma obrigação latente. Ouve-se tanto sobre a tecnologia e a globalização, há uma convergência de culturas e estilos de vida de acordo com Woodward (2009), mas a utilização, a apropriação, o domínio, a pertinência requerem apoio de políticas públicas, da gestão, da equipe pedagógica, dos professores e dos alunos. A escola é globalizada, não é o professor culpado ou inocente. Sozinho, infelizmente, as ações serão poucas e angustiantes.

Ademais, não se pode deixar de atentar que, embora se viva em um mundo globalizado, as influências globais ainda são muito locais. No último excerto, o participante afirma que a grande maioria dos alunos não possui contato direto com o computador. Ou seja, há um sistema dominante que nos faz acreditar que TODOS têm acesso. Essa generalização exclui os locais do mundo globalizado que não têm liberdade. Ao que parece, essa exclusão poderia ser minimizada se o sistema educacional disponibilizasse o acesso a todos os alunos. Evidentemente, discutido e repensado juntamente com o professor, de acordo com cada contexto escolar.

<i>Seria mais fácil e eficiente se todos os alunos tivessem acesso livre ao uso dos recursos que a internet oferece,</i>
<i>também temos que tomar cuidado com os excessos que podem ser prejudiciais</i>
<i>grande maioria gostou muito da possibilidade do uso do computador como meio de ensino.</i>
<i>enquanto nós ficamos com medo de apertar um botão e por tudo a perder</i>
<i>Como faço uso de computador diariamente há mais de 20 anos, adotando-o para trabalho, estudo e lazer, fiquei muito empolgada ao inseri-lo em minhas aulas</i>

<i>Estes alunos convivem com computadores e passam diversas horas ao dia usufruindo das maravilhas que o mundo digital e a internet disponibiliza a eles.</i>
<i>profissionais da educação e a sociedade como um todo têm uma posição preconceituosa quanto às novas tecnologias</i>
<i>Tenho pensado seriamente em utilizar o celular, pois mais e mais alunos da rede pública já têm o celular com acesso à internet</i>
<i>Acho que já se avançou um pouco, mas é insuficiente para acompanhar a velocidade da evolução tecnológica, assim o letramento digital se torna ineficiente</i>

Fonte: Grupos de discussão

O primeiro fragmento acima ratifica a discussão anterior acerca da exclusão, uma vez que sem acesso à rede, os alunos ficam à margem de uma sociedade tecnológica e globalizada. Se o sistema escolar disponibiliza o acesso nos laboratórios de informática e nas práticas de sala de aula, a educação engloba e fornece uma educação cidadã de acordo com as necessidades do século XXI, como já foi apresentado por Xavier (2002) e Moran (2007) no capítulo I.

A insegurança do novo, a ciência de que é preciso dosar a utilização das tecnologias, a possibilidade de inovação nos métodos de ensino pode ser notada com facilidade pelos participantes. As mudanças na sociedade em relação às tecnologias e as novas configurações identitárias são apresentadas como irreversíveis. Não há como fechar os olhos para as mudanças sociais e culturais. Contudo, são visíveis, mas parece que não são efetivadas. Estão distantes da escola, do ensino/aprendizagem. De acordo com Hall (2006), as sociedades são de mudança, são efêmeras, velozes e inalteráveis. Mas se estas são inalteráveis, por que na escola não está acontecendo essa mudança? Uma possibilidade é o receio de os professores utilizarem as máquinas, mas ainda há muitas discussões imersas nessa evolução tecnológica e nesse mundo globalizado que exige mudança. O mundo se apresenta globalizado, mas o sistema educacional ainda está compartimentalizado. As ações parecem permanecer isoladas, solitárias. As esferas educacionais continuam operando cada uma de seu patamar, com suas obrigações e seus deveres individuais, sem levar em consideração o coletivo, as práticas sociais.

Os alunos imersos em um mundo repleto de artefatos tecnológicos, cheio de inovações, alguns professores vislumbrando uma possibilidade de modernização para o ensino, outros demonizando o digital, apontando as tecnologias como causadora do desinteresse dos alunos, as políticas públicas morosas aos avanços digitais. Nessa confluência identitária, essas mudanças velozes empurram as contradições para inúmeras direções e, como seleciona Hall (2006), nossas identificações vão sendo deslocadas, desencaixadas. Cada vez mais instáveis e inseguros. Todavia, mesmo as identidades deslocadas, não se

podem descartar tudo e recomeçar do zero. Reformular de acordo com os novos paradigmas, novas perspectivas para que as identidades sejam moldadas dentro dessa nova realidade a fim de a dinamicidade seja um ponto positivo para a proximidade do professor e do aluno por meio das tecnologias digitais.

5.6 IDENTIDADES DOCENTES

Na seção 2.4 abordou-se a temática das identidades docentes na perspectiva que Hall (1994) coloca como não transparente e também conflituosa. Ou seja, de acordo com o autor as identidades não são um fato e, sim uma produção que está sempre em processo, nunca completo, além de que essas identidades são constituídas internamente e não externas à representação.

Assim sendo, é preciso observar e buscar compreender o papel e as identidades dos professores imersos nesse todo complexo que é a educação e que convergem com os processos de (des)(re)construção identitárias de cada docente, sempre imerso nas mais variadas práticas culturais, num processo ininterrupto de ser professor nessa confluência identitária. Isso porque está em contato sempre direto com o aluno e com todos os demais atores sociais da escola.

Os excertos que seguem demonstram essas relações ante a gama tecnológica que se vive nessa sociedade pós-moderna.

<i>Achei muito interessante que ainda que passem a maior parte de seu tempo livre em seus computadores, os alunos não queiram associá-los ao ambiente escolar. Será um conceito pré-estabelecido quando à não associar coisas boas às ruins? Diversão e escola? Desejo que não.</i>
<i>Gostaria muito de ter colaborado mais com sua pesquisa, mas sei que faltou ter mais conhecimento e tempo para desenvolver o projeto com mais afinco e dedicação,</i>
<i>não tinha muito tempo também, a escola, a casa e filhos, foram um obstáculo não conseguia tempo para ler, entender e tentar desenvolver uma forma de comunicação eficiente entre os meus alunos e eu.</i>
<i>Gostaria de dizer que sua pesquisa fez com que eu, professora e mãe, pudesse avaliar a forma com que educo e ensino meus alunos e filhos, acho que tenho muito a aprender, sei que não sou a única a achar mais fácil passar o resumo e explicar o conteúdo, e no fundo o correto seria deixar que os alunos construam seu conhecimento com minha ajuda e auxílio.</i>
<i>essa nova forma de educação que está batendo a nossa porta apesar de estarmos fazendo de conta que não enxergamos, sempre a comodidade em nossa categoria foi um obstáculo a novos conhecimentos e propostas, sempre critiquei colegas que se fecharam em seus mundos de "educadores passivos", e hoje vejo com pesar que também de certa forma também estou acomodada,</i>

Fonte: *blogs* dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

Nos fragmentos apresentados, os dados falam por si. O processo de (re)configuração dos docentes participantes na pesquisa é visível. Percebe-se que os professores passaram a

observar mais detidamente a sala de aula com a qual convivem, os modos com que os alunos agem em relação às tecnologias e, o mais expressivo, é o olhar para si mesmo para sua prática. É de ser relevado que os projetos com as práticas de letramento digital, os acessos, mesmo que precários nas escolas, as discussões e proibições com a tecnologias podem estar residindo na falta de reflexão. Como já colocou Bauman (1998), consumir é a palavra de ordem, é preciso engajar todos na condição de consumidores. Ao que se apresenta, é de se pensar de fato de sermos impelidos a utilizar tantas tecnologias digitais, *usa-see-mails*, celulares, mas refletir sobre toda essa complexidade que envolve as práticas de letramentos/letramentos digitais está sem atenção.

Certamente é fácil o que as políticas públicas fazem para demonstrar os índices de letramentos e práticas digitais. Criar projetos e dar capacitação com o discurso de que precisa ser usado. Mostrar alguns caminhos, inserir TVs *Pen-Drive* em sala de aula, ter um laboratório de informática. Nessa perspectiva, a reação dos docentes é resistir, porque tantos são os projetos que foram criados e impostos para utilização. Trabalhar diretamente na fonte, isto é, com os docentes, verificar as necessidades e limitações e, juntos, desenvolver projetos que de fato sejam úteis no bojo de tantas tecnologias. Pensar o que fazer e como fazer.

Se é discutido tanto a respeito das TICs, é de se pensar no por que se fala tanto, mas a velocidade com que as informações e tecnologias acontecem, os docentes não estão tendo tempo para discutir e repensar de que modo se pode aliar tanto digital às práticas docentes. Talvez se explique o motivo de os alunos não quererem levar o computador para sala de aula, não querer associar a “diversão” que são as tecnologias à escola que passa a ser o ambiente dissociado dos interesses dos alunos, uma vez que a escola ainda mantém muito mais do analógico.

Nas assertivas dos participantes, comprova-se que ainda os métodos tradicionais de passar resumo no quadro de giz é o modo mais fácil, ou melhor, aqueles métodos que estão apreendidos e cristalizados na escola e na formação docente. Olhar por diversos ângulos pode ser um caminho interessante para a não comodidade. No entanto, vale ressaltar que o repensar docente não é um caminho tranquilo. Como Hall (1994) já apontou anteriormente são conflitos que precisam ser discutidos, ressignificados, repensados. Para tanto, partir de celeumas da sala de aula, ouvir o professor, apresentar meios e possibilidades são necessários para essa reconfiguração identitária.

As férias terminaram e eu ainda não postei minhas experiências, acho que falta confiança e boa vontade (um pouco de tempo também).

Confesso que estou apreensiva, pois sou marinheira de primeira viagem no assunto de blog e deveria ter feito isso já a muito tempo

O Projeto tinha como objetivo desenvolver com os alunos um blog. Porém houve muitas interrupções e não foi possível, mais tarde creio que poderei desenvolvê-lo, pois, acredito nos benefícios que esse blog trará através dos meios digitais nas escolas, aumentando o diálogo entre professores e alunos e a ampliando o espaço da sala de aula, já que o contato passa a ser também fora do horário escolar. Além disso, os recursos disponíveis nos computadores e na internet fazem com que os estudantes tenham mais prazer em assistir às aulas e interajam de modo mais efetivo.

Fonte: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

Falta de confiança já aponta para um possível repensar do ser professor, da prática docente. Essa falta de confiança pode ser os nuances da fragmentação do sujeito. Afinal, como coloca Grande (2010), o professor projeta sobre si imagens que se configuram nos diálogos com os outros e da compreensão que estes fazem. É como se existisse um modelo pronto a ser postado, e quando foi proposto que os professores postassem as percepções do trabalho com digital em sala de aula, não foram dadas receitas. São duas situações inéditas que se apresentam: de um lado o trabalho em ambiente digital. De outra banda a insegurança de não saber se era aquele o resultado que se esperava.

Posto isso, é que se discute como a identidade do professor está arraigada em um modelo pré-estabelecido. Ser professor é aquele que domina tudo, sabe tudo, que é detentor do saber. E a proposta da pesquisa é justamente o repensar do papel docente, a prática docente. As mudanças tecnológicas, a globalização, a velocidade de informações não admite ser detentor do saber. Faz-se necessário revisitar os métodos utilizados, o diálogo com os alunos é necessário, ouvir as vozes que apontam as mudanças, inteirar-se dessas novidades e ressignificar diante das mudanças. Não é uma receita, são possibilidades de trabalho e olhares que precisam estar mais atentos. Caso contrário, como nos fragmentos anteriores aos apresentados acima, a acomodação pode se instaurar.

É perceptível nos excertos que a proposta causou uma instabilidade, o que se acredita ser positivo, uma vez que para desenvolver o trabalho junto aos alunos, os participantes da pesquisa discutiram acerca do assunto, pensaram em possibilidades de utilização de tecnologias digitais além do uso pessoal e perceberam como estão todos, como professores, diante de um turbilhão de artefatos técnicos e tecnológicos que podem de alguma forma contribuir para a aproximação dos alunos para a sala de aula, para a escola, atrelando tantas novidades às práticas sociais.

No terceiro fragmento, o participante ratifica essa aproximação, demonstra que com o uso das tecnologias digitais é possível estender a sala de aula para além dos muros escolares, promovendo um diálogo mais interativo e próximo, construindo assim conhecimento. Muito

embora, haja limitações, problemas no decorrer do planejamento de sala de aula devido às questões de infraestrutura, problemas de espaço físico, funcionamento das máquinas, dentre outros já discutidos anteriormente.

Participar da pesquisa foi um grande desafio, pois meu conhecimento sobre a linguagem digital era e ainda é mínima, mas pelo menos bateu a curiosidade e a tentativa da busca por um pouco mais de conhecimento, as leituras que fiz neste período ajudaram a descobrir muitas tecnologias que não sabia existir. As dúvidas foram e ainda são muitas tanto a respeito do que é a linguagem digital, e também de como usa-la na escola e na vida, no dia a dia.

Acredito que dentro de tudo o que podemos ter como recurso pedagógico temos que considerar até onde e quanto usar esse recurso

Se bem que na primeiratentativa do uso observei que alguns alunos ficaram um pouco desconfiados, mas nas tentativas seguintes a grande maioria se adaptou bem com a ideia e até acabava ajudando quando eu sentia dificuldades em encontrar atalhos e etc

Para que a dose seja correta eu acho que primeiro deve-se conscientizar os docentes de que apesar de acharem tem conhecimento a grande maioria é leiga no assunto, pois passar imagem no multimídia é o que a maioria faz.

Esse projeto de pesquisa me fez ver alguns fatos que acontecem tanto na sala de aula quanto na instituição de ensino. Como é fácil nós professores ficarmos em uma atitude de comodidade achando que o que eu sei é suficiente para ensinar, mas descobri que se for mais fundo nessa história está na hora de aprender como trabalhar com essa nova geração de alunos que estamos recebendo, que tem acesso a todas as formas de tecnologia e sabe usa-la.

Fonte: grupos de discussão

Por meio da linguagem que os professores utilizam é possível notar como estes determinam suas identidades, conforme afirma Correa (2000). O desafio da pesquisa, a curiosidade pelas tecnologias, a tentativa de mais conhecimento reconfiguram as imagens do professor, muito embora as dúvidas permaneçam. Há necessidade de lançar mão acerca da representação de saber tudo e aceitar que a dúvida pode ser um caminho para se reconstruir continuamente. Essa identidade de professor não ter dúvidas, que professor sabe tudo acaba por reificar a comodidade, o medo do novo, a não apropriação, etc. Essas referências identitárias revozeiam uma história de ser professor que pede, incansavelmente, por modernizações e, quem sabe, caminhos diferentes para uma escola mais moderna e tecnologicamente mais próxima dessa nova clientela de jovens que desfilam com os celulares nas mãos, a geração “carinha iluminada”¹⁷ – devido aos reflexos da tela do computador e, por extensão, distantes da sala de aula.

Evidentemente é preciso saber dosar o uso de tanta tecnologia, uma vez que, as práticas de letramentos/letramentos digitais não são discutidas para substituir o fazer docente, a figura do professor, ou qualquer situação que remeta a exclusão do processo ensino/aprendizagem até então utilizado. É notório como há uma preocupação velada de que

¹⁷ Expressão utilizada por um dos participantes de pesquisa durante os grupos de discussão

as tecnologias são perniciosas, substituem o professor, ou algo do gênero. Não se pode de fato destruir a escola e começar do zero, necessita-se de reconfigurações ponderadas, discutidas, pensadas e repensadas para atrelar esse universo multissemiótico que encanta tanto, sejam professores, sejam alunos, sejam cidadãos comuns em suas práticas sociais, trabalhadores, profissionais, ou qualquer indivíduo que utiliza essas tecnologias.

E como os participantes colocam utilizar multimídia não é suficiente. Afinal, repassar os conteúdos, por meio de slides, projetor, televisão, vídeo ou qualquer outro meio digital não significa que se apropriou das tecnologias e se faz uso delas. Ao que parece, é apenas transferir as lições que antes eram repassadas no quadro de giz para os recursos digitalizados. Apropriar-se dessas tecnologias digitais é mais complexo e desafiador. É preciso observar quanta informação está disponível, o que de fato é verossímil e confiável, como mediar esses acessos junto aos alunos, como utilizar essas máquinas e artefatos para construir conhecimento, pensar criticamente, posicionar-se a respeito.

As múltiplas identidades de ser professor é uma tarefa árdua. Exige reflexão contínua, além do que, professor é professor o tempo todo. Uma vez que está em constante contato com várias identidades que se constroem a partir dessa figura em sala de aula, e que o faz se reconstruir continuamente, e vice-versa. Muito embora, como o participante coloca, é muito fácil ficar acomodado, saber tudo, ainda assim, acredita-se que o professor sabe e sente que não é assim, por mais que não exteriorize. Conforme afirma Moita Lopes (2002), “a escola representa um papel central na construção de quem somos”, o professor conhece esse papel, já que nas relações que tem com o meio social, os olhares dos alunos sobre o professor os impelem a ter determinadas atitudes, exigem uma postura diferente. E se assim o é, o professor observa também o comportamento do aluno, as normas da instituição escolar, os engendramentos de todo o sistema do qual faz parte. No entanto, somente quando lhe é inquerido acerca da sua identidade, o docente para e revê, repensa, além de refletir mais detidamente sobre o seu papel e as complexas discussões, nesse caso, sobre os letramentos/letramentos digitais.

Eu acho que a maior resistência é pelo fato da falta do conhecimento de saber do que se trata na íntegra, quando iniciamos esse projeto fiquei assustada pois sabia muito pouco a respeito de letramento digital o próprio nome assusta depois que acho que descobri do que se trata vi que é tudo que se faz e vê ou quase tudo, utilizando as várias tecnológicas que temos hoje, não só das pesquisas do saites de pesquisas, mas que também poderiam ser utilizadas as redes de relacionamentos, os celulares etc.

acho que o mais importante é saber e aceitar que tenho muito a aprender para poder usar como prática docente o letramento digital, ou as tecnologias que estão a nossa disposição. É necessário um novo olhar sobre a educação e a forma com que ensinamos os nossos alunos, pois as aulas estão tornando-se maçantes para jovens que tem o mundo na frente de seus olhos diante de um computador ligado a internet, é necessário um novo pensar a educação, e essa breve mais importante experiência me ajudou a olhar para as minhas práticas docentes e descobri que são necessárias mudanças muito grandes para continuar atraindo o aluno para os

assuntos que trata minha disciplina. E muito difícil grandes mudanças a gente se sente triste em saber que não está mais sendo um bom professor, mas acho que gostaria de mudar para conseguir atingir a meu principal objetivo como professora que é ensinar. Sempre gostei de ensinar e despertar um certo interesse dos meus alunos por minha disciplina, e acho que é sem dúvida necessário ter um novo começo descobrindo forma atrativas dentro das possibilidades tecnológicas que possam auxiliar nessa tarefa tão importante e necessária que é ensinar e educar nossas criança.

No meu entendimento, letramento digital não é apenas saber utilizar as ferramentas digitais e sim utilizá-las no seu dia-a-dia de maneira significativa, entendendo suas possibilidades e facilidades na vida pessoal e social.

O que sempre fizeram em todos esses anos de lentidão da educação brasileira lutar para conseguir tanto o bem material, quanto o bem intelectual que seriam cursos e afins para que os professores possam usar esses recursos com eficiência e realmente utiliza-los com sabedoria e utilidade em suas aulas, fazendo com que nossas crianças voltem a olhar para a escola com admiração e prazer.

não conseguimos usar todos os recursos que essas tecnologias podem nos oferecer como ajuda didática, e até como forma para uma aproximação entre os professores e alunos, já que essa relação está cada vez mais difícil.

Entendo letramento digital, como se fosse um novo alfabetizar só que desta vez utilizando materiais tecnológicos, é saber utilizar e usufruir os benefícios que as tecnologias oferecem, tanto no dia a dia como em nossas praticas docentes, para mim saber utilizar os meios tecnológicos para atingir os alunos em seu ponto de maior acesso que são as tecnologias, nunca pensei em dizer que se poderia aposentar o giz, mas acho que estamos bem perto disso

Fonte: grupos de discussão.

Resistir, segundo as acepções do dicionário Houaiss (2010), significa:

1. conservar-se firme; não sucumbir, não ceder; 2. não ceder ao choque de outro corpo; 3. opor-se, fazer face (a um poder superior); 4. agir na defesa ou proteção de si mesmo ou de algo seu; 5. recusar-se, negar-se e 6. durar, subsistir, conservar-se. (HOUAISS, 2010)

Resistir é palavra recorrente nos dados coletados, e nesse momento, verifica-se que a resistência está na falta de não conhecer tantos aplicativos disponíveis, como já inúmeras vezes foi dito, a velocidade da mudança dificulta conhecer tanta novidade digital. Porém, a apropriação¹⁸ requer ultrapassar essa barreira, e parece ser esse o processo de reconfiguração identitária que necessita acontecer. Muito embora, como os projetos de letramentos/letramentos digitais são colocados e/ou impostos, cada dia mais a resistência pode perdurar. Um processo de dentro da sala de aula para o projeto poderia ser discutido. Uma vez que a breve experiência dos professores participantes se mostrou tão pertinente, fazendo com que os docentes mudassem o foco de seus olhares.

Durante o desenvolvimento de pesquisa, os professores tiveram que se reconhecer diante de tantas mudanças. No decorrer das discussões, os participantes aparentavam estar até chateados com as descobertas sobre si próprios, todavia é de se relevar o quão conflituoso é rever quem “sou” como professor, o que “preciso” e como “deveria e/ou poderia” agir. Diante

¹⁸ 1 tomar para si, tomar como propriedade; arrogar-se a posse de; apoderar(-se), assenhorear(-se); 2. tornar(-se) próprio ou conveniente; adequar(-se), adaptar(-se)

da carga horária que o professor, no Brasil, precisa ter a fim de garantir seus provimentos, as tarefas além-sala de aula, a vida pessoal, a família entre outros, não é fácil imergir nesse mundo tecnológico, analisar o que o advento da internet disponibilizou e observar o comportamento de alunos e também dos filhos em relação à sociedade tecnologizada. Os métodos que até então são utilizados levaram anos para serem implantados e usufruídos, porém parece que tais métodos se apresentavam mais simples, como modelos. Deixar a tecnologia adentrar a prática de sala de aula requer mais que um modelo, requer também o tempo de pesquisa até que o professor se sinta minimamente capaz de desenvolver qualquer atividade com uso das TICs. Além, é claro, de rever a linha pedagógica utilizada. Ao que indica alguns fragmentos, ainda o método tradicional perdura. Com as rápidas mudanças socioculturais, é mais que urgente construir o conhecimento com professor e aluno dialogando continuamente.

Nos dados acima destacados, é notório como os professores percebem o distanciamento do aluno em relação ao ensino/aprendizagem, o desprazer de ir à instituição escola, o distanciamento também entre professores e alunos. Tantas são as inquietações que se apresentam e muito há que ser discutido. Evidente, muitas dessas inquietações não estão somente na apropriação e utilização ou não de tecnologias digitais em sala de aula, fazem parte de um engendramento muito maior. No entanto, com a breve experiência relatada pelos participantes, as tecnologias podem contribuir para minimizar alguns problemas, resolver outros, como também criar muitos outros problemas a serem discutidos.

Não há pretensão de encontrar culpados ou inocentes, onde começar, quanto menos quando terminar as práticas de letramentos/letramentos digitais. Entretanto, em algum lugar, atitudes precisam ser tomadas por alguém. E se, a escola se faz com pessoas, quem sabe por meio dos professores pode ser um caminho relevante a ser considerado.

5.7 REFLEXÃO CRÍTICA

O ato reflexivo é uma atividade que requer mudança, ações efetivas no interior da sociedade precisam ser realizadas. Essa discussão foi apresentada com vistas a buscar resultados no trabalho junto com o professor, estabelecendo então um diálogo entre participantes e pesquisador a fim de que ambos olhassem atentamente para o fazer docente, refletissem sobre as ações, significados das ações com o intuito de se valer disso para conhecer a si mesmo, compreender o próprio eu e a prática desempenhada.

Os resultados apresentados remetem a várias situações de conflitos, as quais fazem parte do aprender e conhecer, seja por parte dos alunos, como dos professores. Muito embora o foco dessa análise sejam os professores que inseriram o digital no fazer docente. Os conflitos convivem nas instâncias singulares de cada participante, suas subjetividades, incertezas. No entanto, como coloca Ghedin (2006), educar nesses moldes reflexivos é romper consigo mesmo para que novas ações sejam instauradas e compreendidas, imprimindo assim novas ações reflexivas, potencializando e preconizando sempre a construção da cidadania responsável.

Os caminhos seguidos foram sendo descobertos e ressignificados diante de cada contexto escolar, das situações de cada instituição e dos saberes de cada professor participante. Em vista disso, a reflexão crítica proposta por Schön (2000) pôde ser, mesmo que rapidamente, verificada nos depoimentos dos participantes, sendo elas: o conhecimento da ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a reflexão na ação apresentada na seção 2.5.

<i>Os alunos, inconformados com sua conquista, não levaram suas máquinas. Ainda estavam sob o choque da informação</i>
<i>De lá para cá, tenho me perguntado o motivo, e ainda penso em alternativas, não concluí</i>
<i>talvez a melhor atitude seja permanecer incentivando os alunos para que vinculem sua vida real ao ambiente escolar</i>
<i>As ultimas aulas com o uso do comp. foram mais satisfatórias, agora vou criar uma forma de comunicação entre os alunos e eu</i>
<i>passando trabalhos e comentários através do MSN, até foi interessante, mas também acho que não foi bom</i>

Fonte: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

Como se pode notar, os participantes da pesquisa refletiram atentamente sobre a proposta do uso dos computadores percebendo assim quais são as limitações no momento, o que de fato pode dar certo, ou mesmo refletindo caminhos de como traçar o trabalho com as tecnologias digitais à disposição.

Ao que indicam os excertos, os professores foram testando métodos de trabalho, no entanto não se pode deixar de destacar que a chegada até um caminho minimamente viável ainda está longe de acontecer. Supõe-se que não seja demérito e sim, a perspectiva da construção do conhecimento de fato. Conforme Ghedin (2006) já destacou, o conhecimento toca no mais íntimo do ser e, que para tanto, depende da intimidade pessoal, uma relação intrínseca com o estudo, ou nesse caso, a proposta de trabalho com as tecnologias digitais na prática docente.

Com a proposta da pesquisa, os participantes ficaram mais atentos ao seu fazer docente, desencadeando o processo reflexivo, pois o professor passou a olhar, de modo, mas

detido ao seu fazer em sala de aula. Quando o participante usa o termo “talvez seja esse o caminho” ou mesmo “ainda assim não foi bom” acontece o que Schön (2000) nominou de reflexão na ação, esse olhar mais atento colabora para conhecer a si mesmo, compreender o ser professor na sala de aula.

<i>apesar do pouco tempo foram muito enriquecedoras para os alunos e também para mim que estou iniciando meu letramento digital junto com os alunos</i>
<i>Eufórica para usar pela primeira vez o novo laboratório de informática, com computadores novinhos e tinindo. Mas, chegando lá, encontrei os computadores ainda nas caixas: sem previsão para montagem do laboratório</i>
<i>Quando decidi participar da pesquisa da Profª Zuleica, optei em aplicar as atividades com a turma de apoio... por se tratar de uma turma de alunos que já possuem dificuldades de aprendizagem.</i>
<i>Neste momento é pude notar as dificuldades, pois a ideia era ensinar a transformar os textos em hipertextos, porém os alunos mal sabiam digitar.</i>

Fonte: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

O tempo de desenvolvimento da pesquisa pode ter sido pouco, no entanto a inovação da proposta de trabalho foi pertinente e os participantes sentiram-se motivados. Em virtude disso é se pode perceber que as utilizações das TICs em sala de aula podem ser um caminho interessante para modernizar o ensino/aprendizagem. Todavia, como se nota nos fragmentos, há conflitos que precisam ser resolvidos, alguns percalços que estão aquém da ação do professor, envolvem outros departamentos do sistema escolar. Alguns desses problemas já foram discutidos anteriormente.

Em vista do exposto, é possível notar que os docentes tiveram a coragem de romper barreiras consigo mesmo, conforme coloca Ghedin (2006). Esse rompimento instaura no professor uma nova ação reflexiva a qual amplia o horizonte de possibilidades de mudança. Inegável observar esse processo quando o participante opta por trabalhar com uma classe com dificuldades de aprendizado e descobre outras dificuldades que estão enraizados na escola. Para as práticas de letramentos digitais, ainda o fato de os alunos mal saberem digitar, aponta para detalhes que parecem estar sendo engolidos pelo senso comum de que os alunos convivem com o computar, que TODOS têm acesso. Reitera-se nesse temática o que já foi mostrado na seção 5.5. Nem todos têm acesso ao computador. Conjetura-se que existem afirmações que precisam ser repensadas para as discussões acerca do letramento digital.

Pimenta (2006) destaca que existem situações que emergem no dia a dia profissional e, que nem sempre, o professor consegue resolver, uma vez que as limitações no processo de ensino/aprendizagem são incomensuráveis, dado o fato que cada aluno é circundado por inúmeras identidades, conflitos íntimos e dificuldades singulares.

<i>O projeto foi desenvolvido com alunos de Sala de Recursos Multifuncional tipo I das séries finais do Ensino Fundamental.</i>
<i>No início, houve grande expectativa, tanto por parte do professor e alunos, porém ao decorrer do andamento do Projeto Linguagem Digital houve interrupções</i>
<i>As atividades foram desenvolvidas no laboratório de informática da escola, onde também funciona como Biblioteca, Sala dos Professores. Além disso, muitas vezes não funcionava a internet ou havia queda de energia.</i>
<i>No entanto os momentos realizados foram de total motivação e aprendizado</i>
<i>Este Projeto com aulas interativas e o pouco uso de meios digitais na educação foi um dos motivos de melhora na desenvoltura de avaliações e incentivo a maior participação dos alunos nas atividades escolares proporcionando benefícios na aprendizagem.</i>

Fonte: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

De suma relevância trazer à baila as palavras de Pimenta (2006, p. 27-28) para esse discutir os fragmentos acima. “Por um lado, as finalidades educativas apresentam um discurso de preparar para a vida adulta com capacidade crítica em uma sociedade plural. Por outro, o trabalho docente e a vida da escola se estruturam para negar estas finalidades. E nesse paradoxo que os professores, para resistir às pressões que o contexto social e institucional exerce sobre eles, acabam reduzindo suas preocupações e suas perspectivas de análise aos problemas internos da aula. A compreensão dos fatores sociais e institucionais que condicionam a prática educativa e a emancipação das formas de dominação que afetam nosso pensamento e nossa ação não é espontânea e nem se produzem naturalmente”.

Os processos contínuos de descoberta para a transformação das diferenças nas práticas de sala de aula precisam ser ilimitados sempre. Afinal, como o participante coloca, a proposta de trabalhar com o digital era relevante, mas a morosidade para a resolução de dificuldades para isso são maiores ainda. Mesmo que tenha acontecido de maneira truncada e por um período pequeno, os resultados parecem positivos. Então, é possível deduzir que, se as questões políticas forem mais ágeis, as TICs podem de fato contribuir para a melhora no desenvolvimento das aulas e, por conseguinte, em um aproveitamento maior do aluno.

É de se destacar, que na escola pública onde o trabalho foi proposto, a pesquisa foi encerrada durante o processo, porque a sala de informática foi desmontada a fim de que se instalassem novas máquinas. Como foi uma convocação para desmontar a sala, a ordem foi acatada, no entanto o técnico designado para o trabalho de instalação do equipamento não chegou e, até a presente data, a escola continua sem laboratório, as máquinas continuam encaixotadas.

Sendo assim, mesmo com um trabalho desenvolvido cheio de interrupções, o saldo parece positivo, pois os professores aguardam o novo laboratório para desenvolver novas práticas de letramentos/letramentos digitais.

Mas essa busca deve ser tanto da Escola como instituição provedora dos recursos, quando do Professor e alunos como disseminadores e usuários desses recursos, estiverem sintonizados falando e utilizando-os com pleno conhecimento e responsabilidade seria um grande avanço na educação.

Com relação a receptividade dos alunos acho que a grande maioria gostou muito da possibilidade do uso do computador como meio de ensino.

Também a utilização da linguagem digital deve passar por um diagnóstico de como pode ser inserida, devem ser analisados também os mecanismos de inserção que, a própria entidade escola, mas também o veículo de inserção que são docentes.

Com relação as escolas a dificuldade é ainda maior porque além de aprender vai ter que ensinar,

Fonte: grupos de discussão

Como se depreende dos fragmentos acima, o professor não é passivo e a escola não é homogênea como afirma Pimenta (2006). Nesse sentido, os processos de interação entre escola e professor também requer discussões. Há conflitos marcados na representação da instituição escola que apontam, novamente, para os problemas políticos, administrativos, burocráticos. De que adiantaria o professor estar aberto às mudanças, romper com suas barreiras para a implantação de novos meios para o ensino/aprendizagem com o uso das TICs, se existe dissintonia entre o sistema escolar e o professor.

Apenas lançar mão de projetos, planos diferenciados de trabalho, concepções diferentes sem dar suporte para o professor, a ação do professor fica limitada. A sintonia entre escola e professor precisam estar sempre afinados. Afinal, como já foi mencionado nesse trabalho, a educação é um todo complexo. Juntos, escola e professores poderiam configurar um trabalho de formação continuada junto às instâncias formadoras e, assim, discutir e procurar caminhos para uma inovação com vistas à construção do conhecimento. Como destaca o participante, a escola também precisa aprender.

Pimenta (2006) afirma que a educação retrata e reproduz a sociedade, como também projeta a sociedade que quer. Nesse ínterim, a reflexão crítica e coletiva sobre as condições de trabalho são apresentados nos dados. Cientes de sua função, os professores mostram que a apropriação das TICs também necessita de apoio de outras instâncias na/da escola. Assim, a visão crítica do professor se instaura e as ações podem ser mais eficientes.

Além do que os recursos materiais também vão depender do gestor dessas instituições, de governos quando se tratar de escolas públicas, prover recursos para que as aulas não fiquem só no projeto mas realmente aconteça é um grande desafio.

Então acho que a escola precisa abrir os olhos para essa inovação e colocar essa ferramenta a seu favor.

Não tive problema com motivação e até mesmo faltas de alunos no primeiro semestre quando estava trabalhando com os computadores, já neste segundo semestre...

Não foi possível fazer o hiperlink nos textos produzidos pois ficamos sem computadores

Acho que a maior dificuldade foi direcionar o trabalho, posto que a internet dá margem a dispersão...

Fonte: grupos de discussão

Reitera-se que a gestão, as políticas educacionais precisam estar associadas para a reflexão crítica passar a ter ação crítica. Caso contrário, o professor fica em um dilema para a ação crítica. Aprovar projetos requer condições de trabalho.

Os participantes apontam que as tecnologias utilizadas foram profícuas, motivadoras para a sala de aula, mas que problemas que fogem a atuação do professor impediram um desenvolvimento mais intenso do trabalho.

Além desse fator, um dos participantes aponta para a dispersão que é facilitada pelo uso da internet. Nesse sentido, deve-se dizer que a reflexão crítica acena para os conflitos que podem ser encontrados no fazer docente com esses novos meios. Posto isso, Libânio (2006) afirma que ao se apontar para tal dificuldade, também é necessário mudar nossas representações e nosso processo de conhecer. Um processo investigativo por parte do professor precisa ser iniciado de modo a buscar caminhos de como trabalhar com a dispersão dos alunos. E ao que parece, o participante buscou encontrar esses caminhos para desenvolver o trabalho e com resultado vantajoso, quando apresenta os trabalhos que foram realizados pelos alunos.

<i>O resultado final ficou muito bom e os alunos se sentiram muito motivados principalmente para fazer os hipertextos</i>
<i>Acho que se faz mais propaganda do que se disponibiliza de fato. É mais um cenário bonito, mas que não possui a eficiência necessária para se desenvolver um bom trabalho</i>
<i>quando não negam o poder de aprendizagem pelo meio digital.</i>
<i>Aguardo duas coisas: Montarem a sala de informática e o aumento da hora-atividade prometida para o próximo ano para poder preparar mais atividades nos computadores, desta vez tentando as turmas do ensino regular, pois minha experiência foi com a sala de apoio aprendizagem.</i>
<i>a sala de informática que está empacada e tempo para preparar e REFLETIR nas ações e atividades. Acho que no Brasil as dificuldades são incontáveis, mas não devemos desanimar e dar um passo de cada vez, fazer o que nos é possível para o momento e tentar usar o máximo de meios e instrumentos possíveis para desenvolver um bom trabalho</i>

Fonte: grupos de discussão

A reflexão crítica proposta parece ter sido efetivada segundo os fragmentos acima. Afinal, refletir sobre a prática a partir da apropriação de teorias, indica um marco para as mudanças também nas práticas de ensino para o futuro. A discussão e a reflexão demonstram o aprimoramento no modo de agir como afirma Libânio (2006). O saber-fazer, mesmo que ainda com muitas incertezas indicam que estão sendo superados buscando internalizar novos instrumentos de ação.

Os meios a serem seguidos dependem da ação do docente e, conjuntamente, discussões vão sendo travadas para o que o conhecimento se construa. Coscarelli (2007)

pontua que os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para a realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e, assim planejar formas de utilizá-los em suas salas de aula.

Frente aos tantos percalços como escolas não equipadas, professores não preparados, sem disponibilização de material, equipamentos, laboratórios, as dificuldades enfrentadas pelos alunos na sociedade em que vivem dentre tantos outros problemas, repensar a prática docente faz-se extremamente necessário para buscar meios de fazer com que novos letramentos colaborem com o aluno e seu aprendizado e não seja mais um problema a ser detectado. É preciso uma maior compreensão dos docentes, conforme Ferreira (2008) assegura, a necessidade de incluir discussões na formação do professor e na formação continuada, conceitos que desafiem os modos de pensar e exijam a reflexão crítica da sua prática. A experiência do professor é uma forma de reavaliar o conhecimento do professor em sala de aula.

De acordo com Coscarelli (2007, 39), para que as tecnologias digitais realmente venham “representar uma mudança na vida escolar, é preciso que a educação seja compreendida como um processo de construção de uma saber útil e aplicável pelos alunos e não como uma realidade a parte, sem nenhum interesse e de difícil acesso na escola”. Ou seja, a escola não pode ficar dissociada da tecnologia digital, afinal o investimento que governos fazem, mesmo que insuficientes, é a demonstração de reconhecer a importância dos projetos de letramentos digitais que é relevante para a formação do cidadão enquanto ser crítico e reflexivo. A escola como célula da sociedade, precisa manter vínculos estreitos entre realidade e sociedade ante os tantos anseios e necessidades.

Eu acho que em grande parte do Brasil existe uma tentativa para que as mais variadas tecnologias cheguem até as escolas, o grande problema ou o maior problema é a falta de pessoas qualificadas tanto para as instalações de computadores como a manutenção desses aparelhos, apesar disso, cada vez mais as escolas tem recebido materiais didáticos para que os professores possam utilizar as tecnologias nas praticas de suas aulas

Entendo letramento digital, como se fosse um novo alfabetizar só que desta vez utilizando materiais tecnológicos, é saber utilizar e usufruir os benefícios que as tecnologias oferecem, tanto no dia a dia como em nossas praticas docentes, para mim saber utilizar os meios tecnológicos para atingir os alunos em seu ponto de maior acesso que são as tecnologias,

Tudo o que se apresenta como novo é assustador e cria-se uma certa resistência, mas a partir do momento que se torna conhecida e útil torna se aceita e respeitada.

e essa breve mais importante experiência me ajudou a olhar para a minhas praticas docentes e descobri que são necessárias mudanças muito grandes para continuar atraindo o aluno para os assuntos que trata minha disciplina. E muito difícil grandes mudanças a gente se sente triste em saber que não está mais sendo um bom professor, mas acho que gostaria de mudar para conseguir atingir a meu principal objetivo como professora que é ensinar

Muitos são os desafios os principal deles e ter auto critica para saber o quanto o professor tem de conhecimento para utilizar essas tecnologias em suas praticas docentes

O segundo maior desafio está ligado às administrações escolares tanto públicas quanto particulares e o quanto essas instituições estão dispostas a investir para que esses avanços ultrapassem os muros escolares e possam ser utilizados como ferramentas didáticas e não como ferramentas de infração de regras.

Não adiante o professor ter acesso a tecnologia e fazer mau uso dessa tecnologia.

Fonte: Grupos de discussão

Libânio (2006) destacou que pouco importa se o professor é tradicional ou inovador, o importante é que o docente ajude o aluno a desenvolver uma atividade intelectual, a qual deve ter sentido para o aluno. No entanto, se mantiver a tradição, os avanços tecnológicos podem continuar distantes da sala de aula. Nesse sentido, os excertos demonstram que os professores buscaram refletir, conseqüentemente, aperfeiçoar a prática e reconhecerem que precisam estar mais atentos aos desenvolvimentos tecnológicos da sociedade e, como consequência, dos alunos e também da escola para atender a um novo público que adentra a escola nessa sociedade tecnológica.

Desse modo, há necessidade de (re)contextualização e (re)significação às tecnologias de escrita e leitura em virtude do momento histórico e o estágio de desenvolvimento em que se encontra. Ademais, não é objetivo encontrar culpados, até mesmo porque isso não seria possível. A escola é um todo complexo, não é homogêneo e nem passivo como explica Pimenta (2006). Estar aquém da realidade na qual a grande maioria está inserida, conforme ressalta Soares (2010), é uma suposição de que letramentos são somente o que se ensina na escola e é medido por ela. Isso ignora a aprendizagem por meios informais e situações externas à escola, e, portanto, passa a ser uma evidência de que o conhecimento é discutível.

Rojó (2009) também enfatiza que devido a isso é tão importante os letramentos críticos, que são capazes de lidar com “textos e discursos naturalizados, neutralizados de maneira a perceber seus valores”. Sendo assim, o papel da escola hoje é ensinar a pensar, preparar os alunos para saber enfrentar os novos desafios, problematizando, discutindo e tomando decisões. À escola, cabe a ampliação dos horizontes para tornar os alunos mais sensíveis, conscientes, comunicativos, desbravadores. Pensar na tecnologia de novos processos pedagógicos mediados pelas tecnologias. Não se pode deixar de destacar que a ação está no sujeito e não na técnica e conforme enfatiza Ribeiro (2010), a tecnologia precisa estar a serviço do homem e não o contrário.

Certamente, vive-se uma sociedade com muitas informações e existe a dificuldade em escolher quais são realmente significativas e, ainda, como integrá-las à mente e à vida. Todavia, de acordo com Moran (2007), a informação dependerá cada vez menos do professor. Já que as tecnologias podem trazer uma gama de imagens, textos, etc. de forma muito rápida. Então, o papel do professor reside em ajudar os alunos a interpretar essas informações e

contextualizá-las. Cabe ao docente mobilizar o aluno a aprender de modo que este sinta cada vez mais vontade de conhecer.

É de se relevar então que os clamores dos professores divergem devido a esse paradoxo de se viver em uma sociedade velozmente tecnológica e a instituição legitimadora de ensino permanece analógica.

Por tais razões, esse paradoxo instaurado, precisa ser modificado com o aluno advindo de uma sociedade digitalizada. O diálogo entre professor e aluno parece ser um caminho pertinente uma vez que se apresenta um modelo de educação com ênfase no processo aberto como ressalta (Gonçalves, 2010). Se assim o é, o espaço para indagações, curiosidade, perguntas dos educandos devem estar em destaque para que a criticidade e a reflexão possam atuar e não transferir conhecimento.

5.8 ESCRITA

No capítulo 3 dessa dissertação, abordou-se uma discussão sobre a escrita a fim de justificar os dados que foram coletados, todos com registro escrito. Além disso, em se tratando de tecnologias digitais, muito se houve falar, na escola mais especificamente, que o computador e a internet são causadores de os alunos não saberem escrever. Sem contar que não usam as normas gramaticais corretas, transferem as abreviações do computador para o papel e, nesse caminho, seguem as reclamações.

Outro ponto importante a destacar, foi por meio da escrita nos *blogs*, de forma autobiográfica, que os professores retomaram seu fazer docente e refletiram criticamente acerca dos papéis que desempenham como profissionais da educação.

Segundo essa perspectiva, é que se compreendeu que o ato de cada participante ter narrado sua prática por meio do texto escrito, possibilitou aos sujeitos professores pôr em evidência os recursos e experiências acumulados e as transformações identitárias que se constrói ao longo da vida. Acredita-se que essa experiência permitiu organizaras narrativas em um constante diálogo interior a partir dos momentos de formação e de conhecimento. Essa escrita também evidenciou subjetividades dos participantes da pesquisa e a manifestação de suas identidades por meio da linguagem, tecnologia que ajudou a evolução do homem.

A linguagem digital está acarretando um sérioproblema na escrita, porque nas redes de relacionamento, os alunos não escrevem mais as palavras corretamente, e sim por abreviaturas, símbolos e acabam trazendo para a sala de aula esse modo de expressar a escrita, o que dificulta principalmente para o professor que não tem conhecimento sobre tal linguagem de decifrar o que o aluno escreveu.

Fonte: questionário realizado com professores durante os meses de fevereiro a abril de 2012

Perceptível a crítica pela desvalorização da norma padrão, além de a mesma escrita com que participantes usam para responder a entrevistas e a mesma que distancia os alunos da sala de aula e, como consequência, do professor. Chartieu (2002) já apontou que as novas tecnologias digitais não apagam a escrita e muito menos seus antigos usos. É de se relevar que a escrita acabou sendo potencializada pelo advento da internet, uma vez que as interações via computador são marcadamente muito mais escritas.

A escrita, a informática como modos de gestão social são efetuadas por substituição conforme prediz Lèvy (1993), o que acontece é uma complexificação e deslocamento de usos e práticas, as quais devem continuar existindo.

Ao que a hipermídia apresenta, a escrita é ratificada na sociedade grafocêntrica, muito mais potencializada. Faz-se necessário observar como os números de escritores aumentou, o mercado editorial, os contatos escritos. A rede incita cada vez mais à escrita. Para tanto, a necessidade de a escola discutir as tecnologias digitais em sala de aula, seus usos e modos de representação, manifestações de linguagem escrita que se fazem cada vez mais e mais presentes.

<i>falta de confiança danada, principalmente em relação à produção textual. Alguns relataram quando interrogados que simplesmente não escreviam textos porque não sabiam escrever ou o que escreviam não tinha importância.</i>
<i>Então direcionei o trabalho das primeiras semanas em atividades que resgatassem a autoestima e a possibilidade em se ter prazer em ler e escrever.</i>
<i>Num primeiro momento, os alunos, após diversas práticas de leitura e ilustração de textos com vídeos, vídeo-clips, contação de histórias e outros escreviam seus textos no caderno.</i>
<i>Em seguida, antes mesmo de fazer a reestruturação textual aos alunos digitavam seus textos.</i>

Fonte: blogs dos professores participantes da inserção de digital em sala de aula

Nos excertos, o participante da pesquisa destaca que os alunos não escreviam por não ter importância. No entanto, a escrita é um modo de expressão de identidades e subjetividades, da manifestação da linguagem, de legitimação de ser integrante em uma sociedade que privilegia a escrita, dentre outras.

A escrita marca o início da civilização segundo Higounet (2003). Sendo assim, no mundo globalizado e tecnológico, a escrita marca as relações entre os usuários, sendo ferramenta indispensável de práticas sociais.

Uma série de inquietações brota desses dados, no entanto, o objetivo é ater-se na escrita diante das tecnologias digitais. Segundo o que demonstra o participante, ele tentou

resgatar a questão psicológica do aluno para então inserir a escrita como relevante. Isso sem demonizar com normas e regras. Aspecto positivo a ser discutido sempre em sala de aula, a escrita é legitimadora de poder na sociedade. Com o advento das TICs, a escrita ganha maior proporção. Sendo assim, o participante, aliando os dois modos, tanto a escrita no papel quanto no meio digital, resgata um aluno que cada vez mais se distanciava das práticas letradas, já que se negava à escrita.

Os resultados podem ser conferidos no *blog* do participante, o qual demonstra plena satisfação em aliar a escrita manuscrita e a escrita virtual.

<i>pois ao se falar genericamente no ambiente virtual, as pessoas tendem a salientar apenas os pontos negativos como a inadequação vocabular, erros de ortografia, assassinato da gramática (puro preconceito linguístico).</i>
<i>As pessoas vão utilizar mais e mais o ambiente virtual e isso é irreversível, não tem como haver retrocesso</i>
<i>Na sequência os alunos produziram textos com o tema mistura de contos de fadas cuja proposta era fazer uma releitura com contos de fadas com elementos da modernidade;</i>
<i>Depois de produzidos e reestruturados os textos com as devidas orientações e sugestões de adequações gramaticais por parte do professor, os alunos partiram para a digitação dos textos e elaboração de hipertextos de acordo como os passo sugeridos por GOMES (GOMES, Luiz Fernando. Hipertexto no Cotidiano Escolar. São Paulo: Cortez, 2011. 120 p.)</i>

Fonte: grupos de discussão

Conforme se nota, na fala dos participantes, as telas dos computadores não ignoram a cultura escrita, pelo contrário, parece haver uma intensificação maior. O docente participante reconhece que esse é um processo irreversível, no qual, os sujeitos, indiferente da profissão, são arrebanhados. Contudo, a escola, o professor, tem papel preponderante acerca da escrita no mundo tecnológico. É função de a instituição discutir esses nuances, os novos processos de escrita, as manifestações multissemióticas de escrita.

Cabe ressaltar que não é tarefa cômoda é fácil, mas urge ressignificar a escrita dentro da escola. Conforme demonstrou o participante, sem excluir o papel, e sim aliando as tecnologias dentro de seus variados contextos.

As narrativas de tantos eus são contadas diariamente por meio da linguagem, e a escrita cristaliza essas narrativas, escreve histórias, perpetua momentos relevantes da história de cada um. Além do que, os símbolos grafados no papel, ou registrados na tela do computador, ajudam a rever, rediscutir, sentir, agir, evoluir de modo crítico e criativo. Por meio das diversas histórias que chegam. As identidades vão se remodelando e construindo incessantemente. Somos representados por meio da escrita, a escrita de cada um.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“E sem ser mais do mesmo/ ainda sou quem era”
Maria Gadiú*

Finda-se essa pesquisa com muito mais inquietações que resultados, visto que o tema abordado requer muita pesquisa, muito a ser discutido e que ainda se está distante de encontrar resultados mais firmes nesse terreno tão movediço.

Todo processo de pesquisa ajudou a compreender que quando surge uma inquietação, um conflito, um problema, dentro da prática ou dentro da escola como um todo, o conflito que emerge é apenas a ponta do *iceberg*. Para chegar a resultados e/ou encontrar caminhos para lidar com tais conflitos, há questões muito mais profundas que precisam ser levadas em consideração. Sendo assim, de nada adianta querer desviar a ponta do *iceberg* porque é provável uma colisão em sua base.

As reflexões parecem subjetivas porque quando se iniciou essa caminhada, acreditava-se em verdades absolutas, em críticas não fundamentadas, apenas se observava a sala de aula e o fazer docente, da posição como professor. Talvez, em uma perspectiva muito utópica que educador precisa resolver tudo e achar caminhos para solucionar os percalços da sala de aula. E agora, ao encerrar essa investigação, supõe-se que as reconfigurações identitárias, tão discutidas ao longo do texto, efetivaram-se de fato para que se voltasse o olhar atento para os dados como um todo.

Em se tratando da educação, da escola, da sala de aula, do professor, não é possível esperar resultados em curto prazo, as ações precisam acontecer, por meio de pesquisas, de teoria, de discussão e de muita reflexão para que ações possam aparecer a médio e longo prazo, quem sabe. O processo de reconfiguração identitária acontece aos poucos, e não é um processo fácil, sem conflitos, sem crises, além do que é ininterrupto. No tocante das identidades, que já não é fixo e simples de explicar, a discussão se potencializa e se fragiliza simultaneamente. As configurações de identidades estão enraizadas na história da língua, na história da educação, nas bases da escola, nas representações sociais, na figura do professor, nas perspectivas dos pais em relação à escola e aos professores. Inserir tecnologias e se apropriar delas não é tão simples como se apresenta. A reflexão junto ao professor parece se apresentar como ponto de partida.

Aos poucos, a resistência começa a ceder lugar à apropriação e, assim, com a mesma velocidade, as práticas de letramentos/letramentos digitais podem começar a adentrar a escola

e a sala de aula. Os projetos que existem acerca de letramento digital continuam somente na teoria, talvez por esse fato, de ser apresentado como caminho a ser seguido e, não, como reflexão, compreensão e apropriação de acordo com os mais diferentes contextos escolares.

Diante disso, não se pode afirmar que não existam práticas de letramentos/letramentos digitais na escola, uma vez que foram observados dois contextos singulares dentro de um coletivo, que é a instituição escola e seus engendramentos. As tentativas estão acontecendo, creem-se, nas escolas públicas, mesmo com tantas dificuldades enfrentadas por causa de gestão, políticas públicas, políticas escolares, questões administrativas e burocráticas. Já na esfera privada, nessa investigação, as práticas ainda se mostram muito distantes, com uma relutância maior pela falta de formação continuada e capacitações aos docentes. Não que o professor de escola particular não seja competente, é um sistema escolar que detém autonomia juntos aos NREs e, assim, as escolas privadas determinam suas próprias regras. Ao contrário da escola pública, na qual o professor recebe muito mais capacitações e o sistema exige formação continuada para elevação de nível com vistas à qualidade na educação.

Embora as práticas de letramentos/letramentos digitais sejam vistas, por vezes, como mais um projeto, mais uma novidade a ser implantada, e uma porcentagem de professores não aprove e resista em utilizá-las. Sem contar que o senso comum de que “todos” têm acesso é questionável, afinal há docentes que não possuem computadores, e alguns nem estão conectados à rede. No entanto, há aqueles que acreditam que as tecnologias digitais são uma inovação necessária e que poderiam contribuir muito para o ensino/aprendizagem. Buscam atualizar-se, apropriar-se, porém encontram barreiras para desenvolver trabalhos mais profícuos. É o que se pôde verificar na escola pública pesquisada, há questões muito mais pontuais a serem observadas antes de simplesmente inserir as práticas de letramentos digitais. Computadores que não funcionam, sala de informática com multifunções no local, número limitado de computadores para um número maior de alunos, dentre outros.

Ao que se pôde observar nos dados coletados, na escola pública existe a televisão *pen-drive*, que é o projeto do governo do Paraná de 2007, visando mudanças na forma de organização e produção, de modo a surgir novas formas de implantação, subsidiadas pela inserção de novas tecnologias na escola. As ações governamentais demonstram que reconhecem a relevância dos letramentos digitais, muito embora os investimentos ainda sejam insuficientes. Por outro lado, há de se destacar que as mudanças rápidas de tecnologias em uma sociedade globalizada impossibilitam que a escola esteja devidamente equipada para suprir a demanda de novidades tecnológicas. Esse é um problema detectado na fala dos

professores, haja vista o projeto Paraná digital não atende mais aos objetivos a que foram propostos uma vez que os equipamentos tornaram-se obsoletos, existe urgência de laboratórios de informática que funcionem, dentre outros. Assim, os indivíduos precisam agir particularmente, há necessidade da reflexão crítica sobre a realidade para que compreendam as dificuldades e entraves que existem e sempre existiram, a fim de requerer ações individuais para que resultem em ações coletivas.

Já no âmbito da escola particular, de acordo com os dados, os custos de uma modernização e implantação de tecnologias digitais em sala de aula seriam transferidos para a mensalidade escolar. Desse modo, a escola particular se tornaria inviável para muitos pais. Devido a isso, os avanços tecnológicos quase não acontecem e, em virtude de investimentos onerosos demais, permanece o ensino tradicional. O trabalho centra-se nas mãos do professor e o aluno continua recebendo o conhecimento pronto, seja por meio de resumos no quadro de giz, seja por meio de material didático pré-estabelecido, ou outros.

Em relação às identidades docentes, como já se abordou inicialmente, o terreno se torna ainda mais movediço. No entanto, a proposta de inserção de tecnologias digitais na prática docente dos participantes se mostrou bastante positiva. Os professores assumiram cada um deles um desafio. Cada participante percorreu caminhos bastante singulares e assumiram suas limitações, dificuldades, reflexões, e expuseram seus pontos positivos e negativos nessa reconfiguração identitária. Para os quatro participantes da pesquisa, fazendo um apanhado geral, a breve experiência da inserção de tecnologias nas aulas, suscitou novas descobertas de aproximação com os alunos. Além do que, as práticas de letramentos digitais desenvolvidas por eles ajudou-os a repensar o fazer docente, refletir sobre o trabalho desenvolvido, dialogar mais com os alunos, dar a oportunidade de os alunos também ensinarem ante as dificuldades de utilização da máquina. Olhar peculiarmente para cada aluno, buscar recursos para potencializar o ensino/aprendizagem ultrapassando a barreira do aluno com dificuldade de aprendizagem.

Além de tudo, há perspectivas de inserção com as demais séries da escola, projetos dos professores para ultrapassar as barreiras cabíveis ao contexto em que trabalham olhar mais atento e aberto às novas tecnologias, seja para o ensino/aprendizagem, sejam para as práticas sociais e práticas situadas em suas vivências. Ao aceitarem o desafio, conforme relataram, redescobriram-se em modos de atuação, na formação que tiveram e nas mudanças socioculturais que afetam a sala de aula.

Importante destacar que o trabalho passou pela comissão de ética da Instituição e foi aprovado sem restrições. Os participantes da pesquisa, a princípio seriam seis no total, no entanto, dois participantes, um de cada instituição não participou da segunda etapa da pesquisa, que buscava a inserção de tecnologias digitais na prática docente. Ainda, convém destacar que o processo todo da pesquisa encontrou alguns obstáculos. Um deles de caráter físico, já que o laboratório de informática da escola pública recebeu novos equipamentos para serem montados no início do ano. Isso não aconteceu e resultou no adiamento da segunda etapa da pesquisa. Já na escola particular, a rede *wireless* não funcionava nas salas de aula, e a escola não dispunha de um laboratório de informática conectado à internet. Os reparos na rede demandaram aproximadamente 20 dias e, por conseguinte, a demora de os professores começarem a desenvolver o trabalho.

Num segundo momento, durante o desenvolvimento do trabalho na escola pública foi interrompido no meio do processo no mês de junho, pois a escola recebeu a convocação para desmontar o laboratório de informática, já que o técnico para instalar os novos equipamentos tinha sido designado. Contudo, o técnico não apareceu, a escola encerrou o ano sem laboratório de informática, com as máquinas encaixotadas. Devido essa interrupção, ainda aguardou-se até meados do segundo semestre, no entanto, sem sucesso. Desse modo os professores apresentaram seus dados parcialmente.

Também é conveniente destacar que a proposta dos *blogs* funcionou adequadamente apenas com dois participantes. Isso porque um dos participantes esqueceu a senha do seu *blog*, no entanto não desistiu da proposta e encaminhou suas considerações via *e-mail*. Já o outro, após abandonar o magistério não tinha mais acesso à internet e encaminhou os textos via *pendrive*. Ademais, dois participantes também não encaminharam os textos do grupo de discussão geral. Entrei em contato com os participantes, procuraram-se caminhos para obter as considerações de ambos, porém um deles estava em fase de defesa de dissertação e não conseguiu concluir o texto. O outro participante alegou estar sem tempo.

De modo a unir o conhecimento teórico discutido e apreendido por meio da pesquisa acadêmica e a prática dela, procura-se fazer um *link* entre o que foi compreendido por meio desta investigação e a formação inicial e continuada de professores. Sendo assim, os resultados desta pesquisa têm sido disseminados por meio de congressos e publicações em periódicos, objetivando assim a difusão do conhecimento produzido, a fim de que mais pessoas possam pensar criticamente sobre ele e, então levá-lo para a sala de aula. Além disso, os resultados também são discutidos nos grupos de discussão que acontecem no Laboratório

de Estudos de texto (LET) e os dados aqui apresentações ficaram registrados no ATA – Arquivo de textos autobiográficos.

As perguntas norteadoras dessa pesquisa, a) Há práticas de letramentos digitais nesse grupo de escolas?; b) De que modo as práticas de letramento digital são vistas nessas escolas?;c) Como são trabalhadas as novas tecnologias digitais no processo de ensino/aprendizagem?;d) Quais as (re)configurações identitárias dos professores ao utilizarem tecnologias digitais como práticas sociais em sala de aula?, apontaram que as práticas de letramento digital, mesmo tímidas, acontecem no interior das escolas. Muito embora, o trabalho demande dedicação extra dos professores. Contudo, para que essas práticas se efetivem plenamente, é necessária uma reconfiguração identitária desses profissionais diante do mundo tecnológico, onde se apresentam novidades, de modo vertiginoso, quase que diariamente.

É salutar ressaltar que os resultados das pesquisas precisam chegar até o professor, até a escola a fim de demonstrar que pesquisador e professores precisam caminhar juntos em busca de caminhos para uma educação de qualidade, inovadora, moderna e tecnológica. Acredita-se na relevância da discussão sobre as mudanças históricas, sociais e culturais junto às escolas de forma mais detida, por meio de pesquisas que investiguem as práticas sociais e, assim possam contribuir cada vez mais para a formação inicial e continuada de professores, com vistas a uma educação centrada na linguagem na qual todos, como cidadãos, são constituídos e atuam na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriane; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra.(Orgs). **Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009
- ANDRÉ, Marli Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SO: Papirus, 1995
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução LucieDidio. Brasília: Liber livroEditora, 2007
- BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Secondedition. Oxford: Blackwell, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Modernidade**. Tradução: GAMA, Mauro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- _____. **Globalização**. Trad. PENCHEL, Marcus. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
- _____. **Modernidade Líquida**. Tradução:DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- _____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- BRAGA, Denise Bértoli. Hipertexto: questões de produção e leitura. **Estudos Linguísticos XXXIV**, p. 756-761, 2005
- _____. Tecnologia e participação social no processo de produção e consumo de bens culturais: novas possibilidades trazidas pelas práticas letradas digitais mediadas pela internet. **Trab de Ling. Aplc**. Campinas, 49(2): 373-391, Jul/Dez. 2010
- _____. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: **Anais d XVI Encontro em Compós**, na UTP, em Curitiba – PR, 2007.
- BRASIL. **Lei das Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª séries**. Brasília. MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries**. Brasília. MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Cadernos da Tv Escola n. 6 e 7– Português**. Volume 1 e 2 . Brasília. MEC/SEF, 1999.
- BUCKINGHAM, David. **Cultura digital, Educação Midiática e o lugar da Escolarização**. Educação e realidade, Porto Alegre, v.35, n.3, p. 37-58, set/dez, 2010.
- BUZATO, Marcelo El K. Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010. p. 53-63.
- _____. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educarede, 2006. Disponível em: http://www.educared.org/educa/img_conteudo/MarceloBuzato.pdf
- CARVALHO, Ana Amélia A. **Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores**. Editor Ministério da Educação , Direção geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Diretora Geral da DGIDC- Joana Brocardo , 2008
- CASTELLS, Manuel. **Information technology, globalization and social development**. In: Conference on Information Technologies and Social Development, Geneva, 2001
- _____. **A sociedadeemrede**. Tradução RoneideVenancio Mayer, 6º edição; São Paulo: Paz e Terra, 2005

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz – Rio de Janeiro: Zahar, 2003

_____. **O poder da identidade**. Tradução: GERHARDT, KlaussBrandini. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2010

CELANI, Maria Antonieta Alba. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**. V.8, n.1, p. 101-122, 2005

CORREA, D. A. Constituição de sujeitos e ensino de língua portuguesa. In: **IV encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL**, Curitiba, nov. 2000. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/031.htm>. Acesso em: 14/10/2011

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007

COSCARELLI, Carla; Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002

DALEY, Elisabeth. Expandindo o conceito de letramento. **Trab. ling. apl.** vol. 49 no.2 Campinas July/Dec. 2010

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**. N.115, 2002, p. 139-154

ELETRÔNICO, Houaiss. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Instituto Antônio Houaiss: Objetiva, 2009. CD-ROM.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Ed. Criar, 2003.

FERRERIA, Aparecida de Jesus. **Formação de professores de línguas**: gêneros textuais em práticas sociais. Cascavel: Unioeste, 2008

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 768.

FERREIRA, Márcia Helena Mesquita; FRADE, Isabel Cristina Alves. S. Alfabetização e letramento em contextos digitais: Pressupostos de avaliação aplicados ao software HagáQuê. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010. p. 15-27

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011

FREITAS, Maria Tereza. **Letramento digital e formação de professores**. V. 26, n.03, p. 335-352, 2010

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991

_____. **Modernidade e Identidade**. Tradução DENTZIEN, Plínio. 2ª edição. Zahar, Rio de Janeiro, 2002

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 1999.

- GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- GONÇALVES, Maria Ilse Rodrigues. Internet – diferencial proporcionado pelas linguagens digitais e pela telemática. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010. P. 28-39
- GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito**. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006. P 129-150
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. 5ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2009
- GRANDE, Paula Baracat de. **Processos de construção da identidade profissional de professores em formação continuada**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos de linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11ª ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- _____. **Cultural Identity and Diaspora**, publicado e, P. Willianse L. Christiman (eds) Colonial discourse and post-colonial theory. Nova York: Columbia Univrsity Press, 1994.
- HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003
- HINE, Christine. How Ccan qualitative Internet Reseachers define the boundaries od their Project? In: MARKHAM, Annette N., BAYM, Nancy. **Internet inquiry:conversations about method**. pp. 01-32. Los Angeles:Sage, 2009.
- KLEIMAN, Angela(Org.). **Os significados do letramento**. Campinas - SP: Mercado das Letras,1995
- _____. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998
- KLEIMAN, Angela& SIGNORINI, Inês (Org.). **O ensino e a formação do professor:alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre - RS: Artes Médicas, 2001.
- LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2007.
- LANKSHEAR, C. **Literacy, Schooling and Revolution**. London: Falmer Press, 1987
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad e Org. NORONHA, Jovita M.G. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993
- _____. **Cibercultura**. Tradução DA COSTA, Carlos Irineu. 1ª edição. Ed. 34. São Paulo, 1999
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2000
- _____. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito**. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006. p 53-80

- LÜDKE, Menga ; ANDRÉ, M.E.D.A, **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986
- MACIEL, João W. G.; LIMA, Joselito Elias Cipriano. Letramento digital e suas contribuições à formação acadêmica profissional. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010. p 148-162
- MAGALHÃES, Izabel. Teoria crítica do discurso e texto. **Linguagem em Dis(curso)** – LemD, Tubarão, v. 4, n, esp, p. 113-131, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais**: Novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004
- MELO, Dilma Maria de. Pesquisa narrativa: fenômeno estudado e método e pesquisa. In: ROMERO, Tânia Regina de Souza (Org). **Autobiografias na (Re)Constituição de Identidades de Professores de Línguas**: O olhar Crítico-Reflexivo. Campinas: Pontes Editores, 2010
- MESQUITA, Maria Suely de Andrade. **Letramento digital e educação à distância**. 2008. Disponível em: <http://gehate.uepb.edu.br/trabalhos2008/mai/6.pdf> Acesso em 14 fev. 2012.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção de raça, Gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002
- MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos**: Novos desafios e como chegar lá. Campinas – São Paulo: Papirus, 2007
- _____. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 15ª ed., SP: Papirus, 2009, p.22-24
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. Ciberespaço e a escrita de si na contemporaneidade: repete o velho, o novo blog? In. AMARAL, Adriane; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra.(Orgs). **Blogs.com**: Estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009
- PAIVA, Geórgia Maria Feitosa; SOARES, Maria Elias. Preconceito e identidade linguística : crenças de estudantes de um curso de educação a distância. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010. P. 137-147.
- PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade de informação. In. COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e escrita de um conceito. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006
- PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e escrita de um conceito. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006. p 17-52
- PINHEIRO, Regina Cláudia; LOBO-SOUSA, Cristina. Letramento digital e desempenho acadêmico em cursos de EaD via internet: uma relação de interferência? In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010. P. 126-136
- REICHMANN, Carla Lynn. Reflexões sobre língua, vida e trabalho em autobiografias docentes. In: ROMERO, Tânia Regina de Souza (Org). **Autobiografias na (Re)Constituição de Identidades de Professores de Línguas**: O olhar Crítico-Reflexivo. Campinas: Pontes Editores, 2010, p. 47-60
- RIBEIRO, Otacílio José. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In. COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.
- RIBEIRO, Paula Modenisi. **Formação docente: novas tecnologias e cidadania**. 2004. http://www.mackenzie.br/fileadmin/pos_graduação/mestrado/educação_arte_e_história_da_cultura/publicações/volume4/formação_docente_novas_tecnologias_e_cidadania.pdf Acesso em: 16 jan. 2012.

RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010
 RODRIGUES, A. M. M. Por uma filosofia da tecnologia. In: Grinspun, M.P.S.Z.(org.).
Educação Tecnológica - Desafios e Perspectivas. São Paulo: Cortez, 2001: 75-129.

ROMERO, Tânia Regina de Souza (Org). **Autobiografias na (Re)Constituição de Identidades de Professores de Línguas: O olhar Crítico-Reflexivo**. Campinas: Pontes Editores, 2010

ROJO, Roxane. **Letramento múltiplos: escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

SILVA, Ivanda Maria Martins. Tecnologias e letramento digital: navegando rumo aos desafios. ETD – **Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.13, n.1, p.27-43, jul./dez. 2011 – ISSN 1676-2592.

SILVEIRA, Luciana Martha. O computador como ferramenta e como linguagem na intervenção artística. **Educação e Tecnologia**. Curitiba, n. 6, p.111-116, 01 maio 2003. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/revista/vol6/artigos/art07vol06.pdf> acesso em 13 de março de 2012

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 143 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio n.29 fev/abr 2004

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Tradução. Roberto Cataldo Costa – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

SCRIBNER, Sylvia, COLE, Michael. Literacy in Three Metaphors. **American Journal of Education**, v. 93, n. 1, p. 6-21, 1984

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

STREET, B. **Literacy in Theory and practice**. Cambridge: Cambridge University press, 1984
 _____. Literacy practices and literacy myths. In. R. Saljo (ed). **The written word: studies in literate thought and action**. Pp 59-72. Heidelberg: Springer Verlag Press, 1988.

TÁPIAS-OLIVEIRA, Eveline Mattos. **Construção Identitária Profissional no Ensino Superior: Prática Diarista e Formação do Professor**. Tese de doutorado apresentada a Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRINIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. Ed. 18. Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.

VALDÉS, P. Y VALDÉS R., GUIÁSOLA, J. SANTOS, T. Implicaciones de la Relaciones Ciencia-Tecnología en la Educación Científica. **Revista Iberoamericana de Educación**, 2002, No. 28. p. 101-127. Biblioteca Digital da OEI (Organização de Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e A Cultura, Disponível em < <http://www.campus-oei.org/> > Acesso em 15 ago 2012

VEIGA, L. & Gondim, S.M.G. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública. pp.1-15, 2001

VERASZTO, Estéfano Vizconde; DA SILVA, Dirceu; DE MIRANDA, Nonato Assis; SIMON, Fernanda Oliveira. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com**, nº 7, ISSN: 1646 153, 2008 disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt> . Acesso em 15 de Maio de 2012

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **As Tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no Século XXI** <http://www.hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf>. Acesso em: 21 Abr. 2012

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Letramento digital em ensino**. 2002. Disponível em: <http://www.ufpe/nehete/atigo.htm>. Acesso em: 02 fev. 2012

XAVIER, Antonio Carlos. Letramento digital e ensino. In: FERRAZ, C. & MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

XAVIER, Antônio Carlos. Identidade docente na era do letramento digital: aspectos técnicos, éticos e estéticos. **Anais eletrônicos 2º simpósio de Hipertexto e tecnologias na Educação**: Universidade Federal de Pernambuco: 1ª Edição, 2008.

SITES PESQUISADOS:

Blog Planalto: Acesso em Maio de 2011

<http://blog.planalto.gov.br/numero-de-usuarios-de-internet-no-brasil-cresce-139-em-um-ano-e-chega-a-432-mi/>

Proinfo: acesso dia 31 de julho de 2012

<http://www.gestaoescolar.diadia.pr.gov/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=214>

Paraná Digital: acesso dia 31 de julho de 2012

http://www.gestaoescolar.diadia.pr.gov/arquivos/file/pdf/parana_digital.pdf

Revista Exame: Acesso agosto de 2012

http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/10-tecnologias-que-revolucionarao-a-educacao?goback=.gde_2517812_member_143564224&page=1

Revista Nova Escola: acesso em agosto de 2012

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-fazer-boa-busca-internet-423567.shtml>

ANEXO 1 - Parecer COEP



PARECER Nº 156/2011
Protocolo: 18710/11

No dia 08 de Dezembro de 2011, a Comissão de Ética em Pesquisa, **APROVOU** o protocolo de pesquisa intitulado "Reconfigurações tecnológicas na escola: a linguagem digital na visão dos professores "de responsabilidade da pesquisadora Djane Antonucci Correa.

Conforme Resolução CNS 196/96, solicitamos que sejam apresentados a esta Comissão, relatórios sobre andamento da pesquisa, conforme modelo (<http://www.uepg.br/coep/>).

Data para entrega do relatório Final: 28 de Fevereiro de 2013.

Ponta Grossa, 14 de Dezembro de 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
 COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP


 Prof. Dr. Ulisses Coelho
 Coordenador

ANEXO 2 - Entrevistas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS,
LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS.

Pesquisador responsável: Djane Antonucci Correa

19

Pesquisador participante: Zuleica Aparecida Cabral

RECONFIGURAÇÕES TECNOLÓGICAS NA ESCOLA: A LINGUAGEM DIGITAL DO PONTO DE VISTA DOS PROFESSORES.

Esta entrevista objetiva verificar se a linguagem digital está presente na escola. Caso esteja, busca observar a proporção em que está e como está acontecendo o trabalho com linguagem digital pelos professores nas suas práticas de sala de aula e fora dela.

De antemão, agradeço a todos os entrevistados pela atenção à pesquisa e por colaborarem nesse primeiro momento com a entrevista, pois a prática de sala de aula é que tornará esse trabalho relevante para as pesquisas em linguagem, uma vez que essa nova dinâmica de linguagem precisa ser significativa para o professor para que seu uso se torne pertinente.

1. Atualmente há muitas pesquisas acerca do letramento digital, além de os documentos oficiais também evidenciarem a necessidade de trabalhar tecnologias como forma de linguagem. Assim sendo, os professores percebem essa necessidade e compreendem seu papel ante a potencialização dessa linguagem atualmente?
2. Pressupõe-se que a inserção de tecnologias digitais é imutável no mundo globalizado em expansão, e que diante disso, o mais recente desafio pedagógico que se instaura entre os educadores é letrar digitalmente uma nova geração de estudantes que está crescendo e vivenciando as tecnologias de informação e comunicação. Uma vez que o pressuposto é de que os estudantes já crescem imersos nesse universo e se o desafio é letrar digitalmente, como os professores interagem com a linguagem digital, subentendo assim que nós, professores, não somos advindos desse universo digital. Os professores conseguem acompanhar essa evolução?
3. É preciso inserir o novo, segundo Freitas (2010). Sendo assim, o professor necessita, em sala de aula, muito mais que dispor de um laboratório de informática, computadores ligados à internet e cursos básicos de informática educativa. Seria importante que os professores inserissem o computador e a internet em suas práticas de sala de aula, acrescentando outras ferramentas pedagógicas.
4. Como a instituição escola compreende a linguagem digital, há acesso, incentivo, cursos de capacitação, potencialização desses recursos?
5. Compreende-se que no mundo globalizado e tecnológico é papel dos professores e da escola desenvolver novas formas de ensinar e aprender, aliando práticas há muito sedimentadas às novas tecnologias. Diante dessa urgência, existe o trabalho com linguagem digital na escola e quais métodos e abordagens são empregados?

¹⁹ zucabral@yahoo.com.br ou zac010375@gmail.com

6. Nesse mundo em que a globalização rompeu com fronteiras de tempo e espaço, as mudanças rápidas que a sociedade tem enfrentado, não passariam longe da escola. Se assim o é, as mudanças rápidas na sociedade que afetam diretamente a escola têm sido responsáveis por modos de pensar o mundo e os modos que as pessoas compreendem o que está acontecendo em volta delas e no caso do professor especificamente, como essas mudanças na sociedade estão afetando a sala de aula principalmente com a velocidade das tecnologias digitais que corroboram tais mudanças. Em vista disso, como a linguagem digital é considerada para o ensino/aprendizagem e por quê?

1. Atualmente há muitas pesquisas acerca do letramento digital, além de os documentos oficiais também evidenciarem a necessidade de trabalhar tecnologias como forma de linguagem. Assim sendo, os professores percebem essa necessidade e compreendem seu papel ante a potencialização dessa linguagem atualmente?

Entrevistado 1. É explícito a necessidade de se atualizar neste mundo digital. Até mesmo, para compreendermos a linguagem utilizada pelos alunos e tudo que os cerca. Aceitando esta tecnologia, poderemos modernizar nossa metodologia de trabalho.

Entrevistado 2. Eu acho que apesar de termos o conhecimento da existência desse tipo de linguagem não estamos totalmente inseridos nela, pois nosso comportamento didático e pessoal não teve oportunidades como nosso aluno tem hoje, de nascerem inseridos nessa nova ordem de tecnologia. Com relação à importância do conhecimento acho que se torna imprescindível um conhecimento mais profundo do assunto.

Entrevistado 3. A necessidade de inserir a linguagem digital no universo do ensino e educação é eminente, visto que as relações sociais, políticas, econômicas e culturais se estabelecem também neste universo de forma crescente e acelerada. O professor, como elemento de organização do conhecimento, tem papel fundamental neste contexto. Cabe ao educador criar mecanismos e caminhos para que o aluno (indivíduo já conhecedor da linguagem virtual, digital e interativa) construa seu aprendizado a partir das inúmeras ferramentas do espaço virtual.

Entrevistado 4. Percebo a necessidade, mas não estou preparada para o uso dessa linguagem.

Entrevistado 5. Não. Apesar de ser uma linguagem sem a qual não há como se trabalhar – perante uma ótica pós zeros e uns inseridos em nosso cotidiano, creio que a maioria esmagadora não possui a percepção da importância da inserção das tecnologias. E não as usa.

Entrevistado 6. O professor percebe esta necessidade, pois sabe que hoje os alunos estão quase todo tempo envolvidos com os recursos que o mundo tecnológico oferece e que a sala de aula já não é mais tão chamativa como imaginamos assim este professor tem a possibilidade de passar seu conteúdo de uma maneira diferente e recuperar o interesse do aluno pelo conhecimento que a sala de aula proporciona

Entrevistado 7. Sim, faz parte da evolução humana e profissional.

Entrevistado 8. Sim, pois os alunos estão cada vez mais usando essas tecnólogas em suas vidas, e se essas viessem para a sala de aula, o ensino teria maior rendimento.

Entrevistado 9. (Esse participante não respondeu as perguntas na sequência apresentada, mas num único comentário) Para pegar o metrô, já na emissão dos bilhetes nos surpreendemos com a tecnologia, mas foi dentro dele que nos

sentimos num daqueles filmes futuristas. Acho que não havia ninguém conversando com o vizinho de poltrona. Todos, mas todos mesmo, estavam teclando em seus celulares de última geração, escutando música em poderosos MP3, jogando joguinhos eletrônicos, tirando foto, enfim, um mundo eletrônico, onde as pessoas parecem ser meros escravos dos botões ou touchscreens. É até um pouco chocante. (Roy Rudnick & Michelle F. Weiss, quando se referem a Singapura em Mundo Por Terra).

Esse relato revela o meu pensamento. Não há como ou motivo para evitar o avanço tecnológico. A linguagem digital está se instalando em nossas vidas de modo progressivo, rápido e inevitável. Muitas vezes, facilitando, encurtando fronteiras, e outras, causando atrapalhos como em um banco ou na emissão de bilhetes para viagem, quando essas agências estão sem o seu sistema operando.

Hoje, considero todo esse avanço tecnológico como um medicamento. Em doses corretas é curativo, em doses erradas pode ser fatal. Muitas vezes me pergunto...qual seria a dose?

Zuleica

Sei que minha opinião não ajudará ou crescerá algo em seu trabalho, muito pelo contrário. Desculpe, sei que não estou ajudando.

Entrevistado 1. Sim

Entrevistado 2. O ensino nas escolas na medida do possível deve estar contextualizado com as realidades: científica, social, econômica, cultural... e também com a tecnologia. A escola como instituição que representa em tese o arcabouço do depositário do conhecimento e a produção de novos conhecimentos, não deveria de ficar a parte dos avanços tecnológicos, bem como a aplicação dessas tecnologias em prol do ensino. Atualmente a maioria dos alunos convive diariamente com as tecnologias, mas nem sempre sabem usá-las aliadas a aquisição do conhecimento. É nessa situação que o professor pode ser o mediador do conhecimento e tecnologia desenvolvendo a noção e o hábito de usar a tecnologia para atualizar, informar-se, ampliar, refutar, corroborar, produzir, criar.

A tecnologia é um meio/fim facilitador da aprendizagem, porém a leitura, a interpretação, a discussão, a interação são indispensáveis no processo de aprendizagem. Pode ocorrer que alguns professores pensem e acreditem que a tecnologia substitua toda a dinâmica e diversidade do trabalho em sala de aula.

Com certeza usar a tecnologia como forma de linguagem proporciona maior envolvimento e entusiasmo dos alunos que ao manipular, por exemplo, o computador. Acreditamos que hoje em dia, interagir e dominar a linguagem digital são uma necessidade que implicará na melhor sobrevivência do indivíduo. Isso poderá favorecer na vida como um todo, não somente na inserção do mercado de trabalho.

Entrevistado 3. Acredito que seja difícil ficar alheia a essa realidade, pois a globalização não só permitiu que fronteiras fossem quebradas como também impeliu-nos a buscar novas formas de ensinar e aprender, principalmente porque nossos alunos vivem esta era em todo seu esplendor. Entretanto, como educadora atuante e inserida nesse contexto percebo ainda muita resistência da grande maioria de professores que se recusam a aprender e também usar a tecnologia como aliada na sua prática docente. Muitos a vêem, na verdade, como inimiga e não como algo positivo. Talvez, essa postura seja por medo do desconhecido,

porém o que nós precisamos compreender que este é um caminho sem volta, que o tempo do quadro negro e do giz está obsoleto e que nova sociedade pede novos paradigmas e novas formas de se ensinar e aprender

Entrevistado 4. Sim, mas nem todos estão interessados ou preocupados com o assunto

Entrevistado 5. Sim, porém ainda há certa resistência de alguns professores

Entrevistado 6. Atualmente é muito importante o uso das mídias para que haja um diferenciado aprendizado dos alunos. Não é necessário apenas passar conhecimento, mais sim, em como repassar aos alunos novas formas de aprender. O que se deve é fazer com que as mídias sejam aliadas dos professores e não suas inimigas (como muitos profissionais ainda pensam).

Entrevistado 7: A utilização de tecnologias em sala de aula tem sido nos últimos anos muito comentada e proposta nas diversas capacitações ofertadas aos Colégios Estaduais do Paraná, inclusive existe investimento e incentivo para que façam parte do cotidiano escolar. Apesar dos professores entenderem e reconhecerem a necessidade de sua utilização percebe-se que ainda existe a dificuldade para a implantação de forma constante e como ferramentas de trabalho das mesmas.

Entrevistado 8. Acredito que as novas gerações, que já convivem com as novas tecnologias ainda em seu curso de graduação, não tem dúvida nenhuma sobre a importância de sua implantação na escola em toda a Educação Básica. Porém há os que resistem e trabalham de forma tradicional não acreditando no potencial de aprendizagem que os recursos tecnológicos podem proporcionar.

Entrevistado 9. : Sim, procuram capacitar-se e esforçar-se para manter-se atualizados.

Entrevistado 10. Os professores percebem mas muitos ainda se opõem, pois essa ferramenta está disponível, mas ainda muitos não tem o domínio e não fazem questão de usá-la.

Entrevistado 11. Acredito que embora a linguagem digital atualmente seja amplamente difundida e o seu domínio se apresenta como uma necessidade, ainda encontramos muitos educadores que resistem às novidades digitais. Pela experiência na realização de cursos, muitos, quase a maioria, que se realiza no ambiente virtual, me deparei com colegas que não tinham habilidades básicas, nem de ligar e desligar o computador. Vejo que existe muita resistência, pra não dizer medo, entre os educadores de utilizar as novas mídias para ampliar a educação.

Entrevistado 12. Com certeza, a maioria dos professores percebe a importância do letramento digital, sendo que este é um instrumento que na atualidade é de suma importância no processo de ensino aprendizagem, principalmente quando refletimos e identificamos nosso alunado, considerando que os mesmos vivem em um mundo imerso por tecnologias, das quais demonstram interesse e domínio.

Entrevistado 13. Sim. O professor estimula o uso destas tecnologias, quando elas estão acessíveis na escola

Entrevistado 14. sim, nos dias atuais onde a principal fonte de lazer de nossos alunos é o computador, o mesmo é imprescindível como ferramenta de auxílio na aprendizagem bem como as novas tecnologias como forma de aprendizado ou para fixação de um conteúdo já aprendido.

Entrevistado 15. Sim, pois nossos alunos são da “era tecnológica”, o que nos leva a utilização desses recursos frente ao grande alcance que os mesmos proporcionam.

Entrevistado 16. Certamente a necessidade de o letramento digital ser trabalhado na escola é indispensável, porém existe a importância deste trabalho estar elencado com os conteúdos do Currículo, além disso os objetivos devem estar claros tanto para os professores como para os alunos. Não basta trabalhar com as mídias por trabalhar ou apenas para comprovar que as estas estão sendo utilizadas, ou seja, o aspecto qualitativo deve prevalecer sobre o quantitativo.

- 2. Pressupõe-se que a inserção de tecnologias digitais é imutável no mundo globalizado em expansão, e que diante disso, o mais recente desafio pedagógico que se instaura entre os educadores é letrar digitalmente uma nova geração de estudantes que está crescendo e vivenciando as tecnologias de informação e comunicação. Uma vez que o pressuposto é de que os estudantes já crescem imersos nesse universo e se o desafio é letrar digitalmente, como os professores interagem com a linguagem digital, subentendo assim que nós, professores, não somos advindos desse universo digital? Os professores conseguem acompanhar essa evolução?**

Entrevistado 1. Esta evolução digital, se dar muito rápido, e vejo como um desafio conseguir acompanhá-la.

Entrevistado 2. Eu pessoalmente não tenho nem uma parte de cem do conhecimento e agilidade que os meus alunos tem com relação a tecnologia e as linguagens que a compõe.

Entrevistado 3. Partindo do pressuposto colocado na questão, que por sinal concordo, é obrigação do professor aprender e interagir com a linguagem digital. A adaptação é necessária ao ser humano. Devemos sempre estar inserindo nossas práticas pedagógicas dentro do contexto sócio-espacial em que estamos vivenciando. Penso que os professores tem, aos poucos, se esforçado para inserir a linguagem digital na sua prática cotidiana. Esbarramos na falta de estrutura e principalmente na ausência de método (não sabemos como transformar nossas aulas arcaicas e descontextualizadas) e orientação para darmos este salto do analógico para o digital.

Entrevistado 4. Infelizmente a evolução tecnológica acontece muito rapidamente, eu não consigo trabalhar essa linguagem com meus alunos.

Entrevistado 5. Os professores, por já estarem no mundo quando as tecnologias digitais foram tomando conta, saem na frente pelo tempo extra para entrarem em

contato e se familiarizarem. Entretanto, há os que não acreditam na importância da tecnologia. E são estes, em geral, aqueles conhecidos por suas aulas com fichinhas amareladas pelo tempo. Sem evolução. Sem reciclagem. Sem contato com o universo que a tecnologia proporciona.

Entrevistado 6. Muitos professores não conseguem acompanhar este mundo digital, pois a cada dia existe algo diferente para aprender, por falta de tempo, domínio ou mesmo interesse acabam “ficando para trás” no que se diz respeito ao conhecimento do mundo digitalizado.

Entrevistado 7. Alguns sim, muitos não! Falta interesse a grande maioria.

Entrevistado 8. Não respondeu

Entrevistado 1. Sim

Entrevistado 2. Acompanhar as inovações tecnológicas é um desafio diário em qualquer profissão, e principalmente na profissão de professor porque ao ensinar e educar os alunos pressupõe proporcionar um conhecimento contextualizado e atual, tanto no que tange a respeito do conhecimento científico peculiar de cada disciplina e ciência, e também da maneira como buscar, apreender e manipular o conhecimento. Atualmente ao abordarmos o conhecimento podemos afirmar que são milhões de páginas disponibilizadas nas mídias diariamente, quanto à validade de cada conhecimento requer ressalvas e critérios de escolha e validação, pois nem tudo que existe na rede é conhecimento científico válido. O professor tem o mérito de recortar dados de conhecimento, isso acaba influenciando o aprendizado e a maneira do aluno adquirir e lidar com os dados, de forma imediata ou não, também de como buscar, escolher, estabelecer critérios, reciclar, adaptar, utilizar no cotidiano, inovar, estabelecer vínculos com o conhecimento adquirido, demonstrar que sabe e outros.

O fato de que a maioria dos professores não nasceu no universo digital, não implica em ficar a margem dele. Acredito que seja uma questão epistemológica, metodológica e de decisão de estar ágil e atualizado em relação ao conhecimento, por mais que a carga horária de trabalho e estudos do professor seja demasiadamente alta e exaustiva no Brasil, cabe a ele usar da pesquisa junto com os alunos para aprender e produzir conhecimento, como preconiza Demo, e no ato de pesquisar professor e alunos se utilizam de recursos e meios tecnológicos para facilitar e agilizar o aprendizagem.

Acompanhar a evolução é uma tarefa árdua porque as inovações, a aceleração e armazenamento de dados são rápidos e grandiosos, mas é possível buscar acompanhar os avanços tecnológicos e informacionais e uni-los a experiências didático pedagógicas objetivando o aprendizado do conhecimento.

Entrevistado 3. Considero que este seja um dos grandes desafios da educação, pois como trabalhar com algo que não fez parte de nossa geração, principalmente quando os sujeitos da era digital estão à luz a frente de seus professores. Como disse anteriormente, muitos resistem, porém vejo a prática educativa como uma via de mão dupla, ou seja, ao ensinarmos também aprendemos. Para isso precisamos nos despir de nosso orgulho de detentores do saber, passando a ver o ensino como algo compartilhado. Todavia, isso não exige o professor de procurar aperfeiçoamento e capacitação.

Entrevistado 4. Depende, os novos professores tem mais facilidade, pois estão inseridos no meio, porém os mais antigos de caminhada no magistério são mais resistentes: uma por ainda ser um assunto novo, e isso depende de capacitações, que a qual está cada vez mais sendo disponibilizada.

Entrevistado 5. Os professores que estão ingressando agora na educação, ou seja, os mais novos sim, mas os que atuam na educação há mais tempo ainda não, mas para dominar tal evolução, estão se capacitando através de cursos e treinamentos oportunizados pela Equipe do CRTE do NRE de União da Vitória

Entrevistado 6. Se os professores se aprimorarem e sempre utilizarem, mesmo que com dificuldade as tecnologias, em pouco tempo conseguirão chegar a um bom nível de conhecimento.

Entrevistado 7. Se conseguem ou não depende do entendimento e da vontade de cada um. Agora se a pergunta fosse “se existe a possibilidade de acompanhar esses avanços” minha resposta certamente seria que sim, pois basta não parar de estudar e buscar as novidades do tempo que se vive agora

Entrevistado 8. De maneira bem consciente podemos afirmar que o domínio digital entre os professores não está ocorrendo de forma satisfatória. Percebe-se maior domínio entre os alunos, entretanto existe a diferença que o professor vê nas tecnologias a possibilidade de aprendizagem e os alunos as percebem mais como diversão.

No interior das nossas Escolas temos a possibilidade de realizar oficinas para a utilização de tecnologias de informação e comunicação com técnicos especializados na área e que estão a disposição para dar suporte aos funcionários e alunos, mas ainda existe a resistência de muitos em trabalhar com esta nova realidade e talvez também a dificuldade dos professores em encontrar tempo para preparar material, pois as tecnologias devem ser utilizadas para enriquecer as aulas, mas a sua utilização quando não existe o domínio, torna-se trabalhosa o que acaba sendo motivo de desmotivação.

Entrevistado 9. Vejo que é ainda um desafio, porém a maioria dos professores procuram conhecer e trabalhar com os instrumentos que a escola possui, ainda que necessitam gastar tempo estudado para utilizá-los.

Entrevistado 10. Essa tecnologia é nova, mas temos que acompanhar a evolução, pois a geração que estamos trabalhando já vem preparada e no fim acabamos aprendendo com eles.

Entrevistado 11. De fato os professores não conseguem acompanhar, com algumas exceções. Não falando de maneira generalizada, muito menos preconceituosa, tenho percebido que os educadores mais novos, recém-formados, apresentam maior interesse e nova percepção sobre o assunto. No geral, os professores usam o computador apenas para formalizar (digitar) as avaliações e textos de estudo, sem, contudo, ver nas novas mídias digitais a ferramenta de aprendizado.

Entrevistado 12. Alguns professores ainda encontram-se despreparados diante das opções que o universo digital oferece, e outros mostram-se desmotivados a inseri-los na sua prática pedagógica. Os professores não levam em consideração que o alunado da atualidade clama por mudanças no processo de ensino aprendizagem.

Entrevistado 13. Sim. Se o professor estiver disposição e acesso, conseguirá acompanhar o uso das novas tecnologias.

Entrevistado 14. falando como professor da rede estadual de ensino, a maioria dos professores sente-se preparado para o uso das novas tecnologias na sala de aula, já que o letramento digital é uma bandeira defendida pelo governo estadual, o mesmo oferece diversos cursos e capacitações (ex:capacitações nas semanas pedagogicas) bem como o laboratorio de informática, e um website com um vasto conteudo digital disponivel para download para ser usado em sala de aula nas tvs pendrive.

Entrevistado 15. É difícil acompanhar e dominar todas essas tecnologias, pois não crescemos com elas. Mas, apesar desta dificuldade procuro interar-me e utilizá-las sempre que possível.

Entrevistado 16. Há poucos anos atrás podíamos dizer que a nossa formação não foi suficiente para trabalharmos o letramento digital com nossos alunos, porém a inserção das mídias tecnológicas há aproximadamente alguns anos atrás (aproximadamente 8 anos) o acesso às tecnologias de informação foi facilitado e diante disso, os educadores tiveram que alterar suas metodologias e inserir aulas direcionadas com o uso das tecnologias de informação. Porém, existe a necessidade de um planejamento para que realmente este trabalho seja realmente significativo para nossos alunos.

3. **É preciso inserir o novo, segundo Freitas (2010). Sendo assim, o professor necessita, em sala de aula, muito mais que dispor de um laboratório de informática, computadores ligados à internet e cursos básicos de informática educativa. Seria importante que os professores inserissem o computador e a internet em suas práticas de sala de aula, acrescentando outras ferramentas pedagógicas.**

Entrevistado 1. Sim, acho que seria relevante o uso da internet como um aliado em sala de aula

Entrevistado 2. Gostaria muito de poder inserir o computador e internet nas minhas aulas, mas estou ciente que antes disso acontecer é necessário ter conhecimento abrangente sobre o assunto, saber “na pratica” usar essa linguagem e ferramentas, pois de nada resolver ir para a sala de aula com o computador e não ter um conhecimento vasto sobre o que devo fazer com ele na sala de aula, usa-lo como um mero instrumento decorativo também não resolve nada.

Entrevistado 3. É fundamental inserir o que Freitas (2010) chama de “o novo”. A questão esbarra no custo de transformar um espaço historicamente pensando e organizado na lógica clássica do analógico. Aparelhar o ambiente escolar na lógica digital exige investimentos que muitas vezes a escola, seja ela pública ou particular, não está disposta a se submeter. Cito aqui três razões: a falta de

interesse e ação política; uma transformação mascarada, que torna o ambiente escolar em pseudo-digital e a transferência dos custos para a mensalidade dos alunos.

Entrevistado 4. Com certeza é importante a inserção do letramento digital nas práticas pedagógicas, entretanto as escolas não estão equipadas e nem os professores preparados para o uso delas

Entrevistado 5. Sem dúvida a inserção de novas linguagens gera receio a quem as vai aplicar. Entretanto, da mesma forma que a escola não existe para ensinar aos alunos o que é uma caneta e como usá-la, não haveria sentido ensiná-los como usar um computador, uma vez que computadores fazem parte de sua rotina. Cabe aos professores lançar mão do uso de tecnologias de modo a instigar a curiosidade, a proporcionar aos alunos meios que facilitem seu aprendizado. E isso é possível em todas as disciplinas. Por outro lado, há o professor que não consegue mensurar o uso da tecnologia de outra maneira que não seja lendo PPSs. Neste caso, há que se propor treinamentos para estender sua percepção.

Entrevistado 6. Seria maravilhoso o professor poder ensinar contando com os diversos recursos que existem, porém as escolas ainda não disponibilizam este material especialmente para uso individual, o que seria melhor para alunos e professores

Entrevistado 7. Pesquisas, trabalhos, avaliações, são recursos que deveriam fazer parte do processo educativo. No entanto, falta estrutura nas escolas.

Entrevistado 8. Sim, eu penso que se essas tecnologias fossem para a sala de aula, seria como um incentivo a mais para aqueles alunos que não tem muito acesso, sabendo que todos estão inseridos, mas muitas vezes falta oportunidade.

Entrevistado 1. Seria muito importante.

Entrevistado 2. A prática de sala de aula necessita urgentemente de investimentos financeiros, aquisição de materiais tecnológicos, capacitação profissional e pedagógica e pessoal especializado. Além de planejamento a nível estadual para fornecer coesão e estrutura ao sistema educacional.

Inserir o computador e a linguagem digital na prática de sala de aula é importante para o professor e para os alunos, pois ambos são beneficiados, o primeiro pela praticidade, dinamicidade e atualização de conhecimento que pode oferecer aos alunos. Já os segundos, podem utilizar e absorver a linguagem digital juntamente com o conhecimento, bem como, exercita a língua portuguesa (escrita, leitura e interpretação), amplia o vocabulário léxico, utiliza os recursos áudio visuais para aprender melhor, aprimora o discernimento do conhecimento válido do lixo eletrônico, tem acesso a homepages e conteúdo que estão fisicamente distantes e outras vantagens.

Entrevistado 3. Letramento digital não deve se restringir ao ato de saber usar os aparelhos tecnológicos ou fazer parte tudo do mundo virtual, mas sim que a tecnologia passe a ser utilizada como ferramenta facilitadora e promotora de aprendizagem, uma vez que através dela o aluno tem oportunidade de ampliar seus conhecimentos numa escala inimaginável

Entrevistado 4. Sim, as aulas no laboratório tem que estar dentro do processo, uma vez que está no cotidiano de nossos alunos.

Entrevistado 5. Nossa Escola, bem como a política educacional estadual, compreende que nos tempos atuais faz-se necessário um ensino com o envolvimento de recursos tecnológicos para as aulas ficarem mais atrativas. Desse modo, acompanhando a evolução, é que o estado implantou em todas as escolas o laboratório de informática que é disponibilizado para professores e alunos, e sendo assim, é claro que ainda alguns professores não se sentem seguros para utilizar o laboratório para ministrar suas aulas, mas a maioria sim.

Entrevistado 6. Logicamente o uso de somente o computador não será suficiente para o auxílio no ensino-aprendizagem (assim como o livro didático também não), mais sim é necessário que o suporte governamental tem de ser eficaz. Muitos colégios já tem seu laboratório, mais muitos estão estragados... durante tempos ficam assim, e se quer os alunos podem usá-los então deixá-los abandonados é um absurdo.

Entrevistado 7. Seria sim muito importante desde que com qualidade para não só tornar as aulas atrativas, mas sim com condições para que os alunos realmente construam conhecimentos significativos.

Entrevistado 8. A linguagem digital é vista como mais um recurso para auxiliar e motivar os alunos para que ocorra a aprendizagem.

Nas escolas públicas do Paraná houve investimento pesado neste setor há aproximadamente 3 anos, quando foram instalados Laboratórios de Informática com acesso a Internet, TVs em todas as salas de aula e foi dado suporte a todos os funcionários para a sua utilização, entretanto devido ao avanço e mudanças muito rápidas nos recursos tecnológicos, atualmente estamos com os laboratórios funcionando de forma pouco eficiente e o Governo já está preocupado em substituí-los, pois não estão mais cumprindo com os objetivos aos quais foram propostos.

Entrevistado 9. O sistema e a nova geração exige essa mudança, Assim percebe-se que muitos professores procuram adaptar-se com instrumentos que a escola possui. Como TV pendraive notebook.

Entrevistado 10. Ainda falta muito para que isso aconteça , pois os laboratórios de informática, quase nunca estão disponíveis, e em sala de aula ainda é um sonho que os alunos possam ter um computador e internet disponível.

Entrevistado 11. Na verdade não é isso que se verifica, o Estado do Paraná iniciou importante projeto de inserção digital com a TV multimídia e as salas de informática nas escolas, mas o que era para ser uma grande iniciativa logo se tornou obsoleta. Atualmente, por experiência própria e relato dos colegas e trabalho, não se consegue facilmente gravar os conteúdos para ilustrar as aulas, pois as TVs não reproduzem a maioria dos tipos de arquivos e falta habilidade aos professores para fazer a conversão. Existem cursos de capacitação, mas falta

suporte para atender prontamente as dúvidas e problemas que ocorrem e que não são poucos.

Entrevistado 12. Não basta possuir os recursos no caso um computador e internet, o professor deve buscar possibilidades de trabalhado e saber explorar estes recursos dentro dos objetivos que ele propõe enriquecendo assim suas aulas e motivando o aluno a estudar.

Entrevistado 13. Sim. Mas se ver a realidade de nossa escola, não temos esse acesso: são professores que não sabem trabalhar com as tecnologias, laboratórios de informática que não funcionam por falta de peças, placas. Isto dificulta o acesso dos professores e alunos á estas tecnologias.

Entrevistado 14. concordo, apenas lembrando que este deve ser usado como ferramenta de aprendizado para o aluno, mas não devemos depender só disso, e que um professor tradicional com domínio de sua turma e com conhecimento pleno do seu conteúdo consegue ministrar uma aula melhor que um professor letrado digitalmente sem conhecimento nenhum do conteúdo de sua disciplina

Entrevistado 15. Concordo, mas como será possível essa inserção se muitos de nossos alunos passam diferentes necessidades básicas no cotidiano familiar... Se o governo não oferece formação suficiente para o trabalho direcionado a todos os nossos alunos.

Entrevistado 16. Certamente, a inserção do computador e da internet em suas práticas pedagógicas, acrescentando outras ferramentas no cotidiano escolar e isso pode ocorrer em todas as disciplinas e séries (anos), independente da idade, classe social, dificuldades e distúrbios de aprendizagem, o professor é capaz de adaptar suas aulas e explanar seus conteúdos, podendo inserir o letramento digital no cotidiano escolar, como já foi falado anteriormente isso necessita de um bom planejamento e objetivos propostos para cada aula que se utiliza de alguma mídia tecnológica.

4. Como a instituição escola compreende a linguagem digital, há acesso, incentivo, cursos de capacitação, potencialização desses recursos?

Entrevistado 1. Nas escolas sei, que há acesso à internet, dispõe de alguns recursos, tais como, datashow. Mas, desconheço a disponibilização de capacitação de cursos para professores, isto, nas escolas que trabalho.

Entrevistado 2. Bom, acho que até se tem uma tentativa de incentivo, mas assim como eu, as pessoas que trabalham na escola também tem pouco conhecimento, ou nem um, assim como minha mãe fala: “só sabe mandar quem sabe fazer.” Acho que falta instruções também para essas pessoas. Não tive cursos de capacitação desse assunto nem quando trabalhei para o Estado, nem para as escolas particulares. Os recursos mesmo que precários existem.

Entrevistado 3. Bom, acho que até se tem uma tentativa de incentivo, mas assim como eu, as pessoas que trabalham na escola também tem pouco conhecimento, ou nem um, assim como minha mãe fala: “só sabe mandar quem sabe fazer.” Acho

que falta instruções também para essas pessoas. Não tive cursos de capacitação desse assunto nem quando trabalhei para o Estado, nem para as escolas particulares. Os recursos mesmo que precários existem.

Entrevistado 4. Existem alguns cursos de capacitação, para uso de mídias, que são ofertados longe da escola, estes não são suficientes para que o professor tenha habilidade para inserir esse conhecimento em sala de aula, são cursos fragmentados sem posterior assessoramento

Entrevistado 5. Não vejo dúvida que cada escola é uma escola. Há as que proporcionam e as que não. Na escola que leciono, há o acesso à internet via wireless, mas o uso do computador em sala de aula é ironizado pela direção. A visão é que professor precisa saber dar aula sem apoio. Que quando se domina o conteúdo, quando se tem o conteúdo masterizado, não há a necessidade do uso de artifícios tecnológicos. Na universidade que estudo, por outro lado, não há professor que entre em sala de aula sem seu laptop

Entrevistado 6. Em muitas escolas o acesso existe, mas o número de monitores geralmente não é suficiente para o número de alunos, cursos de capacitação muitas escolas em especial as públicas oferecem, mas são poucas aulas e muitos profissionais não conseguem aprender tudo que precisam.

Entrevistado 7. O município fornece capacitação para os professores que tem interesse.

Entrevistado 8. Nas escolas públicas em que trabalhei, embora pouco tempo, sempre havia laboratório de informática, TVs pendrive, mas muitas vezes não funcionavam. Também não havia cursos de capacitação, tanto para os professores, como para os alunos.

Entrevistado 1. Sim

Entrevistado 2. A instituição com escola valoriza a linguagem digital, isso atualmente ocorre com grande intensidade e constância na rede estadual de ensino do Estado do Paraná nas escolas públicas, podemos afirmar que não está no patamar ideal de acesso, incentivo, cursos de capacitação e potencialização dos recursos.

A escola no Brasil como instituição iniciou tardiamente a linguagem digital, pois até a década de 90 os livros didáticos públicos ofertados aos alunos consolidaram-se no cotidiano escolar. As dificuldades de aplicar uma simples prova eram grandes, pois o professor devia escrever num papel estêncil de mimeógrafo, saber lidar e conhecer todas as manhas do mimeógrafo para efetivar a ação, além fazer uma oraçãozinha para que não manchasse a matriz. Ainda hoje, enfrentamos nas escolas do Brasil, grandes dificuldades estruturais, escassez de materiais pedagógicos, carga horária demasiada, falta de linha de crédito para aquisição de equipamentos tecnológicos, porém, grande parcela do corpo docente esta buscando inserir-se e acompanhar a linguagem digital e adapta-la a pratica escola cotidiana.

Registramos casos hilários, mas realmente desastrosos na aplicação da linguagem digital nas escolas brasileiras, como por exemplo, um professor uma

vez relatou que lecionava aulas de informática sem computador e sem peças do mesmo, que naquela época fotocopiou uma apostila de um colega de uma cidade distante, que passava o conteúdo no quadro ou ditava aos alunos. Outros casos, desde sala de informática que funcionam com metade dos computadores existentes dentro delas, pois o custo de manutenção não havia fonte do recurso financeiro definida. Casos em que os computadores ficavam estocados na escola porque não foram instalados ou os professores não sabiam lidar com os softwares.

Há alguns esforços de projetos de políticas de governo para trazerem a linguagem digital como prática escolar cotidiana, mas esperamos que isso seja parte integrada e consolidada por legislação de políticas públicas de Estado a curto, médio e longo prazo, objetivando e garantindo o planejamento, fomentação, manutenção e execução de projetos, planos, metas condizente com a educação brasileira de qualidade, isonômica e emancipadora

Entrevistado 3. Creio que a escola ainda esteja muito aquém nesse assunto, pois somos filhos do Iluminismo, em que tudo tinha uma razão de ser e o conhecimento era compartilhado em caixinhas. Embora, hoje as escolas estejam equipadas com todos esses aparatos tecnológicos e já exista capacitação para que o professor se aprimore ainda estamos longe de alcançar a excelência. Entretanto, no meu ponto de vista é o educador quem deve procurar acompanhar os novos tempos e não ficar esperando que a instituição escola se transforme. Nós somos a escola, portanto cabe a nós transformá-la.

Entrevistado 4. Sim

Entrevistado 5. Sim. Os professores durante suas aulas abordam o assunto e especificamente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna, trabalham com os gêneros discursivos, onde a linguagem digital (e-mail, MSN, Orkut) são assuntos abordados no decorrer do ano letivo.

Entrevistado 6 Na medida do possível a escola auxilia no uso das tecnologias em sala. Mais ainda há muito o que fazer para fazer com que os professores utilizem mais esse recurso.

Entrevistado 7. Primeiro acredito que o problema está muito além da escola, está no sistema. É muito bom ouvir que todas as escolas possuem um laboratório de informática conectados em rede, porém, na realidade, sabe-se que quando chegam na instituição já encontram-se defasados e a manutenção é precária tornando quase impossível o acesso aos alunos. Há também aqueles casos onde o laboratório de informática da escola é também outros ambientes, como biblioteca ou sala dos professores, impossibilitando, também, que os alunos tenham acesso. Capacitações existem sim, são poucas, mas existem alguns cursos de informática, mas que poucos acham necessário.

Entrevistado 8. Não respondeu

Entrevistado 9. A instituição compreende que há necessidade e promove cursos de capacitação

Entrevistado 10. A escola oferece muitos cursos de capacitação.

Entrevistado 11. Eles existem, mas não são suficientes para suprir a demanda ou acompanhar os avanços, ao professor falta interesse e ao Estado falta investimento.

Entrevistado 12. A instituição escola compreende a importância da linguagem digital e busca incentivar o uso de novas tecnológicas. Considerando que, a maioria das escolas possui laboratório de informática, pode-se dizer que utiliza-se ainda muito pouco o laboratório como ambiente de ensino, vezes por falta de iniciativa do professor e outras por falta de espaço físico adequado, o número de computadores em relação a quantidade de alunos ainda é insuficiente. Diante disso, é colocado à escola a necessidade de repensar sua prática diante dos recursos tecnológicos, buscando novas formas de aprender e ensinar.

Entrevistado 13. Existem capacitações para os sistemas do governo, mas há uma oferta precária de recursos. O que temos de recurso funcionando plenamente na escola, são as tv-pendrive.

Entrevistado 14. sim, como já afirmado acima, tanto o estado do Paraná, quanto a escola oportunizam momentos de capacitação, laboratório, tvspendrive e outros materiais para melhorar o aprendizado dos alunos

Entrevistado 15. Muito pouco, no início do Paraná Digital tínhamos maior suporte e os computadores eram mais novos e mantidos mensalmente, hoje o laboratório já está ultrapassado e as televisões já não suportam o trabalho planejado.

Entrevistado 16. A instituição escola compreende a linguagem digital fundamental para a formação de alunos críticos e participativos, atualmente nossos alunos possuem um maior acesso à internet, celulares, e outros instrumentos tecnológicos, porém, ainda existe a necessidade da “utilização inteligente”, pois muitos adolescentes ainda não utilizam estes meios para os fins e objetivos que geram resultados positivos e significativos. Com relação ao incentivo ao uso destes recursos, considero que são grandes, porém ainda faltam cursos de capacitação para uma utilização mais produtiva para o processo de ensino e aprendizagem.

5. Compreende-se que no mundo globalizado e tecnológico é papel dos professores e da escola desenvolver novas formas de ensinar e aprender, aliando práticas há muito sedimentadas às novas tecnologias. Diante dessa urgência, existe o trabalho com linguagem digital na escola e quais métodos e abordagens são empregados?

Entrevistado 1. Um método que tenho usado é a pesquisa. Como por exemplo, a pesquisa de expressões na língua Inglesa vistas na internet, que não tem traduções próprias para a língua Portuguesa.

Entrevistado 2. Não que eu saiba, mas acho que deveria aos poucos acontecer um incentivo como relação a linguagem tecnológica, mas acho que o mais importante é saber o quanto os professores estão dispostos a adquirir esse conhecimento. Porque não parece mas vai ser difícil adquirir, assimilar e transmitir esses conhecimentos, já que não estamos tão inseridos nesse mundo tecnológico, apesar de vivermos nele, ainda não o compreendemos.

Entrevistado 3. Não existe o trabalho com linguagem digital na escola

Entrevistado 4. Não existe trabalho com linguagem digital na escola.

Entrevistado 5. Na escola onde trabalho não há este trabalho e a importância da linguagem digital é questionada.

Entrevistado 6. Particularmente ainda não vejo estudos, projetos ou ações nas escolas para digitalizar ou ao menos ajudar ao professor para que este possa fazer parte deste mundo digital.

Entrevistado 7. Vivemos ainda trabalhando numa escola tradicional, em que o “novo” é visto com relutância.

Entrevistado 8. Sabemos que é o papel do professor, mas infelizmente vivemos na Idade Média e não da Mídia, não temos acesso para trabalhar dessa forma.

Entrevistado 1. Existem aulas de laboratório.

Entrevistado 2. A escola como uma instituição antiga ainda mantém certos ditames e clichês que acredita ser imutáveis e inflexíveis, tanto internamente (corpo docente e discente), como externamente (pais, comunidade, sociedade), isso impede experiências inovadoras e horários flexíveis para incursões em campo (viagens estudantis, visita de campo, etc).

A pesquisa e desenvolvimento de projetos interdisciplinares seriam formas viáveis para a aprendizagem, pois impulsionariam a busca pelo saber, busca pelo conhecimento contextualizado, valorizaria a discussão e a interação para a elaboração e finalização de conceitos, teses, opiniões e pontos de vista acerca do objeto estudo.

Ainda poderiam produzir conhecimento e manifestá-lo em homepages educativas até montar redes colaborativas de aprendizagem entre os alunos da escola e outras escolas.

Referente a abordagem esperamos que o professor e alunos apliquem a criticidade, o rigor e a profundidade necessária para aprender o conhecimento

Entrevistado 3. Não há como fugir da linguagem digital, portanto, a nós educadores cabe inseri-las no nosso ambiente de trabalho como mais uma forma de se comunicar com o mundo. Quanto aos métodos e abordagens cada professor deve descobrir o que melhor se adéqua ao seu contexto, visto que nossos alunos não são homogêneos e que cada realidade exige metodologias próprias e específicas.

Entrevistado 4. Sim. Os assuntos como MSN, ORKUT, E-MAIL, FACEBOOK.....são discutidos em sala, onde a linguagem digital estão mais frequentes.

Entrevistado 5. A linguagem digital está acarretando um sério problema na escrita, porque nas redes de relacionamento, os alunos não escrevem mais as palavras corretamente, e sim por abreviaturas, símbolos e acabam trazendo para a sala de aula esse modo de expressar a escrita, o que dificulta principalmente para o

professor que não tem conhecimento sobre tal linguagem de decifrar o que o aluno escreveu.

Entrevistado 6. O uso da TV pen drive e o uso dos computadores em laboratório (quando possível). Nem por todos os profissionais, aliás por poucos, já que muitos ainda tem receio não conseguirem utilizar esse recurso.

Entrevistado 7. Há sim o uso de algumas tecnologias na escola atualmente. Na minha disciplina, Arte, considero indispensável o uso da tecnologia. São muitas imagens utilizadas e tendo, no caso do Paraná, as Tvs Multimídia em quase todas as salas de aula, é um grande avanço. Trazer os assuntos da atualidade, da Tv e da internet para a sala de aula também é uma constante nas minhas aulas, sempre discutindo os temas e abordando as tecnologias.

Entrevistado 8. O trabalho com linguagem digital existe em pequena escala. Nem todos os professores conseguem trabalhar de maneira eficiente com todas as tecnologias. Alguns até as utilizam mas as mais fáceis ou que dependem mais da capacidade do aluno em trabalhar com elas.

A forma de utilizá-las é proposta no Plano de Trabalho Docente, onde os professores das disciplinas se reúnem com a equipe pedagógica para planejar o bimestre e partindo dos conteúdos que serão trabalhados são realizadas as propostas de utilização de determinada tecnologia que é vista como o instrumento que será utilizado por professores e alunos para atingir determinados objetivos.

Entrevistado 9. Existe com alguns professores que utilizam o computador para auxiliá-los na sua prática pedagógica. Sim, laboratório de informática com internet e TV pendrive em todas as salas de aulas para que o professores possam utilizar dessa tecnologia.

Entrevistado 10. Existe com alguns professores que utilizam o computador para auxiliá-los na sua prática pedagógica

Entrevistado 11. Na verdade fala-se muito e concretamente se faz pouco, não se tem um resultado efetivo. Na minha experiência pessoal demorei muito tempo para achar um “Jeitinho” para usa a TV multimídia com eficiência; já ouvi muitos relatos de professores que simplesmente deixaram de tentar. Por exemplo, um conteúdo interessante trabalhado em determinada turma, deixou de ser utilizado porque a TV de outra turma da mesma série simplesmente não funciona, leva-se muito tempo para se solucionar os problemas e na sala de aula. Na sala de informática, nunca ousei levar os alunos, pois a rede funciona bem com um ou dois micros ligados, mas com vinte e tantos ela simplesmente para. A expectativa é grande para o presente ano, pois a sala de informática da escola onde trabalho, foi totalmente reformada e recebeu micros todos novos de um projeto do governo federal.

Apesar de tudo vejo que as ações ainda são insuficientes. Metaforicamente falando, andamos com passos de tartaruga competindo com a lebre da revolução digital, que diferente da fábula corre a perder de vista.

Entrevistado 12. Alguns educadores já utilizam este recurso buscando enriquecer suas aulas, porém muitos ainda precisam adquirir o hábito em estar fazendo uso,

organizar-se e sistematizar suas atividades diante desta nova possibilidade metodológica.

Entrevistado 13. Apenas o uso da tv-pendrive. Nosso laboratório não funciona. Levamos fontes e informações para os alunos, que mais tarde em suas casas, terão acesso a internet e as informações.

Entrevistado 14. capacitação de professores, uso dos recursos multimídia e website com conteúdo para download.

Entrevistado 15. Quando possível ele ocorre, porém de maneira precária e insatisfatória por itens mencionados na questão anterior.

Entrevistado 16. Na nossa Escola este trabalho ocorre a cada ano letivo em uma maior proporção, as aulas são com imagens em TV pen drive, no laboratório de informática, jogos online, certamente que todo este trabalho deve ser elencado ao Plano de Trabalho Docente de cada disciplina e série (ano), sendo que neste são descritos os conteúdos, as metodologias, os objetivos e a avaliação, pois estes itens são fundamentais para que o trabalho com essas tecnologias não ocorram sem nenhum fundamento educacional.

6. **Nesse mundo em que a globalização rompeu com fronteiras de tempo e espaço, as mudanças rápidas que a sociedade tem enfrentado, não passariam longe da escola. Se assim o é, as mudanças rápidas na sociedade que afetam diretamente a escola têm sido responsáveis por modos de pensar o mundo e os modos que as pessoas compreendem o que está acontecendo em volta delas e no caso do professor especificamente, como essas mudanças na sociedade estão afetando a sala de aula principalmente com a velocidade das tecnologias digitais que corroboram tais mudanças. Em vista disso, a linguagem digital é considerada para o ensino/aprendizagem e por quê?**

Entrevistado 1. Este novo mundo, cheio de informações traz facilidade e independência no processo de aprendizagem. Vejo, como positiva a contribuição da linguagem digital, para integrar e inovar o nosso meio escolar.

Entrevistado 2. No momento acho que não está sendo usado ou talvez não está sendo compreendido, temos medo do novo, normalmente é mais cômodo ignorar sua existência, só assim podemos viver a margem. Porém acho que essa comodidade está acabando, pois nossos alunos começam a cobrar nossa ignorância, ou pouco conhecimento com relação a esse assunto. Com relação a importância acho que está se tornando cada vez mais necessária, já que os alunos estão inseridos nessas tecnologias e seria um desperdício não utilizar esse conhecimento para sua aprendizagem. **E ainda acrescenta uma observação (Obs.: quando respondi essas questões percebi o quanto estou precisando de uma reciclagem tecnológica)**

Entrevistado 3. Partindo do pressuposto colocado na questão, a inserção da linguagem digital na escola é fundamental e urgente. A escola como espaço de aprendizado, formação do indivíduo e de criação de valores, não pode estar descolada da realidade. Para que a escola alcance seus objetivos como instituição social deve criar mecanismos para se adequar ao contexto sócio-espacial que

vivemos. A linguagem sempre foi ponto fundamental na relação ensino/aprendizagem. Por isso perceber e aplicar a prática pedagógica em uma perspectiva digital é essencial. Para que a escola não fique à deriva e não perca o seu significado deve se adequar ao mundo pós-moderno.

Entrevistado 4. . Infelizmente as escolas não consideram ainda a linguagem digital para a aprendizagem, pois são necessário investimento em tecnologias ecustos financeiros altos.

Entrevistado 5. Não há como separar sociedade e alunos. Se a linguagem digital, sua evolução e velocidade estão presentes no mundo, a escola tem um grande artifício para atrair a atenção dos alunos. Os alunos vivem em um mundo digital. É papel do professor andar à frente de seus alunos e gerar reflexão lançando mão de linguagem – ou linguagens – acessíveis a eles. E mais: o professor que foge da linguagem digital está se distanciando dos alunos, e distância entre professor e aluno prejudica o aprendizado.

Entrevistado 6. O professor esta um pouco perdido neste mundo digitalizado, pois as mudanças ocorrem muito rapidamente, então sim afeta diretamente a escola, pois temos professores que ainda não sabem trabalhar com estas ferramentas.

Entrevistado 7. Eu penso que pertenço a época da maçã e o meu aluno vê maçã, banana, caqui, jaca de focos diferentes, ou seja, descascados, em pedaços, etc. A grande maioria dos professores não entendem algumas relações de seus alunos porque são mais lentos que os prodígios.

Entrevistado 8. Não respondeu

Entrevistado 1. A linguagem digital é muito importante para o ensino/aprendizagem, pois ela se tornou imprescindível para a vida inteira.

Entrevistado 2. . As mudanças são faticamente visíveis e ocorrem com enorme velocidade, gerando à vezes certa sensação de inoperância dos paradigmas por nos aplicados cotidianamente. Evidentemente estarmos antenados com o novo das tecnologias digitais implica em não perdermos o bonde do século.

Apesar de a escola reproduzir métodos arcaicos e defasados, cabe a ela tornasse uma instituição que seja fundamental para a consolidação e democratização das tecnologias digitais na sociedade. Pois a formação do cidadão começa na tenra idade e prossegue ao longo dos anos escolares. Oferecer equivalentes possibilidades de acesso, manutenção e aprimoramento do indivíduo no mundo globalizado. A visão de mundo e de percepção das realidades é ensinada pela escola. E essa não poderia ficar a margem das mudanças que estão acontecendo nos mais diversos campos do conhecimento e da tecnologia, mas, sim incluir e construir meios/condições e procurar acompanhar esse momento de progresso tecnológico para progredir habilidades humanas objetivando a paz mundial, a convivência harmoniosa, o equilíbrio ecológico, justiça social, segurança alimentar, segurança na saúde, tranquilidade e sossego nos lares e cidades.

Em sala de aula é notório o envolvimento dos alunos com a era digital, por exemplo, o uso de telefones celulares com multitarefas e alguns ligados a internet,

isso se tornou um hábito inseparável no cotidiano da maioria dos adolescentes e por que não afirmar da maioria da população. Nesse contexto, poucos indivíduos utilizam para aprender novos conhecimentos científicos, podemos afirmar que a futilidade e a inutilidade ainda predominam os conteúdos das tecnologias digitais. A maioria dos jovens está relacionando-se por redes sociais como palco de encontro, trocas de afinidades, estabelecimentos de amizades e outros relacionamentos. Utiliza-se de vários aparelhos eletrônicos e digitais como: computadores, TV com parabólica, aparelho de som, pen drive, rádios, mp3 e outros, tudo isso conforme a condição financeira e os interesses e objetivos familiares.

Ainda estamos equidistantes de um excelente uso e destino das tecnologias digitais no cotidiano, e principalmente na prática da sala de aula, para a eficiência e eficaz da simbiose tecnologia e ensino/aprendizagem, pois as dificuldades financeiras, os interesses e objetivos metodológicos, a incapacidade operacional das tecnologias, a inadaptabilidade dos métodos pedagógicos, a capacitação didática... torna uma tarefa árdua repleta de desafios e transposições a serem executados ao longo do tempo, desde que qualquer tecnologia esteja a disposição da construção de um ser humano integral, ético, equânime, emancipatório e austero com seus e com o planeta.

Entrevistado 3.Essas mudanças têm afetado drasticamente a educação, pois no passado tudo era mais lento, por exemplo, era impossível sabermos o que se passava em outros países ou até mesmo estados, hoje, porém, as notícias são veiculadas praticamente em tempo real. Assim sendo, é impossível excluir a linguagem digital da aprendizagem, uma vez que esta possibilita o acesso a inúmeras informações e conhecimento.

Desse modo, o professor que não for letrado digitalmente não terá como discutir ou relatar o que se passa no mundo. A educação deixou de ser centrada nas mãos do professor, ela tem vida própria, ou seja, para aprender não é preciso ficar sentado num banco escolar, ouvindo um professor. Com isso, devo esclarecer que não estou defendendo o extermínio da instituição escolar, mas sim que ela necessita se transformar para acompanhar esses novos sujeitos, caso contrário, infelizmente ela perderá sua razão de ser.

Entrevistado 4. O problema maior é a escrita uma vez que essa linguagem digital tem muitas abreviaturas e escritas erradas ortograficamente, cabendo o professor corrigir, não sendo uma tarefa fácil, já que está no dia-a-dia dos alunos

Entrevistado 5. É essencial para o ensino/aprendizagem, pois com a ideia de globalização, em tempo real as pessoas podem saber em tempo real o que está ocorrendo.

Entrevistado 6. Não há mais como desvincular o ensino do mundo tecnológico e globalizado. Porém, Sendo bem realista estamos muito distantes de equiparar a escola com a rapidez das novas tecnologias, pois o ideal seria salas de aula totalmente interativas, com computadores individuais para os alunos e com acesso à internet. Enquanto isso não acontece deve-se procurar os melhores meios para tentar falar a mesma linguagem de nossos alunos e com certeza as inovações tecnológicas são o que eles falam, o que eles vivem.

Entrevistado 7. Percebe-se que os professores atualmente demonstram uma visão muito consciente de que nossos alunos não são mais aqueles “de antigamente”. Apesar de muitos professores demonstrarem dificuldades em empregar todos os recursos tecnológicos disponíveis, tentam integrar-se com as novas possibilidades de ensino/aprendizagem e verifica-se claramente que nos últimos anos houve um progresso muito importante neste setor, pois as mudanças que atingem a sociedade como um todo, refletem diretamente nos alunos e em sala de aula deve ocorrer a integração entre propostas de ensino por parte dos professores entrelaçadas com a exploração de maneiras mais eficientes que possam levar a aprendizagem dos alunos. Se conseguem aprender melhor visualizando que ouvindo, então este deve ser o sentido abordado. A pesquisa na Internet traz melhores resultados que o explanação em sala de aula, utiliza-se o computador, ou seja, deve haver uma adaptação para conseguir o sucesso e muitas vezes tendo a consciência de que poderá não atingi-lo, tendo em vista que ainda estamos na fase da experimentação

Entrevistado 8. É considerada mais uma ferramenta que veio para auxiliar e melhorar o professor e motivar o aprendizado do aluno.

Entrevistado 9. Desde que todos tenham acesso a essas tecnologias é muito importante, pois o acesso nem sempre está disponível para todos

Entrevistado 10. Acho que o maior reflexo é o rendimento na sala de aula. Os avanços tecnológicos revolucionaram a maneira de pensar. O pensamento do aluno é digital, mas a sala de aula ainda é analógica. Existe um grande abismo entre a maneira de pensar do educando e do educador que ainda vê a linguagem digital de maneira preconceituosa e “errada”. O que precisa é acontecer maior formação dos educadores para que mudem sua maneira de encarar os avanços, porém essa não é uma tarefa fácil, pois não se muda uma mentalidade de uma hora para outra. O professor precisa perder o medo de errar e ter mais humildade para perceber que pode construir junto com os alunos o conhecimento digital. Somente assim é que poderá perceber que a educação só tem a ganhar com os avanços digitais.

Entrevistado 11. Não respondeu.

Entrevistado 12. Considerada muito importante. Se o professor não acessar informações e tecnologias, das quais os alunos falam o professor não dará uma boa aula. Trabalhar com estas tecnologias e trabalhar com a realidade dos nossos alunos, vendo que ainda existem opositos a este acesso. Em nossa escola, temos muitos alunos do interior, que não tem luz, nem acesso a internet. Aqui a importância do uso destas tecnologias para ampliar o campo de conhecimento de nossos alunos, e tornar nossas aulas mais atrativas.

Entrevistado 13. .hoje em dia com a internet, os alunos tem acesso as mudanças da sociedade rapidamente, se o professor não acompanhar essas mudanças corre o risco de ficar defasado com relação ao conteúdo e o principal, de abordar um assunto já ultrapassado com os alunos, gerando desinteresse pelo conteúdo e causando nos alunos a falsa impressão que o professor não sabe do que está falando, por isso nós professores devemos aceitar as novas mídias como um potente aliado na busca de um ensino de qualidade e motivador para o aluno.

Entrevistado 14. Quando possível ele ocorre, porém de maneira precária e insatisfatória por itens mencionados na questão anterior.

Entrevistado 15. Nesse mundo tecnológico que estamos vivendo faz-se necessária a utilização de mídias integradas no contexto educacional, assim como procurar o aperfeiçoamento nessa área, sendo, portanto um eterno aprendiz desenvolvendo competências e habilidades fundamentais em uma cultura tecnológica

Entrevistado 16. Hoje podemos considerar o uso destas tecnologias digitais é indispensável no processo de ensino/ aprendizagem. O letramento digital deve ocorrer na escola, independente da disciplina, pois nossos alunos serão nossos futuros trabalhadores e o mercado de trabalho já não aceita alguém leigo nesta área, e a escola ainda continuam sendo o início/base de todo este trabalho.

ANEXO 3 - *Blogs* dos Professores

BLOG – DIÁRIO AUTOBIOGRÁFICO

Escola Particular: Participante 1.

Primeira Postagem:

Os laptops

Na primeira semana de aula, os alunos que optaram pela disciplina de rádio foram avisados que poderiam levar seus computadores portáteis e usá-los durante as aulas. Sem exceção, as turmas comemoraram a vitória. Afinal, computadores para eles são preciosíssimas armas de comunicação. De diversão. De acesso a informações de seus interesses.

Segunda semana de aula. Os alunos, inconformados com sua conquista, não levaram suas máquinas. Ainda estavam sob o choque da informação. Perguntavam se é real a possibilidade de usar seus computadores durante as nossas aulas. Diante da confirmação, muitos garantiram que os levariam para a semana seguinte.

Então um ou outro aluno levou. Poucos. Realmente poucos alunos. Especialmente os mais velhos. Entretanto, trabalhamos com até duas máquinas trazidas pelos alunos.

De lá para cá, tenho me perguntado o motivo, e ainda penso em alternativas, não concluí.

Segunda Postagem:

A experiência com os computadores portáteis

Aquela pesquisa da professora Zuleica sobre a qual venho fazendo uns posts está sendo finalizada.

Vou contar como vejo a proposta hoje.

Eu trabalho com computadores portáteis com alunos desde o 6º ano até o 1º ano do Ensino Médio. Para as aulas de rádio os alunos raramente levaram seus laptops e tablets para as aulas nesse primeiro bimestre. A facilidade estaria em procurar conteúdos para seus roteiros e arquivos de músicas para os programas.

Eu imaginei que todos os alunos que pudessem levariam seus portáteis à escola. Entretanto, pouquíssimos os levaram. Pouquíssimos é sem exagero, um ou no máximo dois por aula.

Achei muito interessante que ainda que passem a maior parte de seu tempo livre em seus computadores, os alunos não queiram associá-los ao ambiente escolar. Será um conceito pré-estabelecido quando à não associar coisas boas às ruins? Diversão e escola? Desejo que não. Seria um excesso de zelo pelas máquinas que movem suas vidas? Há inúmeras possibilidades, merecedoras de uma pesquisa.

Sabendo que há um link fortíssimo entre nossas vidas e a vida digital - e que não há e nem deve haver como promover uma quebra deste link - talvez a melhor atitude seja permanecer incentivando os alunos para que vinculem sua vida real ao ambiente escolar.

Zuleica, parabéns por seu trabalho. Desejo a você muita luz, muito conhecimento, muita propagação de coisas boas!

PARTICIPANTE 2.

Primeira postagem:

Zuleica finalmente consegui,

As ultimas aulas de biologia na 2.2 com o uso do comp. foram mais satisfatórias, agora vou criar uma forma de comunicação entre os alunos e eu, para finalmente entrar no sua projeto pesquisa de vez.

Segunda postagem:

projeto de linguagem digital

Gostaria muito de ter colaborado mais com sua pesquisa, mas sei que faltou ter mais conhecimento e tempo para desenvolver o projeto com mais afinco e dedicação, posso relacionar dificuldades que encontrei para desenvolver seu projeto, sendo que o principal deles foi minha falta de conhecimento a respeito do tema, apesar de ter pesquisado e lido alguns artigos a respeito do tema, fiquei ainda com algumas duvidas, não que isso seja o único problema, não tinha muito tempo também, a escola, a casa e filhos, foram um obstáculo não conseguia tempo para ler, entender e tentar desenvolver uma forma de comunicação eficiente entre os meus alunos e eu. Fiz algumas tentativas primeiro com o primeiro ano B, que não foi nada legal, a internet da escola não estava funcionando a aula foi frustrante. Depois fiz outras tentativas com o segundo ano, passando trabalhos e comentários através do MSN, até foi interessante, mas também acho que não foi bom. Em parte por que não sei lidar direito com tanta tecnologia, em parte por que os alunos " alguns alunos " não tem interesse em buscar o conhecimento, sei que somos os maiores culpados por isso, pois temos a tendência de dar tudo pronto, mastigado e resumido para que eles só tentem aprender.

Gostaria de disser que sua pesquisa fez com que eu, professora e mãe, pudesse avaliar a forma com que educo e ensino meus alunos e filhos, acho que tenho muito a aprender , sei que não sou a única a achar mais fácil passar o resumo e explicar o conteúdo, e no fundo o correto seria deixar que os alunos construam seu conhecimento com minha ajuda e auxilio. Gostaria de ter tido mais tempo para pesquisar e aplicar essa nova forma de educação que está batendo a nossa porta apesar de estarmos fazendo de conta que não enxergamos, sempre a comodidade em nossa categoria foi um obstáculo a novos conhecimentos e propostas, sempre critiquei colegas que se fecharam em seus mundos de "educadores passivos", e hoje vejo com pesar que também de certa forma também estou acomodada, apesar de ter saído da escola gostaria de não ficar tão longe dos acontecimentos escolares fiz um acordo comigo que não vou parar de ler sobre o assunto, e vou tentar entender melhor.

Mais uma vez gostaria de ter colaborado mais com sua pesquisa, mas fiz o que foi possível, obrigado pela confiança e até mais.

Escola pública

Participante 1. - Primeira postagem:

Início de conversa

Este blog foi criado a pedido da professora Zuleica para postagem das experiências de práticas de letramento digital que eu apliquei com alunos do 9º ano da sala de Apoio da Escola Estadual Professora Orlanda Distéfani Santos. Confesso que estou apreensiva, pois sou marinheira de primeira viagem no assunto de blog e deveria ter feito isso já a muito tempo (Zuleica, me desculpe). Amanhã pretendo pontuar minhas práticas que, apesar do pouco tempo foram muito enriquecedoras para os alunos e também para mim que estou iniciando meu letramento digital junto com os alunos. Espero colaborar com a pesquisa de minha amiga e aprender mais e mais sobre esse ambiente digital.

Segunda postagem:

Desabafo

Acho que o letramento digital deve de fato ser um caminho de mão dupla com diz a Profª Zuleica, pois as vezes a tecnologia não me obedece!!!

As férias terminaram e eu ainda não postei minhas experiências, acho que falta confiança e boa vontade (um pouco de tempo também).

Cheguei ontem na Escola Orlanda Distéfani Santos pronta para retomar o projeto com os alunos da sala de apoio. Eufórica para usar pela primeira vez o novo laboratório de informática, com computadores novinhos e tinindo. Mas, chegando lá, encontrei os computadores ainda nas caixas: sem previsão para montagem do laboratório. O cara que faz as instalações está de férias. Legal lá vamos nós engolir a indignação e replanejar as atividades.

Terceira postagem:

Quando decidi participar da pesquisa da Profª Zuleica, optei em aplicar as atividades com a turma de apoio escolar da Escola Professora Orlanda Distéfani Santos, por se tratar de uma turma de alunos que já possuem dificuldades de aprendizagem.

Esses alunos frequentam a sala de apoio em contra turno e são em maioria alunos no 9º ano.

Me preparei para trabalhar com alunos com comprometimento na aprendizagem, porém não foi bem essa realidade que encontrei.

Na verdade esses alunos possuem uma autoestima muito baixa e uma falta de confiança danada, principalmente em relação à produção textual. Alguns relataram quando interrogados que simplesmente não escreviam textos porque não sabiam escrever ou o que escreviam não tinha importância.

Então direcionei o trabalho das primeiras semanas em atividades que resgassem a auto estima e a possibilidade em se ter prazer em ler e escrever.

Num primeiro momento, os alunos, após diversas práticas de leitura e ilustração de textos com vídeos, vídeo-clips, contação de histórias e outros escreviam seus textos no caderno.

Em seguida, antes mesmo de fazer a reestruturação textual aos alunos digitavam seus textos.

Neste momento é pude notar as dificuldades, pois a ideia era ensinar a transformar os textos em hipertextos, porém os alunos mal sabiam digitar.

Nas próximas postagens detalharei algumas atividades de produção textual desenvolvidas, os procedimentos adotados e os resultados alcançados.

Participante 2 - Texto 1:

RELATÓRIO EXPANSÃO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA INSERÇÃO DE LINGUAGEM DIGITAL

O projeto foi desenvolvido com alunos de Sala de Recursos Multifuncional tipo I das séries finais do Ensino Fundamental.

No início, houve grande expectativa, tanto por parte do professor e alunos, porém ao decorrer do andamento do Projeto Linguagem Digital houve interrupções.

Iniciou-se no segundo bimestre do ano de 2012. As atividades foram desenvolvidas no laboratório de informática da escola, onde também funciona como Biblioteca, Sala dos Professores. Além disso, muitas vezes não funcionava a internet ou havia queda de energia.

No entanto os momentos realizados foram de total motivação e aprendizado, pois, a maioria dos alunos não possui contato direto com o computador, necessitando então iniciar o Projeto Linguagem Digital com informações e ajuda individual para acesso a vídeos, áudios, fotografias e outros recursos para mostrar mais detalhes e curiosidades sobre o assunto estudado. Isso fez com que os alunos prestassem mais atenção nas aulas e saíssem do espaço imaginário, intangível, representado por um mapa de um livro, e adentrem o espaço real e visível.

Este Projeto com aulas interativas e o pouco uso de meios digitais na educação foi um dos motivos de melhora na desenvoltura de avaliações e incentivo a maior participação dos alunos nas atividades escolares proporcionando benefícios na aprendizagem.

O Projeto tinha como objetivo desenvolver com os alunos um blog. Porém houve muitas interrupções e não foi possível, mais tarde creio que poderei desenvolvê-lo, pois, acredito nos benefícios que esse blog trará através dos meios digitais nas escolas, aumentando o diálogo entre professores e alunos e ampliando o espaço da sala de aula, já que o contato passa a ser também fora do horário escolar. Além disso, os recursos disponíveis nos computadores e na internet fazem com que os estudantes tenham mais prazer em assistir às aulas e interajam de modo mais efetivo.

ANEXO 4 - Grupos de discussão

GRUPO DE DISCUSSÃO

O grupo de discussão visa a reflexão acerca da inserção de linguagem digital em sala de aula, com o intuito de discutir com os participantes da pesquisa quesitos específicos da segunda etapa da pesquisa, além de contribuir para futuras investigações dentro do universo digital como contribuição para o ensino.

Para isso, apresentam-se tópicos para reflexão:

- ▶ Participação na pesquisa, contribuições, dúvidas, percepções pessoais do trabalho;
- ▶ Compreensão acerca da inserção;
- ▶ O trabalho em ambiente virtual: diferenças, semelhanças, etc
- ▶ Realização dos trabalhos e receptividade dos alunos;
- ▶ Adoção e inovação, apropriação e adaptação;
- ▶ Processos de ensino/ aprendizagem frente às TICs;
- ▶ Perfil do professor e dos alunos;
- ▶ Pontos positivos e negativos na inserção;
- ▶ Representação das tecnologias na Educação;
- ▶ Sentidos e significados na prática docente;
- ▶ reflexão identitária;

Escolar Particular:

Participante 1 – Texto 1

Participar da pesquisa foi um grande desafio, pois meu conhecimento sobre a linguagem digital era e ainda é mínima, mas pelo menos bateu a curiosidade e a tentativa da busca por um pouco mais de conhecimento, as leituras que fiz neste período ajudaram a descobrir muitas tecnologias que não sabia existir. As dúvidas foram e ainda são muitas tanto a respeito do que é a linguagem digital, e também de como usa-la na escola e na vida, no dia a dia.

Quanto ao trabalho em si acho muito interessante pois a possibilidade de ter acesso visual e textos referente ao assunto da aula tem uma grande valia, dentro da minha área de atuação que é a biologia, fala-se muito mas também é necessário o contato visual do assunto. Uma aula de biológica fica mais proveitosa se o aluno tiver a possibilidade de tocar ou visualizar o conteúdo ou parte dele pelo menos. Seria mais fácil e eficiente se todos os alunos tivessem acesso livre ao uso dos recursos que a internet oferece, mas também os professores tem que buscar conhecer essa possibilidade de uso didático, fazer o caminho com mão única não vai gerar resultados bons.

Mas essa busca deve ser tanto da Escola como instituição provedora dos recursos, quando do Professor e alunos como disseminadores e usuários desses recursos, estiverem sintonizados falando e utilizando-os com pleno conhecimento e responsabilidade seria um grande avanço na educação.

Acredito que dentro de tudo o que podemos ter como recurso pedagógico temos que considerar até onde e quanto usar esse recurso, acho importante utilizar mas também temos que tomar cuidado com os excessos que podem ser prejudiciais, o uso incorreto sem conhecimento pode fazer tanto mal quanto bem. Por isso que na minha opinião os professores e a escola devem receber primeiro instruções de uso mas também ter o conhecimento ampliado a respeito do uso da linguagem digital na sala de aula, uma aula em que não se tem conhecimento do que se está fazendo é ou pode tornar-se mais prejudicial do que interessante.

Com relação a receptividade dos alunos acho que a grande maioria gostou muito da possibilidade do uso do computador como meio de ensino. Se bem que na primeira tentativa do uso observei que alguns alunos ficaram um pouco desconfiados, mas nas tentativas seguintes a grande maioria se adaptou bem com a ideia e até acabava ajudando quando eu sentia dificuldades em encontrar atalhos e etc. A maioria das vezes que usamos o computador percebi a facilidade que esta geração tem em lidar com as novas tecnologias, enquanto nós

ficamos com medo de apertar um botão e por tudo a perder, eles lidam muito bem mexem e descobrindo a função e a utilidade de cada telha.

Bom para terminar acho que assim como qualquer medicamento para fazer o efeito esperado é necessário um bom diagnostico e a dose certa. Também a utilização da linguagem digital deve passar por um diagnostico de como pode ser inserida, devem ser analisados também os mecanismos de inserção que , a própria entidade escola, mas também o veiculo de inserção que são docentes. Para que a dose seja correta eu acho que primeiro deve-se conscientizar os docentes de que apesar de acharem tem conhecimento a grande maioria é leiga no assunto, pois passar imagem no multimídia é o que a maioria faz. Um conhecimento amplo do assunto requer discussões planejamento e principalmente aprendizado voltar a ser aluno para realmente aprender.

Com relação as escolas a dificuldade é ainda maior porque alem de aprender vai ter que ensinar, e uma pessoa só ensina o que sabe, essa talvez seja o maior obstáculo como um diretor ou diretora vai incentivar o uso de uma tecnologia nova se ele próprio não a conhece profundamente. Além do que os recursos materiais também vão depender do gestor dessas instituições, de governos quando se tratar de escolas publicas , prover recursos para que as aulas não fiquem só no projeto mas realmente aconteça é um grande desafio. Esse projeto de pesquisa me fez ver alguns fatos que acontecem tanto na sala de aula quanto na instituição de ensino. Como é fácil nós professores ficarmos em uma atitude de comodidade achando que o que eu sei é suficiente para ensinar, mas descobri que se for mais fundo nessa história está na hora de aprender como trabalhar com essa nova geração de alunos que estamos recebendo, que tem acesso a todas as formas de tecnologia e sabe usa-la.

Participante 2:

Linguagem digital nas aulas de rádio

Esse post tem como pretensão refletir a respeito da inserção da linguagem digital em sala de aula e, neste caso particular, nas aulas de rádio.

A ideia e possibilidade de inserir computadores portáteis às aulas ampliou o horizonte de ambos os lados: docentes e discentes. Como faço uso de computador diariamente há mais de 20 anos, adotando-o para trabalho, estudo e lazer, fiquei muito empolgada ao inserí-lo em minhas aulas.

Houve dificuldade de convencer os alunos que poderiam levar seus computadores portáteis para a escola. Depois de convencidos, alguns começaram a levar. Estes alunos convivem com computadores e passam diversas horas ao dia usufruindo das maravilhas que o mundo digital e a internet disponibiliza a eles.

As produções de roteiro para rádio ganharam nova velocidade. Ficaram mais ágeis. A gama de assuntos foi ampliada, saindo do conhecimento pessoal e indo em direção às informações disponíveis na rede, com discussão permanente acerca de sua veracidade.

Com o passar dos meses os alunos começaram a associar aulas e computadores. As aulas parecem ser mais atraentes e os temas escolhidos, pesquisados e redigidos através de informações e ideias da internet são mais consistentes e criativos. Estão mais próximos de textos profissionais em algumas situações.

(Depois eu continuo...)

Escola Pública

Participante 1

RELATÓRIO EXPANSÃO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA INSERÇÃO DE LINGUAGEM DIGITAL

O projeto foi desenvolvido com alunos de Sala de Recursos Multifuncional tipo I das séries finais do Ensino Fundamental.

No início, houve grande expectativa, tanto por parte do professor e alunos, porém ao decorrer do andamento do Projeto Linguagem Digital houve interrupções.

Iniciou-se no segundo bimestre do ano de 2012. As atividades foram desenvolvidas no laboratório de informática da escola, onde também funciona como Biblioteca, Sala dos Professores. Além disso, muitas vezes não funcionava a internet ou havia queda de energia.

No entanto os momentos realizados foram de total motivação e aprendizado, pois, a maioria dos alunos não possui contato direto com o computador, necessitando então iniciar o Projeto Linguagem Digital com informações e ajuda individual para acesso a vídeos, áudios, fotografias e outros recursos para mostrar mais detalhes e curiosidades sobre o assunto estudado. Isso fez com que os alunos prestassem mais atenção nas aulas e saíssem do espaço imaginário, intangível, representado por um mapa de um livro, e adentrem o espaço real e visível.

Este Projeto com aulas interativas e o pouco uso de meios digitais na educação foi um dos motivos de melhora na desenvoltura de avaliações e incentivo a maior participação dos alunos nas atividades escolares proporcionando benefícios na aprendizagem.

O Projeto tinha como objetivo desenvolver com os alunos um blog. Porém houve muitas interrupções e não foi possível, mais tarde creio que poderei desenvolvê-lo, pois, acredito nos benefícios que esse blog trará através dos meios digitais nas escolas, aumentando o diálogo entre professores e alunos e ampliando o espaço da sala de aula, já que o contato passa a ser também fora do horário escolar. Além disso, os recursos disponíveis nos computadores e na internet fazem com que os estudantes tenham mais prazer em assistir às aulas e interajam de modo mais efetivo.

Participante 2 – escola pública

Acho particularmente que os profissionais da educação e a sociedade como um todo têm uma posição preconceituosa quanto às novas tecnologias pois ao se falar genericamente no ambiente virtual, as pessoas tendem a salientar apenas os pontos negativos como a inadequação vocabular, erros de ortografia, assassinato da gramática (puro preconceito linguístico).

As pessoas vão utilizar mais e mais o ambiente virtual e isso é irreversível, não tem como haver retrocesso.

Então acho que a escola precisa abrir os olhos para essa inovação e colocar essa ferramenta a seu favor.

Não tive problema com motivação e até mesmo faltas de alunos no primeiro semestre quando estava trabalhando com os computadores, já neste segundo semestre...

Outro trabalho interessante!:

Os alunos assistiram o video-clip do grupo Jota Quest, da música Palavras de um Futuro Bom.

Numa segunda visualização eles anotaram as palavras que aparecem no telão do show durante a exibição da banda.

a proposta era selecionar algumas das palavras que eles julgassem mais importantes e fizessem um texto utilizando-as.

Não foi possível fazer o hiperlink nos textos produzidos pois ficamos sem computadores.

Acho que o maior desafio ao se encarar a inserção digital é vencer paradigmas, é ser humilde o suficiente para declarar sua ignorância e se colocar no patamar dos alunos. Compreendere vivenciar o que Guimarães Rosa afirma: "mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende".

Aprendendo a aprender

Legal só agora percebi que os links funcionam normalmente no blog!

Este aluno também me chamou atenção; ele era muito retraído e quieto e percebi que os demais implicavam com ele por ele ser "gordinho". Quando ele fez esse texto eu o elogiei perante a classe e disse que ele escrevia muito bem e deveria se tornar um escritor. A turma toda passou a respeitá-lo e ele melhorou seu desempenho na sala de apoio e na classe regular.

Ele optou por fazer hiperlinks de imagens e algumas estão na sequência do texto.

Salada de Contos

O texto a seguir é um dos que os alunos mais gostaram, o aluno em questão era ótimo, commuita criatividade. Escrevia com desenvoltura, e seus "erros" eram os esperados para a idade: ortografia coesão e adequação vocabular, mas nada absurdo.

Indaguei a ele o porquê de estar na sala de apoio e ele me disse que tinha notas baixas pois não fazia as atividades propostas que considerava chatas e sem graça (palavras dele).

Não consegui agregar os hiperlinks do texto aqui no blog mas as palavras selecionadas estão grifadas.

Os alunos escolheram a vontade os links: música, imagem texto...

Acho que a maior dificuldade foi direcionar o trabalho, posto que a internet dá margem a dispersão...

A atividade mais interessante

Uma das atividades mais interessantes desenvolvida foi a que intitulamos RECONTANDO OS CONTOS DE FADAS, cujos passos descrevo a seguir:

*Primeiramente, sob instigação do professor, os alunos debateram sobre o que sabem sobre o gênero Contos de Fadas;

*Em seguida, os alunos acompanharam a leitura do conto “Fita Verde no Cabelo” de João Guimarães Rosa e debateram suas percepções, principalmente em relação à linguagem utilizada por Rosa (interpretação oral);

*Após comentários e explicação do professor sobre intertextualidade os alunos assistiram o vídeo com a história Chapeuzinho Amarelo de autoria de Chico Buarque contada pela contadora de histórias Carol Levy (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Wvy560Pqz0c>) e o vídeo com uma versão animada de "Fita Verde no Cabelo" feita no modelo do jogo “The Sims 2” (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=cz-rpyFwqAQ>);

*Na sequência os alunos produziram textos com o tema mistura de contos de fadas cuja proposta era fazer uma releitura com contos de fadas com elementos da modernidade;

*Depois de produzidos e reestruturados os textos com as devidas orientações e sugestões de adequações gramaticais por parte do professor, os alunos partiram para a digitação dos textos e elaboração de hipertextos de acordo como os passo sugeridos por GOMES (GOMES, Luiz Fernando. Hipertexto no Cotidiano Escolar. São Paulo: Cortez, 2011. 120 p.)

O resultado final ficou muito bom e os alunos se sentiram muito motivados principalmente para fazer os hipertextos

Questões norteadoras para o grupo de discussão de todos os participantes da pesquisa.
20/10/2012

1. Como são as políticas públicas em relação ao letramento digital?
2. O que os professores podem fazer diante dessas políticas?
3. Como resultam os investimentos em tecnologia na prática docente?
4. As escolas foram atingidas pelos avanços tecnológicos?
5. O que é letramento digital?
6. Como veem a resistência frente às práticas de letramento digital?
7. Quais modos sugerem como práticas de letramento digital?
8. Quais os desdobramentos dessa pesquisa para você como professor? Como veem as práticas de letramento digital após essa breve experiência?
9. Quais os desafios e impasses a serem enfrentados?
10. E como ficam as desigualdades de acesso às tecnologias?

Participante 1 – Escola Pública

Serei breve por conta do pouco tempo, é uma pena...

Acho que se faz mais propaganda do que se disponibiliza de fato. É mais um cenário bonito, mas que não possui a eficiência necessária para se desenvolver um bom trabalho.

Em minha opinião, protestar, se indignar e adaptar. Cruzar os braços nunca.

Acho que já se avançou um pouco, mas é insuficiente para acompanhar a velocidade da evolução tecnológica, assim o letramento digital se torna ineficiente.

Apenas discretamente, quando não negam o poder de aprendizagem pelo meio digital.

No meu entendimento, letramento digital não é apenas saber utilizar as ferramentas digitais e sim utilizá-las no seu dia-a-dia de maneira significativa, entendendo suas possibilidades e facilidades na vida pessoal e social.

Sinceridade (que esse comentário não conste dos autos), um pouco falta de recursos e muita falta de vontade por parte dos profissionais da educação (pronto falei!).

Tenho pensado seriamente em utilizar o celular, pois mais e mais alunos da rede pública já têm o celular com acesso à internet. Ouvi a tempos atrás governantes falando de *tablets* para todos os alunos, acho que esse é o futuro, só espero que a educação não se ‘esvazie’, mas acho que esse é o nosso desafio como educadores do séc. XXI.

Aguardo duas coisas: Montarem a sala de informática e o aumento da hora-atividade prometida para o próximo ano para poder preparar mais atividades nos computadores, desta vez tentando as turmas do ensino regular, pois minha experiência foi com a sala de apoio aprendizagem.

Como dito na resposta anterior, a sala de informática que está empacada e tempo para preparar e REFLETIR nas ações e atividades. Acho que no Brasil as dificuldades são incontáveis, mas não devemos desanimar e dar um passo de cada vez, fazer o que nos é possível para o momento e tentar usar o máximo de meios e instrumentos possíveis para desenvolver um bom trabalho.

Participante 2 – Escola particular

Sempre que falamos ou pensamos as políticas públicas para a educação, em geral, é fraca ou muito lenta, com relação ao letramento digital não é diferente, sabe-se que as tecnologias estão muito perto dos alunos e que eles lidam com ela todos os dias nas suas mais variadas formas seja com o celular que se tornou tão banal, seja com o uso do computador e toda sua gama de possibilidades. Mesmo assim as políticas públicas estão muito lentas não atingem todas as escolas, e tem uma dificuldade grande em liberar o que tem para ser usado por falta de pessoas qualificadas que possam auxiliar os professores e alunos no uso desses recursos.

O que sempre fizeram em todos esses anos de lentidão da educação brasileira lutar para conseguir tanto o bem material, quanto o bem intelectual que seriam cursos e afins para que os professores possam usar esses recursos com eficiência e realmente utiliza-los com sabedoria e utilidade em suas aulas, fazendo com que nossas crianças voltem a olhar para a escola com admiração e prazer.

Os poucos investimentos, na minha opinião ainda não são bem utilizados, ou sejam não conseguimos usar todos os recursos que essas tecnologias podem nos oferecer como ajuda didática, e até como forma para uma aproximação entre os professores e alunos, já que essa relação está cada vez mais difícil. O ditado que diz: "O professor finge que ensina e o aluno finge que aprende," nunca foi tão verdadeiro quanto nos últimos tempos, apesar de sempre criticar essa frase, hoje, infelizmente vejo ela ser utilizada por muitos professores e alunos, felizmente sempre existem exceções nas regras, sei que existem professores que realmente estão dispostos a educar e ensinar. Mas até quando vão conseguir superar a violência cada vez mais presente nas salas de aula, a falta de tolerância.

Eu acho que em grande parte do Brasil existe uma tentativa para que as mais variadas tecnologias cheguem até as escolas, o grande problema ou o maior problema é a falta de pessoas qualificadas tanto para as instalações de computadores como a manutenção desses aparelhos, apesar disso, cada vez mais as escolas tem recebido materiais didáticos para que os professores possam utilizar as tecnologias nas práticas de suas aulas. Sei que ainda estamos muito longe do ideal, mas acho que cada vez mais acesso a essas tecnologias dentro das escolas.

Entendo letramento digital, como se fosse um novo alfabetizar só que desta vez utilizando materiais tecnológicos, é saber utilizar e usufruir os benefícios que as tecnologias oferecem, tanto no dia a dia como em nossas práticas docentes, para mim saber utilizar os meios tecnológicos para atingir os alunos em seu ponto de maior acesso que são as tecnologias, nunca pensei em dizer que se poderia aposentar o giz, mas acho que estamos bem perto disso. Mas é necessário ter muito bom senso nas práticas docentes quando utilizamos tecnologias não podemos esquecer de ensinar e educar.

Eu acho que a maior resistência é pelo fato da falta do conhecimento de saber do que se trata na íntegra, quando iniciamos esse projeto fique assustada pois sabia muito pouco a respeito de letramento digital o próprio nome assusta depois que acho que descobri do que se trata vi que é tudo que se faz e vê ou quase tudo, utilizando as várias tecnológicas que temos

hoje, não só das pesquisas do saites de pesquisas, mas que também poderiam ser utilizadas as redes de relacionamentos, os celulares etc.

Tudo o que se apresenta como novo é assustador e cria-se uma certa resistência , mas a partir do momento que se torna conhecida e útil torna se aceita e respeitada.

Conheço poucos modos mas acho que todos os que tenham um fundo educativo possam ser utilizados, se usados como cuidado e discernimento acho que não tem muitas restrições.

Bom muitos desdobramentos aconteceram durante essa pesquisa e acho que o mais importante é saber e aceitar que tenho muito a aprender para poder usar como pratica docente o letramento digital , ou as tecnologias que estão a nossa disposição. É necessário um novo olhar sobre a educação e a forma com que ensinamos os nossos alunos, pois as aulas estão tornando-se maçantes para jovens que tem o mundo na frente de seus olhos diante de um computador ligado a internet, é necessário um novo pensar a educação, e essa breve mais importante experiência me ajudou a olhar para a minhas praticas docentes e descobri que são necessárias mudanças muito grandes para continuar atraindo o aluno para os assuntos que trata minha disciplina. E muito difícil grandes mudanças a gente se sente triste em saber que não está mais sendo um bom professor, mas acho que gostaria de mudar para conseguir atingir a meu principal objetivo como professora que é ensinar. Sempre gostei de ensinar e despertar uma certo interesse dos meus alunos por minha disciplina, e acho que é sem duvida necessário ter um novo começo descobrindo forma atrativas dentro das possibilidades tecnológicas que possam auxiliar nessa tarefa tão importante e necessária que é ensinar e educar nossas criança.

Muitos são os desafios os principal deles e ter auto critica para saber o quanto o professor tem de conhecimento para utilizar essas tecnologias em suas praticas docentes e o quanto ele está disposto a aprender para que isso aconteça com determinação e atinja realmente as salas de aula. O segundo maior desafio está ligado as administrações escolares tanto publicas quanto particulares e o quanto essas instituições estão disposta a investir para que esses avanços ultrapassem os muros escolares e possam ser utilizados como ferramentas didáticas e não como ferramentas de infração de regras. Saber como e quanto utilizar dessas tecnologias também é um ponto importante. Porque não basta ter as ferramentas é necessário utiliza-las com sabedoria tanto dosando a quantidade quanto a qualidade do uso. Não adiante o professor ter acesso a tecnologia e fazer mal uso dessa tecnologia. Tudo o que é em excesso não faz bem.

Bom esse é outro grande problema, mas se as escolas publicas forem equipadas com equipamentos de qualidade e que possam ser usados pelos alunos com ajuda de profissionais qualificados eu acho que já ajuda um pouco nessa desigualdade. Nem tudo se consegue resolver com muita rapidez e eficiência, as coisas tem acontecido aos poucos no nosso pais a anos, portanto eu acho que tudo que for escrito por mim nesse caso possa ser considerado utopia ou talvez falta de fé que as coisas aconteçam, prefiro nesse caso esperar e torcer para que se possa vencer as varias desigualdades do nosso pais, não só a tecnológica.

ANEXO 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto: “Reconfigurações tecnológicas na escola: A linguagem digital na visão dos professores”

Pesquisador Responsável: Djane Antonucci Correa

Pesquisador participante: Zuleica Aparecida Cabral

Prezado (a) Participante:

A pesquisa temporariamente intitulada “Reconfigurações tecnológicas na escola: A linguagem digital na visão dos professores”, cuja responsável é a professora Doutora Djane Antonucci Correa, tem como objetivo geral: : Investigar como a linguagem digital está sendo vista na escola, do ponto de vista de professores das áreas de humanas, exatas e biológicas. A partir desse objetivo tenciona-se: a) Verificar se a linguagem digital está presente na escola e a proporção em que está; b) Descrever se a linguagem digital é trabalhada na escola pelos professores nas suas práticas de sala de aula; c) Investigar configurações identitárias dos professores, participantes efetivos, no espaço digital por meio de blogs, como escrita autobiográfica; d) Observar e analisar o processo de letramento digital e formação continuada de professores.

Os procedimentos metodológicos são de base qualitativa e etnográfica e utiliza a pesquisa-ação e anetnografia dizem respeito à entrevista(s) escrita(s), inserção de linguagem digital em sala de aula, criação de blogs dos professores, análise dos blogs e grupos de discussão. O participante que se interessar pelo projeto deverá estar disposto a participar e aceitar tais procedimentos.

Os procedimentos de estudo constituem-se de um processo de análise e não trazem quaisquer danos à saúde. Presume-se ser do interesse de todos a divulgação das identidades dos participantes. No entanto, se alguns não desejarem ter suas identidades reveladas, comprometemo-nos a manter esse em sigilo. Os blogs e as entrevistas escritas serão de alcance coletivo e poderão ser avaliados e utilizados por todos os participantes de pesquisa e não somente pelos pesquisadores.

Nenhum participante será submetido a quaisquer tipos de procedimentos metodológicos que possam caracterizar arbitrariedade e ingerência. A sua participação nessa pesquisa é gratuita e voluntária. Você pode retirar-se dela a qualquer momento caso se sinta desrespeitado ou por quaisquer outras razões.

Durante toda a realização da pesquisa, você tem o direito de sanar suas dúvidas sobre os procedimentos de estudo. Estaremos à disposição para responder perguntas pertinentes à pesquisa, no Campus Central da UEPG, Praça Santos Andrade, nº 1 – CEP 84010-919, no Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade (sala B115) ou por meio do telefone (42) 3220-3321 – Profª Drª Djane Antonucci Correa. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – Av. Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 – CEP 84030-900, Bloco M, sala 12, Campus de Uvaranas, Ponta Grossa – Paraná – Telefone (42) 3220-3108, e-mail: seccoep@uepg.br. Sendo assim sua participação é fundamental para

a realização do projeto e também para os seus interesses acadêmicos e pedagógicos. Caso concorde em participar nesse estudo preencha o termo de consentimento abaixo. Agradecemos a disponibilidade.

Atenciosamente

Consentimento pós-informado

Eu, _____, RG _____, concordo com a participação na pesquisa provisoriamente intitulada “Reconfigurações tecnológicas na escola: A linguagem cibernética na visão dos professores” e dou o meu consentimento para que seja utilizada para fins científicos todas as informações e reflexões decorrentes da pesquisa. Estou ciente dos objetivos e procedimentos a serem realizados nesta pesquisa, que não oferecem riscos ou gastos, e concordo com a divulgação dos resultados, sabendo que poderei utilizá-los em meus trabalhos e que poderei deixar de participar do estudo em qualquer momento sem a perda de nenhum de meus benefícios. Salienta-se que os pesquisadores comprometem-se a manter sigilo, caso algum participante demonstre interesse em omissão de sua identidade e também em atender todos os demais requisitos éticos, de acordo com a resolução nº 196 de 10/10/1996 do conselho Nacional de Saúde. Caso ocorra algum problema você pode entrar em contato com o

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - Av Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 - CEP: 84030900, Bloco M, Sala 12, Campus Uvaranas, Ponta Grossa - PR - telefone (42) 3220-3108, e-mail: seccoep@uepg.br.

Assinatura do informante _____

Assinatura do pesquisador responsável _____